HISTORIA DA MISSÃO

DOS

PADRES CAPUCHINHOS

NA ILHA DO MARANHÃO.

HISTORIA DA MISSÃO

DOS

PADRES CAPUCHINHOS

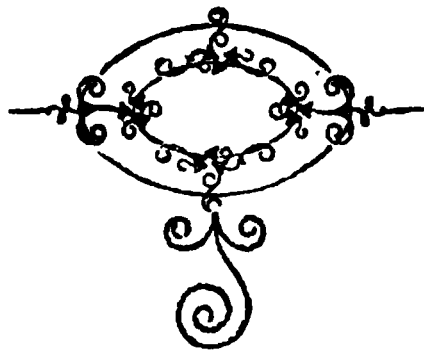
NA ILHA DO MARANHÃO E SUAS CIRCUMVISINHANÇAS

PELO

PADRE CLAUDIO D'ABBEVILLE

TRADUSIDA È ANNOTADA PELO

DR. CEZAR AUGUSTO MARQUES

Cavalleiro da Real e Militar Ordem Portuguesa de Nosso Senhor Jesus Christo, Cavalleiro e Official da Imperial Ordem da Rosa, Membro do Instituto Historico, Geographico, e Ethnographico do Brazil, da Sociedade geographica de Pariz, e socio correspondente, effectivo, honorario e benemerito de muitas outras sociedades litterarias e scientificas, nacionaes e estrangeiras.

MARANHÃO—1874.

Á SAUDOSA MEMORIA

DE MINHA QUERIDA MÃE

D. FELICIANNA MARIA MARQUES.

Ainda uma vez, ó minha Mãe, eu venho respeitosamente depositar sobre vosso tumulo este osculo de amor, juntamente com minhas saudades sempre vivas, e minhas recordações sempre dolorosas.

Acceitae esta pequena lembrança do muito que vos amei em vida, e do muito que vos chorei na morte. e lá do Ceo, onde vos collocaram a misericordia Divina e vossas obras de caridade neste mundo, abençoae o vosso primeiro Filho.

AO LEITOR

Ainda uma vez o amor, que sempre dediquei ao estudo da historia patria, especialmente da Provincia onde vi pela primeira vez a luz do dia, aconselhou-me a empregar as horas do meo descanço na traducção da presente obra.

Publicada em Pariz no anno de 1614 esta obra, fructo brilhante do innegavel talento do venerando Padre Claudio d'Abbeville, hoje éra rissima, e julgando-a uma preciosidade, ainda por isso mesmo, não hesitei um só momento em traduzil-a e entregal-a á publicidade.

Escripta por um dos mais ardentes e virtuosos Apostolos da Religião do Martyr do Golgotha, que jamais pisou terras do Maranhão, merece ser lida e apreciada por todos aquelles que, como eu, amão o berço natal ou a terra, que lhes offerece pacifica e amiga hospitalidade.

Com taes pensamentos vou informar aos meos leitores o que sei relativamente á vida primitiva de tão virtuoso Sacerdote.

Nasceo em Abbeville na segunda metade do seculo XVI, e seos Paes deram-lhe o nome de Firmino Foullon. (*)

(*) Ternaux Compans escreveo *Toullon* nos *Archives des voyages*.

Sua familia era muito religiosa, e nos seos exemplos sem duvida, elle, seo irmão Marçal e sua irmã Claudia receberam a inspiração, que os fez esquecer as illusões do mundo e dedicarem-se ao serviço de Deos.

O Padre Claudio deixou o seculo e até o nome patronimico, e em 14 de Julho de 1601 inscreveo-se no catálogo dos primeiros Capuchinhos d'Abbeville, adoptando por sobrenome o da terra de seo nascimento, e ficando com elle conhecido desde os claustros de sua Religião, até hoje e para sempre.

O seo ardente zelo e piedosos esforços o aconselharam a edificar um Convento mais vasto para a sua Ordem monastica, e escudado com a fé, que transforma a aridez em abundancia e a pobresa em opulencia, collocou a pedra fundamental para essa construcção em 17 de agosto de 1606.

Deos abençuou tão santa dedicação, cahiram por terra todos os obstaculos, e n'esse mesmo anno a obra foi terminada e elle eleito, em recompensa justa de suas fadigas, primeiro Guardião desse Convento.

Sua irmã, imitando exemplo tão notavel, fundou o *Hospital dos Orphãosinhos pobres.*

Ambas estas instituições foram estabelecidas na terra em que nasceram.

Este piedoso estabelecimento attingio o seo maior grau de perfeição, e de prosperidade em 1641. (*)

(*) Mr Prarond, auctor de uma obra mui estimavel, intitulada— *Les hommes utiles de l'arrondissement d'Abbeville* e publicada em 1858 narra largamente os caridosos actos desta Religiosa.

Infelizmente quando começa a escrever sobre os feitos do Padre Claudio elle convida o leitor a consultar a obra, ainda inedicta, que compoz sob o titulo *Histoire litteraire des illustrations d'Abbeville.*

Não me occuparei dos feitos gloriosos do Padre Claudio d'Abbeville nesta Provincia, porque não quero antecipar ao leitor o prazer, que sem duvida sentirá ao lêr as paginas d'esse venerando Sacerdote, que procurei trasladar para a lingua portugueza com toda a fidelidade, vigor de phrase, e sublimidade de pensamento, com que elle as escreveo, fazendo os maiores esforços para tornar minha traducção tão fiel quanto o permittia a nossa lingua.

Vinte e tres annos foi a sua vida de Religioso, e felizmente se escoaram todos os dias de tão preciosa existencia no serviço de Deos.

Deitado no regaço da Fé, e já em vida cercado de brilhante aureola de gloria, que Deos só concede aos seos escolhidos, entregou sua alma ao Creador na cidade de Ruão em 1616.

Alguns escriptores, e entre elles o erudito Mr. Prarond, marcam o anno de 1632 como o termo de sua existencia, porem o meo estimavel amigo o sabio Mr. Ferdinand Diniz, nome tão querido de todos os brazileiros como escriptor consciencioso, e que não póde ser citado senão com muita veneração, na carta, com que me honrou em 14 de novembro de 1873, enviando outra de Mr. Prarond em resposta a varias perguntas, que lhe fiz sobre a vida do Padre Claudio, asseverou-me que, para me dar informações exactas, examinou pessoalmente na *Bibliotheca nacional* os poucos papeis, ali existentes, dos *Archivos dos Capuchinhos*, e colheo a certesa de haver elle fallecido em 1616 como vio no *Catálogo dos obitos dos Religiosos Capuchinhos no seculo XVII*.

Deo cauza a este engano o lêr-se no mesmo *Catálogo* sob n.° 29:045, 2.° vol. em 4.°, haver morrido de peste em Amiens o Padre Faubert d'Abbeville.

O pouco cuidado originou a confusão, d'ahi a duvida e a incertesa hoje terminada graças aos estudiosos esforços já citados.

Alem da presente obra, «de maior importancia para este bello paiz» na phrase conscienciosa de Mr. Ferdinand Diniz, informou-me este mesmo litterato que na 2.ª parte dos *Archives des Voyages*, publicada por Ternaux Compans, existem importantes documentos a respeito da Missão primitiva do Maranhão.

Entre estes encontra-se um intitulado—*Lettre d'un Père Capucin s'etant acheminè en la flotte dressée soubs l'auctorité du Roy par le Sieur de Razilly au fleuve de Maragnon et terres adjacentes en l'Inde Occidentale, en l'aquelle est descripte l'arrivée des Français au dit pays et l'accueil qu'on leur y a fait. Au nom de Notre Seigneur Jesus Christ. Ecrite par le Reverend Père Claude d'Abbeville, Predicateur Capucin, estant de present en l'Inde nouvelle appellée Maragnon, envoyée á son frère pareillement Capucin nommé frère Martial d'Abbeville et a un sien autre frère nommé Monsieur Toullon. Á Pariz, chez Gilles Blaisot, imprimeur prés la porte Saint Marçel MDXII, avec permission. Au nom de Notre Seigneur Jesus Christ.*

Senti não encontrar aqui, nem em Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro esta obra, porque sem duvida eu a traduziria, e uniria ao presente volume.

Antes de depôr a penna o coração leva-me ainda a fazer algumas revelações para em publico dar os meos agradecimentos á quem muito me auxiliou na realisação deste trabalho.

Ao illm. sr. dr. Antonio Henriques Leal agradeço o exemplar da presente obra, que me emprestou para traduzil-a.

É muito rara, como ja disse, não encontrei-a nos vastos e curiosos mercados da Europa, nem mesmo não fazendo questão de preço.

Sem esse favor, eu por certo não poderia realisar o meo desejo, qual o de espalhar pelo povo menos instruido o conhecimento da historia primitiva do Maranhão.

Foi esse pensamento, que me forçou a não satisfazer as louvaveis intenções do meo erudito amigo o sabio Historiador do Brazil, o incançavel e nunca assaz louvado snr. Conselheiro Francisco Adolpho de Warnhagen, hoje Visconde de Porto Seguro, quando em 14 de Janeiro do corrente anno, de Vienna d'Austria, me aconselhou que a reimprimisse para fazel-a mais lida por maior numero de pessoas.

Ao sabio francez, o illustrado Bibliothecario da Bibliotheca de Santa Genoveva de Pariz, verdadeiro e sincero amigo dos brazileiros, e Historiador consciencioso, o venerando Mr. Ferdinand Diniz, auctor de tantas obras de notavel merito, tributo respeitosamente meos mui cordiaes agradecimentos pelo muito que me ha animado com sua constante, instructiva e nunca interrompida correspondencia desde que conheceo o meo *Diccionario Historico e Geographico da Provincia do Maranhão*, e ainda mais pela expontaneidade com que me mimoseou com apontamentos para a biographia do Padre Claudio, entregando-se á pesquisas sempre fatigantes em archivos, e até a escrever a Mr. Prarond.

São finezas estas, que a alma sente, e o coração guarda com todo o cuidado, mas nem sempre a penna póde traduzir bem, porque o que ha de mais sublime no coração do homem não póde ser escripto, como muito bem disse Mr. de Lamartine.

O illm. sr. dr. Aristides Augusto Coelho de Souza tendo noticia destes trabalhos, e conhecendo o quanto são onerosas as despesas typographicas, nunca produzindo lucro algum especialmente á quem escreve obras litterarias, mormente historicas, propoz na ultima sessão da Assembléa Legislativa Provincial de

1872 á 1873, que se auxiliasse esta publicação, e a da obra do Reverendo Padre Ivo d'Ewreux com a quantia de 4:000$000 de reis, mediante concurso.

Quase por unanimidade foi approvada esta nobre ideia de tão distincto e illustrado Representante da Provincia pela patriotica Assembléa de que fazia parte.

Em 3 de outubro de 1873 com a Presidencia da Provincia fiz o contracto obrigando-me pela diminuta quantia de um conto e quinhentos mil reis a publicar ambas as obras, dando ao governo provincial 250 exemplares de cada uma, não levando dinheiro algum pelas traducções, que me consumiram muitas e muitas noites de aturado labor.

Como se vê não fui levado por ambição ou cubiça insaciavel: quiz apenas attenuar um pouco as muitas despesas, que sobre mim pesam com esta e com a outra publicação, já no prélo.

Este contracto foi mais um importante serviço, que á esta Provincia prestou o seu ex-administrador, o justiceiro e incançavel sr. dr. Silvino Elvidio Carneiro da Cunha.

Acceitem pois o referido sr. dr. Aristides Augusto Coelho de Souza e os srs. Deputados, que apoiaram a sua ideia, os meos agradecimentos, embora não fosse esse auxilio prestado a mim intencional e individualmente, e sim áquelle que no concurso melhor vantagem offerecesse á Provincia, o que se deo commigo.

Ao illm. sr. coronel Francisco Raimundo Corrêa de Faria, maranhense tão versado na lingua indigena, devo muitos agradecimentos pela bondade e promptidão, com que acolhendo meos pedidos, deo-se ao trabalho de decifrar a significação de muitas palavras de origem indigena, que se encontram n'esta obra.

Receio porem não ter sido feliz quando lhe remetti para o Pará, sua residencia, as palavras só sem a descripção da planta

ou dos animaes, (vide cap. XXXVIII á XLII) e por isso em breve elle de posse do presente livro ampliará seu modesto, porem muito proveitoso e intelligente trabalho, e então eu o apresentarei em supplemento no fim da obra do Padre Ivo d'Ewreux, como luz necessaria e indispensavel.

Aos meos leitores, os conscienciosos, peço desculpa para algumas faltas, que sem duvida hão-de encontrar, embora fossem esta obra e a que se segue revistas, de conformidade com o § 6.° do contracto, por uma commissão composta dos exm. sr. Senador Luiz Antonio Vieira da Silva e illms. srs. drs. Antonio dos Santos Jacintho e Joaquim da Costa Barradas, porque traductor e revisores são homens, e por tanto sugeitos á todas as fraquesas inherentes á especie humana.

Consola-me a consciencia, e recompensa as minhas fadigas o pensamento de haver carregado mais um importante auxiliar de subido valor para o vasto Templo da Historia Patria, do qual vejo, e com profundo desgosto, tão arredios tantos trabalhadores, aliás intelligentes, sem se lembrarem de ajudar aquelles que, embora fracos como eu, luctam e se dedicam com todas as forças á este e outros empenhos de igual alcance, e as vezes até criticando-os injusta e apaixonadamente, sem a menor consciencia, confundindo-se assim com essa turba de ociosos e de ignorantes, que incapases de se dedicarem á uma occupação séria, cheios de inveja buscam, porem debalde, lançar por terra os trabalhos alheios sem se recordarem, que assim como o elogio nunca deo vida ao que deve morrer, assim tambem a critica nunca ha-de matar o que deve viver, segundo o juizo por demais auctorisado do Visconde de Chateaubriand.

S. Luiz do Maranhão 12 de julho de 1874.

DR. CEZAR AUGUSTO MARQUES.

PREFACIO.

Ó altitudo divitiarum sapientiœ, et scientiœ Dei: quam incomprehensibilia sunt judicia ejus, et investigabiles viœ ejus! oh! sublimidade das riquezas da sabedoria e sciencia de Deos: quanto são incomprehensiveis seos juizos, e imprescrutaveis os seus designios!

Quem não admirará, quem não louvará, quem não glorificará a sabedoria do Creador? Quem não se extasiará considerando a certesa dos seos juizos, e não derramará muitas lagrimas meditando na sua docil, divina e paternal providencia, com que rege e governa suas creaturas, dando-lhes meios mais que bastantes para guial-as, e quasi impellil-as, ou antes dispol-as e attrahil-as docemente ao fim para que foram creadas?

Si tantos philosophos christãos tem ficado admirados na indagação curiosa dos segredos da naturesa, e da sua boa ordem, que reconhecem, embora ignorem a causa primitiva dos seos effeitos, e o principal motor de suas admiraveis mo-

las, o que não acontecerá aos philosophos christãos, que não contemplão só os objectos, e sim por meio da luz da fé vão alem do que o espirito humano, a não ser angelico, póde comprehender aprofundando os impenetraveis designios do Altissimo, e passando por cima da fraqueza da natureza, diante da infinita grandeza da Magestade Divina? Ficão (como que por mui temerarios) offuscados e esmagados com a sua gloria: quando não confundidos, são forçados a admirar o que a debil agudeza de seos espiritos não poderia penetrar dizendo com o propheta:—*quam magnificata sunt opera tua Domini. Psal. Ne, nimis profunda facta, sunt cogitationes tui!* Ó Senhor, quam grandes são vossas obras. Ah! quam profundos são vossos pensamentos; são os abysmos, e torrentes, que ninguem pode penetrar!

Quem jamais entrou no occeano dos juizos incomprehensiveis deste grande Deos para achar ou procurar a razão de seos divinos conselhos, sem perder logo a terra de vista, e sem nadar no largo seio deste mar sem fundo e sem praias?

Quem explicará a razão porque tendo sido offendido por S. Pedro e Judas, Elle escolhesse aquelle e repellisse este?

Dois homens estão pendurados no patibulo da Cruz, conjunctamente com Jesus Christo, nosso Salvador, e ambos são ladrões: á um, que se converteo por sua divina graça, prometteo sua gloria, e ao outro deixou na obstinação.

Quem poderá dizer a razão d'isto?

Igual segredo involve o estado do pobre povo do Maranhão e suas circumvisinhanças.

Si perguntardes a razão, porque a Magestade Divina não os esclareceo com a luz da Fé, quando começou a brilhar no mundo o verdadeiro Sól da Justiça, nosso Salvador, como aconteceo em França, na Italia e na Hespanha, não consentindo que tantas e tantas almas, depois de não sei quantos annos, descessem desgraçadamente aos infernos—porque foi

de sua vontade, que n'esses ultimos tempos lhes pregasse o seo Santo Evangelho quem lhe aprouve escolher e enviar então, e não no principio da Lei da Graça, a unica resposta a dar-vos era—*sicuti Domino placuit ita factum est* «fez-se como Deos quiz.»

Á vista d'isto convem que desappareça todo o juizo, e que emmudeça toda a lingoa humana a não ser para louvar e abençôar o nome d'Aquelle, que por sua divina providencia, escolheo os meios e a occasião, no que tinha pensado desde a eternidade, para o cumprimento de suas promessas.

Havia Deos promettido por intermedio de seos prophetas, e especialmente por seo Filho querido, que não chegaria a consummação dos seculos antes de ser prégado por toda a parte seo Santo Evangelho. *Prœdicabitur hoc Evangelium regni in universo orbe in testimonium omnibus gentibus, et tunc venit consummatio.*

«Este Evangelho do reino, diz Nosso Senhor, será prégado no mundo, sendo testemunhas todas as nações, e então virá á consummação.»

O mesmo promette e assevera em S. Marcos, 13. «Convem primeiramente ser prégado o Evangelho (disse elle) em todas as nações.» *In omnes gentes primum oportet prœdicari Evangelium.* É uma necessidade—*oportet.*

Disse e asseverou-nos Nosso Senhor ser prégado seo Evangelho antes da consummação do mundo *in omnes gentes,* á todos os povos, a todas as gentes, e a todos os paizes, e ilhas habitadas no mar e na terra, aquem e alem da linha equinoccial.

Não é isto o que nos ensina a Aguia dos Evangelistas sob a bella forma deste anjo mysterioso, descido do céo?

Tinha este anjo, disse elle, dois pés como columnas de fogo, um sobre o mar e outro sobre a terra, e com um li-

vro aberto na mão dava gritos semelhantes aos rugidos de um leão.

Que anjo seria este a não ser o anjo do Testamento, o anjo do grande conselho, nosso Salvador, Jesus Christo, que desceo do Ceo, e por nosso amor revestio-se da nuvem da nossa humanidade, trazendo na fronte o bello Iris da sua Mizericordia, signal de paz e de reconciliação: seos pés em forma de columna de fogo, um sobre o mar e outro sobre a terra representão o reinado da sua Igreja, reinado de fogo de amor, columna certa da verdade, que deve estender-se tanto sobre o mar como sobre as ilhas maritimas, e a terra.

Este anjo se fará ouvir em toda a parte antes do fim do mundo, gritará como um leão que ruge, e fará ribombar a voz de seus trovões, que são os prégadores, por toda a parte, afim de ser seo Santo Evangelho, representado pelo livro aberto, que traz na mão, visto e entendido por todos os povos, em todas as lingoas e nações debaixo do ceo.

Acabado isto, jura e protesta pelo Deos vivo, que não haverá mais penitencia para os prégadores pois o mundo findou. *Juravit per viventem in secula seculorum, quia tempus non erit amplius.*

Mas sendo o Nosso Salvador um cordeiro sem macula, como diz Isaias, e que se deixou arrastar ao supplicio da Cruz sem proferir uma só palavra, porque esta Aguia dos prophetas compara sua voz antes ao rugido d'um leão, do que ao balido d'um cordeiro, quando diz, que no fim do mundo elle gritará, e se fará ouvir como um leão, que ruge? Ha por certo aqui mysterio.

Dizem os naturalistas, que quando nascem os leõesinhos dormem por tres dias e tão profundamente, que parecem mortos, o que observado pelo leão, que os gerou, principia a gritar, e a fazer tudo tremer com seus rugidos, e assim

são despertados e deste facto provem o dizer-se, que o leão com sua voz resuscita seos filhos.

As almas escolhidas e predestinadas são os leõesinhos, filhos do grande Deos, pelas escripturas santas tantas vezes chamado leão, ou comparado com elle.

Pobres leõesinhos! que desgraça vos aconteceo, que apenas nascidos—morreis, e vindos á este mundo sois privados da vida da graça?

É verdade ser esta desgraça commum a todos em quanto somos filhos da ira desde nosso nascimento, e morremos desde o primeiro instante da creação de nossas almas nestes pequenos corpos organisados no ventre da mãe, visto termos todos peccado com Adão.

Si se tracta dos adultos, e dos que já tocaram á idade da descripção, oh! não é certo, que mais de tres partes do mundo morrerão na alma, privados da vida da graça? Uns por heresia, outros por idolatria, estes por infidelidade, aquelles por paganismo, e atrevo-me a dizer, que quasi todos em peccado mortal.

Quando approuvèr ao verdadeiro Leão da Tribu de Judá fazer ouvir sua voz a estas pobres almas pela bocca de seus prégadores, que echôa em seus ouvidos como o rugido de um Leão, immediatamente as almas escolhidas e predistinadas, como os leõesinhos, despertarão do profundo somno do peccado, da heresia, da infidelidade e do paganismo, resuscitando da morte do peccado para a vida da graça, dispondo-se a acompanhar o grande Deus, que por sua infinita bondade dignou-se chamal-os.

Muito tempo antes foi isto dito pelo Propheta Oseas, quando prevendo a conversão dos habitantes das ilhas maritimas, e de alem-mar, assim se exprimio: *Post Dominum ambulabunt, quasi Leo rugiet, quia ipse rugiet, et formidabunt filii maris, et avolabunt quasi avis ex Ægypto, et*

quasi columba de terra Assyriorum: et collocabo eos in domibus suis, dicit Dominus: «Caminharão após o Senhor, que gritará e rugirá como um Leão, porque elle mesmo rugirá: aterrar-se-hão os filhos do mar, e fugirão do Egypto como fazem as aves, e as pombas da terra dos Assyrios, e eu os pôrei em sua casa, disse o Senhor.»

Diz o padre São Jeronymo, que todos os expositores catholicos e hebreus entendem, que esta prophecia da prégação do Evangelho devia ser feita por todo o mundo, e principalmente antes do dia de juizo.

N'esses ultimos dias este grande Leão da Tribu de Judá, nosso Salvador, Jesus-Christo, rugirá pela bocca dos seus prégadores, se fará ouvir por todo o mundo, e então os filhos do mar, isto é, os habitantes além do mar e nas ilhas maritimas se espantarão e aterrarão com a voz deste grande Leão, e por meio da prédica do Evangelho se converterão á fé.

Assim como alguns passaros do Egypto e as pombas dos Assyrios vinhão annualmente, em certa epocha, á terra da promissão, assim como as andorinhas, na primavéra partem de terras longinquas para a França em busca de calor, assim tambem estes filhos do mar, aterrados pela voz do verdadeiro Leão, e convertidos pela prédica do Evangelho, deixam o paganismo e as trevas de sua infidelidade, e contrictos virão reconhecer a verdadeira Igreja para n'ella receberem o baptismo, e participarem do verdadeiro calor d'este veridico sol de Justiça, nosso Senhor.

Não vêdes agora o cumprimento d'esta promessa?

Conhecendo Deus, que estamos na vespera d'esse dia, tão horrivel como aterrador, do seu juizo, desejando reunir todos os seus escolhidos, como o Leão, que ruge, fez ultimamente ouvir sua voz até ás ilhas maritimas das Indias occidentaes aterrando de tal fórma os Indios, *Canibaes* e

Antropophagos, que agora vêdes esses desgraçados filhos do mar sahirem da gentilidade como os passaros do Egypto, abandonarem o paganismo como as pombas a terra dos Assyrios, para seguirem o grande Deus, caminharem após o Senhor, que os chama, a refugiarem-se na terra da promissão, da Igreja Catholica, Apostolica, Romana.

A paraphrase chaldaica explica esta prophecia da conversão das Indias occidentaes por esta fórma: *Post cultum Domini ambulabunt, et verbum ejus sicut Leo erit, qui rugit, statim enim ac rugiet, congregabuntur exules ab Occidente, sicut avis, quæ apertè venit, sic venient qui in exilium acti fuerunt in terram Ægypti, et sicut columba, quæ revertitur ad columbare suum, sicut redibunt qui deportati sunt in terram Assur.* «Caminharão após o culto e serviço do Senhor, sua palavra será como a voz do Leão, que ruge, e logo que rugir os banidos e exilados se irão reunindo no Occidente, como o passaro que se vê vôar, e assim virão os desterrados no Egypto, e os banidos na terra de Assur regressarão como a pomba quando se recolhe á seu pombal.»

Na verdade, é admiravel este discurso! Quem são, dizei-me, esses banidos e exilados no Occidente a não serem esses desgraçados Indios—*Tupinambás*—da Ilha do Maranhão e suas circumvisinhanças?

Desejando elles evitar a crueldade e tyrannia de seus inimigos vêem-se forçados a abandonar a patria, ou a terra onde nasceram para se refugiarem nas ilhas maritimas, e nas proximidades do mar, onde agora habitam.

São estes pobres desterrados no Egypto do paganismo, e no Assur da infidelidade, que apenas ouvirão a voz tremenda d'este divino Leão, começarão a caminhar após o culto e serviço do Senhor, recolhendo-se como os passaros á seus ninhos, e as pombas á seus pombaes.

Oh! pombinhas, quanto sois amaveis e louvaveis! Sim, são estas lindas pombas sem fél, pombas de doçura, de simplicidade e de obediencia, que sendo convidadas pela voz do celeste esposo dos canticos, vem procurar esta pedra angular, meu Salvador, Jesus-Christo, para se aninhar nos póros de suas divinas chagas: pombas, que voando até hoje sobre as agoas do diluvio da gentilidade e do paganismo, não podendo achar poiso, vem agora docil e humildemente pedir a graça de serem recolhidas na Arca mistica da Igreja Catholica, Apostolica, Romana, afim de evitarem o diluvio universal da comdemnação eterna, visto não haver salvação fóra da Arca.

Quem será, porém, o Noé, que dará a mão a estas pombinhas, e abrirá a porta d'esta Arca para recolhel-as e abrigal-as do naufragio?

Oh! França, és tu, qual outro Noé a que se dirigem, como filha mais velha da Igreja, rogando-te com joelhos em terra e lagrimas nos olhos, como verás no frontespicio deste livro [1], que lhes abras as portas, e lhes dês a mão para se recolherem á Arca!

Oh! filha mais velha da Igreja, sol dos reinos, flor dos povos do universo, não te compadecerás d'essas infelizes almas prostradas a teus pés, que te pedem misericordia, e desejam salvar-se por teu intermedio?

Não ouves os piados d'essas pombinhas, que choram e gemem, supplicando-te docil, humilde, e amorosamente, que lhes abras a porta? *Aperi mihi soror mea, aperi mihi soror mea.*

---

[1] No frontespicio d'esta obra em francez ha uma gravura nitida e muito bem desenhada, tendo no centro o seu titulo: é allegorica a este facto, que aqui se tracta; por falta de gravadores não a reproduzimos.

Oh! voz amorosa! Ah! França, nossa irmã mais velha, abri-nos, se quizerdes, a porta, dae-nos a mão para entrarmos na Igreja, e livrae-nos do diluvio da comdemnação eterna.

Diz Rabbi Judas, que a palavra—HEBREU—significa *gemula*. *Aperi mihi gemella mea*, «abri, minha irmã gemea.»

Chamamos a uma cousa *gemea* quando é dupla, como dois filhos de um mesmo parto, quer vivão ou não?

Genitrix partus enixa gemellos.

Diz Platão no *Livro dos Convivas*, que os primeiros homens foram gemeos, e separados depois quando Pandora descobrio o pomo da desgraça.

Parece quererem dizer o mesmo os nossos Indios Tupinambás, quando contam, e eu ouvi dos mais velhos, que antes do diluvio era uma e unica a sua nação e a nossa, que todos descendemos do mesmo pae, sendo elles os mais velhos, e nós os mais moços.

Depois do diluvio, continuam elles, separamo-nos, nós ficamos os mais velhos, e elles os mais moços, porque seo pae não quiz receber a espada do Propheta, que Deos lhe enviára. Isto está perto da verdade.

Se considerarmos ser todos filhos d'este grande Deos, nascidos na mesma occasião, do mesmo ventre de sua eterna predistinação, porque não direi serem todos os escolhidos—gemeos, unidos, e conjuntos em Deos pelo nó gordio e laços indissoluveis do amor e da caridade?

Foi isto muito bem reconhecido pela casta Esposa dos Canticos, que batendo na porta da Igreja na pessoa das infelizes almas dos pobres selvagens, porem escolhidas e predistinadas, disse fallando á França:—*Aperi mihi gemella mea*. «Abri-me, minha irmã gemea.» *Dictum est gemella mea*, (diz Rabbi Judas) *quoniam sicut hujus modi gemellis contingit, ut si aliquid senserit corpus alterius, mox so-*

cius ejus turbetur. «Ella a chama sua irmã gemea para mostrar, que sente como propria sua dor e afflição, como acontece a duas irmans gemeas, cuja existencia parece uma só, pois quando uma adoece, a outra sente o mesmo.»

Ó França, tu que tiveste a felicidade de ser a filha mais velha da Igreja, si como irmã gemea desta nova França equinoccial, ainda que selvagem e pagan agora, porem escolhida e predestinada para o ceo em tempo proprio, estás unida á ella pelos laços do amor e da caridade, como fizeste com os outros reinos e nações catholicas, porque não sentirás a dôr, que a opprime no seo tão longo captiveiro do paganismo?

Porque não te condoerás das feridas mortaes, feitas pelo diabo em almas tão infelizes?

Porque não terás pena d'estas pombinhas, que, para evitarem o diluvio da condemnação eterna, te pedem amorosamente e com lagrimas nos olhos, que lhe abras a porta da Arca da Igreja, e que lhes dês a mão para entrarem. *Aperi mihi gemella mea.* Que? *Nunquid conjungere valebis micantes stellas Pleiadas?* Disse Job. Ó França tu que és tão poderosa, não terás poder de reunir as estrellas luzentes, chamadas Pleiadas?

Dizem os astrologos serem as Pleiadas as sete estrellas do Ceo, divididas e separadas, porem muito visinhas, e calcadas sob os joelhos do Touro, entre os quaes estão situadas.

Dizem outros, que são as filhas de Atlas, que se consumiram em chorar muito, e afinal se afogaram por causa da morte de seo irmão Hijas, mordido por um javali.

Estas pobres almas indias, eleitas e predestinadas, não são bellas estrellas capazes da luz da gloria?

Estrellas? ah! separadas de Deos, arredadas do ceo, privadas, pelo peccado, da luz da graça, Pleiadas calcadas pe-

los joelhos da infidelidade e do paganismo deste Touro infernal, que é o diabo, que as captivou.

Sim, são as filhas deste grande Atlas, que é Deus que sustenta o ceo com as espadoas da sua omnipotencia: são essas moças, que se consumiram por tanto chorar, e se submergiram nas agoas da tristeza e da afflicção pela perda constante de seos irmãos pagãos, mordidos pelo diabo, que, qual outro javali, mata-os, todos os dias, e precipita-os no fundo dos infernos.

Ó filha mais velha da Igreja. *Nuncquid conjungere valebit micantes stellas Pleiadas?* Não és tu tão poderosa para salvar essas infelizes almas da desgraça e desse precipicio?

Não terás poder para livrares essa Pleiada do duro captiveiro e da escravidão, em que até hoje as tem conservado esse Touro?

Não poderás unir essas bellas estrellas ao verdadeiro Sol da Justiça, que é Deos, por meio de uma fé viva, de uma plena esperança, de uma perfeita caridade, por um só baptismo, pelo conhecimento de um só Senhor, que é Jesus Christo, e de seo vigario na terra, unico soberano pontifice, senhor e pae de todos, afim de um dia partilhar, como tu, dessa luz de gloria?

És tu, na verdade, a unica, que sobre todas as outras tens o poder, se quizerdes, de as encorporar nesse corpo mistico da verdadeira Igreja, e de guardal-as na Arca fóra da qual não ha salvação.

És tu tambem a quem ellas para este fim se dirigem, como filha mais velha da Igreja, querendo receber a Fé, a Lei, e o Baptismo somente de ti, a quem Deos, nestes ultimos tempos, concedeo tal honra e merito, reservando para si apenas a gloria.

Ó esplendido, illustre, e magnifico reinado sobre todos os outros da terra, regosija-te vendo tres lyrios, sob o reinado

do rei Luiz XIII e da rainha regente, sua mãe, mais agradaveis a Jesus Christo, entre essas nações selvagens e barbaras, e que essas almas de *canibaes*, *antropophagos*, deixando as trevas e as sombras da morte, da infidelidade, da incivilidade, e da deshumanidade em que se acham até hoje, venham agora á teos pés prostradas pedir misericordia, atrahidas pela doçura e suavidade de suas leis.

Levanta os olhos, e olha em redor de ti:

Todas essas nações comparecem diante de ti, representadas por seus filhos, que te reconhecem e te prestam homenagem em nome de seos semelhantes, como se vê representado no frontespicio desta obra. [1]

São estas provas, que Deos, n'estes ultimos tempos, reservou para te dar como herança: *vivo ego (dicit Dominus) quia omnibus his velut ornamento vestieres, et circumdabis tibi eos quasi sponsa.* «Juro-te por mim mesmo, que estou vivo, (disse o grande Deos), que serás revestido como se fosse um bello ornamento, de todos estes povos e nações: assim como o ornato da Igreja é a multidão dos crentes, e o dos santos prégadores são as pedras preciosas, que elles convertem em almas crentes, como disse o apostolo escrevendo a alguns dos seos convertidos—*meus queridos irmãos, sois minha alegria e minha corôa*—e aos outros—*vós sois nossa gloria e nossa alegria*—assim tambem, ó França, serás enfeitada com o riquissimo ornamento da gloria, tecido com muitas pedras preciosas, e semeiado de tantas joias de tão alto valor, quantas são as almas adqueridas para Jesus Christo: *Omnibus his velut ornamento vestieris et circumdabis tibi eos quase sponsa.*

Assim como a esposa cerca seo pescoço de perolas, de cadeias de ouro, e de collares, assim tambem, ó filha mais

---

[1] Vide nota anterior.

velha da Igreja, querida esposa do grande Rei Celeste, te cercarão todas estas almas convertidas, encorporar-se-hão a ti, que ha-de adoptal-as como teos filhos, e defendel-as como teos verdadeiros subditos para tua maior honra e merito, e para gloria de teo Esposo Jesus Christo.

Se te admiras vendo-te enrequecida com tanta honra e gloria, sendo sempre estéril, não tendo ainda convertido povo algum á fé, dizendo em teo coração com o Propheta Izaias:—*Quis genuit mihi istos? ego stirilis, et non pariens? ego destituta et sola?* «Quem me fez tão fecunda, sendo eu tão esteril? Quem me deo tantos filhos, tantos povos, e nações, eu que era só, e que me contentava com o meo unico reino? Fez-se isto por minha virtude? Foi sómente meo poder, que operou tal maravilha?»

Escuta o que disse o grande Deos: *Ecce levabo ad gentes manum meam, et ad populos exaltabo signum meum.* Levantarei minhas mãos para os gentios, disse Deos, dando-lhe minhas graças, e fazendo obras sobre-naturaes por meio de meos serviços, que mandarei para convertel-os á fé, os quaes hão-de erguer o meo signal, e plantar meo estandarte da Cruz entre os povos, e elles carregarão nos braços teos filhos, e nos hombros tuas filhas, *et afferrent filios tuos in ulnis, et filias tuas super humeros portabunt.*

São pois, ó França, de teos subditos os filhos do Seraphico S. Francisco, que este grande Deos, por teo intermedio, enviou ultimamente ás Indias Occidentaes.

Foi por elles, que a Divina Magestade fez o que lhe aprouve n'aquelle Paiz, arvorando e plantando o estandarte da Santa Cruz no meio d'essas nações selvagens.

Foram elles, que tambem agora, á imitação do verdadeiro pastor, Jesus Christo, carregaram sobre seos hombros essas pobres ovelhas trasmalhadas para o aprisco da Igreja, onde sempre te reconheceram, como sua filha mais velha, com a

fronte baixa, os joelhos em terra, honrando e respeitando os vestigios de teos pés, que desejam seguir, e imitar d'ora em diante com toda a humildade, convictas de ser o unico meio de chegarem ao céo, caminhando de dia para dia em direcção á gloria, por Deos preparada desde a formação do mundo.

Se agora tens razão para louvar teo Deos, e orgulhar-te pelos favores por elle concedidos, vendo espalhar-se por tão longe o suave cheiro de teos lyrios, e tuas proprias leis começando á florecer no meio do calor da zona tórrida, que é o Reino do Sol, muito mais terás vendo n'um d'estes dias convertidos por meio dos teos subditos á Lei de Deos tantos povos *Canibaes*, *Antropophagos*, *Amazonas*, e todas as nações indigenas, habitantes das ilhas maritimas, e das terras situadas além da linha equinoccial do lado do pólo àntarctico, que te reconhecerão por seos embaixadores, como ultimamente fizeram para te offerecerem e transmittirem a posse de toda a terra e riquezas do Occidente, que constituem para assim dizer suas existencias e almas, protestando não quererem outro senhor, e nem obedecer a outro monarcha, que não seja teo principe, o rei dos lyrios.

Tunc videbis, et affllues, et mirabitur, et dilabitur cor tuum. Então verás os indios, como teos filhos, virem de longe, e os Amazonas, seos visinhos, se levantarem de teo lado como se fossem tuas filhas: *filii tui de longe venient; et filiœ tuœ de latere surgent.* Terás então affluencia de riquezas espirituaes e de alegria de espirito, admirar-te-has e maravilhar-te-has da rapida conversão d'estes povos, em tão pouco tempo operada com o favor de Deos por ti; teo coração dilatar-se-ha, e expandir-se-ha de alegria e de satisfação vendo-te depois de Deos, a causa de tão grande bem, de que como recompensa colherás honra, e terás a felicidade de vêr teo Rei pela divina Providencia escolhido

para ser o Rei do Sol, como por essa mesma graça tu és e continuarás a ser o Rei dos Lyrios.

Ó França, não és tu o reino dos Lyrios? Não adornam os Lyrios o reino de França? Assim tambem esta França equinoccial é com especialidade o Reino do Sol, e o sol embellesa particularmente esta França equinoccial, visto que d'ahi não sahe e ahi dorme perpetuamente.

Indis Sol splendet, splendescunt lilia Gallis.

Deos, ó França, honrou-te dando-te por armas para teo Reino tres bellos lyrios côr de oiro em campo azul: não lhe será por tanto desagradavel, que a este reino da nova França equinoccial se dê um sol de fino ouro sobre um campo azul para que a unidade da Essencia Divina seja n'ella mysteriosamente figurada, como é em ti representada a trindade das tres pessoas divinas, e como reconheces depender a bellesa de teos lyrios do explendor de Deos, verdadeiro sol da justiça, alegrar-te-has d'ora em diante vendo o explendor do bello sol da França equinoccial realçar a bellesa de teos lyrios, e comtemplar teo Rei não só como rei do sol mas tambem como o verdadeiro hieroglypho da Magestade Divina.

Deos não sendo senão um por naturesa, não é trino em pessoas? Sim: é como uma bella corôa trina n'uma só essencia da divindade: assim tambem teo grande Rei, altissimo e poderosissimo Monarcha Luiz XIII, tem agora sob uma só authoridade regia esta bella thiara, e esta triplice corôa de França, de Navarra, e da França equinoccial, para n'ella escrever, com verdade, esta bella divisa, já gravada sobre marmores e pórfidos

Triplex in una.

Depois d'esta quer a razão, que se inscreva

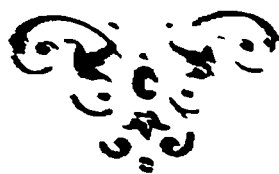
In tribus unus.

Tudo isto não se tem feito sem extraordinaria opposição da parte do maldicto Satanaz, inimigo encarniçado da salvação de nossas almas e da gloria de Deos.

Si em todas as cousas elle tem representado este duplo papel, aqui tem procurado todos os meios ao seo alcance para frustar o golpe, que tão caro lhe custaria, qual a perda de tantas almas, ha longo tempo sob o jugo de suas leis.

Não quero descrever as contrariedades, que soffremos do diabo, e dos homens, que eram, ou pareciam ser instrumentos dos seos iniquos projectos.

Não sendo minha intenção offender pessoa alguma, e sim contar a todos, e especialmente ao povo christão de Pariz, as maravilhas, que Deos fez apparecer n'esta Missão, contento-me apenas em dizer, que tivemos tantos trabalhos e embaraços, a ponto de parecer, que os homens e diabos estavam conjurados contra nós.

Rendemos mui cordialmente graças à Magestade divina, porque querendo mostrar ser sua e não dos homens esta empresa, sempre nos deo superioridade, conduzindo-nos, e guiando-nos com muito proveito por meio de perigosos azares, como se poderá vêr, com muito praser, na continuação da narrativa de toda a nossa viagem.

CAPITULO I

Da empresa da viagem ao Maranhão.

Sob o feliz e pacifico reinado de Henrique, o Grande, quarto de nome, rei de França, e de Navarra, um capitão francez, chamado Riffault, preparou tres navios, e com destino ao Brazil partio em maio de 1594 com intenção de fazer alguma conquista, o que lhe parecia facil á vista das intimas relações, que entretinha com um indio chamado *Ouyrapiue*, nome, que, traduzido em nossa lingoa, quer dizer—*Pau Secco.* [1]

---

[1] Este indigena era o mais poderoso chefe Petiguar, antes da conquista do Rio Grande do Norte. Pensamos com o Senador Candido Mendes de Almeida (*Memorias etc., 2.° vol.)*, ser o centro de sua influencia ao sul do Rio Grande proximo á fronteira da Parahiba, negociando elle e os seos com os francezes pelo porto dos Busios, e outros ao sul como a Bahia Formoza e a da Traição.

Em 1593, e talvez antes, este indio entendeu-se com o nauta francez Riffault para que a França tomasse sob sua protecção aquelle territorio, que era pelos francezes chamado Potyiú. O destroço dos navios d'este nauta, que apenas conseguio arribar n'um a Maranhão em 1595 impedio este estabelecimento francez n'aquella provincia, e facilitou a conquista em 1599. O auctor chama a este poderoso cacique *Ouirapiue* (Pau Secco.) Talvez aos ouvidos dos portuguezes fosse o nome *Ibiraypi*.

Entre os seos gozava este indio de muita autoridade, o que junto ao seo valor e a um avultado numero de indios poderia servir de muita utilidade ao projecto de Riffault, se não apparecesse desunião e discordia entre os francezes, e o encalho de seo principal navio, o que desanimou o capitão á ponto de regressar para França.

Como não era bastante o navio, que lhe ficou, para levar comsigo os francezes, que trouxe, vio-se obrigado a deixar ahi grande numero d'elles, entre os quaes um mancebo, gentil-homem, por nome —Des-Vaux, natural de Sainte Maure em Turenne, e este, com alguns francezes e indios, foi para a guerra contra outros indios, e foi tão valeroso que conquistou notaveis victorias accommodando-se sempre aos uzos e costumes do paiz, até mesmo á fallar sua linguagem, depois do seo bravo procedimento em diversos e perigosos ataques, depois de uma longa residencia ahi, depois de haver reconhecido a belleza e delicias dessa terra, a fertilidade e fecundidade d'ella em tudo quanto o homem pode desejar, tanto para satisfação e recreio do corpo humano por causa da temperatura do ar, e amenidade do lugar, quanto para acquisição de muitas riquezas, que com o volver do tempo se poderia locupletar a França, depois de receber destes indios a promessa de acceitarem tambem o christianismo, e de sugeitarem-se ao dominio de alguma pessoa importante, que Des-Vaux lhes enviasse de França para mantel-os e deffendel-os contra seos inimigos, julgando a naturesa dos francezes mais do que nenhuma outra semelhante á sua, pela doçura e brandura da sua conversação.

Á vista de tão boas disposições resolveo regressar á França, onde chegou com felicidade, narrando fielmente á Sua Magestade Christianissima o rei Henrique, o Grande, tudo quanto lhe aconteceo na viagem, e a honra que S. M. adquiria com a empresa d'este negocio, além do proveito e

utilidade, que um dia colheria a França, e da corôa de gloria, que o céo lhe daria pela salvação de tantas almas, que se lançariam em seos braços com intenção de esposar a crença de Deos.

Com grandissimo contentamento ouvio-o S. M., porem duvidando não serem verdadeiras as maravilhas, que lhe contava d'este paiz, para verifical-as ordenou ao sr. de la Ravardiere, muito versado em negocios maritimos, mormente tendo já ahi viajado muitas vezes, e estando resolvido a repetir essas viagens, que comsigo levasse o dito Des-Vaux ao Brasil e Ilha do Maranhão, encarregando-o tambem, e expressamente, de escrever no seo regresso um relatorio, e com promessas de emprehender esta tarefa por sua conta e risco no caso de ser verdade o que informara Des-Vaux.

Notae de passagem o admiravel effeito da piedade, do zelo e da devoção d'este Rei Christianissimo, para com a santa igreja romana, porque sabendo que o dito sr. Des-Vaux pertencia a uma religião falsa, tanto fez este bom rei, que, á semelhança do bom pastor, condusio esta ovelha errante para o aprisco evangelico da igreja romana, antes de sua partida para a India.

Cumprio as ordens regias o Sñr. de la Ravardiere, e em companhia de Des-Vaux por seis mezes demorou-se na Ilha e terra firme do Maranhão, reconhecendo não só a verdade da narrativa de seo companheiro, como tambem a possibilidade de ahi estabelecer-se facilmente uma bella Colonia.

Regressaram á França para dar conta de sua commissão, porem a morte, como que ciosa das altas empresas dos Principes e Monarchas, tinha cortado o fio da vida a este Christianissimo Rei, quebrando por tal meio o feliz exito das santas empresas por elle projectadas, ficando addiada

essa tentativa para o anno de 1611, reinando seo filho Luiz XIII no nome e a Rainha Regente, sua Mãe.

Pensando sempre o Sñr. de la Ravardiere n'esse projecto, e vendo-se sem forças para realisal-o só, communicou suas ideias ao Sr. de Rasilly, cujo genio e coragem conhecia.

Sempre desejoso da gloria de Deos, da salvação das almas dos selvagens e da honra, que colheria a França de tudo isto, emprehendeo este negocio com muitas difficuldades e grandes trabalhos, demorando-se na côrte 15 mezes procurando meios para fazer a viagem, associando-se a elle finalmente algumas pessoas importantes, e entre ellas o Barão de Sansy na terça parte das despezas, feitas pelos ditos Sñr.s de la Ravardiere e Rasilly.

Não tendo o Sñr. de Rasilly, quando se associou a esta empresa, outro fim além do piedoso designio de plantar n'essas terras a nossa fé, por isso supplicou humildemente á Rainha alguns Padres Capuchinhos, por elle muito estimados desde sua infancia.

Desejosa por sua parte a Rainha da conversão destes pobres selvagens, e de realisar a empresa do seu fallecido marido, depois de haver nomeado os Sñr.s de Rasilly e de la Ravardiere seos Loco-Tenentes-Generaes n'aquellas regiões, accedeo de boa vontade á petição julgando accertada a escolha de nossos Padres como por inspiração do Espirito Santo.

Assim como sob a protecção de Manoel 2.º, Rei de Portugal forão enviados Irmãos—menores, filhos de S. Francisco ás Indias Orientaes para conversão d'ellas, assim tambem sob a Regencia de Maria de Medicis o mesmo aconteceo para as Indias Occidentaes, porque esta sábia e magnanima Princeza, fiel executora das inspirações do Espirito Santo em seo coração, sentindo-se favoravelmente inclinada para a

escolha dos filhos d'este glorioso Patriarcha dos Menores, lançou a sorte por cima d'elles.

Foi muito a proposito, que este bemaventurado Santo, depositario e herdeiro da Cruz e das chagas, que n'ella recebeo o Salvador do Mundo, afim de transmittil-as aos que d'elle não tinham ouvido fallar, ou pelo menos já se haviam esquecido, fosse para assim dizer o proprietario, que por intermedio de seos filhos, co-herdeiros da mesma partilha, plantasse, primeiro que todos, nas hostes inimigas estes estandartes gloriosos.

Nada ha aqui digno de censurar-se porque elle praticou o mesmo.

Abri a historia, e ahi não encontrareis um canto, onde não se tenha prégado o Evangelho ha mais de 400 annos, sendo os religiosos de S. Francisco os que á custa de suas vidas estreiaram essas missões.

Quem foram os primeiros entre os infieis, desde esse tempo, senão os gloriosos S. Bernardo, S. Pedro, S. Accursio, S. Adjuto, e S. Otton, *quorum glorioso Martyrio ordinis minorum initia Deus consecravit,* enviados pelo nosso padre seraphico S. Francisco para ahi plantar a fé ?

Elles derramaram seo sangue, e morreram por amor de Nosso Senhor.

Não foram S. Daniel, S. Angelo, S. Samuel e seos companheiros, todos filhos do nosso seraphico padre, que ainda na vida d'elle, foram mandados para annunciar aos Sarracenos o Evangelho, tractados cruelmente até á morte, soffrendo todos a corôa de um notavel e glorioso martyrio ?

Quem plantou a Cruz nas Indias Orientaes senão os filhos d'este glorioso patriarcha?

Fallo aqui apenas dos Coripheos e dos principaes, e deixo de parte notaveis campeões da milicia do filho de Deos, Nosso Senhor, bastando-me sómente admirar os favores par-

ticulares feitos pelo Rei dos Reis ao glorioso chefe da nossa Ordem e a muitos dos seos filhos.

Posso dizer, com verdade, d'este santo patriarcha, que *elevavit signum in nationibus procul*, «levantou e plantou o triumphante estandarte da Cruz entre as mais remotas nações do mundo.»

Depois de haver plantado a Cruz, por intermedio de seos filhos, eis que com taes auxilios faz o mesmo no Occidente.

Satisfeita a Rainha com tal empresa, para mostrar o seo empenho e o santo amor, que a ella prestava, deo estandartes e divisas á seos Loco-Tenentes-Generaes, e pedio ao reverendo padre Leonardo de Pariz, então provincial d'essa provincia, que escolhesse quatro de nossos padres para tal fim, como melhor se verá na seguinte carta, que e ve a honra de receber de sua magestade.

Ao reverendo padre Leonardo, provincial da Ordem dos Capuchinhos.

Padre Leonardo.—O snr. de Rasilly, Loco-tenente-general, nomeado por meo filho o snr. rei, nas Indias Occidentaes, fez-me conceber a esperança, que nutria, de derramar a fé christã n'aquellas terras, julgando para isso mui a proposito a remessa de alguns religiosos de vossa Ordem para ahi ficarem e residirem em quanto poderem, até bem se estabelecer a referida fé christã

Eis o motivo porque vos dirijo a presente para rogar-vos a concessão de quatro religiosos, dignos e capazes de realisarem tal fim, aos quaes ordenareis que para lá sigam na companhia de quem vos parecer para guial-os.

Estou convencida, que sendo pessoas habilitadas, piedosas, e cheias de devoção, que grandes serão os fructos,

sempre crescentes para gloria de Deos, e boa reputação de vossa Ordem.

Não tendo mais nada, que tractar, rogo a Deus, padre Leonardo, que vos conserve em sua santa guarda.

Escripta em *Fontainebleau* aos 23 d'abril de 1611.

Assignada *Maria.*
Phelipeaux.

Recebendo o reverendo padre Leonardo a carta de Sua Magestade, mandou lêl-a em 23 de abril em presença de todos os padres e irmãos da provincia de Pariz, então reunidos em capitulo provincial, e scientes de tudo, antes de tomar-se qualquer resolução, invocou-se o Espirito-Santo cantando-se o *Veni-Creator* com alguns suffragios para este fim.

Ordenaram-se tambem préces geraes tanto no nosso Convento dos Capuchinhos de Pariz, como no Mosteiro das Filhas da Paixão para que Deus tomasse parte neste negocio escolhendo entre nossos padres os que julgasse mais dignos.

Concordaram todos em ser esta missão recebida com pleno consentimento do rvm. padre Jeronymo de Castelferreti, então ministro geral da nossa Ordem, o qual sabendo do passado em nosso capitulo provincial, tudo approvou, concedendo poderes ao rvd. padre Leonardo por meio da carta abaixo transcripta.

Ao rvd. padre provincial dos irmãos Capuchinhos da provincia de Pariz.

Reverendo Padre.—Por causa da missão da nova França, escrevi outra, que vae com esta, e ambas serão lidas por vossa Paternidade.

Pensei escrever, como faço, esta á parte para satisfazer vossos desejos.

Concedo á vossa Paternidade todo o meu poder para remetter nossos irmãos á nova França, deliberando como achar conveniente, quer na escolha e numero dos frades para a missão, quer na nomeiação de um Superior e tudo o mais que lhe disser respeito.

Eis o que está em minhas mãos dever e poder fazer.

Prasa a Deos ajudar-vos sempre. Roma 5 de julho de 1611.

De vossa Paternidade rvm.
Muito affeiçoado em Nosso Senhor
Irmão *Jeronymo*,
Geral.

Á vista disto procederam o rvd. provincial e os frades á escolha de quatro irmãos para a missão, recahindo no veneravel padre Ivo de Evreux, no padre Arsenio de Pariz, no padre Ambrosio de Amiens, e em mim (embora não digno), podendo então os Superiores dizer-lhes estas palavras dos Apostolos —*Visum est Spiritui sancto et nobis*— assim approuve ao Espirito Santo, tão fervorosamente invocado, para a prégação do Evangelho.

Depois da escolha, ajoelhados todos quatro aos pés do rvd. padre Provincial e recebendo d'elle com toda a humildade a sua benção partimos de Pariz em 28 de agosto de 1611, dia de Santo Agostinho, com direcção a Cancale, porto de mar na Bretanha, onde devia reunir-se toda a comitiva dos srs. Loco-tenentes-generaes de Sua Magestade para largar vellas ao vento na primeira opportunidade.

Ahi fomos obrigados a demorar-nos alguns mezes tanto para deixar passar o inverno, como para reunirem-se todos os companheiros, e prepararem-se os navios.

Em quanto se faziam estes preparativos, como as grandes empresas são de ordinario sempre cheias de grandes e pe-

rigosos embaraços, prevendo o diabo a proxima ruina do seo reinado, e o augmento da fé de Jesus Christo, que elle mais do que tudo receiava, não deixou de perseguir-nos, revolvendo para isso ceos e terra, semeiando a maldicta intriga da divisão no coração dos Francezes para esmorecer o sr. de Rasilly.

Tal não aconteceu, por que, como já disse, não tinha elle outro designio senão a honra de Deos, e o serviço de suas Magestades Christianissimas, alem de ser dotado de invencivel coragem, de alma nobre e generosa, e assim venceo todos os obstaculos, que se lhe antolharam durante seis mezes, não sem grande dispendio, como bem podeis imaginar até tudo ficar prompto.

Chegando a hóra da partida o sr. bispo de São Maló foi ao dito porto de Cancale, pertencente á sua diocese para abençoar os estandartes Francezes e os nossos navios.

Depois de ter feito solemne prédica em 25 de janeiro, dia em que a igreja solemnisava a conversão do Apostolo S. Paulo, servindo este facto de assumpto para fallar-nos da conversão das pobres almas dos indigenas, de que iamos cuidar, abençoou com grande solemnidade quatro cruzes, entregando uma a cada um dos frades, seguindo em tudo as cerimonias do pontifical romano: abençoou depois os estandartes de França, empunhados pelos nobres, nossos companheiros, e finalmente as armas do sr. de Rasilly.

Não lhe permittindo o mau tempo e outros motivos o benzer os navios presos ao cáes, legou-nos esse cargo para o fazer de sua parte, o que cumprimos.

Findas estas ceremonias, e esperando-se vento favoravel para levantar ancora, todos os catholicos, tanto fidalgos, como marinheiros, antes do embarque, confessaram-se e commungaram afim de por este meio fazer a clemencia divina mais propicia a seus e nossos fins.

Conhecendo ser a união o unico meio de ser bem succedida esta empreza, resolveram os principaes fazer o seguinte protesto e promessa, antes da partida:

Protesto da companhia feito e firmado em Cancale para se guardar e observar em tudo quanto fôr necessario ao bem e ao estabelecimento da colonia.

Nós abaixo assignados transportando voluntariamente nossas pessoas e bens ao estabelecimento da colonia franceza, alem da linha equinoccial, para servir o Rei conforme sua real intenção e promessa feita á nossos chefes, reconhecendo, que só por meio da obediencia a nossos chefes, da união entre nós, e do bom governo entre os indios é que poderemos chegar a fim tão louvavel como generoso, protestamos fazer á favor destas tres acções essenciaes tudo o que estiver á nosso alcance, constancia, observação ás leis de França, obediencia, fidelidade, caridade e boa intelligencia, e finalmente tudo quanto fôr necessario para conter em paz e união uma boa sociedade sob os cuidados do sr. Daniel de la Touche, fidalgo, e sr. de la Ravardiere, do sr. Francisco de Rasilly, tambem fidalgo e sr. do dito lugar e de Aumelles, solidarios ambos com o poderoso sr. Nicolau de Harley, fidalgo, sr. de Sancy, barão de Molle, e de Grosbois, Conselheiro de Sua Magestade nos seus conselhos de Estado e particulares, Loco-tenentes-generaes de Sua Magestade nas Indias Occidentaes e terras do Brazil, nomeiados para tal empresa tanto em terra como no mar. Em testemunho da verdade assignamos o presente. Cancale 1.° de março de 1612.—De Pezieux.

Du Plessis.—Felisberto de Brichanteau.—Hardivilliers.—O mestre Isaac de Rasilly.—Claudio de Rasilly.—Antonio Charon.—Pedro Auber.—De la Barre.—Deschamps.—Cormier.—Mothaye.—Francisco Demondion.—Bernardo.

CAPITULO II

Do nosso embarque e dos tormentos, que soffremos até Inglaterra.

No dia 19 de Março de 1612, quando a igreja celebra a festividade do bemaventurado S. José, esposo da Sagrada Mãe de Nosso Senhor Jesus Christo, partimos, sob a protecção de Deos, da Virgem Santa, e do nosso seraphico padre S. Francisco, do porto de Cancale, ás 6 ½ horas da manhã, depois de alguns tiros como salvá, de alguns toques de corneta para saudar a terra, e de haver dito o adeus da despedida a nossos amigos, que estavam na praia para assistir á partida da frota, composta de tres navios.

O primeiro navio o Almirante, chamava-se o *Regente*, allusão á rainha regente, era commandado pelos srs. Rasilly e la Ravardiere, Loco-tenentes-generaes de Sua Magestade.

O segundo, o vice-Almirante, chamava-se *Carlota*, era commandado pelo sr. barão de Sancy.

O terceiro, um patacho, chamava-se *Santa Anna*, era commandado pelo cavalleiro de Rasilly, irmão do sr. de Rasilly.

Principiou a navegação com alegria geral e indescriptivel, invocando todos de joelhos a protecção do Espirito Santo, da gloriosa Virgem Maria, e do nosso bom padre S. Francisco, cantando o *Benedictus dominus Deus Israel*,

com suffragios e orações devotas, que estão no *Itinerarium* do Breviario Romano.

Desesperado o diabo vendo-se vencido na terra, pois não teve forças para destruir este corajoso projecto, atirou-se ao mar em risco de perder-se tudo excitando tempestades tão duras e perigosas como não se viam ha muito tempo.

Quando sahimos reinava o vento Este muito brando: de repente appareceo Nordeste, que durou por 11 horas até á meia noite, depois rondou para Sudoeste, e afinal para Sul, de maneira que, no dia 20, terça-feira, ás 6 horas da tarde estavamos só 12 legoas distante do norte da ilha de Oessan.

O vento rondou depois para susudoeste, por causa da tempestade, que era grande desde terça-feira até quarta 21 de Março, e até ás 8 horas da manhã só tinhamos navegado 48 legoas e meia, reinando sempre este vento e com tal furia, que não sabiamos o que pensar até á meia noite seguinte quando appareceo o Noroeste, á uma hora, tendo apenas navegado 20 legoas até quinta-feira 22 ás 8 horas da manhã.

No sabbado 24 soprou sempre vento *sueste, susudoeste*, e *sul*, a tormenta tornou-se maior, sempre augmentada por tempestades horrorosas, e borrascas temiveis, acompanhadas de relampagos e de trovões, não communs n'esse tempo, que aterraram pilotos adestrados, e marinheiros experimentados, asseverando nunca terem visto durar tempo tão mau, como este por espaço de nove dias.

Tão extraordinaria tempestade produzio em todos o mal, que acompanha os navegantes quando não habituados ao mar, e poucos foram por elle poupados.

O que mais nos affligia era a perda do nosso patacho, que suppunhamos ter tido lugar durante a tormenta, visto não sabermos mais delle desde a noite antecedente.

Finalmente quando foi encontrado, soubemos ter sido muito batido pelas ondas, e depois arrebatado pelo vento até Inglaterra, e no porto de Falmouth deo fundo.

Depois d'isto foram apparecendo as infelicidades umas sobre outras, porque vendo-se o nosso segundo navio, o vice-Almirante, em risco, já com agua até o meio, tendo sido levadas as suas bordas pelas ondas, lançou ao mar duas peças de artilharia, muitas caixas, e seo escalerzinho, sendo afinal forçado a abrigar-se em Dartmoue, outro porto d'Inglaterra.

Finalmente nosso ultimo navio, o Almirante, resistindo ás ondas depois de muito soffrel-as e ser por ellas muito açoitado por nove dias, foi tambem forçado a arribar em Falmouth, na Inglaterra, onde chegámos na terça-feira 27 de Março pelas 7 horas da manhã.

Os srs. Loco-tenentes-generaes, que commandavam este navio, afflictos por julgarem perdidos os outros dous, indagaram por toda a parte si não tinham chegado á algum porto de Inglaterra, e sabendo depois da arribada de um á Dartmoue e de outro á Falmouth, avisaram-lhes da nossa chegada á Plemue, o que muito os alegrou por tambem nos julgarem perdidos, e vieram encorporar-se á *Regente*.

Não é possivel descrever a alegria reciproca de todos ao vermo-nos quando já uns e outros se julgavam sepultados nos abysmos do mar.

Não nos cansavamos de louvar a Deos, abraçando-nos reciprocamente, chorando de alegria, salvando as peças em signal de contentamento, e contando todos a bôa hospedagem, que receberam dos governadores dos portos, onde arribaram.

Demoramo-nos em Plemue desde 27 de Março até 23 de Abril, com alegria e contentamento, que se pode desejar, por que o sr. governador, chamado Jorge, e toda a nobresa

da visinhança, vendo tantas e tão boas pessoas como as da nossa comitiva, capricharam como que á porfia para vêr quem mais nos obsequiaria e acariciaria, fazendo-nos assim esquecer parte dos nossos soffrimentos.

CAPITULO III

Como partimos de Inglaterra para continuar nossa viagem e o que nos aconteceo em caminho.

Aos 23 de Abril, dia seguinte ao de Paschoa, sahimos de Plemue ás 7 horas da tarde ao som das cornetas e de salvas de artilharia do mar e terra.

Os habitantes da cidade e os que estavam no Castello com o governador procuraram lugares altos e sobre o mar para vêr a partida da frota.

Era favoravel o tempo, si bem que á manhã de terça-feira 24 do mez, nos achassemos ás 8 horas da manhã atravessando o cabo de Lezart na Inglaterra.

Depois Deos, que governa os ventos e o mar como lhe apraz, desejando manifestar o como favorecia a nossa empresa, deo-nos tempo sereno e vento á feição de sorte que em pouco tempo passámos as Ilhas Canarias, e na segunda feira, 7 de Maio ás 6 horas da manhã, navegámos entre Fortaduanture e a Ilha Grande das Canarias, que vimos bem descoberta.

Das Canarias alcançámos a costa da Barbaria, que principiamos a ver na terça-feira á meia noite, na altura de vinte e seis graus e dois terços: ás 10 horas da manhã passámos o cabo de Bojador, e sempre costeando as praias da Barbaria e da Africa, onde pescamos, até sexta-feira 11

em que nos achámos, pelas 8 horas na manhã, na ponta de Nordeste do rio Loro sob o Tropico de Cancer, e ahi achámos ancorados uma barca de pescadores e dous navios de Bayonne: na vasante da maré tambem ancorámos á espera que o nosso patacho fosse reconhecel-os.

No mesmo dia partimos, e para pescar fomos sempre perto das costas d'Africa e dos desertos da Arabia, paiz plano e muito baixo, e cheio de areia o quanto póde a vista alcançar.

No sabbado atravessámos o cabo de Barbes, a 22° de altura.

No domingo pela manhã, 13 do mez, chegámos ao Cabo-Branco, onde ficámos ancorados por cinco dias, na altura de 20° 25', e 3° de variação da agulha. Teve tal nome dos penhascos brancos, que o formam, sendo um bonito porto e abundante de peixe.

Ahi encontrámos algumas embarcações de vella, a que deo caça o nosso patacho até á Ilha-Branca, onde estavam fundeados 8 navios hespanhoes e portuguezes, que apenas viram isto cortaram as amarras, abandonaram as ancoras, fizeram-se á vella e fugiram, sempre porem perseguidos pelo patacho até metade do caminho de Arguim, e como o ignorassem, pelo que não poderam ir mais longe, regressaram á Ilha-Branca, onde acharam muitos peixes chamados *cassons*, outr'ora *cães do mar*, e ahi se demoraram até quinta-feira.

Os passageiros da *Almirante* matavam o tempo pescando muitos *sardos* ou *pargos*, excellente peixe mui semelhante ao *carpo,* sendo apenas mais largo e comprido, havendo alguns de dois a tres pés de comprimento e de largura proporcional, com o dorso mais alto e redondo, escamas mais brancas, e de muito melhor sabor.

Pescou-se grande quantidade d'elles e com summa facilidade, principalmente os que serviam de isca no anzol para engodar os outros.

Na sexta-feira 18 de maio, as 4 horas da tarde, partimos do Cabo-Branco, e no sabbado 19 o sol ficou no zenith dardejando perpendicularmente seos raios sobre nossas cabeças: achavamo-nos na altura de desoito graus e meio de forma que tudo quanto viamos no convez, como facas, espadas, e outras cousas iguaes, não nos dava sombra alguma, e nem o proprio homem em pé, especialmente ao meio dia.

Continuando nossa viagem, passámos pela costa de Guiné entre as Ilhas de Cabo-Verde e o proprio Cabo. Estas ilhas, em numero de onze, encontram-se depois de 19° até ao 14° penetrando mais de 100 leguas pelo mar: depois de 11° até 9° está o reino de Mandinga, cujos habitantes são negros, e os mais bonitos de toda a Guiné, adorando cada um o Deus que bem lhe agrada: depois do 9° até ao 8° encontra-se o reino de Jalophes, com habitantes tão negros e idólatras como os precedentes.

Depois do 8° grau até o 6° está o reino de *Sappez*, nação de negros, que tem dentes ponteagudos.

Á 4° está o Cabo da Palma, de que nos approximámos tanto a ponto de ser bem observado pelos nossos pilotos.

Não é bom e nem muito seguro approximar-se de Guiné, e nem navegar perto de suas costas, por causa das molestias contagiosas ahi reinantes.

Uma das molestias ataca a carne das gengivas, incha-as, abala os dentes e promove a sua queda, que se realisa pouco depois, seguindo-se grande hemorrhagia proveniente dos alveolos, que é o lugar onde elles estavam. Todos estes incommodos, augmentados com dôr no estomago produzem a morte, e poucos escapam d'esta molestia, originada pelos

excessivos calores da zona tórrida, onde está Guiné, em cujas visinhanças cahem chuvas tão infeccionadas e pestilenciaes, mormente sob a linha equinoccial, e ainda mais além a 5 ou 6 graus.

Se cahe chuva sobre a carne de alguem, formam-se logo pequenas pústulas, como por experiencia vimos em alguns dos nossos, que desejando ter um pouco d'agoa dôce para estancar a sêde não receiavam affrontar o perigo, que é certo neste caso.

A agoa trazida de França gastou-se, e corrompeo-se, criando vermes como quase sempre acontece ao approximar-se da zona tórrida.

Vendo os marinheiros a approximação das chuvas, ahi mui frequentes atavam lençóes brancos pelas quatro pontas ás cordas do navio, collocando no centro uma bala de artilharia, ou um pedaço qualquer de chumbo para fazer peso, e por tanto uma concavidade.

Recolhiam assim a agoa, que depois se passava através da toalha para uma vasilha posta em baixo afim de não se perder uma só gota.

A necessidade faz os navegantes avarentos de um elemento tão commum, e tão liberalmente prodigalisado na terra.

Com grande pezar os marinheiros são verdadeiros filhos de Tantalo, porque estando enterrados n'agoa até os labios não tem recurso para estancar a sêde, desejando, como o rico avarento, uma pequena gôta de agoa fria para refrescar sua lingoa deplorando entre lamentos a perda, que d'ella fazem os habitantes da terra para a lavagem das mãos e de outras cousas necessarias á limpeza do corpo humano, que em taes casos afflictivos bem poderia servir-lhes de sustento e conservação da vida.

Em cousa alguma, censuram os marinheiros as obras do Grande Architecto do Universo, confessando porém ter elle feito tudo muito bem e sabiamente, menos n'esta, porque, dizem elles e, tolamente, que Deos omnipotente creando este grande todo, em vez de fazer um mar tão amargo e salgado, de que não se póde beber duas colheres sem lançar tripas e boffes, bem podia formar um oceano doce e agradavel ao paladar!

Assim, pois, estes pobres Tantalos (quero dar aos marinheiros tal nome), estalando de sêde sob a zona tórrida, queriam apanhar toda a agoa colhida nos lençóes, e até a que cahia em suas mãos.

Molhando-se os vestidos, senão eram lavados n'outra agoa, apodreciam, e criavam bichos.

Ainda mais. O calor excessivo d'esta zona tórrida excita na região média do ar grandes e frequentes trovões, principalmente no Equador, e muitas vezes, de dia ou de noite, levantam-se horriveis turbilhões de vento, tão violentos e perigosos, que si encontram um navio com as vellas soltas, convém que sejam caçadas, pois no caso contrario rasgam-se as vellas.

Vêdes vir de longe esta borrasca, sibilando, agitando e revolvendo o mar? é urgente caçar as vellas si é violenta.

Não dura muito por causa da chuva, que de ordinario a acompanha, o que muito a modera e refresca um pouco o ardor e a vehemencia dos calores d'esse local: embora seja pelo dia adiante excessivo o calor, as noites são frescas e frias, quando se está debaixo, ou perto da linha.

Este mesmo calor enriquece de tal forma o mar entre os dois Tropicos de varias qualidades de peixes a ponto de parecer o oceano, sob as zonas temperadas e frias, e os outros mares estéreis, comparados com a zona tórrida, tão

abundantes de peixes de diversas especies, e lá não conhecidas.

Entre os peixes encontram-se os *golphinhos*, os *dourados*, as *alvacóras*, os *bonitos*, os *orelhudos*, e muitos outros excellentes, que pescámos na viagem.

Distinguem-se de todos os *requiens* [1], pelas suas 5, 6, 7, 8 e 9 ordens de dentes: os marinheiros nem o querem provar, por se dizer, que elles comem as pessoas que cahem ao mar.

Encontram-se *baleias*, muito grandes, e os *porcos do mar* [2] andam aos cardumes, e quando descobrem algum navio, elles o seguem, e rodeiam-no como que para os divertir.

Ha tambem outra qualidade de peixe, chamado pelos marinheiros—*focinho grosso*—porque não tem a cabeça tão ponteaguda como os *porcos do mar*, e são muito mais grossos.

De todos os peixes existentes entre os dous Tropicos os mais admiraveis são os *voadores* assim chamados porque voam aos bandos, em numero infinito, principalmente na proximidade da linha: parecem-se muito com os *arenques*, porem são mais redondos, e a cabeça mais chata, á semelhança de um pequeno *sargo*.

Uns tem duas azas, outros quatro, as quaes são de couro, como as do morcego, mas de ordinario mui delicadas e brancas, e algumas negras: é excellente comida, e preferido a todos os outros peixes.

Como os *dourados, bonitos* e outros peixes grandes dão-lhe caça, o Soberano Creador dos *voadores* querendo dar-lhes armas para se defenderem de seos inimigos, collocou-

---

[1] Tubarões.
[2] Toninhas.

lhes nas costas estas pequenas azas afim de fugirem, deixando o mar, seo elemento, e salvando-se no ar.

Dura seo vôo em quanto as azas estão molhadas, e quando seccam mergulham no mar, e si são de novo perseguidos tornam a vôar. Parecem bandos de estorninhos.

Note-se que fugindo estes infelizes peixes, para no ar evitarem os crueis *bonitos* e *dourados*, que os perseguem até matal-os, são tambem atacados por certos passaros grandes, que estão sempre alérta para saltar sobre elles, apenas começam a vôar, e devoral-os.

D'esta forma não encontram segurança nem no mar e nem no ar.

Não sei si devo comparar estes peixes *voadores* com a alma do homem vaidoso, ou com a do justo, visto ser o verdadeiro symbolo de ambos.

Com a do homem vaidoso por ser dado e habituado á toda a sorte de vicios, de que faz alarde, e por isso muito com elle se assimilha.

Quando se acha mergulhado n'um mar de prazeres, de delicias, e voluptuosidade, proveniente de riquezas de banquetes, de libertinagem e de outras cousas iguaes, nunca está tranquillo, e sim constantemente desconfiado, timido, e em sobresalto, perseguido por mil pungentes remorsos, e querendo evital-os entregando-se a Deos, é immediatamente carregado pelo demonio.

As azas de seos desejos são simples velleidades, que se desfazem ao menor sopro do Dragão infernal pela difficuldade, que imaginam acompanhar o abandono do vicio, e assim facilmente tornam a cahir no primeiro lamaçal, de que suppunham haver sahido.

Por outro lado são muito bem comparados com as almas justas dos servos de Deos, as quaes embora agitadas pelo Oceano deste mundo enganador, que por toda a parte as

persegue, nunca perdem a coragem, não desejando fugir, e nem sahir delle com receio de serem feridos por suas flechas, que similhantes ás dos meninos, voltam ao seo seio, e antes com amoroso anhelo de se verem unidas ao que adoram, dizem de coração com o Propheta:—*Quis dabit mihi pennas sicut columbœ: et volabo et requiescam?* «Quem, ó meo Deos, quem me dará azas iguaes ás das pombas para vôar ao vosso seio?»

De facto: vôando por cima d'ellas mesmas (ao menos por affeição), e Deos lhe apparecendo por meio dos vivos ataques, que soffrem dos passaros infernaes (isto é, dos Demonios), si ainda não é de sua vontade, que troquem os trabalhos do mundo pela sua gloria, voltam outra vez ao meio das angustias, que desejam evitar expondo-se finalmente a todos os soffrimentos, que apraz á Deos fazer-lhes passar, esperando que depois de experimentados pelo fogo e pela lava dos vulcões cheguem ao refrigerio da gloria.

Digo isto apenas de passagem pela grande similhauça, que acho entre esses peixes, e os dous diversos estados da alma, de que acabo de tratar.

Encontram-se ainda muitas outras sortes e especies de peixes, merecendo especial menção as *Tartarugas*, de dois, tres e mais pés de comprimento.

Esta zona tórrida é abundante de tal copia de peixes, grandes e pequenos, que quando se guerreiam mutuamente, como é de costume, o mar move-se com tal sussurro, que ao longe parece ahi existir parceis ou bancos de areia, causadores d'esse murmurio e ondulação, não sendo outra cousa mais, como tivemos occasião de presenciar na proximidade de nosso navio, senão uma multidão infinita de peixinhos mais grossos do que o dedo minimo, cercados de outros maiores que os perseguem para comel-os, de sorte que se

formam estas ondulações com o avançar dos grandes e o fugir dos pequenos.

Mui agradavel nos foi este espectaculo, do qual já tinha fallado o propheta David, quando cheio de extase e de admiração pelas maravilhas d'este elemento disse:—*Hoc mare magnum, et spaciosum manibus, illic reptilia quorum non est numerus: Animalia pusilla cum magnis.*

É n'este grande e espaçoso mar, que se encontram peixes grandes e pequenos: *illic naves pertransibunt.* Por ahi passaram os navios, e levaram a admiravel sabedoria e poder do Creador do Universo dando a este elemento tanta qualidade de peixes, que por meio da industriosa estructura de seos corpos não deixam de elogiar, embóra sejam mudas as suas linguas, o Sabio Obreiro, que os construio.

CAPITULO IV

Como chegámos sob a linha equinoccial.

Na quarta-feira dos quatro tempos depois do Pentecostes, á 13 de Junho, ás 2 horas depois do meio dia chegámos debaixo do Equador, ou linha equinoccial, a qual sendo equidistante dos dous polos e dous tropicos, fórma o centro, ou o espinhaço do Mundo, o que é tão agradavel vêr como saber.

Não sendo possivel explicar-se este facto com termos obscuros, que força é multiplicar, embora para uma intelligencia perspicaz, julguei não dever poupar mais algumas folhas escriptas afim de satisfazer ao leitor curioso o desejo de perceber esta materia, mormente quando vejo-me a isto obrigado pelas muitas perguntas, que me fazem constantemente depois do meo regresso, além da necessidade d'esse capitulo para a intelligencia de muitas cousas d'este livro, e do serviço que presto aos navegantes com taes conhecimentos.

Acceitae de bom grado a averiguação d'estes segredos, e eu vos asseguro que n'isto achareis prazer.

CAPITULO V

Descripção do Globo, onde se trata da parte celeste, e principalmente da linha equinoccial.

Para melhor entender o que deixo dito, é preciso considerar o Universo dividido em duas partes principaes—uma celeste, e outra elementar, embóra a reunião de ambas não forme senão um só globo, perfeitamente redondo, em cujo centro imaginam os mathematicos uma linha recta, que atravessa e termina-se na superficie ou convexidade diametralmente opposta.

Chama-se esta linha *Eixo* ou meio da esphera do Mundo, e as duas extremidades *Polos*, do verbo grego [1] , que significa *girar*, porque toda a esphera celeste e movel, gira, e vira ao redor delles ao passo que se conservam perpetuamente em suas relações como si fossem dous tornos, gonzos, ou eixos, que d'esses dous lados sustentam uma roda, ou algum globo, que se move.

Chama-se um, ora *Polo Arctico*, por estar proximo de Arcturus, imagem celeste, ora *Polo Septentrional*, pela sua proximidade da pequena Ursa, que contém 7 estrellas, e algumas vezes tambem é chamado *Boreas*, por ser d'esse lado, que vem o vento Boreas, ou vento Aquilo, ou Norte.

---

[1] Por falta de lettra propria aqui fica este claro.

Chama-se o outro, ora *Polo Antarctico*, em opposição ao *Arctico*, ora *Meridional*, porque está mais perto de meio-dia, e finalmente *Austral* por causa do vento austro ou Suão, que d'ahi sopra.

O *Polo Arctico* sempre o vemos elevado a quarenta e oito graus sobre o nosso horisonte de Pariz, onde constantemente se conserva, e o mesmo acontece ao *Polo Antarctico*, sempre debaixo do nosso hemispherio, e por isso nunca o podemos vêr.

Entre estes dous Polos acha-se a esphera celeste dividida em 5 partes por 4 circulos, parallelos, um o *Arctico*, affastado do Polo de igual nome, 23 $^1/_2{}^o$ e 3', o outro, em sentido contrario, é o circulo *Antarctico*, na mesma distancia, que o precedente, no seo Polo.

Estes dous circulos chamam-se *Polares*, tendo cada um o nome do Polo, que lhe fica mais proximo.

Os outros dous circulos estão mais proximos do meio: é o circulo ou Tropico de Cancer, distante 42° 54' do circulo Arctico, e o outro o circulo ou Tropico de Capricornio, em igual distancia do circulo Antarctico.

Estes dous tropicos, distantes um do outro 47° 6' são os limites a que chegando o sol, volta de um para o outro.

Tropico é palavra derivada do grego[1] , que significa mudança ou volta.

A linha equinoccial está no meio d'estes dous Tropicos, em igual distancia um do outro, isto é, 23 $^1/_2{}^o$ e 3'.

Divide toda a esphera celeste de um pólo a outro em duas partes iguaes, tendo cada uma 90°.

Chama-se linha equinoccial ou Equador, não só porque, os que habitam debaixo d'ella tem os dias iguaes em tamanho

---

[1] Já mencionámos a falta de lettras proprias para a composição de palavras gregas.

ás noites, como tambem porque estando o sol sob esta linha, faz com que sejam os dias e as noites iguaes em todo o Mundo.

Não dão os Astrónomos largura alguma á linha equinoccial, nem aos circulos precedentes, e nem a nenhum outro da esphera celeste, menos ao Zodiaco, outro circulo do Firmamento, a que dão a largura de uma cinta.

Contém este circulo os doze Signos do Céo—Aries, Taurus, Gemini, Cancer, Leo, Virgo, Libra, Scorpius, Sagittarius, Capricornus, Aquarius, Piscis, chamados pelos antigos gregos[1] , de que se derivou o nome de—Zodiaco.

A circumferencia d'este circulo é dividida em tantas partes, quantos são os signos: Ptolomeu chamou-a[2] , isto é, as doze partes, doze camaras, domicilios, ou casas celestes.

Proclus, como os antigos gregos, os chamavam[3] , animaes, Plinio *Signa et sidera*, signos ou reuniões de estrellas, e o vulgo *constellações.*

Cada um d'estes signos é dividido em trinta partes, que chamamos graus, correspondendo cada grau á um dia, e cada signo á um mez, e por isso gasta o sol 30 dias a percorrer cada um d'estes signos, fazendo ao todo 360 graus, durante o giro annual do sol.

Relativamente á sua largura, é dividida ao meio pela linha ecliptica em duas partes iguaes, contendo cada uma 6°, conforme a opinião dos antigos, (ou para melhor dizer) conforme os modernos 8°, prefazendo 16°, que o Zodiaco tem de largura, sob a qual se estendem todos os planetas vagabundos em suas revoluções, sem ultrapassarem esta argura.

---

[1] Outro claro. Já demos a razão
[2] Idem, idem.
[3] Idem, idem.

Sómente o Sol conserva e continua seo giro natural e animal, precisamente sob a ecliptica do Zodiaco, que por isso é considerada como o carril, e o caminho do sol, *orbita solis*, da qual nunca se aparta.

Si alguma vez a Lua, desviando-se do seo curso achar-se sob esta linha tão opposta ao Sol de maneira a ficar a terra entre o Sol e a Lua, immediatamente perde esta a sua luz, fica escura e apenas com uma côr triste causada talvez por um pouco de explendôr das partes circumvisinhas do Céo, misturada com a sua opacidade, ficando assim eclipsada, o que sómente se observa nos plenilunios.

O eclipse do Sol sómente póde acontecer na lua nova, quando esta se acha sob a mesma linha e entre o Sol e nós.

Chama-se linha ecliptica porque é debaixo d'ella, que se manifestam os eclipses do Sol e da Lua.

Esta linha, e por consequencia o Zodiaco, abraça e cerca sempre a esphera, dividindo-a ao meio, não em angulos rectos, como os outros circulos precedentes, mas obliquamente pelos dous primeiros pontos dos signos de Cancer e Capricornio, diametralmente oppostos, de sorte que estas duas pontas partissem a ecliptica e o Zodiaco em dois semicirculos iguaes um pela sahida do sol quando caminha para nós começando no primeiro de Capricornio e acabando no ultimo de Gemini, e outro pela descida do sol, quando nos deixa, começando no primeiro de Cancer e acabando no ultimo de Sagitario, fazendo com que o primeiro de Cancer e o primeiro de Capricornio sejam os dous pontos dos dous solsticios do anno, um no Estio e outro no Inverno.

Além d'isso a linha equinoccial divide tambem o proprio Zodiaco e a linha ecliptica pelos dois primeiros pontos de Aries e de Libra, diametralmente oppostos em duas partes iguaes, uma depois do Equador ou linha equinoccial até ao

Tropico de Cancer, e outra desde o mesmo Equador até o Tropico de Capricornio contendo cada um 180°.

No semi-circulo do Zodiaco áquem da linha equinoccial para o septentrional ha seis signos chamados Septentrionaes, que são: Aries, Taurus, Gemini, Cancer, Leo, Virgo, e além da mesma linha para o meio-dia encontram-se seis outros, a saber: Libra, Scorpius, Sagittarius, Capricornus, Aquarius e Piscis, tambem chamados Meridionaes.

Eis porque o sol, fazendo seo giro annual pela linha ecliptica, visitando todas as doze camaras destes signos celestes, está 6 mezes alem da linha equinoccial, e 6 mezes aquem, o que se chama declinação do sol, tanto maior ou menor quanto mais ou menos proxima se acha d'ella aquem ou alem.

Quando o sol se acha sob esta linha, não ha nenhuma declinação.

Acontece achar-se duas vezes no anno nos dois primeiros pontos de Aries e de Libra, e então fórma os dois equinoccios do anno, um da primavéra e outro do outomno, um na ascenção, e outro na declinação do sol.

Aos 21 de março quando o sol subindo se aproxima de nós, acha-se no 1° de Aries, precisamente sob a linha equinoccial, e como em tal dia não ha declinação alguma do sol são em toda a parte as noites iguaes aos dias, eis o equinoccio vernal ou da primavera, que, segundo o pensar dos antigos padres, era o principio do anno, ou então começava este pela lua nova, mais proxima d'esse equinoccio vernal, por isso que tão bello olho do Mundo voltando a favorecer-nos com seo olhar agradavel e nos mostrando face alegre, dissipa o horrivel frio, aquece a terra gelada, renova-lhe a força e o vigor, pois estava como que morta e enfraquecida pelas grandes geadas, e assim a fortifica, e fecunda não só de animaes como tambem de todas as cousas inanimadas.

Como o sol nunca pára, passa immediatamente aquem da linha, subindo em tantos dias certo numero de graus para nós, e afinal vae declinando, ou separando-se d'ella progressivamente durante tres mezes pouco mais ou menos, em que começa a girar pelos tres primeiros signos septentrionaes—Aries, Taurus e Gemini, crescendo assim pouco a pouco os dias até 21 de junho no 1° de Cancer, nosso tropico septentrional, têrmo da linha ecliptica, e não excedendo-a de maneira alguma, é esta a maior declinação do sol na linha equinoccial do lado do nosso pólo, e a maior altura do sol para o nosso zenith, conhecida por solsticio do estio que forma não só o primeiro dia maior do estio, como tambem a noite mais curta que nós, e todos os habitantes aquem da linha para o Norte, podemos ter, e ao contrario é o primeiro e o mais pequeno dia de inverno, e a maior noite, que podem ter os Antipodas, e todos os moradores alem da linha para o Sul.

Crescem estes dias ao passo que diminuem os nossos.

O sol todos os dias recolhe-se grau a grau ao semi-circulo de sua declinação, e dentro em tres mezes percorre estes tres outros signos septentrionaes Cancer, Leo e Virgo, subindo para a linha sob a qual se acha no primeiro grau do signo de Libra, aos 21 de setembro, primeiro dia do outomno, que é o dia do outro equinoccio, chamado *outomnal*.

Continuando e completando o Sol o seo curso pelos 6 outros signos alem da linha para o Sul, começa aos 22 de setembro a descer pelos tres primeiros signos meridionaes—Libra, Scorpius e Sagittarius até o primeiro ponto de Capricornius, onde está á 21 de Dezembro, e ahi é não só a maior declinação do Sol, como tambem o primeiro dia maior d'aquelle lado, e a noite mais pequena, que podem ter os Antipodas, e para nós é o primeiro dia pequeno do inverno, e a noite mais comprida: é o solsticio do inverno.

N'este Tropico o Sol não se demora mais do que no Tropico de Cancer; porem acabando-se ahi a ecliptica, e não podendo ir mais alem, visto ser o seo têrmo ou limite, apenas o Sol ahi chega principia a girar para nós pelos outros signos meridionaes Capricornius, Aquarius e Piscis, sendo este acto o principio de sua ascenção e a causa do crescimento de nossos dias.

Aos 21 de Março, depois de haver terminado seo giro annual, acha-se outra vez sob a linha equinoccial, principio da primavera, e assim continúa seo giro perpetuamente.

Não devo olvidar a opinião dos mais experimentados Pilotos, que fundados em sua longa pratica creem, que o Sol chegando sob a linha equinoccial, pára por tres minutos como se estivesse descançando.

Não é aqui lugar proprio para questões, e por isso basta dizer-se, que o Sol nunca pára, ou interrompe seo curso sem ser por milagre.

Quando está debaixo da linha no zenith d'aquelles, que ahi se acham, por que os dias, as sombras e as noites não soffrem mudança ou diminuição sensivel, e o Sol acha-se mais longe para o seo Apogeo, menos se descobre a velocidade de seo curso do que quando está no seo perigeu, parece que elle pára e interrompe o curso, embora seja uniforme seo movimento.

CAPITULO VI

Parte elementar. Como o mar com a terra fórma um globo redondo, contido entre os limites por Deos marcados.

Deve saber-se, em relação á parte elementar do Mundo, que assim como o Empyreo comprehende todos os Ceos inferiores, contidos um no outro até o ultimo, que é o Ceo da Lua, assim tambem o Ceo da Lua contêm sobre si os quatro elementos, em tal ordem, que o fogo occupa a mais alta região, e cérca o elemento do ar, o ar cérca os dois elementos agoa e terra, não se achando elles comtudo na ordem e estado natural, porque o elemento da terra devia ser cuberto pela agoa, esta pelo ar, e este cercado pelo fogo: assim os creou Deos, este Soberano Architecto, em tal ordem e estado.

No principio da creação, a terra estava inteiramente cuberta e cercada de agoa, como nos ensinava a Sabedoria Divina no Ecclesiastes, 24. *Ego sicut nebula texi omnem terram.* Na verdade: a agoa não tinha a espessura e densidade actual, pois era então ligeira nuvem em fórma de vapor, com que havia a sabedoria divina cuberto não uma parte e sim toda a terra.

Dizia o Propheta Rei *Abyssus sicut vestimentum amictus ejus,* ou em traducção hebraica, conforme São Jeronymo, *Abysso quasi vestimento operuisti eam*: o abysmo, a pro-

fundidade impenetravel e incomprehensivel desta ligeira nuvem, era como um lindo manto, e rico vestuario, que por todos os lados cubria e cercava a terra.

Não se conservou a terra neste estado mais do que dois dias, porque Deos quiz que ella mostrasse seo bello rosto para servir de estrado e de passeio ao homem, e como o vestuario não cubria senão algumas partes do corpo deixando as outras nuas, este Sabio Obreiro apropriou-o logo e muito bem ás proximidades da terra, cuja face bella tinha de mostrar incontinente.

Foi depois do terceiro dia da creação, que Deos operou tal maravilha, quando as agoas haviam subido á grande altura, porém como Deos é sem comparação alguma mais alto, mais elevado e infinitamente mais poderoso, condensou e espessou esta nuvem de agoas, permittindo-lhes, que se reunissem, e se recolhessem aos lugares marcados pela Providencia Divina «*Congregentur aquæ quæ sub cælo sunt in locum unum, et appereat arida*». Eis a ordem, que deo o grande Deos, eis a immediata obediencia de suas insensiveis creaturas—*Et factum est ita.* Logo á voz do Omnipotente—*Ascendent montes, et descendunt campi.*

É bem de crer, que a terra fosse em sua primitiva mathematica e perfeitamente redonda, porque todas as suas partes buscavam igualmente o centro commum tanto por sua gravidade, como pelo peso, e tudo isto mui suavemente; porém para commodidade do homem, Deos destruio o estado e as'ordens naturaes, principalmente destes dois elementos. Á voz do Senhor a terra se despe, as agoas se separam, a terra se abre, as agoas se reunem, a terra sóbe, as agoas descem alem do natural: a terra levanta-se e reune-se em certos lugares acima de si, sobre sua propria circumferencia, formando assim as tremendas montanhas,

valles, cavernas, que vemos, e as agoas se reconcentram nas concavidades e abysmos da terra.

Jussit, extendit campos, sub sidere valles,
Fronde tegi silvas, lapidosas surgere montes.

Que maravilha de Deus! Ah! que transformação e mudança no Universo por causa do homem!

Á ordem de Deus, todas as creaturas, até as insensiveis, sugeitam-se e obedecem, e só o homem, embora dotado de raciocinio, tem os ouvidos tapados, como a serpente.

Apenas se reuniram as agoas onde aprouve a Deos, Sua Magestade Divina lhes deo nomes, e as chamou—mares, segundo o testemunho do Divino Topographo «*Congregationes vero aquarum appellavit maria.*

Mas por que se chamam *mares* antes no plural do que no singular? Este elemento está dividido ou é differente em suas partes?

Assim como ha terras, cabos, e promontorios, que se estendem pelo mar a dentro, assim tambem o mar se espraia em largos e espaçosos seios pela terra a dentro, que divide em muitas partes, e a que chamamos Ilhas, e como ha muitos mares para destinguil-os, deo-se-lhes diversos nomes, tendo muitos várias propriedades e virtudes, differentes sabores e côres ao menos na apparencia.

Esta diversidade é proveniente do tempo, dos lugares, e dos seios onde a agoa milagrosamente se recolheo, pois não deixam de ser uma e unica todas essas agoas do mar, dos rios, e das fontes, tanto por sua naturesa, como por haverem recebido do Espirito Divino, que sobre ellas andou, a faculdade de germinar e de nutrir como disse o Genesis—*Spiritus Domini ferebatur super aquas,* ou a paraphrase Chaldaica—*Spiritus Dei insufflabat super faciem aquarum.* O espirito de Deos soprava sobre a superficie das agoas, porém *insuflabat,* o sopro Divino n'ellas penetrava, pelo que

este elemento se assenhoreou dos outros: por suas exhalações refrigéra o Ceo e o fogo, fertilisa a terra regando-a por toda a parte por meio do grande e temivel Oceano, que o une e abraça, bem como as fontes, os rios, os seios, os mares, e toda a terra tambem, de um Polo a outro, de sorte que este elemento da agoa e do mar, unidos, formam somente um corpo redondo, ou um só globo no meio do Mundo, como o centro do Universo.

Bem sei, que muitos gregos, seguindo a opinião de Thales Milesius, pensaram ser a terra similhante a um navio, que fluctua em cima das agoas.

Ao contrario: fazendo estes dous elementos um só globo no meio do Mundo, a terra fica immovel, como o verdadeiro centro de toda a esphera do Universo.

Deos estabeleceo, segurou, e firmou o elemento da terra em seo seio de tal fórma, que nunca pudesse abalar-se ou mover-se de seo lugar como diz David:—*Firmavit Deus orbem terræ, qui non commovebitur.*

N'isto o homem deve reconhecer a bondade de Deos por lhe haver dado morada tão segura e tão forte, porém não permanente por nos prometter o Céo, si dignos formos de tal graça.

A gravidade natural da terra faz com que sendo creada em seo centro, não possa mover-se de uma parte para outra, para o Oriente, Occidente, Septentrião ou Meio-dia, pelo que disse o Poeta fallando do Chaos:

—Nec circumfuso pendebat in aëre tellus,
Ponderibus librata suis.

É da natureza da terra descer por sua gravidade e occupar o lugar mais baixo, de forma que o caminho mais longo a fazer-se seja da circumferencia dos Céos.

Et pressa est gravitate sui

Si ella se movesse para o Oriente, ou Occidente, para o Meio-dia ou Septentrião, se aproximaria mais d'esta circircumferencia.

Si ella se movesse para o nosso nadir, ponto opposto á nossa posição vertical, subiria tambem como si movesse, ou subiria para o nosso zenith.

Si particularmente deseja-se procurar qual é o centro, ou a base da terra, e como gravidade e peso fazendo com que alguma cousa caia e desça, pode comtudo suspender e assim conservar este elemento, responda-se ser este um dos effeitos admiraveis da ineffavel grandeza de tão Omnipotente Architecto.

Esta pergunta fazia Sua Magestade Divina ao santo personagem Job.—*Onde estavas tú,* dizia-lhe elle, *quando lancei as bases da terra? Sobre que paliçadas foram estabelecidas? Sobre quė foram essas bases fundadas? O que se acha debaixo de sua pedra angular?*

Cousa admiravel! O centro, ou a base do centro da terra não é outra cousa senão um nada, e neste mesmo nada a gravidade sustém e conserva esta grande massa de terra firme, estavel, e immovel, sem encosto algum para sustental-a, além do seo centro, que é um nada.

Eis o que diz o Propheta Job: *Qui extendit Aquilonem super vacuum, et appendit terram super nihilum?* «Quem estende o Aquilão sobre o vacuo, e pendura a terra sobre o nada? Ou para fallar com o sabio, esta base não é outra senão a Sabedoria, a Prudencia, e o poder ineffavel de Deos.

São os tres dedos, como diz o Propheta Isaias, com que a Magestade Divina sustenta o globo da terra.

Ó Deos, quanto sois admiravel! Si o sois na terra quanto não sereis no mar? É bem verdade que *Mirabiles elationes maris, mirabilis in altis Dominus.*

É tão furioso este Elemento do mar, que si Deos não o contivesse, inundaria de repente todo o globo da terra, e elevar-se-hia por cima do cume das mais altas montanhas, como aconteceo por occasião do Diluvio Universal no tempo do grande Patriarcha Noé. Para não se oppôr á vontade do seo Creador, elle se contém, sem novo milagre, no lugar onde Deos miraculosamente o recolheu sem nunca ultrapassar os limites, que lhe foram prescriptos, como disse David: *Terminum posuisti fluctibus maris,* (accrescenta a paraphrase Chaldaica): *Quem non transgredientur neque convertentur operire terram.*

Era tão furioso este Elemento, que para embaraçal-o de inundar a terra, foi necessario pôr-lhe Deos portas e muralhas, que o cercam, e lhe serve de limites, d'onde nunca sahe.—*Cerquei o mar por têrmos e limites* (disse Deos fallando a Job), *e puz-lhe ferrolhos, trancas e portas, e lhe disse:—Virás até aqui, e não passarás mais adiante, e aqui quebrarás tuas ondas entumecidas.*

Dizem os Septenta, serem esses têrmos e limites um claustro, onde Deos fechou o mar com prohibição absoluta de nunca d'ahi sahir.—*Posui eis terminos circumponens claustra et portas etc.* A paraphrase Chaldaica disse ser isto um Decreto, uma Ordenação, e Aresto inviolavel.—*Conclusi super eo decretum meum, et posui littora quasi pessulos.*

Quereis saber quaes são esses têrmos e limites, essas portas, ferrolhos, trancas, fechaduras, e claustros, que cercam o mar e o embaraçam de inundar e submergir a terra?

São apenas areias movediças, que vôam diante do vento, cercando a maior parte de elemento tão furioso, e servindo-lhe de trincheiras, como se evidencia d'estas palavras: —*Posui arenam terminum mari, præceptum sempiternum quod non præteribit, et commovebuntur, et non po-*

ferunt, et intumescent fluctus ejus, et non transibunt illud. «Cerquei o mar de praias, e lhe dei por limites—areias movediças.»

Ainda bem, que são essas areias tão baixas e chatas á ponto de parecerem valles comparativamente com o mar, que parece alta e medonha montanha levantada por cima dellas, como tivemos occasião de vêr ao longo de quasi toda a costa da Barbaria: são comtudo claustro tão forte, e muralhas tão firmes, a ponto de nunca este elemento poder ultrapassal-as, e nem passar por cima d'ellas sem permissão de Quem lhe deo tal ordem.

Enche-se e estoura este elemento constantemente com tanto ou mais estrondo do que os relampagos e trovões: são terriveis suas ondas e vagas—*ascendunt usque ad cœlos, et descendunt usque ad abyssos.* Parece querer engolir constantemente a terra, levantando ondas tão furiosas, como ameaçando chegar ao Céo, e depois as abate até o fundo dos abysmos.

Nubila tanguntur velis et terra carina.

Bate a todo o momento essas portas e muralhas, que as cercam com suas vagas tempestuosas, similhantes a peças e canhões de artilharia capazes de romper trincheiras, destruir os mais fortes castellos, e arruinar as maiores Cidades.

Com tudo isto não póde e nem nunca poderá vencer, e nem exceder essas baterias, apenas areias movediças e fracas, por ser essa a immutavel vontade de Deos.—*Præceptum sempiternum quod non præteribit commovebuntur, etc.*

As creaturas irracionaes, ao contrario do homem que é racional, não desobedecem a seo Creador.

CAPITULO VII

Do movimento, fluxo e refluxo do mar, e da difficuldade de passar-se a linha equinoccial.

Este grande elemento, que com suas ondas, como si fosse bello e rico vestido, cobre a maior parte da terra estendendo-se de Norte a Sul, está em movimento tal e tão admiravel, que confunde os mais raros espiritos do Mundo na indagação de suas causas.

Quem até hoje pôde comprehender as molas de seos fluxos e refluxos?

Têm como certo alguns, haver Aristoteles se precipitado no Eurippe, desejando que este o comprehendesse visto elle não comprehender os principios e as razões dos seos movimentos.

Quem, depois d'este grande philosopho, pôde descubrir o meio de desatar nó gordio tão assustador, e dar-nos com certeza a razão do admiravel movimento do terrivel Oceano? Movimento, que não se faz do Polo Arctico até o Polo Antarctico, nem do Polo Antarctico até o Polo Arctico, como se persuadem alguns.

Si este elemento rolasse do Norte para o Sul e do Sul para o Norte, não havia muito que admirar, porém maravilha sabendo-se que o mar caminhando para o Polo Antar-

ctico faz o mesmo para o Arctico, tendo ao mesmo tempo, embora em differentes lugares, movimentos contrarios.

Na occasião em que o mar se retira do nosso Polo Arctico, regressa tambem do Antarctico, refluindo, no meio do mar, tanto de uma parte como de outra.

Encontrando-se as marés e os refluxos sob a linha equinoccial, immediatamente empola-se o mar, entumece-se, e engrandece se até que se termine o refluxo.

Apenas o mar se entumece e ergue-se de maneira descommunal, como que assimilhando-se a altas montanhas, começa a dilatar-se e a abaixar-se.

Tanto mais dilata-se, quanto mais abaixa-se sob a linha: tanto mais se abaixa no meio do Mundo quanto mais sóbe e espande-se de uma e outra parte para os dous Polos, rolando por cima de areias, de praias, de costas por meio de suas ondas maravilhosas, que se oppõem aos rios e regatos innundando campos, enchendo fossos, e concavidades, entumecendo-se e elevando-se até á vinda do Sudoeste.

Quando este Elemento se dilata para nós e outras extremidades do mar, chama-se fluxo, e refluxo quando se retira para a linha equinoccial.

Durante 24 horas faz-se duas vezes o fluxo e refluxo do mar, porque em 5 horas, pouco mais ou menos, corre, ou *flue* o mar para o Norte e para o Sul, e em 6 a 7 horas faz seo refluxo.

Como o estado da lua nem sempre é o mesmo ou similhante, porém irregular, em seo crescimento e decrescimento, assim é tambem desigual o movimento do mar, não tanto pelas tempestades e inverno, que o tornam mais replecto, e furioso, detendo-lhe ou apressando o curso ás tempestades e ao vento, conforme lhe são favoraveis ou oppostos, mas. e principalmente, porque o fluxo e refluxo do

occeano é differente conforme a diversidade das idades da Lua.

Quanto mais altas são as agoas, menores são as idades da Lua.

Perto do segundo, ou decimo sexto dia da Lua, que é alguns dias depois da Lua cheia e nova, temos nas costas de França mar grande e cheio, como pensam todos os Mestres Pilotos, que tambem tem notado haver no Maranhão e suas circumvisinhanças mar cheio quasi dois dias antes de nós, por estarem talvez perto da linha.

Aos nove e aos vinte e tres dias da Lua, as agoas são baixas e mortas, e por isso chamamos *mar morto*.

Nos dias decimo-segundo, e vigesimo-quarto da Lua, principia o mar a crescer e a subir: aos cinco e desenove começa a diminuir e a abaixar-se.

Durante 7 dias cresce, e por isso chamamos *agoas vivas*, e ao contrario *agoas mortas* durante os sete dias, que diminuem.

Muitas são as opiniões, que dão diversas causas naturaes a este fluxo e refluxo do Oceano, e algumas até as attribuem ás concavidades da terra, porém tal disposição reciproca não póde ser ordem e nem causa d'este phenomeno.

Uns dão-lhe como causa uma fórma substancial, ou uma propriedade interna, porém um corpo simples, com uma só forma, só póde ter um simples movimento.

Outros o attribuem ao ardor do Sol, porém como se faz o fluxo do mar durante a noite?

Vendo a maior parte dos explicadores a simpathia e a affinidade do mar para com a Lua em seo fluxo e refluxo, attribuem estes á influencia d'este Planeta.

Si é muito provavel esta opinião de muitas pessoas graves e notaveis, não é comtudo sem grandes difficuldades.

Si por influencia da Lua, elles entendem o movimento, ou a sua luz, ou alguma virtude occulta, porque não produz os mesmos effeitos fazendo seo curso ordinario em todos os mares e enseiadas existentes debaixo do Céo? Porque um dos dous Eurippes, como se diz, em 24 horas tem 7 fluxos e refluxos, e o terceiro não tem nenhum, acontecendo o mesmo nos mares Mediterraneo, Adriatico, e muitos outros, que sentem pouco ou nada o seo influxo?

Porque a agoa do mar desde o Cabo da Palma a 4° além da linha até o Cabo das Tres Pontas, comprehendendo esse espaço entre um e outro, perto de 110 legoas, tem curso irregular e differente?

Notam alguns excellentes pilotos, que a agoa depois do Cabo da Palma se inclina 15 dias de um lado, e 15 dias do outro até sob a linha: quando a Lua cresce, porque n'este mesmo lugar antes de que em outros corre a agoa para E. S., e quando decresce para O—N. O.?

Não ha duvida que a Lua não domine sobre o mar, como sobre muitas outras cousas, e não parece tambem que seja a causa do fluxo e refluxo do mar.

Quem sabe tambem, si a causa d'esse admiravel movimento não será alguma virtude occultada no meio do Céo, onde imaginamos a linha equinoccial, a não querer-se attribuil-o a alguma intelligencia, como se diz á respeito do movimento dos Céos?

Como se pode explicar, que as agoas do mar, de todas as partes do Oceano se reunam debaixo da linha, a não ser por alguma virtude occulta, que as attrahe, e reune todas, como o iman attrahe o ferro, sendo contidas por seo proprio peso, e obrigadas a abaterem-se, a dilatarem-se, e a fazerem seo refluxo?

Ha n'isto uma grandissima Providencia de Deos pela commodidade do homem.

A reunião e o receptaculo destas agoas são os fluxos e refluxos do supradito grande Oceano, existentes no meio deste globo, sob a linha equinoccial, cauzadores do difficil accesso deste grande elemento, principalmente na passagem da linha.

Somente se pode aproximar desta linha no seo fluxo e refluxo, visto estar o mar sempre n'um ou n'outro estado, embora não seja bem percebido no meio do abysmo d'agoa.

Si quizerdes passar no tempo do fluxo, sereis açoitado pelas vagas e ondas, que vos são contrarias e em sentido opposto, e muitas vezes vos empurrando para onde viestes.

Se com o favor do refluxo cuidais avançar com as agoas, que vão para a linha, é cousa que bem pode ser, mas seguir rumo diverso—eis a difficuldade, pois ao passo que as ondas do refluxo, alem da linha, cahindo sobre vós, vos empurram e repellem, tambem vos offerecem forte barreira difficil de ser vencida.

As mesmas difficuldades da passagem repetem-se no regresso tanto de um lado como de outro, segundo as experiencias communs de pilotos e marinheiros.

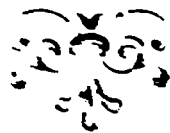
Para passar esta linha necessita-se quer na ida quer na volta, de vento mui favoravel, que vos empurre e ajude a subir e vencer este salto, senão correis o risco de ahi ficardes por muito tempo, principalmente si se encontram calmarias, acontecendo isto a muitos, que até tiveram a honra de se demorarem tres a quatro mezes, gastando suas provisões.

Conta-se com visos de verdade, que demorando-se ahi certa personagem por 5 ou 6 mezes, vio-se obrigado a retroceder por não lhe ser possivel passar tal linha.

Si quando ahi chegardes apparecer calmarias, estaes em perigo de vida pelo calor insupportavel, debilidade, molestias, corrupção de viveres, podridão de agoas e de carne,

especialmente do pão, que se enche de vermes, e de outros pequenos bixos similhantes a porsovejos.

Deos nos concedeo à mercê de passar esta linha tão facil como felizmente, e sem calmarias.

Os que ainda não a tinham passado, quando se viram debaixo della, compriram a lei irrevogavel, pela qual levareis um balde cheio de agoa salgada pela cabeça abaixo por terdes passado a linha pela primeira vez, ou então mergulhareis por tres vezes vossa cabeça dentro d'um barril contendo agoa do mar, e então recebereis a senha, que vos ha-de livrar no futuro de iguaes processos, sob promessa de nunca dizel-a a outrem, senão aos que ja tiverem passado a linha, e soffrido esta ceremonia maritima, e solemnidade particular.

CAPITULO VIII

Descripção de Fernando de Noronha, e continuação da nossa viagem até a Ilhazinha.

Depois de passarmos a linha, continuando nossa viagem, no domingo 18 de junho, na altura de 4° alem d'ella encontramos tres grandes caravellas portuguezas, que vinham das Indias Orientaes, e depois de nos reconhecermos reciprocamente, e estarmos, nós e ellas, ao alcance de um tiro de canhão, seguiram todos seo caminho sem uma só troca de perguntas.

Poucos dias depois alcançamos Fernando de Noronha, que principiamos a vêr e descubrir no sabbado 23 de junho ás 7 horas da manhã, em distancia de dez leguas longe della, onde encontrámos muitos passaros voando sobre o mar caçando peixes, o que servio para convencer-nos, como tinhamos previsto na vespera, que não estavamos longe de terra segundo a experiencia dos Pilotos.

Chegámos nesse mesmo dia á tarde, e na manhã do dia seguinte, domingo, em que a Igreja solemnisa a festa do glorioso Percursor de Jesus Christo o Santo João Baptista, ancorámos defronte da Ilha, que se acha a 3° e $^3/_4$ de altura, e a 8 $^1/_2$° de variação d'agulha.

Tem esta ilha 5 a 6 legoas de circumferencia: é bonita e agradavel, e uma das melhores terras, se assim se pode

dizer, muito vigorosa, extremamente fertil, e capaz de produsir tudo quanto seja util.

Demoramos-nos ahi 15 dias para refrescarmo-nos e beber agoa fresca.

Encontrámos melões, giremuns, batatas, ervilhas verdes, e outros fructos excellentes, muito milho e algodão, bois, cabras bravias, galinhas triviaes, porem maiores do que as de França, e sobretudo grande quantidade de passaros de diversas especies desconhecidas, e em numero infinito, o que muito nos agradava por serem bons para se comer, e de facil caçada, pois podiam ser mortos no vôo, ou sobre as arvores á varadas e á cacetadas, e até á mão em seos ninhos.

Na *Ilha do Fogo*, proxima á de *Fernando*, não ha menor quantidade de passaros, uns do tamanho de gansos e capões, e outros menores e iguaes á pombas.

A maior parte delles pôem ovos sobre ervas ou mesmo na terra, e não se retiram d'esses lugares, embora sejam empurrados á ponta-pés, sem duvida com receio de não serem esmagados os ovos.

Parece incrivel a grande quantidade de passaros, ahi existente, mormente pela facilidade com que são apanhados, e eu mesmo não acreditaria, si não visse.

Para sustento diario de nós todos consumiam-se por dia mais de cem duzias, sem haver a menor differença na quantidade, que apparecia.

Entre estes passaros, ha uma qualidade a que chamam *Thesouras*, por terem a cauda bi-partida: como não têm filhos, que os prendam á terra, habitam de ordinario no mar, distantes das praias 200 a 300 legoas, perseguindo constantemente os pobres peixes *Voadores*, de que já fallámos, para o que estão sempre voando, com as azas abertas, e dormindo para assim dizer nas nuvens.

Tudo isto me faz crêr, que Deos, o Creador, que por sua admiravel providencia deo á todas as creaturas meios sufficientes para se conservarem, provêo estes passaros, de que estou tratando, de uma bolsa, de couro grosso, e alaranjado, collocada debaixo da garganta, sempre cheia de vento, e por isso elles pairam no ar, servindo ella tambem para armazem e deposito de comida, com que se alimentam.

Entre as arvores mais notaveis da Ilha, ha uma muito bonita e agradavel, que tem as folhas verdes e muito parecidas com as do Loureiro: si por accaso tocaes essas folhas com as mãos, e depois coçardes os olhos, sentireis logo tão grande dôr por tres ou quatro horas a ponto de perderdes a vista.

Junto á esta arvore se encontra ordinariamente outra qualidade, ahi posta como antidoto por bondade divina, tendo as folhas a propriedade de tirar a dor, e restituir a vista, apenas esfregardes com ellas os olhos, como vi acontecer n'um individuo da nossa companhia.

Muitas pessoas, de nossa expedição, ignorando a propriedade má d'estas arvores, soffreram muitas dôres por ellas causadas.

Ente outros casos vi um n'um dos meos amigos, que abaixando-se, como eu fiz, para passar debaixo d'ella, foi por casualidade tocado por um ramo na aba do seo chapeo, e, não sei como, immediatamente e na minha presença principiou a sentir essa dor, e depois a cegueira.

Por certo é isto um verdadeiro symbolo do peccado: na apparencia agradavel e alegre, porém tocando com as mãos, as obras, por consentimento de uma vontade determinada, perde a graça, que é a vista da alma, experimentando-se logo viva dor, e pungente remórso.

O Propheta David é quem podia tratar bem d'este ponto, porque depois de haver tocado esta arvore maldicta, cheio

de dôr, dizia a lastimar-se :—*Cor meum conturbatum est, dereliquit me virtus mea, et lumen oculorum meorum, et ipsum non estmecum.* «Meo coração está perturbado, deixou-me a virtude, e a luz dos meos olhos tambem»

Esta dôr pungente, e agudo remórso nunca mais deixará, o que tocar esta arvore maldicta, privando-se voluntariamente da luz interna de sua alma, si não lançar mão das folhas da verdadera arvore da vida, da Santa Cruz, onde tànto soffreo o nosso Salvador, què por seos merecimentos assim nos curou de todas as feridas da arvore do peccado, segundo diz o Apocalypse.—*Folia ligni sunt ad sanitatem gentium.* «As folhas d'esta arvore, isto é, da Cruz, servem para a saude e curativo dos gentios.»

Habitava a Ilha um portuguez em companhia de dezesete ou desoito indios, homens, mulheres, e crianças, todos escravos, e para aqui desterrados pelos moradores de Pernambuco.

Baptisamos a maior parte d'elles, casámos dous, depois de havermos plantado a Cruz no meio de uma Capella, que preparámos para a celebração da Santa Missa.

Estes pobres indios, bem como os portuguezes, receberam dos Sñr.[s] de Rasilly e de la Ravardiere tantas finezas, que, sabendo do nosso projecto de ir plantar em Maranhão a fé e a crença do verdadeiro Deos para o que levavamos quatro Padres Capuchinhos, pediram-nos com instancia para tiral-os d'esse lugar e leval-os comnosco.

De muito boa vontade foi satisfeito o seo pedido, com alegria d'elles, e consolação de todos os seos parentes e amigos residentes em Maranhão.

Depois de demorarmos-nos quinze dias na Ilha de Fernando de Noronha, partimos no domingo 8 de Julho, ás 6

horas da tarde, trazendo comnosco os ditos indios e portuguezes.

No dia 11, quarta-feira, pela manhã começámos a vêr as montanhas dos Canibaes, principio da terra do Brazil.

Sabe Deos com que alegria, satisfação e contentamento viamos terras tão desejadas, depois de cinco mezes que partimos de França e fluctuavamos no mar.

N'esse mesmo dia, ás 12 horas da manhã, achamos-nos em frente, e na distancia de meia legoa, da enseiada de Mucuru costeando sempre a terra, e na quinta-feira 12 de Julho vimos uma montanha alta, muito direita, e assentada em terreno baixo, e chegámos ao *Cabo das Tartarugas*, d'ella distante 15 legoas, e ás 5 horas da tarde ahi fundeâmos. Acha-se este cabo a 2° $^{2}/_{3}$ de elevação e 10° e $^{1}/_{3}$ de variação do iman

Este lugar é muito bonito, e maravilhosamente agradavel, abundante de bons fructos e de caça.

O mar que cérca estas costas, bem como os lagos da terra firme, são abundantes de peixes de varias especies, differentes das nossas, e dignas de serem vistas.

Ahi demoramos-nos 12 a 13 dias esperando marés grandes para irmos á Maranhão.

Durante a nossa demora occupavam-se os companheiros em pescar e caçar, e entre outros peixes, que apanhavam, havia uma especie muito abundante, a que chamavam *roncadores*, porque estando os pescadores fóra do mar principiavam a roncar contra o seo costume, e assim o faziam por algum tempo como se fossem leitõesinhos.

Demoramos-nos ahi até terça-feira, 24 de Julho, dia em que nos pareceo estar o vento de feição para acabar nossa viagem, e assim levantámos o ferro, logo pela manhã, e fómos sempre costeando até perto do rio *Camousi*, em cuja

proximidade vimos uma montanha muito grande e muito alta, e bem proeminente na terra chamada *Ibuyapap*. [1] Fomos seguindo ao longo de um terreno baixo e vermelho até quarta-feira 25, quando vimos as *areias brancas*.

Finalmente Deos, favorecendo nossos desejos e intenções, nos levou a salvamento ao porto, que é n'uma pequena Ilha, na entrada da grande enseiada do Maranhão, distante da *Ilha-Grande* 12 legoas, onde estavam dois navios de Dieppe.

Fundeámos na quinta-feira 26 do dito mez, dia da bemaventurada Santa Anna, Mãe da Sacratissima Virgem Maria. dia verdadeiramente notavel por ser de graça, pois o nome de Anna, em hebreu (da raiz [2]   Chanan) quer dizer —graça, e dom benigno, beneficiando-nos Deos, n'aquelle dia solemne, com a nossa chegada a bom porto, signal evidente de sua benigna graça, e grande favor, que fazia a este pobre povo, offerecendo-lhe, tão liberalmente, a remissão plena de todos os peccados pela rece-

---

[1] *Ibiapaba*. Segundo o Senador Thomaz Pompeu de Souza Brazil, esta extensa serra liga-se á cordilheira occidental do systema Brasilico: começa quasi na costa do Noroeste, perto da Barra Oriental do rio Parnahiba, entre o Iguarassú e o Timonha, segue a direcção quasi de N. a S. até á distancia de 130 legoas, pouco mais ou menos, com os nomes de Ibiapaba, Serra Grande, Cratheús, etc., etc. Vêde *Ensaio Estatistico da Provincia do Ceará*.

È celebre pela gloriosa e sempre memoravel morte do apostolico Padre Francisco Pinto, quando por ahi andou a cathequisar Indios, e pelos altos feitos, ahi sempre triumphantes, em prol da nossa santa religião pelo venerando Padre Antonio Vieira, ambos da Companhia de Jesus.

[2] Vae em branco por falta de typo proprio.

pção do Santo Sacramento do Baptismo, que iamos annunciar com risco de nossas vidas, não desejando outra recompensa e nem salario, alem de tirar esta gente do erro, e de filha do diabo, e herdeira do inferno, fazel-a filha de Deos e co-herdeira da sua gloria.

CAPITULO IX

Da chegada a Ilha de Santa Anna, como foi benzida e plantada a Cruz.

Deos, por sua divina bondade, nos fez chegar á *Ilha-pequena*, chamada pelos Indios *Ypaonmiry*, [1] inteiramente deshabitada.

Apenas segurámos bem os nossos navios, fizémos construir uma Cruz bonita e alta para plantal-a solemnemente no seguinte domingo.

Em quanto se trabalhava n'ella, para não perder tempo, julgou-se bom mandar emmissarios á *Ilha-Grande* do Maranhão afim de prevenir os Indios da nossa chegada, e perguntar-lhes se ainda tinham a mesma vontade de outr'ora de receberem os Francezes, tendo esta precaução por fim não offendel-os na mais pequena couza.

O Sñr. Des-Vaux, de quem já fallámos no principio do livro, foi nomeado pelos Sñr.s Loco-tenentes-generaes para tal embaixada.

Partio logo no dia seguinte, e chegando á Ilha referida, reunio todos os Principaes e Velhos, e lhes disse, que con-

[1] Está na lat. merid. 2° 12' e na long. occ. de 45°,5' no centro da Ilha, meridiano de Pariz. Vêde o nosso *Diccionario historico e geographico do Maranhão*.

forme seos desejos tinha patenteado ao nosso muito grande e muito poderoso Rei o desejo que tinham, de serem seos subditos, de reconhecel-o por seu Soberano Monarcha, e de receberem d'elle um Capitão, grande guerreiro e valente, para sustental-os e deffendel-os contra seos inimigos, sendo sempre amigos e alliados dos Francezes, como o tinham sido ha muito tempo, negociando com elles, e vindo sempre de França todos os generos, de que necessitassem, e como nada d'isto se podia fazer sem abraçar-se á nossa Religião, e conhecer-se o Deos, que adoramos, tinha promettido e asseverado á sua Magestade, em nome d'elles, que estavam dispostos a se baptisarem, e muito satisfeitos de se fazerem christãos, segundo suas palavras, pelo que o nosso poderosissimo Rei, muito alegre, mandou-o assegurar-lhes de sua parte, que sempre os consideraria seos amigos fieis, e sempre os defenderia de seos inimigos, se quizessem abraçar a nossa Religião, e receberem o baptismo, e para isto lhes mandava quatro *Payété*, isto é, quatro grandes Prophetas, com o fim de instruil-os e cathequisal-os, em companhia de um grande *Buruuichdue* (assim chamam elles o Rei e seos Loco-tenentes), e muitos soldados para deffendel-os, sustental-os, e protegel-os, os quaes já estavam na *Ilha-pequena* com seos Navios carregados de muitos generos, não querendo vir antes d'elle prevenil-os, e saber se ainda presistiam nas mesmas intenções.

Si pensaes como d'antes, continuou elle, irei buscal-os e e trazel-os immediatamente aqui, e no caso contrario não ha necessidade que tenham tal trabalho, pois temos resolvido eu e elles regressar á França.

Deram-lhe os Indios esta resposta: —«Admiramos-nos muito, que vivendo tanto tempo comnosco, não conheças ainda o nosso genio e modo de proceder, e venha-nos fazer taes discursos, como se costumassemos faltar á nossa palavra.

«Alegramos-nos muito com a vossa vinda, já por nós ha muito tempo esperada conforme vossa promessa, e por isso te pedimos, que nos tragas os Padres e o *Buruuichdue*, que nós os receberemos com toda bondade, visto ser grande o desejo, que temos de vel-os, e de obedecer ás suas ordens.»

Reconhecendo o Sr. Des-Vaux a boa vontade d'èlles, avisou aos Srs. Loco-tenentes-generaes, e pedio-lhes, que continuassem a viagem até á *Ilha-Grande.*

Em quanto se passavam estas cousas, ficámos com toda a equipagem no porto da *Ilha-pequena* esperando a resolução dos Indios.

Mandámos durante esse tempo construir uma grande Cruz, como já dissemos, e quando prompta saltámos em terra no domingo 29 de Julho.

Depois de havermos benzido a agoa, cantou-se o *veni-Creator* na praça onde foi construida a Cruz, e d'ahi sahimos em procissão até onde devia ser plantada, n'uma pequena eminencia ou collina distante do porto mil passos.

Na procissão cantámos as ladainhas de Nossa Senhora.

O sr. de Rasilly e todos os principaes da nossa equipagem carregavam ao hombro a Cruz, com muito respeito e devoção, com os olhos arrasados de lagrimas, e cheios de muita alegria e contentamento.

Apenas chegámos, principiámos o *Te-Deum laudamus*, e no fim benzemos a Cruz com toda a solemnidade, fazendo antes uma pequena exhortação.

Benzemos tambem a *Ilha pequena,* a que o sr. de Rasilly deo o nome de—*Ilha de Santa Anna*—por haver ahi chegado no dia da sua festividade e solemnidade.

Em seguida foi plantada a Cruz, ao som de muitos tiros de peça que, por ordem do sr. de la Ravardiere, deram os navios em demonstração de alegria, cantando nós o hymno

—*Vexila regis prodeunt*—, e erguendo-se logo e desfraldando-se ao vento os estandartes e insignias do nosso Rei Jesus-Christo.

Erguida a Cruz, foi adorada por todos os Catholicos com muita devoção e cordial ternura, e muita alegria e contentamento por havermos chegado, e visto tão gloriosamente arvoradas as insignias de Jesus-Christo n'esta terra infiel, que até então só havia produzido cardos e espinhos de maldicção, e d'agora em diante iria offerecer os doces fructos da graça pelos meritos da Paixão de Nosso Senhor, que vive e reina com o Pae, e o Espirito-Santo na eternidade dos seculos. [1]

[1] Não conservou-se mais essa Cruz, não foi renovada, e assim desappareceu esse primeiro monumento levantado na Provincia pelos Francezes!

Ahi actualmente existe um *Pharól*.

CAPITULO X

Da nossa entrada na Ilha do Maranhão, e da disposição do Forte.

Acabadas todas estas ceremonias, o sr. Des-Vaux deo-nos a saber a sinceridade e boas amizades dos Indios.

Adiante de nós o Sr. de Rasilly sahio da *Ilha de Santa Anna*, depois de plantada a Cruz, com direcção á *Ilha-Grande* [1], levando comsigo muitos francezes, os quaes foram todos muito bem recebidos pelos Indios, que lhes testemunharam por mil caricias sua amisade e satisfação por tal chegada.

Por todas as aldeias. por onde passava, elle lhes fazia constar, por intermedio do Sr. Des-Vaux, ter vindo da parte do nosso muito grande e poderoso Rei de França, conforme suas supplicas, para viver e morrer com elles como seos bons amigos e alliados, defendel-os e sustental-os contra seos inimigos, trazendo quatro Padres para ensinar-lhes qual era o verdadeiro Deos, o que sabido poderiam ser seos filhos por meio do baptismo.

Quando os Padres, disse elle, souberem da vossa vontade e desejo, elles chegarão a *Jevirée*, (porto da *Ilha-Grande*,

---

[1] Tambem se chamava *Ilha dos Tupinambás*, porque estes Indios occupavam a costa desde a fóz do Jaguaribe até esta Ilha. Ainda voltaremos a tratar d'este nome.

onde tinha combinado comnosco ahi achar-se em dia marcado), e ahi é necessario que eu esteja para trazel-os á vossa presença, convindo que ahi tambem compareçam alguns principaes, e homens velhos, demonstrando assim a vossa alegria e satisfação pela vinda d'elles, o que acham bom e á proposito.

Reconhecendo o Sr. de Rasilly a boa vontade d'elles no acolhimento, que lhe fizeram, escreveo-nos para a *Ilha de Santa Anna*, contando tudo quanto havia passado, recommendando-nos, que nos achassemos na *Ilha-Grande* e porto de *Jevirée* no dia 6 de Agosto, onde lá nos iria esperar.

Á vista d'isto partimos da pequena *Ilha de Santa Anna*, na manhã de 5 de Agosto, n'uma barca de 16 ou 18 toneladas, em companhia do Sr. de Pezieux, muito digno e virtuoso Gentil-homem do Delphim, e de outros francezes da nossa equipagem.

Na manhã seguinte, dia da gloriosa transfiguração de Nosso Salvador Jesus Christo, com o auxilio de Deos, chegámos a *Jevirée*, que é, como já disse, na *Ilha-Grande* do Maranhão, habitada por Indios e Selvagens *Tupinambás*, thesouros e pedras preciosas, que procurámos em tão longa viagem e atravez de tantos perigos.

Para desembarcarmos, mudámos os nossos habitos de panno grosso, e vestimos os de sarja parda, que trouxemos de França prevendo o grande calor da zona tórrida.

Differençavam-se estes habitos dos que traziamos ordinariamente, não na forma, e sim apenas em ser mais leve e mais fina a fazenda.

O Sr. de Manoir, que estava em *Jevirée* com alguns francezes, tanto da nossa equipagem como da do Capitão Geraldo, sabendo da nossa chegada, e que ainda não tinha vindo o Sr. de Rasilly, demorando-se mais de duas horas, mandou alguns dos seos criados á nossa barca, longe da

terra mais de um quarto de legoa, cumprimentar-nos, e offerecer-nos pão, vinho, e carne em abundancia.

Sabendo os Indios tambem da nossa chegada, e descubrindo-nos das praias, e não querendo esperar o nosso desembarque, que lhes parecia mui demorado, muitos, cheios de dedicação, de impaciencia e de curiosidade, embarcaram em suas canôas, e vieram tambem visitar-nos.

Logo á primeira vista trataram-nos como se estivessem acostumados a ver-nos, conversando comnosco muito familiarmente.

Chegando a *Jevirée* o Sr. de Rasilly, e sabendo da nossa chegada, mandou buscar-nos por algumas canôas, visto a nossa barca não poder encostar em terra.

Vestidos nós quatro de sobre-pellises brancas, empunhando bastões tendo nas extremidades superiores Cruzes e Cruxifixos, desembarcámos na companhia do Sr. de Pezieux e de outros francezes.

Achámos na praia a esperar-nos o Sr. de Rasilly, o Sr. de Manoir, muitos francezes, fidalgos e soldados, tanto da nossa equipagem como da de quatro ou cinco Capitães de Dieppe, que ahi encontrámos, bem como muitos Indios e Selvagens.

Apenas entrámos na canôa, e que principiaram os remeiros a puchar para terra, foi-nos maravilhoso o vêr muitos Indios e Selvagens atirarem-se n'agoa, e nadarem para nos apresentarem seos agrados, e virem ao nosso encontro.

Com tal companhia, graças á Divina Providencia, chegámos ao porto desejado.

Ao sahirmos da canôa, quando pozemos o pé em terra, ajoelharam o Sr. de Rasilly e todos os francezes, e depois de nos terem saudado e abraçado, comecei a entoar o *Te-Deum Laudamus*, caminhando em procissão na boa companhia dos Francezes e muitos Indios.

Cada um de nós derramava muitas lagrimas de satisfação e alegria por sermos os primeiros, que gozavamos d'esta felicidade, entrando com toda a confiança n'uma terra de infieis, tomando posse d'este novo Reino, em nome do Rei dos Reis, o Redemptor do Mundo, Nosso Salvador Jesus Christo.

Louvámos a grandesa de Deos, entoando em altas vozes canticos de louvores no meio d'estes povos até então rebeldes á Magestade Divina, porem agora caminhando em procissão alegres e satisfeitos, vendo os agradaveis e divinos raios da doutrina evangelica, offerecidos com tanta bondade pelo Salvador do Mundo, que é o verdadeiro Sól da Justiça.

Findos o *Te-Deum Laudamus* e algumas outras orações retiramos-nos todos quatro com os Srs. de Rasilly e de Pezieux á casa do Sr. de Manoir, onde á tarde nos offereceo um banquete, tão explendido como se poderia fazer em França, pois tinha muita variedade de caça e de carne, preparada ao gosto francez: houve muito bom vinho, pratos de meio, e bons doces por sobre-meza.

Não podendo os Indios fartarem-se de nos vêr, vinham os Principaes e velhos, (unicos a quem se permittio entrada), comprimentar-nos á seo modo e com toda a bondade que podiam.

Os Indios, que não tiveram permissão para entrar, olhavam-nos com attenção atravez das taboas, de que era construida a casa, sem se admirarem de nós, o que mui facilmente podiamos reconhecer pelo respeito, que nos tributavam.

Depois da ceia despedimos-nos do Sr. de Manoir, e julgámos acertado embarcarmos-nos todos quatro, na companhia do Sr. de Rasilly, em botes pequenos dos Capitães do Dieppe e passar a outra banda do mar, distante uma legoa ou le-

goa e meia de *Jevirée*, ou pouco acima do logar já marcado para a edificação do *Forte*.

Ahi chegàmos um pouco tarde, e como não houvesse uma só casa, abrigámos-nos debaixo de arvores grandes, e ahi repousámos e passámos a noite.

Querendo os Indios mostrar a sua alegria e contentamento pela nossa vinda, muitos logo pela manhã se chegaram ao Sr. de Rasilly e a nós, e começaram a fazer palhoças e choupanas com ramos de palmeiras para nossa moradia até se preparar o lugar escolhido para o Forte, e ahi proximo a elle marcámos um terreno, onde se devia construir uma capella, e uma casa para nossa residencia.

Rotearam tambem uma bonita praça no alto de uma pequena collina, ahi proximo, cortaram todas as arvores circumvisinhas, preparando-a o melhor possivel afim de levantar-se ahi uma barraca, e debaixo d'ella um altar portatil, que levavamos.

No domingo seguinte, 12 de agosto, cada um de nós quatro celebrou o santo sacrificio da Missa com contentamento mais facil de imaginar-se do que de descrevêr-se por ser impossivel fazêl-o, limitando-me apenas a dizer, que não foi sem mysterio, que Deos quiz por sua providencia, que n'esse dia, no qual a Igreja Romana, e particularmente a nossa Ordem, celebra a festividade da bemaventurada Santa Clara, fosse pela primeira vez e nesse lugar offerecido o Augusto Sacrificio, com que Elle illuminou este novo Mundo pela nova luz deste verdadeiro Sol Divino, nosso Salvador, Jesus Christo, como outr'ora nesse mesmo dia elle tinha alumiado o Universo pela nova luz do nome, da vida, e dos milagres desta gloriosa santa.

Desnecessario é perguntar, si estas pobres creaturas gostavam de vêr as bellas ceremonias, que se fazem na celebração deste divino mysterio, e particularmente os lindos

ornatos, de que nos revestimos, julgando, que debaixo d'elles se achavam os mysterios, que não comprehendiam: não lastimavam o tempo, que gastavam admirando tão bellas ceremonias.

Quando chegavamos ao offertorio, fechavamos a porta da barraca por não permittirem as ordenações da Igreja, que este divino mysterio seja presenciado senão por fieis christãos: mostravam-se por isto mui pezarosos e admirados, tanto por se acharem privados da satisfação de verem como pela offensa, que n'isto enchergavam.

Alguns, até mesmo os catholicos, mostraram-se escandalisados, por serem pouco instruidos n'esta separação de cathecumenos e infieis, conforme manda a Igreja, quando se chega ao offertorio, e durante este divino mysterio, não sem grandes razões.

Finalmente conseguimos abrandal-os, e conhecendo os indios, que não podiamos admittir nessa occasião senão os baptisados e recebidos no numero dos filhos do grande *Tupan*, manifestaram logo ardente desejo de se instruirem e baptisarem, para á seo bel-prazer gozarem das graças, e participarem dos admiraveis fructos, que se lhes fazia comprehender dar o Salvador do Mundo, ali presente real e perfeitamente neste Santissimo Mysterio.

D'ahi em diante, quando estavam assistindo á Missa, e que se fechava a barraca, retiravam-se de boa vontade, contentando-se de imaginar o que não podiam vêr: assistiam porem constantemente aos baptismos até o fim como os francezes.

Em quanto estivemos nesses lugares, abrigados debaixo de arvores, e em *aiupaues* (choupanas) não nos faltaram viveres, pois caprichavam estes pobres selvagens de nol-os fornecerem em abundancia.

Todas as manhãs vinham os bons velhos, em ranchos, com suas mulheres e filhos, trazer-nos seos paneirinhos, feitos de folhas de palmeira, contendo peixes apanhados durante a noite, e mais outras couzas para nossa alimentação.

Desejando os Srs. de Rasilly e la Ravardiere construir um Forte para segurança dos Francezes e conservação do paiz, escolheram uma bonita praça [1] para esse fim, muito propria por ser n'uma alta montanha, e na ponta de um rochedo inaccessivel, superior a todos os outros e d'onde se descobre terreno a perder de vista, e embora separada da terra firme, é inconquistavel e muito forte por estar cercada de dois rios profundos e largos, [2] que desembocam no mar ao pé do dito rochedo, onde é o unico porto da Ilha do Maranhão, e n'elle podem fundear com toda a segurança navios de mil a mil e duzentas toneladas.

Reconhecendo os Indios a necessidade deste Forte por seo e nosso interesse, principiaram a trabalhar logo n'elle com muita alegria e sinseridade, construindo muitas cazas para os francezes, com pequenas arvores, que cortavam de 12, 15 e 20 pés, conforme a altura, que se desejava.

Enterrando essas arvores no chão uma contra a outra, elles as prendiam com outros pedaços de paus atravessados, com barrótes e cordas.

---

[1] O Largo de Palacio. Pensamos com o Commendador João Lisbôa, pag. 70, 2.° vol. de suas obras, e não com o Dr. Antonio Henrique Leal, pag. 82 de suas *Lucubrações*, que «julga ser no *sopé* d'essa montanha,» engano na traducção que fez de uma palavra d'esse trecho a pag. 66 da presente obra em francez.

[2] Rios *Anil* e *Buçanga*, que abraçam e se confundem banhando a base d'essa montanha.

Por cima de tudo isto estendiam ripas, e cobriam com folhas de palmeira, chamadas em sua linguagem *pindóba*, e com tal arte, que não deixava penetrar a chuva, e vista de dentro notava-se curiosa disposição ou arranjo.

Em pouco tempo edificaram muitas cazas d'essas, de um e dous andares com um grande armazem, onde arrumaram todos os generos, que trouxemos e que elles proprios foram buscar á bordo.

Com auxilio dos Francezes montaram no dito *Forte*, embora muito alto, vinte canhões grandes para sua defesa.

Junto a este Forte ha uma praça commoda e bonita: n'ella se encontram muito boas fontes e regatos, que são a alma de uma cidade, e ahi existem todas as commodidades desejadas, como sejam paus, pedras, barro, e outros materiaes para a edificação sem muito dispendio.

Em distancia de mil ou mil e duzentos passos ha um bonito lugar de recreio, onde existe uma fonte, especial pela limpidez e bom gosto de sua agoa viva e clara, que d'ella jorra,. e corre para o mar: é cercada de palmeiras, de guaiaco, de murtas, e de outras arvores corpulentas e grandes, onde se vêem muitas vezes monos, macacos e macaquinhos, que vão ahi beber agoa. [1]

N'este delicioso lugar os indios *Tupinambás* derrubaram grande numero de arvores, e um pouco á cima da fonte construiram uma grande e espaçosa caza para habitármos, e outra mystica para a celebração do Santo Sacrificio da Missa, servindo de Capella.

Demos a este lugar o nome de—Convento de S. Francisco. [2]

---

[1] Fonte ou tanque de Santo Antonio, na *cêrca* do Convento d'esse nome.

[2] Convento de S. Francisco então, hoje de Santo Antonio.

Aos Francezes, que não quizeram residir no Forte, conforme se havia combinado, foi permittido retirarem-se, como fizeram, em grupos de dez ou doze, e residirem onde bem lhes aprouvesse ahi pelas aldeias, hospedando-se com os Indios, que os convidavam para isso.

CAPITULO XI

Notavel discurso de Japy-açú, Principal da Ilha do Maranhão, e de algumas perguntas que nos fez.

Quando ainda nos achávamos abrigados debaixo das arvores e das *Arupaues* (choupanas), na baze do *Forte*, poucos dias depois da nossa chegada, *Japy-açú*, Principal de *Juniparão*, e o grande *Buruuicháue* da Ilha do Maranhão mandaram um de nossos interpretes, por nome *Migan*, [1] natural de Dieppe, ao Sr. de Rasilly afim de convidal-o de sua parte para ir á *caza grande*, e mandar lá armar sua rêde, conforme era costume, para com outros Principaes Indios, que ahi se achariam, assistir a uma reunião, onde devia tratar-se de negocio importante, e como elle *Japy-açú* desejava que fosse ouvido o seo discurso palavra por palavra, não se perdendo uma só, lhe pedia que lhe respondesse ás suas perguntas á proporção, que fossem feitas.

---

[1] David Migan, grande interprete dos Francezes. Quatorze vezes escapou das mãos dos Portuguezes, e afinal veio a morrer na batalha de Guaxïnduba. Vide *Jornada do Maranhão por ordem de S. Magestade feita no anno de* 1614, pag. 250 do 2.º volume das *Memorias* do Senador Candido Mendes de Almeida.

Dando Migan o seo recado, mostrou-se contente o Sr. de Rasilly, e mandou logo armar sua rêde, e n'ella se deitou immediatamente, como era costume do paiz, no meio da companhia dos Indios, onde tambem nos achavamos.

Pouco depois começou *Jupy-açú* a fazer o seguinte discurso, dirigindo-se ao Sr. de Rasilly:

«Estou muito contente, valente guerreiro, de tua vinda á esta terra para nos felicitares e defender-nos de nossos inimigos.

«Já começavamos a entristecer-nos vendo, que, não chegavam Francezes guerreiros sob o commando de um grande *Buruuichaue* para habitarem esta terra, e já tinhamos resolvido deixar esta costa e abandonar este paiz com receio dos *Peros* (isto é, Portuguezes) [1], nossos mortaes inimigos, e irmos embrenhar-nos pelos matos longinquos, onde nunca nos visse christão algum, passando o resto dos nossos dias, longe dos Francezes, nossos bons amigos, sem foices, machados, facas, e ou'ras mercadorias, e reduzidos á vida primitiva e bem triste de nossos antepassados, que cultivavam a terra e derrubavão as arvores com machados de pedras duras.

«Deos porém, teve piedade de nós—mandando-te aqui, não como os naturaes de Dieppe, pobres marinheiros e negociantes, porém como um grande guerreiro, trazendo mui bravos soldados para defender-nos, Padres e Prophetas para instruir-nos na Lei de Deos.

«Alcançarás grande fama entre as pessoas distinctas por haveres deixado tão bello paiz como a França, tua mulher,

[1] *Peros*. Na *Relação summaria das cousas do Maranhão* diz seo autor o Capitão Simão Estacio da Silveira, que esse nome de *Peros* parece ser por memoria de algum Pedro notavel, de que conservam os indios aquelle nome.

teos filhos, e todos os teos parentes para vires habitar esta terra, a qual embora não seja tão bonita como a tua e nem tenhas aqui todas as commodidades como lá, comtudo quando notares a bondade de nossa terra, tão abundante de caça de toda a qualidade, e de fructos, o mar e seus grandes rios replectos de infinitas especies de peixes, e um povo valente, prestes a obedecer-te, e a ajudar-te na conquista de todas as outras nações visinhas, tú exultarás de prazer, e quando te acostumares aos nossos viveres acharás que a nossa farinha não differe muito do teo pão, que já comi muitas vezes.

«Quanto ás cazas, fortalezas, e outras obras manuaes, n'ellas trabalharemos todos, afim de seres forte e poderozo contra todo o mundo, e todos nós morreremos comtigo.

«Nossos filhos aprenderão a lei de Deos, vossas artes, e sciencias, e com o tempo serão vossos iguaes, se formarão allianças de parte á parte, embora de hora em diante todos nós sejamos francezes.

«Quanto ao mais, estamos bem contentes de nos haveres trazido Padres e Prophetas, porque os maldictos *Peros*, tão crueis para nós, só nos lançavam em rosto, que não adoravamos a Deos.

«Desgraçados! Ah! Como haviamos de adoral-o, senão nos ensinavam antes a conhecel-o, e a invocal-o?

«Como elles apenas sabiamos, que havia um ente, que tinha creado todas as coisas, que era bom, e que nos deo a alma que era immortal.

«Acreditamos ainda, que por maldade dos homens, Deus espalhou o diluvio por toda a parte para castigal-os, e reservou d'este castigo apenas um bom Pae, e uma boa Mãe, de quem descendemos, ficando apenas vós e nós.

« Depois do diluvio Deos enviou seos Prophetas, que tinham barbas, para instruir-nos na Lei de Deos.

«Apresentaram estes Prophetas ao Pae, de quem descendemos, duas espadas, uma de pau e outra de ferro, e lhe pedio que escolhesse.

«Elle achou muito pesada a espada de ferro, e por isso escolheu a de pau, e o Pae, de quem descendeis, tomou a de ferro.

«Fomos depois disto bem infelizes, porque vendo os Prophetas, que a nossa gente não acreditava n'elles, subiram para o Céo, deixando vestigios de suas pessoas e de seos pés, gravados em cruz na rocha proxima a *Potyu*, [1] que viste tão bem, como eu (dirigindo-se a Migan.)

«Appareceo depois d'isto a diversidade de linguas—entre nós, que apenas fallavamos uma só.

«Como não nos entendiamos, perseguiamos-nos reciprocamente, e com isto muito folgava o diabo *Jeropary*.

«Depois de tantas miserias, para se completarem nossas desgraças, esta maldita raça de *Peros*, tomou nossa terra, destruio esta grande e antiga nação, e reduzio-a a pequeno numero, como podes saber, que é actualmente.

«Agora porem nada tememos, porque tú chegaste, e com tua boa gente has de restituir a nossa nação á sua grandeza primitiva.

«Finalmente tenho muita esperança em tua bondade e brandura, porque me parece vêr, entre teos modos guer-

---

[1] Consultando o distincto maranhense o Sr. Coronel Francisco Raimundo Corrêa de Faria a respeito d'este nome, d'elle colhemos estas informações.

Poty-iu ou é *Poty-iu*, espinho ou ferrão de camarão, ou então *Potu-u*—descançar.

Talvez dessem a esse lugar o nome de *espera* ou *descanço*.

Por exemplo—estivemos em *Poty-iou* (em Potuu) isto é, «no lugar onde se costuma parar para descançar.»

Sempre nas viagens os Indios buscavam lugares já sabidos para descançar.

reiros, maneiras affaveis e proprias de uma personagem, que nos governará mui prudentemente; e ainda te digo, que quanto mais distincto é o berço de um homem e quanto maior fôr o seo poder sobre os outros, mais docil, obsequiador e clemente deve ser, porque os homens, especialmente os d'esta nação, mais facilmente se levam pela brandura do que pela violencia.

«Quanto a mim sempre segui esta maxima com os meos subordinados, dando-me sempre muito bem. Tenho tambem notado entre os Francezes, e si o contrario acontecesse, esconder-nos-hiamos nos bosques, onde ninguem nos descubriria, alimentando-nos de muitos fructos e raizes, que Deos nos deo, e que conhecemos.

«Quanto ao nosso modo de viver, ao uso de matarmos nossos escravos, de trazer os cabellos compridos, de furar os beiços, de dançar, e de fazer outras cousas iguaes, entregamos-nos a ti, e só faremos o que quizerdes, e ordenardes. Os *Peros* antigamente nos maltratavam, praticando em nós muitas crueldades, só porque traziamos os beiços furados, e os cabellos compridos, e mandavam rapar nossas cabeças como signal de infamia. Á este respeito dize-nos qual é a tua vontade, nós a ouviremos, e depois nos resolveremos a obedecer-te.»

Ficaram todos admirados vendo e ouvindo o discurso d'este velho tão valente como veneravel. O Sr. de Rasilly respondeu-lhe assim:

«Louvo muito tua prudencia, antigo amigo dos Francezes, considerando a miseria e a cegueira de tua Nação, não só relativamente ao conhecimento do verdadeiro Deos, mas tambem das cousas necessarias ao uzo do homem.

«Alegraste-te com a minha chegada e com o projecto, que tenho de risidir na tua terra: causa muita pena vendo que tua Nação outr'ora tão grande e tão temida, e agora

tão pequena, se perdesse inteiramente em longinquos desertos no poder de *Jeropary*, privada não só da bella luz e conhecimento do grande *Tupan*, mais tambem da convivencia dos Francezes, e dos generos que elles sempre vos forneceram até mesmo durante a perseguição dos *Péros*.

«Este facto tão triste de tal sorte commoveo a coragem do meo Rei, que elle me mandou em companhia de outros para vos auxiliar, tanto com o meo procedimento como por minha coragem, e pelo valor dos bravos Francezes que eu trouxe.

«Não foram nem a belleza, e nem a riqueza de tua terra, que me trouxeram aqui, pois não ha paiz algum debaixo do sol mais bonito e mais rico do que a França.

«Foi sim o desejo de serem vossas almas, depois da vida d'este mundo, livradas da condemnação eterna e dos tormentos de *Jeropary*, e conduzidas, cheias de felicidade, ao Céo, onde existe Deos, e todos os bons christãos, que são seos verdadeiros filhos, e que ahi vivem descançados com Elle: foi tambem o desejo de salvar de vossos inimigos vossos corpos, bens e familias: eis os dous motivos que aqui me trouxeram.

«Não sentirei deixar minha patria, minha mulher, meos filhos, e meos parentes, si conhecer que tendes vontade de servir e adorar o verdadeiro Deos, e de serdes fieis e obedientes aos Francezes, e não vos abandonarei.

«Quanto ás commodidades, que dizes haver eu deixado em minha patria, na verdade são grandes e mui differentes sem comparação alguma das que tenho aqui, porem é só proprio das naturezas afeminadas e fracas o pensar em couzas tão pequenas, e eu acostumei-me na minha profissão a comer de tudo, e a soffrer todos os incommodos inherentes á guerra.

«Quanto ao auxilio, que tu e os teos nos prestam para edificar nossas fortalezas, receberemos para tua e nossa segurança, e o nosso estabelecimento será o beneficio e a riqueza do vosso paiz e de vossos vindouros, iguaes d'ora em diante á nós, e que saberão o que nòs soubermos.

«Quanto á crueldade dos *Pêros*, eu traçarei minha vida e a de todos os francezes antes de desembarcarem n'esta terra, e relativamente aos costumes antigos, que praticaes por loucura da ignorancia, como sejam o matar e comer escravos, bem sabeis o que prometteste antes de nossa vinda, e por isso aqui não ficarei si não abandonardes este costume diabolico, tão contrario á vontade de Deos.

«Não me desagrada, e pelo contrario quero que conserveis os cabellos compridos: a respeito de vossos beiços furados, desejo que por vós mesmos seja abandonado este costume tolo, por isto não vos farei mal algum, embora eu aprecie mais aquelles, que o desprezarem por amor de minhas reflexões: finalmente quanto á vossas danças eu as approvo quando feitas, como as nossas, para distracção.

«Quanto ás leis, que desejo estabelecer entre vós, serão só as de Deos, e as executadas em nossa terra, e o meu governo será brando e razoavel, e n'isto não me avaliaste mal, convindo porem que sejaes lhanos e bons como os francezes.

«Quanto aos maus, que desejarem ser malignos e filhos de *Jeropary*, digo que não vim cá por elles, e sim unicamente pelos bons, e pelos que quizerem ouvir os Padres, e obedecer ás suas ordens, e elles vos dirão o resto a respeito de *Tupan*, do diluvio, e dos antigos Prophetas.»

O Padre Ivò, ahi presente, tomou a palavra, e disse a *Japy-açú:*

«Tudo quanto disseste de Deos, de ter creado todas as cousas, o Céo, o ar, a terra, o mar, e tudo quanto existe no Mundo, é verdade.

«Sua cólera justa contra os peccadores, ingratos por seos beneficios, sua vingança por meio do diluvio, a vinda dos prophetas entre vós, os signaes, que vistes, e comvosco muitos francezes nos rochedos de *Potyiu*, a divisão da vossa linguagem, as guerras, os assassinatos, e as perseguições dos *Pêros*, tudo é verdade.

«Acontecem todas estas desgraças e castigos aos que não querem ouvir a palavra de Deos pela bocca dos Prophetas, e preferem viver adstrictos á amaldiçoada crença de *Jeropary*, inimigo mortal do homem.

«Mas quando Deos, que é inteiramente bom, castigou por muito tempo os peccadores, vendo-os humilhados e como que reduzidos ao nada, quando recorreram a Elle, foram levantados da miseria, ficando mais felizes do que nunca foram.

«Deve aproveitar-vos o exemplo de vossos Paes, afim de não fazerdes agora o que praticaram outr'ora, porque Deos mandando-nos aqui pela ultima vez para vêr se desejaes ser filhos d'elle, si fordes imprudentes e tão infelizes a ponto de não ouvil-o, sereis então mais desgraçados do que nunca, e vossa nação ficará inteiramente arruinada.

«Si porem vos submetterdes á vontade de Deos, ouvirdes sua palavra, e seguirdes seos mandamentos, nunca sereis abandonados por nós, que daremos a vida por vossa conservação, e os bons francezes tambem não deixarão vossa terra, em quanto aqui residirmos.»

O veneravel velho *Japy-açú* prestou muita attenção, bem como todos os Indios ahi presentes, e replicou assim:

«Alegrei-me muito quando vos vi, e não faltarei á minha palavra. Admiro-me muito como vós outros Padres não quereis mulheres. Descestes do Céo? Nascestes de Pae e de Mãe? E então! não sois homens como nós? E como, não só não quereis mulheres como os outros francezes, que comnosco

egociam ha quarenta e tantos annos, mas tambem impe-
is agora que elles se sirvam de nossas filhas, o que repu-
amos grande honra e nobreza, pois podem ter filhos?»

É verdade ser este facto reputado um favor muito grande,
porém vendo que os Francezes de nossa companhia não se
entregavam a tanta liberdade como os nossos antecessores,
julgavam isto um desprezo para elles, e pouco apreço ás
suas filhas, das quaes algumas, cheias de desespero, mani-
festavam desejos de se retirarem para as matas, por não
serem queridas pelos Francezes, chamados por ellas—seos
bons compadres.

Respondeo-lhes assim o Revd. Padre Ivo:

«Admiro-me de tuas palavras, e até estranho-as, pois
por ti mesmo podes verificar si nós somos homens forma-
dos de corpo e alma, nascidos de Paes e Mães como tù, e
que não descemos do Céo, embora nossas almas têrem sua
origem immediata de Deos, que as cria dentro dos corpos
organisados no ventre da Mãe, e por isso nunca estiveram
ellas no Céo, e nem de lá desceram, e muito menos os nos-
sos corpos, como se infere de tuas palavras.

«Sendo homens como tu, e por isso não estamos isentos
da morte, desgraça inevitavel, e sentença irrevogavel do
grande *Tupan,* que deve todo o homem morrer como cas-
tigo do nosso primeiro Pae.

«Quanto a vossa pergunta sobre mulheres, devo dizer-
vos, que Deos ordena, que não nos cazemos, e nem tenha-
mos mulheres em nossa companhia afim de servil-o com
mais pureza, para que seos Sacramentos sejam tocados so-
mente por quem viver em continua castidade.

«Quanto aos outros christãos, que são seos Filhos pelo
baptismo, Deos lhe concede liberdade de se cazarem, se
lhes apraz, porem com uma mulher só e unicamente, e as
mulheres consentem tambem que tenham um só e unico

marido sem nunca poder deixal-o: si por ventura se separam marido e mulher, não podem buscar outra união, por que os homens, que tem muitas mulheres e as mulheres muitos homens não são verdadeiros filhos do grande *Tupan*, porem servos de *Jeropary*, que é o diabo.

«Si algum de vós deseja ser filho de *Tupan*, e receber o santo baptismo, convem que se resolva a deixar a pluralidade de mulheres, que entre vós se permitte. Pertence a vós decidir.

«Não nos importamos com estas cousas, pois aqui não viemos para vos contrariar em o que quer que seja, mas para vos ensinar, com toda a brandura possivel, qual é o verdadeiro *Tupan*, e como se deve servil-o e adoral-o.

«Si os francezes recusam vossas filhas, não é por ordem nossa, e somente nós lhes lembramos, que são Filhos do grande *Tupan*, que prohibe tal abuso, e como taes não devem desobedecel-o.

«É deshonra para vós a prostituição de vossas filhas, e o entregarem-se ellas a quem quer que seja, como fazem, bem mostrais que sois filhos de *Jeropary:* si desejais evitar os tormentos, que elle vos prepara, convem deixar todos estes maus costumes, e serdes verdadeiros filhos de *Tupan*.»

Replicou o bom velho, [1] pedindo que não nos admirassemos de taes perguntas, que tinha estimado muito, que lhe fallassemos com franqueza, porque (dizia elle) entre os *Peros* haviam alguns, que se diziam padres, que procura-

[1] O Sr. de la Ravardiere disse ao Sargento-mór Diogo de Campos Moreno, quando foram expulsos os Francezes, que este Indio e outro chamado *Brazil* «eram homens, para Indios, de muito entendimento.» Vide *Jornada do Maranhão*, obra já citada. Diogo de Campos diz que Ravardiere o chamou *Xupiasú*, Ber-

ram convencel-os de cousas iguaes, afiançando que não deixaria de contar á seos similhantes, ahi não presentes, as grandes maravilhas, que ouvira e que admirára com outros, que ahi se achavam.

Depois d'isto retirou-se cada um para onde quiz, e nós desconfiamos, que o verdadeiro fim destas perguntas era uma certa historia, que já tinhamos sabido dos Francezes, e que depois ouvimos dos proprios Indios, como se lerá no Capitulo seguinte.

---

redo, nos seos *Annaes do Maranhão*, *Japy-Assú*, e nós assim o escrevemos, apoiado no pensar, por demais auctorisado do illustre Sr. Coronel Francisco Raimundo Corrêa de Faria, mestre, muito habil, da lingua indigéna.

No *Diccionario da Lingua de Tupy* de A. Gonçalves Dias não ha a letra—S—, e o mesmo acontece no, hoje rarissimo, *Diccionario portuguez e braziliano ou da lingua geral do Brazil*, pelo veneravel Padre Luiz Figueira, da Companhia de Jesus, impresso *em MDCCXCV, Lisboa.*

CAPITULO XII

Historia de certo personagem, que se dizia ter descido do Céo.

Haverá 7 annos, que certo personagem, cujo nome e qualidade calarei por circumstancias, vendo, que os Indios *Tupinambás,* que antigamente moravam no Tropico de Capricornio, se haviam refugiado na Ilha do Maranhão, e suas circumvisinhanças, evitando o dominio dos portuguezes, sahio de Pernambuco, com um seo companheiro trazendo alguns portuguezes, e oito a dez mil Indios, entre homens, mulheres e meninos, todos da mesma nação, ahi existente.

Não se sabe si suas intenções eram bôas ou más, embora se reconheça não ter elle, sem grande resolução e particular designio, emprehendido tão longa viagem de 500 à 600 legoas, por entre medonhas florestas, e temiveis desertos, com muitos incommodos, sendo o primeiro a difficuldade de aprender a lingua dos ditos Indios, que elle manejava tão perfeitamente como se fosse natural desse paiz.

Fazia pequenas viagens por dia por causa dos mais fracos da sua comitiva.

Durante a viagem os membros desta grande comitiva alimentavam-se somente de raizes, que extrahiam da terra, de fructos de arvores, de peixes, que apanhavam, de passaros, e de outrasespecies d'animaes que agarravam, com farinha, que tra-

ziam, e onde lhes faltou esta, ahi ficaram para plantar *Mandioca*, e se demoraram até que podessem fabricar farinha.

A fadiga de tão longa e tão penosa jornada parecia não ser nada para essas pobres creaturas, tanta era a amisade e a estima, que tributavam ao personagem, que os conduzia, tendo adquirido entre elles tal nome a ponto de ser considerado como um—grande Propheta.

Dava-lhes a entender, e lhes fazia crer, por gracejo ou malicia, não ser homem nascido de pae e de mãe como os outros, e sim haver sahido da bocca de Deos, o Pae, e que este o mandara baixar do Ceo para vir annunciar a sua palavra.

Dizia ser elle, quem fazia a terra produzir, para o que mandava sol e chuva, e era o auctor de todos os bens, e alimentos que tinham e gosavam: de facto soube dos da sua comitiva, que tendo necessidade de vinho e de outras coisas, ficava um pouco atraz, e levantando os olhos para cima, dizia em voz bem clara—Meo Deos, meos pobres soldados precisam de vinho, ou de outra coisa qualquer, eu vol-a peço,—e pouco depois trazia algumas garrafas de vinho, ou o que elle havia pedido, dizendo ter recebido de Deos, o que causava geral admiração.

Fazia o mesmo para haver agoa quando tinha necessidade para tanta gente, e depois de ter feito a prece, mandava que alguem cavasse a terra asseverando encontrar-se agoa no lugar por elle indicado, e na verdade os que o viram me disseram, que ella não falhava embora nunca fosse vista ahi.

Estas e outras coisas o faziam muito estimado entre esse povo, que não sabia como explical-as.

Quando se lhe pedia para comer ou beber, dizia não ter necessidade, como os outros homens, de alimentar o corpo

para viver, pois se nutria de um licôr, por Deos mandado do Ceo, passando como certo nunca Indio algum tel-o visto comer ou beber.

Seo companheiro alimentava-se como os outros comendo e bebendo, e quando este personagem trazia as coisas, que por seo intermedio, (como fazia crêr) Deos miraculosamente lhe mandava, seo companheiro, sem escrupulo partilhava dellas com os soldados, porem elle nada queria, a não ser a sua carne celeste, como dizia: si tomava outro alimento, era tão ás escondidas, que ninguem o via, e por combinação entre elle e o seo companheiro: tal era o modo de pensar dos mais judiciosos.

Chegando este personagem e toda a sua comitiva ao paiz dos *Canibaes*, acamparam-se na montanha chamada *Çotiua* em cujo cimo haviam sete a oito aldeias de Indios, que sabendo de tal vinda, tudo abandonaram com receio, e se refugiaram logo na grande montanha de *Ibuyapap*, visinha de Cotiüa, e distante della apenas uma legoa.

A montanha de *Ibuyapap* é muito alta a ponto de serem necessarias quatro horas de caminho para chegar-se ao seo cume, onde ha uma grande e larga planicie, muito bonita, com mais de 24 legoas de comprimento e 20 de largura, donde lhe veio o nome de montanha grande.

Ahi existem boas fontes e rios d'agoa doce, (coisa admiravel) abundante de diversas especies de peixes por ahi desconhecidas: grandes campos e muitas florestas repletas de muitas qualidades de passaros e de outros animaes optimos para se comer: é uma verdadeira maravilha.

Alem d'isto é uma excellente moradia, por ser a temperatura do ar nem quente e nem fria, o que faz com que seja esta montanha muito habitada, e por isso n'ella existiam mais de 200 aldeias de Indios.

Chegando os habitantes de *Cotiüa* á esta montanha, narraram aos moradores deste lugar a causa de sua fuga, motivada pelo bando, que chegou á sua residencia.

Partiram immediatamente alguns, que ahi se achavam em companhia dos francezes, ahi residentes, dirigiram-se á essa montanha de *Cotiüa*, que acabava de ser invadida pelos portuguezes e indios de Pernambuco.

Em quanto se fortificavam os portuguezes n'uma das aldeias abandonadas, os habitantes de *Ibuyapap* occuparam-se durante a noite no córte de paus, e na manhã seguinte edificaram um Forte na entrada da montanha, na distancia d'uma legoa das fortificações dos portuguezes.

A maior parte dos habitantes de *Cotiüa*, refugiada na montanha grande, vendo que seos amigos de *Ibuyapap* haviam construido tal Forte n'essa occasião esposando sua causa, uniram-se a elles, entrincheiraram-se e fortificaram-se muito bem contra seos inimigos.

Passados alguns dias, mais tranquillos e animados resolveram-se aproximar-se mais dos seos inimigos construindo outro Forte, longe d'elles apenas meia legoa, e mais seis, ficando o ultimo ao alcance de uma clavina, mui perto do lugar, onde estava intrincheirada a expedição de Pernambuco, guerreando-se cruelmente uns aos outros durante seis semanas, e morrendo alguns portuguezes, e muitos Indios de Pernambuco.

Achando-se o restante d'esta gente, que acompanhava o dita personagem, reduzida á extrema necessidade de fome, não tendo farinha e nem cousa alguma para comer, e nem mesmo esperança de obter quaesquer comestiveis, não chegaram á montanha grande de *Ibuyapap*, (o que não conseguiriam por causa das trincheiras e Fortes que encontrariam no caminho a embaraçar-lhes o passo) já meio desanimados, resolveram-se n'um domingo, depois do meio dia atacar a

primeira fortalesa, a mais proxima á elles, com flexas, arcabuzes, e mosquetaria, e o fizeram com tal coragem, que não só a escalaram esta, mas tambem a segunda e terceira, e como ficassem gravemente feridos muitos francezes, desanimaram muito, mormente vendo tomadas suas tres praças, e convencidos, que não poderiam resistir á tão grande exercito sem risco de suas vidas, retiraram-se para a grande montanha de *Ibuyapap*, e quando ahi chegaram lançaram logo fogo em muitas aldeias suas, que se achavam no começo da montanha para que os portuguezes não encontrassem abrigo algum.

Não foram tão diligentes como suppunham, porque seos inimigos, que de perto os seguiam, encontraram ainda uma grande aldeia chamada—*Ararenda*—em lugar alto e elevado, não queimada, onde se acamparam e fortificaram muito bem.[1]

Vendo isto os habitantes da montanha, construiram tambem vis á vis de *Ararenda* uma praça forte, a que chamaram *Roüacam*, onde se recolheram, e de tal sorte se entrincheiraram a ponto de prohibirem a passagem dos seos inimigos para diante.

Guerreiaram-se cruelmente durante um mez, succumbindo nessa lucta muitos de Pernambuco.

Vendo o dita personagem e o capitão do exercito portuguez a nenhuma vantagem resultante d'esta lucta, julgaram conveniente mandar uma mulher, sua prisioneira, com uma carta dirigida aos francezes, moradores com os Indios na montanha, na qual lhes pedia, que viesse um d'elles com

[1] Era a maior povoação da Serra d'Ibiapaba. Ahi os primeiros Missionarios da Companhia de Jesus, os Padres Francisco Pinto e Luiz Figueira, coadjuvados pelos Indios edificaram uma Igreja.

toda a confiança afim de conferenciarem nos meios de fazer-se a paz.

Recebida esta carta, mandaram os Francezes um dos seos ir ter com os Portuguezes no Forte de *Ararenda*.

Chegando ahi, principiou o tal personagem a dizer-lhe, que—muito se admirava, que sendo Christão, elle se tivesse alliado a selvagens e pagãos, para defender seu partido fazendo guerra tão desabrida aos Portuguezes, que sabia serem christãos como elle, e que finalmente o convidava para deixal-os, tomando um lugar ahi, caso quizesse ser protegido por Deos.

Respondeu-lhes o emissario Francez, que—tendo dado sua palavra aos Indios de *Ibuyapap*, si não a cumprisse, morreriam infallivelmente os outros Francezes, seos companheiros, e que assim elle só se entregaria, si todos os outros fizessem o mesmo, a que não se resolveriam uns e outros, sem que elle e os Portuguezes lhe dessem certeza de não lhes fazer mal algum, acreditando, que ahi tinham vindo apenas surprehendel-os, e leval-os como escravos para Pernambuco conforme já o haviam feito: eis a razão de empunharem armas, e de se collocarem na defensiva.

Immediatamente assegurou-lhe o Commandante, que não faria mal algum nem aos Indios e nem aos Portuguezes, que ahi tinham vindo somente para instruil-os no Christianismo, e entre elles viverem como bons amigos, que si quizessem entregar-se, elle assignaria tal promessa com seo proprio sangue, como prova de sua fidelidade, garantindo-lhes tambem sua vida.

Chegaram afinal a concordar, que n'um dos dias da paschoa se entregariam aos Portuguezes os ditos Francezes, e algumas trinta a trinta e cinco aldeias da montanha grande de *Ibuyapap*.

Alguns menos credulos e mais valentes não assentiram ao accordo, e entre outros *Jeropary*, (que significa o *Diabo)*, se oppoz com toda a energià, causando serios embaraços, fortificando-se muitos dos seos intimos em varios lugares, resolvidos à morrerem antes do que a serem escravisados pelos Portuguezes, de tal sorte ficaram impressionados, que embora abandonados pelos Francezes, e pelas aldeias já mencionádas, não deixaram de lhes fazer guerra sanguinolenta por espaço de um mez. Durante este tempo o personagem em questão fazia muitas advertencias aos Indios, que se haviam entregado, com o fim de afagal-os e tel-os de seo lado.

Para tornar-se mais digno de admiração, e com maior superioridade fazia-se carregar n'uma especie de andôr por dois Indios, nunca andando a pé, e assim percorria todas as aldeias.

Quando chegava a algum lugar, um dos principaes indios, que tinha trazido de Pernambuco, por nome *Tuputapucú* lhe servia de percursor ou batedor, porque ia pelas cabanas avisando que ahi vinha o *Pae grande*, e que era conveniente ser bem recebido, pois não descendia nem de Pae e nem de Mãe, como os outros homens, porem tinha sahido da bocca de Deos e descido do Céo para lhes annunciar a palavra Divina, e por tanto era necessario crer n'elle, e obedecel-o em tudo e por tudo.

Accrescentava tambem ser elle quem fazia luzir o Sol, quem mandava chuva em tempo proprio, quem fazia as plantas darem fructos, e quem prodigalisava emfim a abundancia de todos os bens; e que si não fosse obedecido, elle mandaria muitas molestias, a morte, a fome, e escravisaria a todos conjunctamente com seos filhos.

Apenas acabava de fazer esta arenga, o sobredito personagem reunia todos os habitantes da aldeia, e lhes dirigià

a palavra confirmando tudo quanto havia elle dito, asseverando haver descido do Céo para annunciar-lhes a existencia de um Deos, e ensinar-lhes como deviam adoral-o, que fôra elle unicamente quem com sua palavra tinha feito renderem-se os Francezes, bem como todas as aldeias da montanha, que se lhe tinham entregado; e dizendo estas e outras couzas identicas passava dias e noites inteiras, com tal zelo e fervor, que segundo me asseveraram muitas testemunhas occulares e auriculares, entumecia-se-lhe exteriormente a garganta, causando-lhe muito mal a violencia com que fallava.

Da nova doutrina deste homem admiravam-se os Indios da montanha grande, perguntando muitas vezes aos Francezes, em quem depositavam confiança e não aos Portuguezes, si era verdadeira, si o que elle dizia era exequivel, si na França haviam entes iguaes com poder de fazer com que a terra désse fructos, e de mandar molestias, como elle se gabava.

Quanto á elles, accrescentavam, criam em tudo quanto se lhes dizia de Deos, que era um, e que devia ser adorado, obedecido e amado; mas que não acreditavam no que se dizia do referido personagem.

Respondiam-lhe os Francezes que tambem não convinha crêr n'elle, pois era falso tudo quanto dizia de si, e entre outros, um joven interprete Francez lhes disse, que havia um Deos, criador do sol e de todas as outras cousas, que o fizera luzir para nos allumiar, que era elle quem nos mandava chuvas em tempo proprio, fazendo por isso a terra dar fructos; que sem elle era impossivel a existencia de cousa alguma, que era elle o unico autor e doador de tudo quanto tinhamos; que não convinha dar credito á esse personagem, mormente não fallando verdade, e nem sendo possivel viver sem comer e nem beber.

Fizeram tanta impressão as palavras deste joven francez no animo dos Indios da montanha grande, que immediatamente principiaram a desprezar tal personagem, quando antes o tinham por um grande Propheta, e agora o consideravam como um notavel mentiroso, impostor e homem mau, acreditando ser para enganal-os tudo quanto fazia.

Combinaram logo matal-o como um scelerado, que era, bem como seo percursor *Tuputapucú,* e logo os Principaes e velhos da aldeia, que se lhe haviam rendido, metteram-se n'este meio para persuadirem aos Francezes, que deviam matal-o, ou pedir-lhes que lhes dessem alguma cousa para envenenal-o, e fazel-o morrer (diziam elles), por ser um homem mau, que os queria illudir e enganar com sua doutrina falsa.

Passados alguns dias, quando, segundo seo custume, era carregado por dois Indios para ir prégar pelas aldeias, depois de algumas palavras dirigidas aos que o levavam e o acompanhavam, lhes perguntou qual a ideia, que formavam d'elle.

Responderam-lhe, que o consideravam um grande Propheta, descido do Céo.

Replicou-lhes, si não o temiam, e uzou de mais outras expressões não mui agradaveis aos seos companheiros, porque este povo tem muita aversão ás bravatas, e só deseja ser tratado com amor, e enxergou em táes expressões não docilidade, e sim uma especie de ameaça, e por isso apenas acabou de fallar, pararam seos carregadores, e lhe disseram:—Perguntas, si nós te tememos? pois sim, vê agora qual o nosso mêdo—, e atiraram-no do andôr abaixo dentro de um lamaçal, apuparam-no, e ahi o deixaram, sahindo elle depois com grande difficuldade, e com auxilio de alguns outros.

Poucos dias depois resolveram com os Portuguezes e os Indios seos companheiros, ajudados pelos Francezes rendidos, assaltar a aldeia de um afamado *Jeropary*, que lhes fazia guerra cruel.

Finalmente n'um domingo pela manhã, tres semanas ou um mez depois da paschoa, em quanto os Francezes e Portuguezes atacavam pela retaguarda da aldeia, este personagem empunhando uma espada, accommettia-a de escalada, e quando trepava as trincheiras de madeira, que cercavam a referida aldeia, atirou-lhe o filho do dito *Jeropary* uma flecha, que trespassou-lhe a garganta, e cahindo para traz, ficou prezo e pendurado por um pé.

Vendo-o este indio em tal posição, não contente com o que lhe tinha feito, lançou mão de um *Tociúart*, (especie de flexa tendo na extremidade uma certa qualidade de canna muito rija, com um pé de comprimento, e tres dedos de largura, tão aguçado como um chuço), e com ella pela segunda vez trespassou-lhe o lado, por onde sahiram as entranhas, e assim o lançou de cima abaixo.

Tuputapucú, muitos Portuguezes e Indios, que com elle vieram de Pernambuco, foram tambem mortos.

Os restantes (em pequeno numero), vendo que o referido personagem (por elles considerado como um Propheta), tinha morrido, depois de havel-o ahi enterrado, retiraram-se para Pernambuco.

Depois d'isto muitos Indios da montanha grande se retiraram para a Ilha de Maranhão, onde recordando-se ainda das falsidades da doutrina, e do tragico fim de tal personagem, cauzador de tantos males, bem razão tinham para nos fazer as perguntas já referidas.

CAPITULO XIII

Como foi a Cruz plantada em Maranhão, e a terra abençôada.

Achando-se tudo assim disposto, propozémos aos indios, que no caso de quererem alliar-se com os francezes, e abraçarem a Religião Catholica, Apostolica, Romana, como haviam promettido muitàs vezes, convinha antes de tudo plantar e arvorar em triumpho o estándarte da Santa Cruz, em testemunho do desejo, que tinham, de abraçar o Christianismo, e em memoria eterna do fim porque tomámos posse desta terra em nome de Jesus Christo, conforme os pedidos feitos por elles ao nosso Rei Christianissimo, ficando elles d'esta sorte, e em virtude de tão glorioso emblema vencedores de todos os seos inimigos, e libertados da cruel escravidão do barbaro *Jeropary,* que é o diabo, e gozando da feliz liberdade dos verdadeiros filhos de Deos após a regeneração da agoa do Santo Baptismo.

Agradou-lhes tanto esta nossa proposta, que deliberaram reunir-se á 8 de Setembro, dia da Natividade da Santissima e Immaculada Virgem Maria.

No dia marcado estavam todos, logo bem cêdo, com os francezes, e depois de havermos celebrado o Santo Sacrificio da Missa na nossa Capella, d'ahi sahimos todos em procissão até o *Forte.*

Na frente ia um gentil-homem levando agoa benta, outro o incenso, outro o thuribulo.

Atraz destes ia outro fidalgo conduzindo um lindo cruxifixo, presente do Sr. Manoir, indo ao lado d'elle dois mancebos indios, filhos dos Principaes, carregando dois castiçaes, com tochas accesas alumiando a Cruz.

Chamava-se um destes moços *Ioüy*, (depois Carlos, quando se baptisou) e era filho de *Japy-açu*, principal de toda a Ilha, e o outro era o filho mais novo de *Markoya Pero*, um dos maioraes do lugar; chamava-se *Patüa*, e era o mais pequeno dos seis rapazes, que levamos para França, e, pouco antes de morrer, nas agoas do baptismo teve o nome de Thiago.

Estes dois meninos indios eram da mesma idade, e foram pelo Sr. de Rasilly vestidos da mesma fórma, e a elle entregues desde a nossa chegada á Maranhão.

Nós quatro religiosos, revestidos de sobrepellises brancas, acompanhámos a Cruz com ordem.

Seguia-se depois o Sr. de Rasilly, Loco-tenente-general de suas Megestades, toda a nobresa, e afinal os outros francezes misturados com os indios.

Principiámos a cantar a Ladainha da Virgem Maria, como fizemos quando plantámos a Cruz na Ilha de Sant'Anna.

Chegando ao *Forte*, no lugar escolhido para plantar-se a Cruz, que era muito grande e ahi se achava prompta, cantou um de nós o *Te-Deum Laudamus*, e seguiram-se as outras orações.

Houve depois uma pratica, pela qual se demonstrou aos Francezes a gloria, a honra, e o merito, que alcançavam perante Deos e o Mundo, sendo os primeiros Apostolos, que tinham tão gloriosamente arvorado esse santo madeiro em terra d'infieis, e offerecido a Deos Pae este sacrificio, a Elle tão agradavel, do preciosissimo Corpo, e do Sangue de seo

unico Filho, nosso Salvador, pela celebração da santa Missa, pela primeira vez nestes lugares.

Acabada a pratica, o Sr. Des-Vaux fez comprehender aos Principaes dos ditos Indios, e a outros de sua nação, ahi presentes, o motivo e o fim da erecção da Cruz, que era como testemunho da alliança entre elles e Deos, e solemne protesto de abraçar a nossa religião, despresando inteiramente o maldicto Jeropary, que jamais podia existir diante desta santa Cruz, apenas abençoada, sendo obrigado a deixar a terra, quando fosse erguido este symbolo da Religião, pelo qual se obrigavam em primeiro lugar a deixar a má vida, que tinham, e especialmente a não comer mais carne humana, embora de seos maiores inimigos: em segundo lugar a serem obedientes ás leis e a tudo quanto lhes ensinassem os Padres, e finalmente a combater com valor sob este glorioso estandarte, e mil vezes morrer antes do que consentir que seja arrancada d'ahi essa Cruz.

Este discurso fez muita impressão no animo dos Indios, e manifestaram exteriormente a emoção, que sentiam, assegurando que voluntaria e satisfactoriamente acolhiam e abraçavam tudo quanto se lhes propunha, visto que de ha muito desejavam conhecer o Deos, que adoravamos, e aprender como devia ser obedecido e adorado, protestando nunca faltar á promessa feita solemnemente.

Foi depois a Cruz benzida conforme as ceremonias marcadas no Pontifical Romano, e adorada por todos: em primeiro lugar por nós sacerdotes, depois pelo Sr. de Rasilly, pelos fidalgos, e afinal por todos os Francezes, uns após outros.

Era digna de vêr-se a devoção e a boa ordem com que todos a adoravam, capazes de commover os corações mais duros.

Em quanto durou a adoração da Cruz cantamos o hymno *Vexilla, Regis prodeunt,* repetido muitas vezes até o versiculo *Crux, ave spes unica*

Depois dos Francezes foi a Cruz tambem adorada pelos Indios, uns após outros, com modestia e reverencia sem igual.

Adoraram-na primeiro os Principaes com particular devoção, como exemplo dado a todos os indios: estavam vestidos com bonitos sobretudos de côr azul-celeste, tendo por cima d'elles cruzes brancas adiante e atraz, que lhes foram dadas pelos Srs. Loco-tenentes-generaes para servirem n'esta e n'outras iguaes solemnidades: seguiram-se depois os velhos e pessoas antigas, e afinal todos os Indios presentes, com ordem, sem confusão, uns após outros, e de mãos postas ajoelhavam-se perante a Cruz, como nos viram fazer, adoravam-na, beijavam-na com todo o respeito, humildade e devoção como si fossem em toda a sua vida educados pelo Christianismo.

Pelo exterior não se podia julgar outra cousa senão o effeito d'este espirito divino, que prevenia estas pobres almas selvagens, e predispunha-as pela influencia de sua graça a abraçar a verdadeira Religião.

Difficilmente calculareis a abundancia de lagrimas que derramámos vendo velhos respeitaveis e crianças assim prostrados aos pés da Cruz.

Mas quem poderá explicar o fervor d'este povo ajudando nossos Francezes a erguerem este Glorioso Estandarte no meio de sua terra?

Caprichavam todos para levantal-a com indisiveis zelo e valor não pagões, porem verdadeiramente christãos, triumphando assim victoriosamente do maldicto e cruel Jeropary, que desde então e publicamente abandonaram por meio desta acção heroica e christã, despedindo-o e repellindo-o

de seo reinado afim de receberem e estabelecerem o soberano Monarcha do Céo e da terra Jesus-Christo.

Emquanto os indios levantavam e fincavam com toda a satisfação a Cruz, estavamos ajoelhados cantando o—*Crux, ave spes unica, in hac triumphi gloria* e o mais que ahi se segue, com a oração final, que a Igreja canta no dia da exaltação da Santa Cruz.

Pode vêr-se tudo isto na estampa seguinte, [1] que aqui pozemos para vêr-se o fervor e devoção dos indios, e o contentamento do leitor christão.

Nunca será possivel descrever-vos o nosso contentamento por tudo quanto viamos em cumprimento das promessas de Deos, á respeito de ser erguida aqui, n'estas longinquas re-

---

[1] Não nos foi possivel mandar copiar a estampa, que se vê no original francez por falta de gravadores.

Não se sabe ao certo onde no largo de Palacio foi erguido este segundo monumento historico pelos francezes.

A Cruz nunca mais foi renovada, e o tempo que tudo consome, não nos deixou d'ella, senão esta tradicção.

Infelizmente tambem perdeo-se o primeiro monumento, que Pedro Alvares Cabral levantou em Porto Seguro ao deparar com o Brazil.

A Cruz, como dissemos n'uma das nossas *Conferencias* na *Bibliotheca Popular,* com que Deos abençoára esta terra, desappareceo d'ali, e nunca mais foi substituida, como tanto seria necessario.

Embora as justas observações do Visconde de Cayrú na sua *Historia dos principaes successos do Brazil* tomo 1.°, pag. 100, do illustrado Coronel Ignacio Accioli nas *Memorias historicas da Bahia,* e do douto Sr. Barão de Porto Seguro (Francisco Adolpho de Varnhagem) nome tão respeitado, e autoridade tão notavel na *Historia do Brazil,* continua a persistir esta falta.

Ainda mais censuravel se mostra este procedimento, depois que o honrado patriota Coronel João Ladislau de Figueiredo e Mello, quando deputado a assembléa provincial da Bahia, propoz em sessão de 18 d'Abril de 1837, «que no lugar da primeira descuberta do Brazil se levantasse um Cruzeiro de marmore

giões, o signal da Cruz, quando pelo seo Propheta disse: *Ecce levabo ad gentes manem meam, et ad populos exaltabo signum meum* «eis-aqui, eu levantarei a mão para os gentios, e erguerei meo signal para os povos.»

Quantas graças e louvores não daremos á Deos, por sua Divina Magestade ter-se dignado, entre tantos povos, escolher-nos para plantar suas armas nos arraiaes dos que, até então, eram julgados rebeldes á suas santas leis, e onde nunca pessoa alguma havia emprehendido (ou pelo menos realisado) erguer e plantar este signal triumphante, como fôra, nesse dia notavel, levantado na Ilha do Maranhão com geral contentamento!

Erguida a Cruz, como já contei, foi benzida a Ilha ao som de muitos tiros d'artilharia do Forte e de nossos navios, em signal de regosijo.

O Sr. de Rasilly deo á fortaleza o nome de «*Forte de S. Luiz*»,[1] em memoria eterna de *Luiz XIII*, *Rei de França*.

---

preto sobre um Calvario do mesmo marmore, em quadrado de cantaria de tres degraus, guarnecido de balaustrada de bronze, em lugar da antiga Cruz de madeira», que elle suppunha ainda ali existir.

Cahio esse requerimento e «necessariamente devia cahir, porque como bem disse o Coronel Ignacio Accioli, as antitheticas *economias* do tempo assim o querem em objecto d'esta natureza.»

[1] O nome do *Forte de S. Luiz* depois estendeo-se a tôda a povoação, hoje cidade, e finalmente a toda a Ilha.

Em referencia á pag. 61 dizemos, que a Ilha da Capital foi chamada pelos Indios *Upaon-açu* (ilha grande) e depois *Ilha dos Tupinambás* pelas razões já ditas.

Os portuguezes denominaram-na *Ilha das Vaccas*, e depois do naufragio dos navios do Donatario João de Barros—*Ilha de Nazareth*.

Os francezes, que andavam a corso pelas costas do Brazil deram-lhe o nome de *Maranhão*, alguns Cosmographos—*Ilha de*

de Navarra, e ao fundeadouro, junto ao Forte, chamou «*Porto de Santa Maria*», recordando a—Rainha do Céo, a Sagrada Virgem Maria, cuja natividade se festejava n'aquelle dia em homenagem á sua Imagem na terra, Maria de Medicis, Rainha de França e de Navarra, Mãe e Regente de nosso Christianissimo Rei, que desejamos seja conservada por muito tempo pela—Bondade Divina.

ferro, pela abundancia, que então havia, deste metal, os companheiros de la Ravardiere—*Ilha de S. Luiz*, e Alexandre de Moura, quando tomou-a do poder dos francezes—*Ilha de Todos os Santos*.

Foram todos estes nomes esquecidos, e somente ficou o de S. Luiz.

CAPITULO XIV

Dos fructos, que deo a Cruz depois de plantada.

Plantada a Cruz n'esta terra abençoada, com satisfação geral, começou logo a fructificar como a palmeira, e a derramar suas admiraveis virtudes sobre estas infelizes creaturas, mostrando, que Deos tinha n'estes lugares almas destinadas para si, e sobre as quaes devia recahir tão utilmente seo precioso sangue.

Depois que elles mesmos se julgaram com dever de arvorar a Cruz de Nosso Salvador Jesus Christo, sentiram-se mais animados e desejosos de alcançarem o Christianismo, com maior zelo e fervor, fazendo Deos assim, por virtude d'ella, derramar muito mais o explendor de suas graças, ao meio das trevas de infieis.

Facil era de julgar isto ávista da devoção e pïedade, bem notorias e visiveis, que patenteavam estes selvagens, desejando todos ter um *Pay* (assim nos chamavam elles), em suas aldeias para ahi erguerem uma Cruz, (tanto era o amor, que lhe dedicavam desde a primeira vez, que a viram levantada na terra), instruil-os, baptisal-os, julgando, por ideias geraes e confusas, que conceberam desde a nossa chegada, serem estes meios a porta por onde podiam entrar para o Christianismo, e o unico meio de serem filhos de Deos, e partilharem da felicidade por estes gozada.

Continuamente vinham em bando somente para terem prazer de vêr-nos, ficavam algum tempo comnosco, assentavam-se (a seo modo), no chão por espaço de duas a tres horas, fallando uns, perguntando outros, com muito respeito e seriedade, e alguns guardavam silencio satisfazendo-se em olhar-nos, observando com attenção todas as nossas acções e actos, tanto nas horas da oração como nas do nosso serviço, quer estudando quer nas horas das nossas refeições, sem interromper-nos de modo algum.

Passavam outros o tempo mui satisfeitos e admirados vendo livros e alguns quadros nossos, e tirando d'isto objecto para discussão—com muita brandura e familiaridade.

Direi ainda, que muitos velhos, de veneravel presença, percebendo pelo nosso comportamento religioso, uma éra feliz mui diversa da sua, toda natural, convencidos pela luz, que então lhes apparecia, lamentavam sua vida passada, proferiam mil e mil queixas dorídas, com suas almas bem pezarosas, e dizendo já serem muito velhos, lastimavam que sua idade avançada não lhes permittisse vêr as boas coizas (diziam elles), que iam os Padres fazer n'esta terra.

Os mancebos, que viviam constantemente em nossa porta, pediam somente, que fossem instruidos, e informados da nossa crença afim de serem sectarios da doutrina evangelica, e unidos ao corpo mystico da Igreja; imitando aos que tanto admiravam.

Era coisa para maravilhar o vêr-se mães, que tem tanto amor a seos filhos a ponto de não perdel-os de vista, serem as proprias, que, desejando suas melhoras, procuravam deixal-os em nossa companhia afim de se instruirem e serem nossos iguaes, julgando n'isto consistir a felicidade d'elles.

Tão profunda era esta crença entre elles, que vendo como traziamos os cabellos em forma de corôa (costume dos religiosos), tanto lhes agradou isto, que alguns d'elles, pouco

depois, cortaram da mesma fórma os cabellos dos seos filhinhos, tão grande era o desejo de imitar-nos!

Quando vi os primeiros meninos assim, fiquei muito admirado, perguntando a mim mesmo, si era costume do paiz, onde os Indios o tinham aprendido.

Para esclarecer este ponto, perguntei ás mães, que em seos braços carregavam meninos de dois e tres annos, si de ordinario assim traziam os cabellos: responderam-me negativamente.

Porque então, repliquei-lhes, trazem estes assim os cabellos?

Porque vós outros *Pay*, (Padres) responderam-me, assim os trazem, e nós desejamos que nossos filhos vos imitem.

Disse logo, que eu tambem ficava muito alegre e contente, e que fôra para isso, que nós haviamos passado mares tão perigosos, e navegação tão longa, com muitos trabalhos e fadigas, expondo voluntariamente nossas vidas para vir aqui vel-as, e ensinar-lhes nossas crenças, e que si fosse do gosto d'ellas dar-nos seos filhos, depois de baptisados, nós lhes ensinariamos a ler e a escrever, e a muitas outras coisas, que os fariam grandes personagens com o tempo.

Responderam, que era esse o gosto d'elles, e por isso desejavam ter um *Pay* em cada aldeia.

Seria de vantagem incalculavel, para a instrucção da mocidade, a fundação em cada um d'estes lugares de um Seminario, como muitas vezes ahi dissemos, á vista de tanta colheita e de tão boa vontade.

Foi este o nosso projecto, desde que chegámos á Maranhão, e o teriamos realisado si fosse possivel, e ainda esperamos em Deos fazer esse estabelecimento quando houver maior numero de ecclesiasticos, conhecendo ser este meio o unico de chamar todos estes povos ao gremio de Nosso Senhor Jesus Christo.

Mas ah! O que poderiam fazer tão poucos trabalhadores no meio de tão vasta seara?

Quando levantavamos os olhos, e viamos estas regiões com as searas já maduras e em tempo de serem ceifadas, e nos lembravamos, que apenas existiam para esse trabalho quatro pobres religiosos, que mal balbuciavam a lingua indigena, sentiamos muita afflicção, e com sinceridade digo, que então echoavam em nossos corações estas palavras, que demonstram o dissabor do Propheta Jeremias quando disse: —*Parvuli petierunt panem, et non erat qui frangeret eis.* «Os meninos pediram pão, e para dal-o ninguem havia.»

Esta infelicidade de nos vermos em tão pequeno numero, ainda mais se aggravou com a morte de um dos nossos companheiros, retardando muito nossos exforços, não de todo estereis, pois quiz Deos abençoal-os com bons resultados.

Pario n'esse tempo em Maranhão uma India, que com seo marido trouxemos, com outros, da Ilha de Fernando de Noronha.

O mesmo aconteceo a outras do Maranhão, e todas ellas, cheias de natural devoção, vestidas de branco, trouxeram seos filhos, á maneira de França, para serem baptisados na nossa Capella de S. Francisco, como o foram, em presença de muitos velhos, e de outras pessoas, Indios e Francezes, com geral satisfação de todas as testemunhas de tão bonitas ceremonias, sendo estes os primeiros baptisados, que ahi se fizeram solemnemente.

Tudo isto augmentou-lhes mais o desejo de terem *Pay* e Prophetas em todas as aldeias deste Paiz.

CAPITULO XV

Da visita, que fizemos ás aldeias da Ilha do Maranhão.

Ainda que o pequeno numero de quatro, que eramos, antes da morte do Revd. Padre Ambrosio, não nos permittisse satisfazer os desejos dos Indios de ter cada aldeia um *Pay*, comtudo achámos acertado separar-nos, e fixar nossa residencia nos quatro lugares principaes da Ilha para contental-os, sem separar-nos muito uns dos outros afim de ser possivel ver-nos muitas vezes.

Antes disto, porem, o Sr. de Rasilly julgou necessario vesitar a Ilha e percorrer as suas aldeias em companhia de dous Padres, tanto para nos fazer conhecidos pelos Indios, como para nos pôr em boas relações com elles, (a maior parte ainda não nos tinha visto, e nem podido vêr), afim de conhecermos seos usos e costumes para depois com mais proveito annunciarmos a elles o fim da nossa vinda á estes lugares.

Embora tivesse necessidade de estar presente ás obras do Forte, e de cuidar de muitos negocios, o desejo porém de salvar as almas d'estes infelizes e o estabelecimento do Christianismo, lhe fazia dar preferencia a tudo quanto dizia respeito á Gloria de Deos e da sua Igreja, pondo de parte seos proprios interesses.

Approvando seo parecer, resolveo-se que eu o acompanharia, e tambem o Revd. Padre Arsenio, e despedindo-nos dos outros dous Padres, e recebendo suas bençãos, partimos de nosso Convento de S. Francisco, aos 28 de Setembro, vespera do Glorioso Archanjo S. Miguel, com o Sr. de Rasilly, o Sr. de Launay, seo irmão, e Sr. Des-Vaux, tres criados do primeiro, e alguns Indios.

Levamos oleos sagrados, sobrepellises brancas, estóllas, e tudo o que é necessario para administrar sacramentos, e exercer outras funcções exigidas pela necessidade.

Pendentes ao pescoço pelos caminhos levavamos os Crucifixos, e quando chegavamos ás aldeias, nós os punhamos nas extremidades superiores dos bastões, que empunhavamos.

Bem defronte da nossa residencia embarcámos em canôas, e os Indios as remaram pelo rio *Mayuiie* [1] até já pelo fim da tarde quando chegamos a *Torup*, [2] aldeia mais proxima.

Immediatamente foi convocada reunião geral pelo Principal da aldeia, onde residiam todos os velhos.

Ahi compareceo o Sr. Des-Vaux, e fez-lhe vêr qual a cauza da nossa vinda, e elles nos acolheram com muito prazer.

Tendo nós muita pressa de ir á *Juniparan*, (aldeia mais notavel da Ilha, e onde eramos esperados pelos seos habitantes), despedimos-nos na manhã seguinte dos Indios, e seguimos por terra acompanhados por alguns d'elles, que não nos quizeram deixar já por satisfação, e já para nos ensinar o caminho até *Januaren*, bonita aldeia, onde chegámos pelo meio dia, sendo recebidos pelos Principaes e seos habitantes com todo o acolhimento, e caridade, urbanidade, e affagos possiveis.

---

[1] Rio *Anil*. [2] *Turú*.

Depois dos cortejos, que nos fizeram, uns após outros, como de costume, o Principal mandou armar nossas rêdes ao lado da sua, dentro da casa onde morava com sua familia.

Não foi elle o unico, que para comnosco praticou tal distincção, pois o mesmo fizeram todos os Principaes das outras aldeias, tendo como grande honra o hospedar-nos em sua casa, e considerando affronta a nossa recusa e escolha de outro aposento.

Assim que chegavamos, traziam agoa para lavar-nos os pés, quando era preciso, e com instancia nos rogavam permissão para isso, embora muitas vezes não os julgassemos capazes de fazerem o que pediam.

É impossivel descrever-se a humanidade e benevolencia d'este povo para com os Francezes, e especialmente para comnosco.

Em quanto o Principal da Aldeia, e alguns velhos conversavam comnosco, cuidavam as mulheres em trazer-nos farinha, fructas, carne, peixe assado (isto é, tostado), e outras cousinhas, apenas sabiam da nossa chegada.

Os homens, armados de arco e flexa, iam caçar porcos do mato, tatús, e pacas, e outras qualidades de animaes proprios para comida, de que lá existe grande quantidade, e que pilhavam facil e promptamente.

Assim acolhidos em *Januaren*, depois de tomarmos nossa refeição, acercaram-se de nós o Principal, todos os velhos, e mais habitantes, homens e mulheres, para nos verem e darem-nos parabens pela nossa chegada.

Aproveitamos a occasião para lhes fallar de Deos, dos mysterios da nossa Fé, fazendo-lhes perceber, que para serem seos filhos, era necessario baptisarem-se, e que a nossa intensão, emprehendendo tão longa e perigosa viagem, era

somente para vel-os, instruil-os, e preparal-os para tão grande beneficio.

Passou-se a tarde com estas e outras conversações, mostrando elles muito contentamento, e singular prazer em fazer-nos perguntas.

Creio que Deos (nunca elle falta aos que o procuram), influia muito na alma d'elles, pois d'ahi em diante mostravam ancioso e ardente desejo de receberem o baptismo para serem filhos de Deos.

A vista disto, nós lhes promettemos o baptismo, logo que se instruissem, asseverando que, terminada a nossa visita pela Ilha, um de nós residiria em *Juniparan,* afim de vel-os constantemente, e ensinar-lhes muitas coisas necessarias para depois então serem baptisados.

Mostraram-se muito contentes. Á noite, como é de costume, fez-se reunião geral, onde compareceo o Sr. Des-Vaux, e ahi repetio-lhes o que já dissemos.

Acabada a reunião, uma rapariga India por nome *Taue auaëté* nos rogou para baptisarmos seo filho, com idade de 2 annos, e lhe promettemos fazel-o no dia seguinte, domingo, 30 de setembro.

Para esse fim, logo pela madrugada, armaram os Indios, no centro da aldeia, uma barraca, a que chamam *aiupaue,* e depois de n'ella entrarem todos os Indios para verem pela primeira vez esta ceremonia, começamos por benzer a agoa e a capella para servir de oratorio e de cemiterio, quando necessario, e em memoria ahi deixamos um Crucifixo.

Depois de cantarmos o *Veni Creator,* e outras orações, baptisamos a criança, que era uma menina, a quem demos o nome de Maria.

Mostraram-se os indios muito alegres, satisfeitos. e admirados vendo as bellas ceremonias do baptismo, e unanimemente diziam que era muito bonito ser filho de Deos.

Á vista destas sagradas ceremonias cresceo n'elles espantosamente o desejo, que tinham antes, sentindo indizivel pezar de não se acharem ainda em estado de receberem o que admiravam e desejavam ardentemente.

Deixando-os assim, despedimos-nos d'elles, especialmente do Principal, e sahimos de *Januaren*, em companhia de alguns indios desta aldeia.

Atravessamos sem parar a aldeia pequena de *Juniparan* para chegarmos mais depressa á aldeia grande do mesmo nome, onde nos esperavam nesse dia.

Os filhos do Principal, que é o primeiro de todo este paiz, certos da nossa vinda, vieram ao nosso encontro com outros indios.

Apenas nos encontraram, abraçaram-nos, afagaram-nos muito e mostraram indizivel contentamento pela nossa chegada, e assim contentes nos levaram até a aldeia.

Ía adiante o tocador de corneta, que tocava, como de costume, quando entravamos em qualquer aldeia.

Meo companheiro e eu em nossos bordões traziamos o cruxifixo, como ja dissemos.

Depois de percorrermos todas as casas com o Sr. de Rasilly, entrámos na residencia do Principal e de sua Familia, que nos abraçou com inexplicavel alegria.

Mandou logo armar nossas redes nos lugares das suas, e estas junto ás nossas.

Nessa mesma hora vieram todos os indios da aldeia, até mesmo as criancinhas, vêr-nos, e comprimentar-nos uns após outros: beijando suas mãos nol-as apresentavam, dizendo com muita amabilidade e brandura—*Eré Íopi Pay, eréycobépé*, que quer dizer «sois Propheta?» ou «sois o meo Pae desejado, estaes bom?»

Tractou d'ahi em diante cada um em obzequiar-nos.

Começamos logo a conversar com o Principal *Japy-açu*, o maior de todo o paiz, que governa a todos, e a quem todos consultam quando intentam alguma coisa importante.

Na verdade é um homem de muito tino, judicioso, prudente, de boas ideias, e digno de admiração quando falla especialmente em Deos, á seo modo, no diluvio universal, e nas suas crenças mantidas entre elles de paes a filhos.

Maravilha ouvil-o fallar em todas estas coisas, mormente no pesado dominio dos portuguezes, que os forçou a abandonar suas terras e abrigarem-se aqui.

É muito alto, bem proporcionado o seo corpo, tem perto de 100 annos, é folgasão, e está tão bem disposto como se estivesse na primavera da vida.

Em quanto se passava assim o tempo nestas e n'outras conversações com elle e alguns velhos, esperando que se reunissem todos, foi-nos muito agradavel o vêr tantos rapazes, especialmente meninos de seis a oito annos chegarem-se á nós, e pedir-nos com instancia para instruil-os e baptisal-os, como se fosse possivel fazel-o em poucos instantes, e em altas vozes diziam que desejavam crer em Deos e desprezar o diabo.

Não quero demorar-me na descripção do comportamento de cada um d'elles, embora digna de menção, e limitar-me-hei apenas a particularisar alguns actos de um menino chamado *Acaiuy Miry*, filho do Principal *Acaiuy*.

Este rapaz de 9 a 10 annos de idade, bem parecido e conformado, não tinha o beiço furado como os outros, e para sua idade mostrava tanta penetração, que sempre acreditei havel-o Deos preparado para coisas grandes.

Foi o primeiro, que veio obsequiar-nos quando chegamos, e não queria sahir de junto de nós, tão grande era a sua amizade para comnosco!

Quando nos recolhiamos aos matos, como costumavamos, para com mais descanço e silencio cumprirmos nossos deveres, sempre nos apparecia, e quando pensavamos estar longe d'elle, eil-o que nos encontrava como se tivesse aviso previo.

Quando nos achava, ficava silencioso e recatado sem interromper-nos para coisa alguma, ou por leviandade, o que não é commum em meninos desta idade (tão prudentes e civilisados fossem elles!)

A vista disto não nos cansavamos de admirar tal menino, que embora selvagem e tão criança, tinha muita penetração, era muito cordato e bem ensinado.

Ordinariamente observava com muita attenção todas as nossas acções, procurando imitar-nos quanto podia: quando punhamos as mãos, elle praticava o mesmo com muita gravidade, fazia o signal da Cruz, e outros actos de devoção.

Mais digno de admirar-se é que tudo isto elle ensinava a seos companheiros, dizendo querer mostrar como se fallava a Deos (*fallar a Deos* em vez de rogar a Deos).

Tinha tanto desejo de aprender, e tão boa intelligencia (ou antes graça divina), que foi o primeiro a aprender a Oração Dominical, a Saudação Angelica, o Symbolo dos Apostolos, os Mandamentos de Deos e da Igreja, os Sete Sacramentos, tudo na lingoa indigena, e como a graça de Deos (nunca esteril), crescia em proporção da idade, não era este menino servo inutil, e nem perdia o tempo e occasião de multiplicar os talentos, que Deos lhe dera.

Não é possivel descrever-se a sua satisfação quando ensinava os outros.

Por vocação propria (ou inspiração divina), passava a maior parte do tempo repetindo muitas vezes, e fazendo seos companheiros repetirem, o que elle tinha aprendido.

Para melhor gravar em suas memorias, visto não haver n'esta terra nome ou dicção significativa de numeros além de cinco, e querendo este menino ensinar aos outros os Mandamentos de Deos, ou Sete Sacramentos, tinha a astucia de tomar um pau, e com a sua mão ou dedo fazia dez riscos na terra para contar os Dez Mandamentos e sete para os Sete Sacramentos afim de facilitar a seos companheiros o ensino, e que este fosse conservado na memoria.

Assim servia-se Deos d'este menino em tão tenra idade, e esperamos que Sua Divina Magestade se digne conceder-lhe outras qualidades especiaes para coisas maiores.

Quando chegámos, andava nua esta pobre creança como as outras, porem foi seo primeiro cuidado pedir-nos roupa para vertir-se, dizendo não querer mais andar nua, visto os Padres estarem sempre vestidos.

Foi logo satisfeito o seo desejo, porque a unica intenção do Sr. de Rasilly era a conversão destes pobres selvagens, e nada poupava para attrahil-os ao Christianismo com toda a brandura, e apenas conheceo a bondade do menino, e seo santo e louvavel designio, mandou logo com muita satisfação vestil-o.

Gastamos toda a manhã em sérias conversações com os Indios de *Juniparan*, e á tarde fizeram elles a sua reunião geral, onde estava *Japy-açú*, Principal da Ilha, acompanhado por todos os velhos, e alguns outros habitantes de *Juniparan*, vindos de outras aldeias, e ahi o Sr. Des-Vaux, tomando a palavra, lhes dirigio um discurso em lingoa indigena, da parte dos Srs. Loco-tenentes-generaes de Sua Magestade Christianissima, o mesmo que fazia em todas as outras aldeias, onde estivemos, e ainda iamos, por toda a Ilha do Maranhão, o qual em resumo era o seguinte:

CAPITULO XVI

Discurso feito pelo Sr. Des-Vaux aos Indios Tupinambás, na sua reunião geral, as suas respostas, e mais algumas cousas notaveis.

«Meos Amigos.—Bem sabeis como tendo vivido muitos annos comvosco, me pedistes para ir á França fazer conhecida de nosso grande Rei a necessidade, que tinheis do auxilio dos Francezes, não só para defender-vos da invasão inimiga, mas tambem para sustentar o commercio de generos de que tendes necessidade.

«Affiancei satisfazer vossos desejos, com tanto que me promettesseis receber a Lei de Nosso Deos, sem o que nunca desejariam os Francezes morar comvosco, deixar os maus costumes introduzidos pelo Diabo, verdadeiro inimigo do genero humano entre vós, para perder-vos inteiramente, e tomar para vosso Soberano o Rei de França, submettendo-vos á seo dominio, e ás suas leis santas e proprias para conservar vosso Paiz, e augmental-o com todas as grandezas e prosperidades.

«Já ha annos passados, o nosso grande Rei de mim ouvio vossas boas disposições para com Deos a abraçar o Christianismo, e sujeitar-vos á Sua Magestade.

«Elle mandou ter comvosco o Sr. de la Ravardiere, fidalgo valente, para conhecer vossas intenções e a posição de vossa terra, e reconhecendo ser verdade o que eu disse, abunda em minhas ideias.

«Por tudo isto este poderoso Rei, grande, magnanimo e corajoso, compadecendo-se de vós, mandou o Sr. de Rasilly, tambem fidalgo e valente, conjunctamente com o Sr. de la Ravardiere trazer-vos quatro *Pay* ou Prophetas para instruir-vos, baptisar-vos, e fazer-vos filhos de Deos.

«Mandou tambem Francezes afim de defender-vos de vossos inimigos, e generos para se negociar comvosco.

«No caso de quererdes cumprir vossa palavra, recebereis a Lei de Deos por meio dos *Padres*, e o governo dos Francezes por um Chefe, que aqui residirá, o Sr. de Rasilly, e depois de haver elle observado o vosso paiz, e reconhecido vossa vontade, voltará para França com um dos Padres, ficando comtudo o Sr. de la Ravardiere, seos dous irmãos, seos bons amigos, e soldados, e dentro em pouco tempo regressará com grande numero de Padres e de Prophetas, que morarão em vossas aldeias para instruir-vos, e a vossos filhos, no conhecimento do verdadeiro Deos, autor de todos os bens; de soldados para defender-vos de vossos inimigos, e de artistas para povoar vossa terra, e fazel-a feliz, ficando d'ora em diante uma só Nação a França e a vossa Patria.

«Elles e seos irmãos ficaram em lugar de vosso principal chefe. Por sua vez o Sr. de la Ravardiere, depois de haver trabalhado muito em vossa terra, regressará á França, onde cuidará de mandar ao Sr. de Rasilly e aos Francezes generos para estabelecer um commercio não interrompido entre a França e vós.»

Acabado este discurso *Japy-açú*, o Principal de *Juniparan*, e de toda a Ilha, tomou a palavra, e disse ter sempre sido amigo dos Francezes, e n'elles reconhecer conversação muito mais agradavel e branda do que nos *Peros*, que sempre desejou estar sob sua protecção e sujeição, pelo que muita satisfação experimentou com a chegada d'elles, e com

a noticia de terem vindo para aqui fixarem sua residencia, constituindo a França e a sua terra uma só nação, como tanto haviam desejado, jurando nunca faltarem á sua palavra de reconhecerem como Soberano o Rei de França, de submetterem-se á suas leis e dominios, obedecendo á authoridade, que lhes fôr mandada para aqui residir e os defender de seos inimigos.

Em relação á Lei de Deos disse que estava infinitamente contente por lhe haver o grande Rei de França mandado Padres e Prophetas, afim de ensinal-os e instruil-os, visto desejarem ha muito tempo professar o Christianismo, como haviam promettido ao dito Sr. Des-Vaux, especialmente quando regressou á França para, da parte d'elles, asseverar isto ao Rei.

Na verdade, disse elle, bem sabemos haver um Deos, criador da naturesa, que fez o Céo e a terra e todas as coisas existentes.

Cremos, que este Deos é bom, e que nos dá o que temos e que precisamos; porem não sabemos como conhecel-o, como elle é, e como é preciso servil-o e adoral-o.

Conhecemos muitos Francezes, que aqui estiveram negociando comnosco por algum tempo, porem nenhum nos ensinou estas coisas.

Esperamos agora aprender tudo isto dos Padres, que vieram de França, e sentimos só que sejam quatro, quando desejamos que fosse maior o numero d'elles para residirem em todas as nossas aldeias, e instruir-nos e a nossos filhos.

Como agora não é possivel realisar-se este meo desejo, esperamos, que vá para França o *Buruuichduc* [1] com um dos Padres para nos trazer mais, e bem desejo que, dos que aqui ficam, vá um para a aldeia de *Juniparan*, onde

---

[1] Quer dizer o *Chefe*, o *Maioral*.

lhe edificaremos uma casa, e junto d'ella uma ermida, no centro de nossa moradia, e fica á nosso cuidado sustental-o e dar-lhe todo o necessario.

Mandaremos nossos filhos aprender com elle, e quanto a mim entrego-lhe desde ja meos quatro filhos afim de serem baptisados, e por este meio ficarem filhos de Deos.

Finalmente disse ser seo desejo que os dois Padres, ahi em visita, plantassem outra Cruz (alem da primeira) no meio da aldeia de *Juniparan*, como testemunha da alliança eterna com Deos, jurando solemnemente receber o Christianismo, e renunciar *Jeropary*.

Foi esta resposta confirmada pelos outros Principaes e pelos velhos, ahi presentes, confessando-se contentes pela vinda dos Francezes, e especialmente pela chegada dos Padres, a quem desejariam entregar seos filhos para serem instruidos e baptisados, e isto como que em desafio para vêr quem melhor o faria.

Entre outros *Acaiuy*, Pae do menino, de que ja fallei, disse logo que entregaria não sò esse como todos os mais ao *Pay été*, isto é «aos grandes Prophetas, que tinham chegado.»

Outro chamado *Jacopem* disse, que logo pela manhã iria ao mato cortar uma arvore grande para fazer a Cruz, que se deveria levantar em *Juniparan*, que elle e seos filhos se incumbiriam de fazel-a, sem auxilio de mais alguem, e assim o cumprio na manhã seguinte.

Disse outro, que elle e seos filhos edificariam uma Capella no meio da aldeia para o Padre, que deveria morar com elles.

Logo outro prometteo fazer junto da Capella uma caza para a moradia do Padre.

Este obrigou-se a ir ao mato caçar pacas, cutias, e tatús para sustentar o Padre, aquelle a pescar, aquelle outro a

trazer-lhe os primeiros productos da sua roça, como premicias.

Eu, (disse o indio *Teciiare Ubuih*), d'ora em diante desejo viver como os Padres, trazer um vestido pardo como elles, só possuir o mesmo que elles tem, andar com a cabeça baixa e olhando para o chão, como elles, não quero mais saber nem de raparigas e nem de mulheres, nem morar com ellas, emfim quero viver e proceder como elles.

Achava-se presente o menino *Acaiuy-Mirim* (de quem já fallamos), e ouvindo estas palavras, atilado e com gravidade ou modestia ordinaria, disse immediatamente a *Teciiare Ubuih*:

«Dizes, que queres viver como os Padres, e que não cuidas mais de mulheres, como elles o fazem, porem não comprirás tua palavra.

«Tu as deixarás por uma ou duas luas, mas quando ficares *angayuar*, (quer dizer—magro— : não ha molestia que elles mais temam do que o emmagrecimento), irás logo procural-as como antes fazias.

«Não pódes continuar a viver como os Padres porque estás velho; nós sim, que somos moços, podemos viver bem imitando-os.»

Riram-se todos os velhos e anciões ahi presentes da resposta do menino, admirados d'ella, como mais proprio de um homem do que de uma criança, de um Christão do que de um pagão ou de um selvagem, do espirito de Deos do que da humanidade.

Terminada a reunião, retiraram-se todos contentes; e nós extremamente consolados por havermos conhecido a disposição d'este povo para abraçar o Christianismo na Igreja de Deos.

CAPITULO XVII

Primeiro ensino da doutrina christã, publicamente, na Ilha do Maranhão.

Reuniram-se os Indios no dia seguinte n'uma bonita praça, em frente da caza do Principal *Japy-açú.*

Os primeiros que compareceram foram seos filhos, e depois chegaram *Acaiuy-Mirim*, muitos rapazes e raparigas, filhos dos Principaes e dos velhos de *Juniparan*, e todos, como era costume, assentaram-se no chão.

Tambem ahi se achavam muitos Francezes, companheiros do Sr. de Manoir, e mais outros.

Estavam assentados sobre uma caixa o Sr. de Rasilly, o Revd. Padre Arsenio e eu.

Começamos o ensino publico da doutrina christã (o que até então ainda não tinhamos feito), e servindo-nos do Sr. Des-Vaux, e de um tal Sebastião, mui entendidos na lingua d'elles, para transmittir-lhes o mais necessario, fizemos com que elles, ahi em grande numero, percebessem como tinhamos deixado a nossa terra, atravessado mares tão perigosos com muitos incommodos para vir ensinar-lhes a conhecer a Deos, verdadeiro principio de todas as couzas, Soberano sobre todos, e por isso independente.

Explicamos a elles, que Deos sendo um em essencia e natureza, era comtudo trino em pessoa, a saber: Padre, Filho,

e Espirito-Santo: que o Pae não foi feito, nem creado, e nem gerado de alguem: que desde o principio da eternidade o Filho foi somente gerado do Pae, como tambem o Espirito-Santo procede de ambos, a saber: do Pae e do Filho.

Embora o Pae seja Deos, o Filho Deos e o Espirito Santo Deos, comtudo não são tres pessoas, e sim um unico Deos.

Procuramos n'esta occasião fazel-os comprehender tudo isto por algumas similhanças e razões afim de encaminhal-os á verdadeira crença, com que se mostraram alegres e mui attentos.

É este grande Deos a quem chamaes *Tupàn* sem conhecel-o, e por isso aqui viemos annuncial-o.

É omnipotente, e por isso creou o Céo e a terra e tudo quanto n'ella existe.

No Céo creou os Anjos, muitos dos quaes tendo-o offendido, Elle os precipitou no Inferno, onde são e serão abrazados em fogo eterno, e estes máos Anjos são os que chamaes *Jeropary.*

Na terra creou o homem de um pouco de barro á sua imagem e similhança, collocou-o n'um lugar de delicias, onde adormeceo-o, e depois tirou-lhe uma de suas costellas para fazer uma mulher, a nossa primeira Mãe, assim como esse homem foi o primeiro Pae de todos os homens vivos, que existem, existiram, e existirão.

Achando-se ambos n'este bello paraizo e jardim de prazer, Deos lhes permittio comer o fructo de todas as arvores, que havia creado, menos de uma, dizendo-lhes que morreriam na mesma hora em que os comessem.

Aconteceo isto pouco depois, porque ambos comeram o fructo prohibido por persuasão de *Jeropary* (um dos maus Anjos), contra as ordens expressas do seo Deos, e por isso

ram expellidos do Paraizo e do Céo e sujeitos á morte com dos os seos descendentes.

Eis a causa de toda a nossa desgraça, e porque morreos todos os dias, o que não aconteceria, si elles não tiessem desobedecido a Deos.

Ainda lhes dissemos, que depois desta desgraça os peccados dos homens foram sempre augmentando, e Deos para castigal-os enviou do Céo um diluvio sobre a terra, que submergio todas as creaturas, excepto algumas, que quizeram ficar ns Arca de Noé, que, como homem justo, quiz Deos conserval-o com toda a sua familia para povoar o Mundo depois do diluvio.

Depois de lhes haver feito conhecer os males soffridos pelo Mundo após o diluvio, os tormentos e tentações do *Jeroparу* aos homens para fazel-os peccar, nós lhes fallamos da bondade e da mizericordia de Deos dizendo ser tão grande o amor, que tem aos homens, que vendo as desgraças de suas existencias, e as maldicções em que incorriam depois da morte, fechando-se-lhe o Céo, condoêo-se d'elles.

Como este homem não era bastante para responder á justiça Divina pela offensa commettida mandou seo Filho (segunda Pessoa da Santissima Trindade) ao Mundo afim de revestir-se da nossa humanidade e fazer-se homem, como explicaremos quando se tractar do mysterio da Incarnação.

Nós lhes explicamos como Deos Pae escolheo a bemaventurada Virgem Maria para ser Mãe de seo Filho unico, como enviou o Anjo Gabriel a annunciar-lhe esta noticia tão desejada pelo Mundo, como este Anjo a saúdou, e como depois de haver consentido, sem conhecer homem algum, ella concebeo o Filho de Deos por obra apenas do Espirito Santo. Como por nove mezes ella o trouxe em seo sagrado

ventre, o deo a luz n'uma estribaria, sendo sempre Virgem antes do parto, no parto e depois do parto.

Como foi o menino adorado pelos Pastores, que souberam do seo nascimento pelos Anjos do Céo, e pelos tres Reis ahi guiados por uma estrella, até então ainda desconhecida; como foi esta Santissima Virgem obrigada a fugir com seo Filho, que era Deos para evitar a perseguição de Herodes, que o queria matar, mandando para isso matar todos os meninos de Belem.

Descrevemos-lhes depois todos os principaes milagres, feitos por Jesus Christo nosso Salvador neste mundo até á sua morte, e muito se admiraram do das bôdas de Canaan na Galiléa transformando a agoa em vinho, multiplicando cinco pães e alguns peixinhos para sustentar tanta gente no deserto, onde haviam bem cinco mil pessoas, não contando mulheres e crianças, e ficando ainda 12 cestos cheios, depois de todos fartos.

Tambem se admiraram muito do milagre feito por Nosso Senhor, quando um dia sustentou quatro mil homens com sete pães e alguns peixinhos, sobrando ainda sete cestos.

Tambem lhes explicamos como Jesus Christo sabendo qual a hora marcada para ir ter com Deos, seo Pae, e morrer por nós, na vespera da sua morte e paixão, lavou os pés dos seos Apostolos, e deo-lhes a comer seo corpo e a beber seo sangue sob as especies de pão e vinho, ordenando a todos os seos successores, que são os Padres, que fizessem o mesmo até o fim do Mundo: como Judas, um dos seos Apostolos o trahio, como os Judeos o prenderam no Jardim, onde orava á seo Pae, o que soffreo na sua paixão, açoitado, coroado de espinhos e crucificado entre dois ladrões.

Nós lhes descrevemos como depois da sua morte um soldado com uma lança lhe abrio o lado do peito, o que muito compungio estes indios.

Admiraram-se muito quando lhes dissemos que era Deos embora morto, porque não morreo sua divindade, que era immortal, e sim sua humanidade, o que era necessario para desconto de nossos peccados, e resgatar-nos na morte, e dar-nos a vida, e por isso no terceiro dia resuscitou cheio de gloria e subio ao Céo, onde está sentado á direita de Deos, seo Pae.

Mostraram-se alegres e contentes, sobre tudo quando lhe dissemos ter resuscitado, e subido ao Céo.

Tambem lhes contámos como Nosso Senhor subio ao Céo, d'onde mandou a terceira Pessoa da Santissima Trindade, que é o Espirito Santo, ter com os Apostolos, que são os verdadeiros Padres, em fórma de lingua de fogo ordenando-lhes, que fossem prégar por toda a parte e annunciar que morrera Jesus Christo, Filho de Deos, e resuscitara para salvar-nos, e que baptisassem os que n'elle acreditassem.

Nós lhes dissemos, que aquelle mesmo, que havia enviado os ditos Apostolos e Padres, tambem nos mandara em seo lugar, por intermedio dos seos representantes, ou seus verdadeiros successores na terra, para vir procural-os, e vêr, se desejavam crer n'elle e escutar suas palavras, proferidas por nossa bocca, afim de baptisal-os e remil-os de seos peccados fazendo-os verdadeiros filhos de Deos.

Apenas este povo, que por duas horas e meia nos ouvira com incriveis attenção e respeito, escutou estas ultimas palavras relativas ao Espirito Santo, immediatamente levantaram-se todos dos seos lugares, cheios de zelo e fervor, como inspirados pelo proprio Espirito Santo, e abrasado seos corações pelo fogo do seo amor.

Oh! que alegria! oh! que contentamento!

Levantaram as mãos aos Céos com indisivel praser e im-mensa satisfação, gritando em altas vozes—*Arobiár Tupan Pay, Arobiár Tupan Pay.* «Creio em Deos, meo Pae, creio em Deos, meo Pae.»

Estavam presentes o Filho mais velho de *Japy-açu,* bo-nito mancebo de 20 a 22 annos, chamado *Tucan-açu,* um dos primeiros baptisados, seo irmão *Joüy,* de 15 a 16 an-nos e o menino *Acaiuy-mirim.*

Admirados ainda de fervor tão inexperado, eis que o mancebo *Tucan-açu,* em companhia de outros, nos abra-çou com ternura, e chorando nos disseram—*Arobiár Tu-pan Pay, Arobiár Tupan Touue, Arobiár Tupan Raheyra, Arobiár Tupan Espirito Santo, Chemoiassouch Yépé Pay, Chemoiassouch Yépé Pay*

«Ah! Propheta, creio em Deos, meo Pae. Creio em Deos Padre, creio em Deos Filho, creio em Deos Espirito Santo, baptisae-me meo Padre, baptisae-me meo Padre.»

Os outros todos principiaram a dizer o mesmo, e outra coisa não ouviamos senão «*Arobiár Tupan Pay, Chemoias-souch Yépé, Chemoiassouch Yépé Pay.*» «Creio em Deos (meo Padre) baptisae-me, baptisae-me.»

Ouvindo taes palavras, não podiamos responder a essas infelizes creaturas, tanta era a alegria do nosso coração, e derramavamos lagrimas.

Oh! que alegria! oh! que jubilo!

Quanto a mim digo (como sempre) nunca ter visto em minha vida um facto, que me arrancasse lagrimas de ale-gria e de prazer como a indisivel piedade e devoção, que excitavam em nossos corações o seo procedimento e acções exteriores.

Uns nos abraçavam, outros erguendo as mãos para o Céo pediam o baptismo, e muitos confessavam em altas vozes

crêr em Deos, não havendo um só que deixasse de manifestar algum acto de admiração ou de devoção.

Lembrei-me n'essa occasião do que se passou com o Principe dos Apostolos, quando foi prégar na Cezaréa por ordem de Deos para instruir o Centurião.

Diz a Escriptura, que S. Pedro annunciando a este povo um Deos, um Jesus Christo, crucificado, e resuscitado por nosso amor, immediatamente desceo sobre os que o ouviam o Espirito Santo, e principiaram todos ao mesmo tempo, e em diversas linguas a fallar de Deos, a glorificalo e a louval-o.

Por similhança tambem Deos mandou-nos, por meio de nossos superiores, prégar a Fé, Catholica e Apostolica Romana entre os *Canibaes* e *Antropóphagos*.

Quando lhes faziamos perceber publicamente, e pela primeira vez, que havia um Deos, creador do Ceo e da terra, que tinha mandado ao Mundo Jesus Christo, seo unico Filho, e os outros artigos da nossa Fé, desceo sobre elles o Espirito Santo, fel-os fallar linguagem nova, e glorificar extraordinariamente o nome da sua Divina Magestade.

Como estes infelizes *Canibaes* e *Antropóphagos*, que ha tantas centenas de annos só visavam carne e sangue, assassinatos e carnagem, alimentando-se com a propria carne dos seos inimigos, poderiam confessar publicamente e em altas vozes um Deos, trino em pessoa, e unico na essencia, si o Espirito Santo não descesse até suas almas, illuminando seos pensamentos, e inflamando suas vontades com o fogo de seo amor, para leval-os a pedir assim tão alto o baptismo, como a porta da salvação eterna que tão ardentemente desejavam?

Não vos parece isto uma linguagem nova?

Sim! faça-se esta ingenua confissão á vista de tão admiravel resultado, que *Gratia Spiritus Sancti in nationes effusa est.*

Na verdade o Espirito Santo espalhou abundantement suas santas graças por cima destas nações selvagens favo recendo com sua divina presença as nossas palavras.

CAPITULO XVIII

Como os Indios edificaram uma Capella e plantaram a Cruz em Jeniparan, principal aldeia da Ilha do Maranhão.

A nossa alegria e satisfação vendo as graças que Deos, sem distincção, fazia ás almas dos *Canibaes* e *Antropóphagos*, nos levava quasc a dizer com São Pedro quando em identicas circumstancias—*Nunquid aquam quis prohibere potest, ut non baptisentur hi qui spiritum sanctum acceperunt; sicut et nós?*

«Haverá alguem que possa impedir-nos de tomar a agoa com que baptisamos os que, como nós, receberam o Espirito Santo ? »

Tal effeito tinha produzido a graça de Deos nestas almas infelizes, que á vista de tão publica confissão, e protestos de fé, desde logo julgamos, que bem pouco era necessario para serem baptisados.

Comtudo para tirar aos invejosos da gloria de Deos, e inimigos da salvação do proximo toda e qualquer occasião de censurar e de murmurar de tão santa acção, e para embaraçal-os de dizer (como alguns o disseram) que por bem pouco podiam baptisar-se todos os indios, e mesmo para tirar aos indios toda a suspeita de terem sido surprehendidos, e deixar-lhes plena liberdade de receberem ou não o signal e o caracter de verdadeiros filhos de Deos, julgamos

conveniente alguns dias de demora proporcionando assim a elles tempo para pensarem e resolverem, e a nós para instruil-os perfeitamente e fazer-lhes entender em particular o que lhe haviamos dito em geral.

Tanta impaciencia porem os obrigava a pedir-nos, que fossem baptisados quanto antes, como tão piedosamente desejavam.

Nós lhes respondemos, que não era possivel fazer-se o que elles queriam tão depressa, pois o baptismo devia ser com solemnidade (como desejavamos), e para isso era necessaria uma Capella para celebração da santa Missa.

Entregaram-se immediatamente ao trabalho de cortar paus para construirem uma a seo modo.

Em quanto isto se fazia, mandamos alguns indios com uma carta nossa aos outros dois Padres, o Revd. Padre Ivo, e o Revd. Padre Ambrosio, pedindo-lhes, que nos remettessem pelos portadores um calix, um Missal, uma Cazula, hostias, vinho, e o mais necessario para celebrar, como sejam paramento, toalha, guardanapo, pedra d'ara, imagens e outros objectos para guarnecer o altar, pois nada trouxemos, a não ser sobrepellises, estollas, e oleos sagrados para administrar alguns Sacramentos em casos urgentes.

Os nossos Padres mandaram tudo.

Entretanto não faltavam os indios ao dever de se instruirem.

Todos os dias, pela manhã e a tarde reuniam-se em certo lugar onde lhes ensinavamos minuciosamente a doutrina christã, que ja lhes haviamos prégado em geral; porem em sua propria lingua, a oração dominical, a saudação angelica, o symbolo dos Apostolos, os dez mandamentos de Deos, os cinco da Igreja, e os sete sacramentos, conhecimento necessario aos adultos para serem incorporados ao Corpo mystico da Igreja Catholica, e Apostolica Romana.

Repetiam muitas vezes estas orações para mais fixal-as na memoria.

Em quanto preparavam os indios suas almas para servirem de Templo ao Espirito Santo, não deixavam de trabalhar todos os dias nas obras da Capella no centro de *Juniparan*.

Muitos trabalhavam em desbravar a praça, alguns em aplainal-a, outros em derrubar arvores, cortar madeiras, e todos estavam promptos para o trabalho.

Alguns indios abriam pindóba para cobrir a caza, e outros faziam com ella esteiras, tão bem tecidas, e cheias de quadrados e de diversas figuras, muito bonitas e dignas de serem vistas, e dellas nos serviamos para ornar o altar e a Capella.

Emfim trabalhavam todos como podiam, era do seo gosto, e sem o menor constrangimento.

Não era nossa intenção construir um Templo de Salomão, ou uma Igreja sumptuosissima, e sim uma caza propria para habitação do Rei dos Reis, que antes quiz nascer n'uma estribaria do que n'um Louvre, ou n'um Palacio Real.

Aqui nascia elle espiritualmente entre estes infelizes selvagens, como poderia tambem nascer entre outra qualidade de animaes, mais domesticados, porem muito ferozes e crueis.

Aqui tinha apenas um pequeno quarto, como uma estribaria, embora muito aceiado, decente, e proprio á devoção, igual talvez ás ermidas dos Santos Padres da Igreja primitiva.

Creio firmemente que o nosso Padre Seraphico São Francisco, que tanto amou a pobreza pura e honesta, alegra-se muito no Céo vendo seos indignos Filhos com o Filho de Deos, agora nesta pobre localidade e no meio destes selvagens.

Não tinha ainda a terra produzido pão e vinha, porem agora estava mudada, sendo outra Belem, que significa casa de pão, pois ahi estava o pão, chegando o fomento antes de haver brotado um só grão de trigo.

Ahi tambem havia o vinho das virgens, no corpo e sangue de Nosso Senhor, no santo sacrificio do altar.

Creio ser isto tudo uma benção, lançada sobre este novo Mundo, e bem merecida pela nutrição destes pobres selvagens, até então mortos de fome, feliz presagio de futura abundancia de pão e vinho, e de outras riquezas temporaes.

Quando esta Nação (agora no berço do Christianismo) fôr antiga, não deixará, mediante a graça de Deos, de possuir bellas e ricas Igrejas, visto haver n'este paiz materiaes tão bonitos como preciosos.

Logo depois prepararam um largo proximo á Capella para suas reuniões, não querendo que se reunissem seos conselhos e assembléas longe da casa das orações.

Junto a casa dos conselhos edificaram a moradia do Padre.

Em quanto trabalhavam os Indios com zelo e dedicação na construcção da Capella, não se descuidava da Cruz o que promettera aprompta l-a.

Elle e seos filhos cortaram uma bonita arvore, conduziram-na para o meio da praça, onde devia ser construida, e não descançaram em quanto não a aprompta ram. Tinha esta magestosa Cruz vinte e cinco a vinte e seis pés.

Estando prompta a Cruz na terça-feira á tarde, e percebendo os Indios, que desejavamos proseguir em nossa visita, e ir á *Carnaupió* em quanto se preparava a ermida, pediram-nos e com instancia que benzessemos a Cruz, e a levantassemos antes da nossa partida, no que concordamos de muito boa vontade.

Na manhã seguinte, 13 de outubro, vespera da festa do nosso Seraphico Padre S. Francisco, *Japy-açu*, principal da Ilha, com sua casaca, no meio da praça com os velhos e Principaes, todo o povo de *Juniparan*, e os habitantes de outras aldeias proximas, que tinham vindo expressamente presenciar este acto, o Revd. Padre Arsenio, e eu revestidos de nossas sobrepellizes, empunhando nossos bastões, e os Crucifixos, depois de cantados o *Veni-Creator*, a *Ave Maris Stella*, e outras orações, e benzida a agoa, começamos a abençoar a Cruz como haviamos feito no Forte de S. Luiz.

Benzida a Cruz, principiamos a adoral-a uns após outros cantando sempre o hymno *Vexilla regis prodeunt*.

Depois dos Srs. de Rasilly e dos francezes, *Japy-açú* foi o primeiro a adoral-a, ajoelhado, e de mãos postas: abraçou-a, e beijou-a como fizemos.

Seguiram-se depois os Indios, uns após outros com tal fervor e devoção que nos impressionou e commoveo o coração á tal ponto, que mal podiamos reter as lagrimas.

Sentiamos alegria e contentamento, impossiveis de serem descriptos, vendo os estandartes deste grande Rei Celeste, tão honrados e respeitados, e adorados por esta gente barbara, até então sem o menor conhecimento de Jesus Christo e da sua Cruz.

Em quanto os Indios a erguiam, nós estavamos ajoelhados cantando o *Crux, ave spes unica*, e contentes na presença de tão santa acção.

N'essa occasião disse *Japy-açú*, que o unico pezar, que elle e os seos sentiam, era o terem de abandonar *Juniparan*, e irem residir por cinco ou seis luas, n'um lugar longe d'ahi um quarto ou meia legoa (porque costumavam mudar de logar e de casa de cinco em cinco, ou de seis em seis annos) lamentando todos o deixar a Cruz, agora erguida.

Com tudo (dizia elle) prometto, que quando sahirmos d'aqui, levaremos a Cruz para onde formos no firme proposito de fixarmos residencia, e não andarmos como até aqui.

Nós lhes respondemos, que não tirassem a Cruz, e que era melhor ahi deixal-a como eterna lembrança, e para consolal-os, que bem podiam fazer outra, que seria benzida pelo Padre, que com elles viesse morar, e depois levantada como praticaram com esta.

Agradaram-se muito desta nossa lembrança.

CAPITULO XIX

Do que se passou na nossa visita a Carnaupio, Itapary, e Tymbohu. [1]

Plantada a Cruz, partimos nesse mesmo dia ás 10 horas da manhã para *Carnaüpio*, deixando entre os indios o tal Sebastião, de que ja tractamos, afim de instruil-os, como ja tinhamos principiado, para que se achassem em estado de receber o baptismo quando voltassemos, o que seria, querendo Deos, no domingo seguinte, como promettemos a elles.

Todas as tardes e manhans reuniam-se os indios de *Juniparan* ao som de uma especie de tambor, chamado por elles *Uärara*, e inventado por Sebastião em lugar de sino.

---

[1] O Sr. Dr. Antonio Henriques Leal, no resumo que fez da *invasão franceza* no Maranhão, publicado sob o titulo *Tentativas Historicas* no seo livro *Locubrações* diz, que *Timbohu* é hoje *Vinhaes*.

Pensamos estar enganado o Sr. Dr. Leal. *Vinhaes* hoje—chamava-se então *Uçágoaba*, que quer dizer «abundante de caranguejos» (uçá), ou «lugar onde se apanham carangueijos.» Pensam comnosco os senhores Mendes d'Almeida e Coronel Farias, ja citado.

Os Jesuitas ahi fundaram uma aldeia, a que chamaram da *Doutrina*, onde era instruida a mocidade indigena, e assim preparada, mais de um mancebo foi prestimoso auxiliar da catechese. Vide art. *Vinhaes* no nosso *Diccionario* já citado.

Reunidos todos, elle os levava ao pé da Cruz, onde se ajoelhavam, punham as mãos, fitavam os olhos na Cruz, e começavam a recitar a oração dominical, na lingua d'elles, repetindo as palavras, que Sebastião ia dizendo.

Para melhor conservarem na memoria o ensino, uzou do expediente de dizerem cantando a *Ave Maria*, o *Credo*, os Mandamentos da Lei de Deos, da Igreja, e os sete Sacramentos.

Confesso, ser este canto tão sentido e piedoso, que impossivel era ouvil-o sem exprimentar-se alguma commoção.

Sahindo de *Juniparan* acompanharam-nos sempre alguns indios pelos nossos caminhos, e passando pela aldeia *Uätimboup*, soubemos ter partido o seo chefe para a guerra desde a nossa chegada á Maranhão, e por isso não nos demoramos nella.

D'ahi fomos direito a *Carnaüpio*, onde chegámos nesse mesmo dia das 4 para as 5 horas da tarde.

Está assentada esta aldeia n'um lugar bonito e agradavel, proxima de um bello rio, de excellente agoa potavel.

Chama-se *Marcoiä-Pero* o Principal deste lugar.

É homem alto e valente, grosso, admiravelmente corajoso, e conta 100 annos d'idade.

O mais pequeno dos seis indios, que levamos para a França, era seo sobrinho, e chamava-se *Patua*.

Sciente *Marcoia-Pero* da nossa chegada, veio ao nosso encontro, e sem ser costume, de braços abertos correo para abraçar-nos cordialmente, demonstrando-nos assim muita affeição.

Recebendo-nos com todas as cortesias possiveis, principiámos a conversar esperando pela reunião geral, que teve lugar á tarde, e onde o Sr. Des-Vaux lhes dirigio a palavra, como tinha por costume, e mostraram-se contentes.

Ouvindo os indios deste lugar o que se passou em *Juniparan,* nos pediram de fazer o mesmo aqui em *Carnaüpio,* plantando uma Cruz, e demorando-nos para instruil-os.

Alem do amor proprio que têm, reconhecemos n'elles tambem muita inveja da estima, que se dá aos outros, julgando-se despresados quando não se lhes faz o mesmo.

Na verdade não se deve despresar esta emulação santa e louvavel, tanto para a gloria de Deos como para a sua salvação.

Pelo nosso transito queixavam-se todos de não demorarmos-nos tanto como fizemos em *Juniparan.*

Nós nos desculpavamos dizendo ser poucos, e só com muito pezar nos separavamos delles.

Consolavam-se porem, quando lhes diziamos que terminada esta visita eu regressaria á França com o Sr. de Rasilly afim de buscar mais Padres para cada aldeia ter um, ficando ainda tres, que viriam vel-os muitas vezes para instruil-os esperando pela nossa vinda de França, o que seria breve.

Ao ouvir esta promessa mostravam-se contentes e satisfeitos.

Sentiamos porem grande dissabor vendo esta infeliz gente pedir com tanto amor auxilio e soccorro para salvarem-se, nós lhe podermos prestar.

Na manhã seguinte despedimos-nos de *Marcoia Pero,* seguimos para *Itapary,* onde chegámos ao meio dia.

Não foi menos cortez para comnosco o Principal desta aldeia, que é um bom Indio, e muito amigo dos francezes.

Elle e os seos companheiros obzequiaram-nos o mais, que puderam.

Sendo pequena a distancia d'ahi a *Timbohu,* a beira-mar, fomos ahi dormir.

Acompanhou-nos o Principal de *Itapary*, e ahi fomos tão bem acolhidos como n'outras partes.

N'esse mesmo dia nos pediram para baptisar duas crianças, um menino e uma menina, com dois a tres annos de idade pouco mais ou menos, e promettemos fazel-o no dia seguinte.

Ja era alto o dia quando os Indios fizeram uma choupana para nos servir de Capella, onde depois de benzermos a agoa, e o lugar, estando presentes o Principal e os mais habitantes da aldeia, baptisamos os ditos meninos.

Démos ao menino o nome de Francisco em honra ao nosso Padre São Francisco por ser o dia seguinte da sua festa, e á menina o de Luiza, com muita alegria de suas Mães e de todos os indios da localidade, que estavam admirados presenceando as bellas ceremonias praticadas na celebração deste santo Sacramento.

O Principal, bom velho, com idade proxima, senão maior, de cem annos, estava mais admirado do que todos os outros vendo o que nunca tinha visto, e no fim da ceremonia, alegre e prasenteiro nos disse: «Bem vejo, que é bem bonito ser-se baptisado e filho de Deos, desejo muito sel-o, e por isso quero me baptisar.»

Nós lhe respondemos «que desejavamos mais do que elle, como provamos pela immensa distancia, e fadigas, que vencemos para vir vel-os; porem que era conveniente em primeiro lugar instruil-o no conhecimento do verdadeiro Deos, que adoramos, e de Jesus-Christo, seo Filho unico, que morreo e resuscitou por nós.»

Respondeo-nos o bom velho, si era preciso crer em Deos e conhecel-o antes de ser baptisado, Deos não pode agora descer em meo coração, dar-se a conhecer, fazendo assim com que me baptiseis?

Esta resposta não parece de um selvagem e pagão, e sim de uma alma tocada pelas graças do Espirito Santo.

Muita admiração causaram a todos estas palavras.

Nós lhe respondemos, que Deus faz tudo o que quer e lhe agrada, mas que muitas coisas havia que não fazia por si mesmo, e sim por intermedio dos homens, seos servos, executores de sua santa vontade, como agora de nós se utilisava mandando-nos ahi para baptisal-os, o que de bom grado o fariamos quando tivessem a necessaria instrucção.

Satisfez-se com esta explicação, e foi adiado o seo baptismo.

Depois do meio dia nós, Sr. de Rasilly, e o Sr. Des-Vaux fomos vêr um largo a beira do mar, á meia legoa de distancia, muito proprio para uma bonita e agradavel vivenda.

Regressando á tarde á *Timbohu* chegou um dos escravos do dito Principal (da nação dos Cabellos compridos) trazendo-lhe noticia da morte de um seo filho, que havia mandado a um barbeiro *(Pagé* em sua lingua) morador d'ahi distante 5 a 6 legoas afim de sopral-o e cural-o de sua molestia, como contaremos depois.

Apenas chegou o escravo, sentou-se o Principal n'uma rede, rodearam-no mulheres e raparigas, e principiaram á chorar, a gritar, e a lamentarem-se como costumavão.

Receiamos muito que durasse esta scena toda a noite, porem em breve cessou.

Ás 11 horas da noite quando chegou o corpo do menino, foi rodeado por todos os parentes, e de novo gritaram e lamentaram-se extraordinariamente, sendo suas vozes ouvidas em toda a aldeia.

Esperamos por algum tempo, que se callassem, vendo porem que não tinham fim essas lamentações, e não podendo socegal-os, vimos-nos obrigados a procurar um lugar remoto da aldeia, onde fossemos passar o resto da noite.

Continuou porem o barulho até na manhã seguinte, quando foi sepultado o menino, e então mais do que nunca gritaram e lamentaram-se.

Commoveo-nos muito a morte deste menino, mormente não sendo baptisado.

Aproveitamos-nos porem do facto para na manhã seguinte reprehendel-os de suas crenças falsas, fazendo-lhes vêr, que os *Pagés*, que tanto apreciam, não passam de embusteiros e mentirosos, não sendo verdade ter seo sopro a virtude de cural-os, como elles inculcavam, e que em vez de curar o menino, o tinham matado, e finalmente que si elle nos fosse entregue, como os outros, para ser baptisado, sua alma seria salva pelo baptismo, e alcançaria talvez a saude, si o grande *Tupan* assim o quizesse.

CAPITULO XX

Do nosso regresso á Juniparan, e o que houve de nvo.

N'este mesmo dia, pela manhã, sahimos de *Timbohu* para não faltarmos á promessa de acharmos-nos em *Juniparan* no domingo seguinte.

Passamos por *Itapary* sem demorarmos-nos afim de chegarmos á *Carnaüpio,* onde dormiriamos.

D'ahi sahimos no dia seguinte, por alta madrugada, e passando pela aldeia de *Udtimboup,* chegámos depois de meio dia a *Juniparan,* onde *Japy-açú* e todos os habitantes desta localidade nos esperavam com grande dedicação, e nos receberam com indizivel prazer.

Achamos tudo quanto tinhamos pedido aos nossos companheiros Padres para a celebração da Missa, e preparo de um altar.

Consolou-nos muito vendo a perseverança e bons desejos dos Indios para receberem o baptismo, e sabendo do trabalho que tomaram afim de se instruirem com Sebastião, que para tal fim deixámos.

Causava prazer vêl-os discutindo a respeito dos principaes mysterios da nossa fé, e direis que se achavam instruidos n'elles desde a sua infancia, tão a proposito fallavam.

Tão grande era o respeito, que estes infelizes tributavam á Cruz, por nós levantada, que si uma boa parte dos catholicos actuaes lá estivesse, não duvido affirmar, que coraria de vergonha, e teria fallado contra si propria; porque, nutridos no seio da Igreja, e purificados com o Sangue Precioso do Cordeiro sem macula, Jesus Christo, não se dignão ao menos fazer uma reverencia ou tirar seo chapeo quando passão diante da Cruz.

Não passavam estes infelizes Indios por junto da Cruz sem se curvarem e ajoelharem-se á seos pés, sem a beijarem e abraçarem com toda a devoção, como nos viram fazer quando partimos..

Eis o resultado dos bons exemplos, principalmente quando offerecidos á este povo, tão propenso á imitação.

Passámos o resto de domingo, e toda a segunda e terça-feira fazendo-os repetir o que tinham aprendido, e ensinando-lhes o que ainda lhes faltava para receberem o baptismo.

Continuavam a trabalhar na Capella, a qual só ficou prompta na terça-feira ao meio dia e gastamos toda a tarde preparando-a e ornando-a.

É impossivel descrever a alegria e o enthusiasmo destas pobres creaturas vendo o que nunca viram.

Soltavam constantemente exclamações admirando o altar e a capellinha, preparada com tanta devoção.

Depois disto foi cada um preparar-se para a solemnidade do santo baptismo, que devia ter lugar no dia seguinte.

Era nosso dever não só cuidar, que os adultos fossem bem instruidos, mas tambem examinar o concurso de todas as circumstancias para que a falta de uma só não transformasse em iniqua e censuravel uma acção tão louvavel como santa.

Embora estivessem bem instruidos, e desejassem ardentemente o baptismo, comtudo ainda não estavam todos habilitados a recebel-o, e nem podiamos nós dal-o a todos que nol-o pediam, principalmente aos casados á seo modo, porque sendo-lhes prohibida a pluralidade das mulheres, coisa entre elles muito commum (como diremos em lugar proprio) era nossa obrigação cuidar de separar as mulheres do marido, e este d'aquellas (como o fizemos quando os baptisamos); porem com todas as circumstancias exigidas, receiando que a precipitação não prejudicasse a gloria de Deos, ao estabelecimento do Christianismo, e á salvação de uns e outros, expondo-os a maior perigo, julgando melhor não baptisal-os, do que fazel-o, faltando ás coisas mais essencialmente recommendadas pela Igreja.

Resolvemos por isso baptisar primeiro os meninos, e depois os solteiros, fazendo notar aos outros a obrigação, que contrahiam quando baptisados; porque Deos queria que cada homem se contentasse com uma só mulher, caso elle quizesse ser baptisado e seo filho, e que assim pensassem, e quando por vontade propria estivessem resolvidos a obedecer taes preceitos, então seriam baptisados.

Ah! quantos christãos hoje em dia, apezar de tantas inspirações divinas e de tão santas admoestações ou prédicas despresam a Deos, e perdem-se com mulheres por actos de concupiscencia, e de desenfreiada sensualidade?

Não serão elles mais selvagens e brutaes, que os pobres indios?

Apenas ouviram nossas razões, não tendo antes conhecimento dos Mandamentos da Lei de Deos, de mui boa vontade deixaram suas mulheres para serem baptisados, e filhos de Deos.

Com tudo não desejando fazer-lhes alguma surpreza, limitamos-nos a dizer-lhes, que baptisariamos primeiro os ra-

pazes solteiros, visto que de muito boa vontade promette-ram abandonar *Jeropary* e suas obras, e somente obedecer até a morte á Deos e aos preceitos da Igreja, dando-lhes tempo até o dia seguinte para pensarem e decidirem, pedindo que se reunissem cedo afim de serem examinados antes.

Na manhã seguinte reuniram se muitos meninos, moços e moças solteiras, e entre elles quatro filhos de *Japy-açú*, Principal da Ilha, a saber os dois rapazes *Tucan-açu* e *Juy*, duas raparigas, e o menino *Acaiuy-Miry*.

Achavam-se todos juntos á Cruz em frente á Capella.

Perguntamos um a um a respeito de sua fé, e todos nos responderam com tal certesa a ponto de nos admirarmos do que haviam aprendido em tão pouco tempo.

É minha opinião ser isto graça especial de Deos.

Em altas vozes confessaram crer em Deos, unico na essencia, e trino na pessoa, Padre, Filho, e Espirito Santo, e em Jesus Christo, filho do Padre Eterno, nascido da Virgem Maria, que morreo e resuscitou por nós, e que n'esta crença queriam viver e morrer.

Perguntamos depois senão estavam arrependidos de haverem offendido a Deos, tão bom, e si não tinham pezar por não conhecel-o antes?

Responderam affirmativamente, protestando não viver mais como até aqui.

Perguntamos tambem si não queriam abandonar *Jeropary*, o diabo, e todos os seos maus e diabolicos costumes, como seriam o comer carne humana, matar a sangue frio seos inimigos, ter muitas mulheres, e praticar outros actos censuraveis, que haviam aprendido de seos Paes, e estes de *Jeropary*.

Respondia cada um de per si, asseverando com fervor que renunciava a Jeropary por ser mau, e nada valer, bem

como todos os maus costumes de seos Paes, e assim dizia lhm:

Comi tantas vezes carne humana, e outros respondiam— e eu tambem.

Matei tantos escravos por vingança e á sangue frio, e eu, disse outro, pratiquei taes e taes maldades.

Nem um só deixou de confessar suas faltas publica e voluntariamente, sem constrangimento, nem acanhamento, e sim pezarosos por havel-os commettido.

Que vergonha para tantos catholicos, que não tendo pejo de commetter tantos peccados contra a Magestade Divina, vexam-se de confessal-os em segredo aos pés do sacerdote, representante de Jesus Christo?

Dizia Nosso Senhor aos Escribas e Phariseos, que os Ninivitas írão ao seo encontro, se fizerem penitencia por occasião das prédicas de Jonathas.

Direi eu tambem com muita confiança a meo Salvador, que os *Canibaes* e *Antropóphagos* apparecerão em frente desses catholicos no dia do Senhor, visto que pelas simples palavras dos servos de Deos elles se converteram, se arrependeram de sua vida passada, confessando livremente seos peccados.

Em quanto os interrogavamos e os preparavamos para a recepção do baptismo, todos os habitantes de *Juniparan* e os das aldeias circumvisinhas, ahi presentes, se arranjavam para assistir á esta solemnidade, do melhor modo possivel, em homenagem a esta santa acção.

Apresentou-se *Japy-açú* com sua casaca por cima de seo vestuario, que era bem soffrivel.

Todos os outros Indios, que depois de nossa chegada, principiaram a uzar vestidos, tambem se apresentaram com o que de melhor possuiam: ninguem queria apparecer nú em tal companhia, como costumam a fazer por algum re-

sentimento, principiando todos a julgar coisa indecente e impropria o comparecer em tal ceremonia nú, e em companhia de pessoas vestidas.

Vindo uma India vêr a ceremonia, e vendo-se núa, ella só, no meio de tanta gente, envergonhou-se muito, correo á sua casa, revistou sua caixa, e encontrando as ceroulas e o gibão de seo marido, com elles vestio-se logo, e depois voltou trazendo nos braços um filhinho, e assim mostrando a curiosidade, que tinha de presenciar esta ceremonia.

Na verdade tudo isto fez-me rir, e perguntando-lhe qual a razão deste procedimento respondeo-me ter vindo com seo filho para ver baptisar, mas vendo-se núa no meio dos outros, que estavam vestidos, envergonhou-se, e receiando não lhe ser permittido ahi ficar assim, correo á casa para se vestir, e como não achasse outras roupas, senão aquellas de seo marido, servio-se d'ellas para aquella occasião.

Nem por isso se lhe permittio assistir, pedindo-se-lhe que se retirasse.

Somente a *Japy-açú* e aos outros Principaes, ahi presentes, se permittio a entrada na Capella, onde se achavam preparadas todas as coisas necessarias ao baptismo, n'uma banca, no centro, e em frente ao altar convenientemente ornado.

Estava fóra da Capella o resto do povo com os baptisandos.

O Sr. de Rasilly, que somente visava a salvação e a conversão destas pobres creaturas, quiz servir-lhes de pae e de padrinho, conjunctamente com o Sr. de Annay, seo irmão e outros Francezes de Juniparan e das circumvisinhanças.

Revesti-me de alva e estolla, e o Rvd. Padre Arsenio de sobrepelliz.

Benzemos a agoa, e depois a Capella, e invocando o auxilio do Espirito Santo, da bemaventurada Virgem Maria e do nosso Seraphico Padre São Francisco começamos o baptismo.

Para agradarmos a *Japy-açú*, e a *Buruuichaue*, o maioral da Ilha, baptisamos em primeiro lugar seos quatro filhos, um após outro, começando pelo mais velho, chamado *Tucan-açú*.

Recebeo o nome de Luiz, que lhe foi dado pelo Sr. de Rasilly em memoria de Luiz XIII, nosso Christianissimo Rei.

Fizemos os exorcismos fóra da Capella, como recommenda o Manual Romano do Concilio Tridentino, e depois pegando-o pela mão, o fizemos entrar na Capella, dizendo: *Ludóvice, intra in conspectum Domini per manum sacerdotis, ut habeas vitam eternam.*

Entrou, ajoelhou-se e de mãos postas recitou em altas vozes o *Pater noster*, a *Ave mater*, e o *Credo* na sua lingua, e depois acabei de baptisal-o, observando á risca todas as ceremonias, e o mesmo observei para com seo irmão *Juy*, aquem o Sr. de Rasilly pôz o nome de Carlos, e o de Anna á sua irmã mais velha, dando o Sr. de Aunay o nome de Maria á mais moça.

Impossivel é descrever-vos a nossa alegria n'essa occasião, e bem fundada era ella, pois festejavamos com tanto triumpho o nascimento da Igreja Romana n'este novo Mundo, tendo visto antes sua decadencia, produzida pela corrupção d'aquelle paiz.

Quem não sentiria o coração pular de alegria, vendo o fervor e contentamento, com que se apresentavão estes jovens para receber o baptismo?

A modestia, a gravidade, a piedade e a devoção, que mostravam, bem deixavam conhecer a todos as muitas gra-

ças derramadas em seos corações pela bondade divina, a quaes regorgitando n'esses pequenos vasos, saltavam sobr as creaturas presentes, e por esta tão sensivel communicação, nós, os Francezes, e os Indios, d'ella tocados presenceiando o fervor dos novos christãos, não podemos impedir que nossas lagrimas corressem, e de facto deixamol-as correr livremente.

Era digno de ver-se o veneravel velho *Japy-açú*, assentado nos degraus do altar, com sua gravidade e habitual modestia, presenciando com attenção e curiosidade o baptismo de seos filhos.

Contricto e commovido este bom homem derramava muitas lagrimas.

No fim dos exorcismos, quando elle vio seos filhos, conduzidos por nós, entrarem na Capella, ajoelharem-se de mãos postas, dizendo em altas vozes e com fervor o *Pater noster*, a *Ave Mater* e o *Credo*, renunciando publicamente o diabo e suas obras, recebendo com toda a devoção os oleos sagrados, a agua benta, e o Sacramento da Confirmação, e pedindo o baptismo perante todos, então gemeo e chorou muito de alegria e de compaixão.

Não creio que haveria uma só pessoa, embora tivesse coração o mais diamantino possivel, que ao ver assim este pobre velho podesse conter as lagrimas.

Por mim confesso ter-me sido impossivel, bem como o foi tambem aos outros, embora diante de acto tão respeitavel, por mais exforços, que fizesse, admirando sobre tudo a coragem e constancia desses novos regenerados, que apesar da commoção de todos os assistentes, estavam inflexiveis, e somente deram provas magnanimas de incomparavel alegria, de singular piedade, e de grande devoção.

Depois dos quatro ja mencionados ainda houveram os seis seguintes:

1.º O menino *Acaiüy-Miry*, filho do grande Acaiüy. Um dos Francezes deo-lhe o nome de João.

2.º O filho de *Maissobuy* e chamou-se Pedro.

3.º O filho de *Jacopen*. Recebeo o nome de Carlos.

4.º O filho de *Auaray*, chamado Adriano.

5.º Pedro, filho de uma Tapuya.

6.º A filha de *Mayrata* e de *Auaray*, chamada Esteva.

Todos tiveram por Padrinho um Francez.

Cançado o Padre Arsenio, nosso companheiro, e chegada a hora da missa, vimos-nos obrigados a prorogar para outro dia a continuação do baptismo.

Celebramos comtudo, servindo-nos do interprete, o cazamento de Sebastião com a filha mais velha de *Japy-açú*, a mais instruida.

Depois celebramos missa, a que assistiram os recem-cazados e baptisados com os francezes, retirando-se, como de costume, os não baptisados

Era tal a devoção dos recem-cazados, que bem preparados, e bem scientes dos seos deveres, receberam antes a sagrada communhão, durante a missa, com bastante edificação das testemunhas.

Prasa aos Ceos, que muitos catholicos tomassem taes exemplos destes novos christãos para assim tão santamente, começarem a vida de cazados, para bem seo e de sua prole e recebendo d'est'arte as bençãos de Deos, e por falta de tudo isto se vê muitas vezes a decadencia e a total ruina de muitas familias, e de filhos nascidos em tão más disposições.

Acabada a missa, retiramos-nos todos alegres, louvando e bemdizendo o Omnipotente por tão felizes premicias, e pela esperança de ampla e copiosa colheita, especialmente por alcançarmos tudo, embora as perversas intrigas que levantára o Diabo contra nós, tirando do seo poder, e com

muita gloria essas infelizes almas, e esperando tambem tirar-lhes as mais, visto dignar-se Deos abençôar nossos trabalhos e os desejos nos nossos corações.

CAPITULO XXI

Morte do Revd. Padre Ambrosio de Amiens.

Diziam os antigos ter Jupiter dois navios junto a si, um de cada lado.

Diziam tambem ser um carregado de males, de tristezas e de afflicções, e outro de bens, de alegria, e de contentamento, dos quaes se servia ora de um ora de outro, seguindo-se o bem ao mal, a alegria ás afflicções, o mal ao bem, a alegria á tristeza, o contentamento ás afflicções.

Creio ser isto fabula, porem confessamos, que Deos assim o faz aos seos servos, não lhes permittindo no mundo alegria constante, nem tristeza continua, fazendo-lhes boa a vida com estas alternativas.

A satisfação deste dia, por causa da administração dos Sacramentos, não durou muito tempo, pois appareceo-nos a triste noticia de haver morrido um dos nossos Padres no Forte de São Luiz.

Desde pela manhã foi esta perda sabida pelo Sr. de Rasilly, porem elle nol-a occultou, e ordenou aos Indios e Francezes, d'ella sabedores, que nada nos dissessem, receiando affligir-nos. e interromper-se o acto, no qual iamos funccionar.

Já muito tarde, pois muito se prolongaram as ceremonias, e depois de termos tomado alguma refeição, elle nos informou da morte do Rvd. Padre Ambrosio no dia antecedente.

Maguou-nos muito o coração tão triste noticia, e o Rvd. Padre Arsenio, eu e o Sr. de Rasilly muito o choramos, não tanto pela ausencia corporal de tão bom Padre, (embora nos fosse muito sensivel) mormente crendo estar sua alma no Ceo entre os bemaventurados, o que nos servia de grande linitivo; mas sim por vermos em parte interrompidos os nossos projectos em relação ao estabelecimento do Christianismo: bem rasão pois tinhamos de affligir-nos e de chorar.

Os Indios, tão nossos amigos, condoeram-se muito do nosso pezar, e quando souberam a causa, tambem choraram muito, e lamentando-se diziam em altas vozes—*Pay omano, omano Pay yman.* «Morreo o Padre, morreo o pobre Padre.»

Não choravam debalde a perda de tão bom padre, porque alem dos bens espirituaes e dos consolos que d'elle esperavam, já tinham recebido bons exemplos de todas as virtudes e de santidade, e por isso muito o apreciavam.

Excedendo seos merecimentos infinitamente tudo quanto d'elles eu podesse dizer, prefiro calar-me receiando obscurecer sua gloria, visto não poder louval-o como merece.

Por outro lado, porem, não devendo occultar tão brilhante Luz, trazida por Deos de tão longe para alumiar este povo barbaro por meio do Evangelho, que ia prégar, e pelo splendor de sua vida santa, não posso deixar de publicar algumas particularidades d'ella para gloria de Deos e edificação do proximo.

Durante treze annos da vida religiosa deste bom Padre Capuchinho somente se descubriram n'ella traços bem visiveis da vocação divina.

Ao vel-o, dirieis, que na sua fronte estavam impressos os signaes de uma alma predestinada, e as maiores provas d'um verdadeiro servo de Deos.

Sua face mostrava constantemente a candura do seo espirito, suas palavras a pureza do seo coração, e suas acções a innocencia de sua alma.

Era para com todos docil, affavel e bondadoso, e quanto mais brando e benevolo para com os outros, mais austero era para comsigo.

Desde muito joven, embora vivendo no seculo, trazia sempre comsigo o cilicio, fazia rigorosos jejuns, orava a Deos com toda a devoção, e tão constante era nesses actos, que nada havia no Mundo capaz de o fazer esquecer-se d'elles.

Assim se preparava desde tenra idade, este novo soldado de Jesus Christo para combater com mais valor, logo que se alistasse na Ordem de S. Francisco, o porta-bandeira da missão de Jesus Christo.

Si me fosse possivel particularisar os momentos de sua existencia, e as minudencias de suas acções, durante sua vida de Religioso, então se veria quam grande era a santidade d'este notavel servo de Deos.

Não é este porem o nosso costume, e nem meos superiores o permittiriam publicar coisas, que é da Divina Bondade não passarem de nossos claustros.

Basta apenas dizer, que ardia seo coração em desejo de soffrer alguma coisa pelo amor, que á Deos dedicava.

Dentro do Convento somente aspirava a posições muito baixas e até ao despreso; mas ao contrario seos merecimentos o faziam ser honrado e estimado por todos os religiosos.

Aninhava em seo coração o santo desejo de soffrer algum martyrio em pról da sua fé, porem nunca se lhe offereceo

occasião até que aprouve a Deos aggregal-o á empresa do Maranhão, quando a Rainha para ella escolheo os Padres da nossa Ordem, e então elle se offereceo, e com tão grande fervor, que foi impossivel não ser attendido.

Não foi passageira tão fervorosa dedicação, pois continuou até o ultimo instante da sua vida.

O que não fez elle durante a viagem?

Nos cinco ou seis mezes, que fóra do Convento nos demorámos em São Malo e Cancale esperando embarque, cuidava de tudo quanto precisavamos.

Embora sacerdote e prégador tomava muitas vezes o trabalho de preparar a nossa comida, o que continuou a fazer no mar e em terra, entre os Indios, sendo o primeiro a empregar-se em serviços humildes e até déspresiveis, com admiravel zelo.

Desejava ardentemente a salvação dos pobres Indios, e por isso não perdia occasião de fallar-lhes em beneficio de suas almas, sendo incansavel em todo o serviço, que podesse mais augmentar a gloria de Deos.

Quando prégava, ordinariamente possuia-se de tanta devoção, que o fazia chorar muito.

Dissolvendo-se sua alma interiormente no ardor dos fogos do amor divino, não poude durar por muito tempo no delicado vaso do seo corpo tão cançado, e embora as suas constantes aspirações para o soberano bem, ella vio-se em pouco tempo obrigada a ter uma, porem para sempre.

Quando á 26 de setembro adoeceo com febre, elle disse —estou morto—como se disto tivesse certeza.

Crescendo sempre a molestia, só fallava de Deos, e das coisas do Ceo com muita devoção, parecendo já ser só espirito.

Não se cançava de louvar a Deos, e de agradecer-lhe á bondade de trazel-o até ahi, e de dizer que do mundo

apenas levava o pezar de não morrer martyr, como tanto desejava.

Das mãos do Revd. Padre Ivo com extrema devoção recebeo o Sagrado Viatico, a extrema-uncção, e os ultimos serviços até expirar.

Por cima de sua cama havia um pequeno quadro com a figura do Apostolo S. Pedro, a que dedicava particular devoção, pois teve no seculo o nome de Pedro.

Pouco antes de morrer, cahio sobre elle este quadro, teve com isto o presagio de estar proximo o seo momento final, (sem com tudo dar-lhe inteiro credito) disse immediatamente —*vamos, bom Santo, vamos, já que me quereis levar: estou prompto.*

Dito isto virou-se, preparou-se para morrer, agonisou por algum tempo, e no meio da febre extraordinaria, que tanto o fazia padecer, mas que soffria até com satisfação, restituio a alma ao seo Creador, o qual, conforme costuma remunerar o merito das acções virtuosas de cada um, sem duvida terá dado a este servo fiel (como é crença piedosa) a gloriosa corôa do martyr triumphante, que tanto e tanto desejo, e veio procural-a tão longe.

Morreo este Apostolo do Maranhão a 9 de Outubro de 1612, dia do glorioso Martyr S. Diniz, primeiro Apostolo de França, e enterrou-se em nossa residencia de S. Francisco, junto ao Forte de S. Luiz, na Ilha Grande do Maranhão.

CAPITULO XXII

Da nossa visita á Mayoba e a Coyieup.[1]

Depois de um pouco mitigada a dôr por tão triste acontecimento, consultamos eu, o Sr. de Rasilly, e o Revd. Padre Arsenio o que deviamos fazer.

Considerando em primeiro lugar o que se havia passado com tanta felicidade em *Juniparan*, julgamos necessario que ahi morasse um Padre para conservar o que haviamos principiado tão santamente.

Por outro lado sabiamos, que em breve nos esperavam, como tinhamos promettido, os Principaes e os habitantes *d'Eussauap* para irmos vêl-os e dar-lhes um Padre, que com elles morasse, na sua aldeia, a mais notavel depois de *Juniparan*.

Alem d'isto bem conhecemos estarem elles receiosos que nós os deixassemos, por causa da morte do Revd. Padre, nosso companheiro.

---

[1] *Cutim:* pequeno rio, que corre na Ilha de S. Luiz, e confluente do Anil, distante pouco mais de uma legoa da capital.

Temos encontrado este nome escripto pelas seguintes formas *Coty, Cutim, Cotim, Cuti, Acuti*. O Sr. Coronel Farias diz, que deve escrever-se *Cotim*, palavra composta de *Co* e *tim* que quer dizer—*ponta de roça*.

Nós mesmos vimos os nossos planos e projectos addiados ou destruidos pelos embaraços occasionados por esta morte.

Finalmente Deos, que nunca abandona os seos, nem nas maiores difficuldades, inspirou-nos a continuação da nossa visita, deixando o Revd. Padre Arsenio em *Juniparan*, não só para instruir e baptisar os que a isso estavam dispostos, como para confirmar na doutrina christã os recentemente baptisados.

Na manhã seguinte despedindo-nos de *Japy-açú*, dos Principaes e dos velhos de *Juniparan*, lhes rogamos que prestassem todos os seos cuidados ao Padre, que ahi deixavamos, recommendando, não só aos baptisados, como tambem aos que devião sel-o, todo o zelo na obediencia e no cumprimento de suas ordens, sobre tudo no que dissesse respeito á conservação das graças recebidas, e na santa observação das promessas feitas por occasião do baptismo, continuando elles pela manhã e á tarde de todos os dias á orar diante da Cruz, como era costume.

Dirigindo-me depois ao Revd. Padre Arsenio, pedi-lhe, que ficasse nesse lugar para trabalhar como Padre e Pastor, e ter particular cuidado n'essas ovelhas recentemente adquiridas para Jesus Christo, e de outras ainda por conquistar, das quaes um dia daria contas severas á Deos.

Afinal abraçamos-nos estreitamente, e com menos lagrimas nos olhos do que dôr no coração, o deixamos em *Juniparan*.

Sahindo d'aqui eu e o Sr. de Rassilly caminhamos para *Eussauap*, com alguns francezes e muitos Indios.

Passamos por *Juniparan*-pequeno, distante do grande meia legoa, seguimos para a *Mayoba*, onde chegamos á tarde, sendo recebidos mui affectuosamente pelo Principal, que nos disse já esperar-nos ha muito tempo, e que por isso não tinha deixado um só dia de ir ou mandar caçar

para ter sempre prompta alguma coisa quando chegasemos.

Este homem era um bom velho, e já tinha visto todas as guerras dos portuguezes, e alem d'isto discorria o melhor, que era possivel.

Tinha prazer de passar todas as noites discorrendo sobre varios assumptos, quando desejavam ouvil-o.

Estimou-nos particularmente, e mais do que todos empregou exforços para construir-nos uma casa e Capella afim de ser celebrado o santo sacrificio da Missa, trabalhando elle mesmo com alegria e com seo exemplo animando os outros.

Pouco depois da nossa chegada fez elle reunião geral, onde se achou o Sr. Des-Vaux para dizer-lhes o mesmo, já dito aos outros, com que muito se alegraram os habitantes d'este lugar, especialmente o seo Principal e na proporção da estima e amisade, que nos dedicava.

Sahindo da *Mayoba*, fomos a *Coyieup*, onde nos receberam com todas as demonstrações de apreço, iguaes ás já recebidas n'outros lugares, mostrando-se muito contentes o Chefe e os Principaes quando ouviram as palavras do Sr. Des-Vaux na reunião geral, que responderam logo com toda a delicadeza e urbanidade.

Pouco tempo depois da nossa chegada a este lugar, no fim da aldeia uma India apanhou um pato bravio, a que chamam *Vpec*.

Quando ella indecisa pensava, si devia ou não soltal-o, disse-lhe uma mulher bemfazeja e devota, que não o deixasse fugir, e fizesse mimo d'elle ao Padre, que acabava de chegar com o *Buruuichdue*.

Acquiescendo a este conselho, ella o depennou, cozinhou, e depois nos trouxe, contando como o tinha apanhado, e rogando-nos, que o acceitassemos.

CAPITULO XXIII

De um Indio velho, baptisado em—Cayieup—, e de sua morte.

Deos, que na phrase do Apostolo, conhece os seos, nunca falta á tempo e hora com o auxilio de suas graças.

Elle os encontra em todos os climas, e em todos os lugares, chama-os com amor e infinita bondade, e proporciona-lhes meios sufficientes para alcançarem a gloria promettida.

Quereis ver um exemplo admiravel do que se passou em nossa visita?

Quando chegamos a aldeia *Cayieup*, foi o Sr. de Rasilly passear pelas choupanas, e chegou á casa de um bom velho Indio, chamado *Su-Uassuac*, um dos mais antigos ahi, pae da mulher de *Japy-açú*, o maior *Buruuichdue* do Maranhão, de quem já fallei.

Tinha 160 e tantos annos, e por causa da velhice já pouco via.

De presença veneravel, era grave, docil, amavel, e ainda muito firme em seo andar.

Sua filha, mulher de *Japy-açú* veio de *Juniparan* visitar-nos, e chegando a *Cayieup* um pouco antes de nós contava a seo Pae o que haviamos feito em *Juniparan*, como tinhamos plantado a Cruz, baptisado seos filhos, e casado sua

filha, e a immensa satisfação, que haviam experimentado com a nossa chegada, o que haviamos feito, como já tinha conhecimentos á respeito de Deos, e dos artigos de nossa fé, que aprendera em *Juniparan*, dizendo-lhe tambem o que ainda ella podia aprender, e começou á cathequisal-o.

Foi interrompida com a chegada do Sr. de Rasilly, e então disse á seo Pae—eis que chega o grande *Buruuichdue*.

Alegre este bom velho, e sentado em sua rede, o saudou assim—és tu o grande *Buruuichdue*, vindo para salvar-nos? que deixaste teo paiz para defender-nos dos nossos inimigos? que trouxeste Padres para instruir-nos, e fazer-nos filhos de Deos?

Respondeo-lhe o dito Sr., que sim, que viera com os Padres para morar, viver e morrer com elles.

Disse-lhe ainda o velho—os Padres, que trouxeste, e que tanto podem, poderão curar-me?

Respondeo-lhe o Sr. de Rassilly, que a sua molestia era a velhice, enfermidade incuravel: que tinha sido joven, e por isso devia tambem ser velho, e por tanto caduco e debil, como estava, e que finalmente era forçoso que morresse como os seos predecessores, visto ser a morte inevitavel e della ninguem poder eximir-se, aconselhando-lhe a salvação de sua alma, que um dia se separaria do seo corpo, o que lhe seria facil se acreditasse em Deos, e fosse baptisado.

Affirmou-lhe tambem ter trazido Padres para instruil-os, baptisal-os, e emfim salval-os.

Disse este bom velho—eu bem queria que os Padres fizessem com que Deos descesse ao meu coração.

Respondeo-se-lhe, que isto só era possivel por meio do baptismo.

Replicou immediatamente o velho—pois bem eu ti peço, faz-me baptisar. Levantando-se da sua rede, tomou pela

não o Sr. de Rasilly, levou-o ao seo galinheiro, offereceo-lhe todas as suas galinhas, rogando que as aceitasse, e pedio-lhe que o fizesse baptisar.

Tudo isto fazia pelo desejo de ser baptisado; não sendo ainda instruido ignorava elle o que eram os Sacramentos, e como deviam ser administrados.

Respondeo-lhe o Sr. de Rasilly, não ter vindo para tomar coisa alguma delles: que os Padres nada recebiam para baptisal-o, como elle desejava, e fazel-o filho de Deos.

Instou porem o velho com toda amisade e cortesia a ponto de tornar-se importuno, pelo que não houve remedio senão elle aceitar uma bonita galinha, receiando suspeitar o velho, que a recusa era despreso pela sua pessoa.

D'ahi ha pouco perdeo-se essa galinha quando passamos por uma aldeia, e então muito nos recordamos desse veneravel velho.

Em quanto se passavam estas coisas cheguei eu, e ao aproximar-me disse o Sr. de Rasilly:

«Eis o Padre, de quem te falamos, que vem te vêr.»

Alegre e satisfeitissimo não póde vêr-me logo pela debilidade da sua vista, devida á sua grande velhice, porem disse—onde está elle, quero vel-o?

Aproximei-me delle, estendeo-me os braços, abraçou-me estreitamente, beijou-me as mãos, e disse—*Eré Ioupé Pay?* Chegaste Padre?

Como ja estivesse este veneravel velho tocado pela bondade de Deos, que principiava a actuar n'elle, e preparar sua alma para ser o Templo mistico do Espirito Santo, e a agradavel morada da Santissima Trindade, disse-me logo, com grande affecto, que desejava ser filho de Deos, e por isso me pedia com instancia o baptismo.

Respondi estar muito satisfeito, e que outra coisa eu não desejava; mas era necessario instruil-o primeiramente na

existencia de um só Deos Omnipotente, creador do Céo, da terra, do mar e de tudo quando nelle existe.

Aproveitei o ensejo, e lhe disse ter sido Jesus Christo crucificado por nosso respeito, e lhe prometti, que quando elle estivesse bem instruido, e crêsse no que fosse necessario, seria então baptisado por mim.

Replicou-me assim: «Si para ser baptisado, e filho de Deos é necessario conhecel-o e crer n'elle, Deos, que é tão poderoso, como dizes, não póde descer ao meo coração, fazer com que eu o conheça perfeitamente, para que crendo n'elle tu me baptisasses já?»

Estas palavras eram mais de Deos do que do seo espirito, e por isso causaram-nos muita admiração mormente pela notavel gravidade, e pelo accento de devoção sem igual com que foram proferidas.

Respondi-lhe; que Deos bem podia descer ao seo coração, como ja o havia feito quando inspirou-lhe a vontade de ser baptisado e de pertencer ao numero de seos filhos; mas que como desejava ser aqui bem conhecido, por isso nos mandou a estas terras para instruil-os.

Peço-te pois (disse elle) que me instruas e me ensines o que fôr necessario eu saber para ser baptisado.

Respondi-lhe que nisso teria muito gosto.

Creio, que Deos conhecendo todas as coisas, inspirou este pobre homem, ja no fim da vida, para estar comnosco, como fazia, afim de instruil-o, e a nós para lhe darmos o que pedia tão ardentemente.

Escrevi immediatamente ao Rvd. Padre Arsenio, então em Juniparan, pedindo-lhe que viesse até *Coyieup*, e trouxesse o Sebastião, de quem já fallei, para melhor fazer comprehender a este velho o que elle precisava afim de ser baptisado.

Veio elle apenas recebeo minha carta, e principiamos logo a catechisar este bom velho, que se mostrava mui satisfeito quando se lhe fallava de Deos.

Todas as noites sua propria filha, mulher de *Japy-açú*, explicava, e fazia-lhe comprehender o que havia aprendido em *Juniparan*.

Finalmente este veneravel velho, similhante a um veado nem mais nem menos (conforme a etymologia de seo nome) foi caçado durante 160 annos pelo Diabo, grande caçador; cançado e fatigado por tão longa perseguição correo para os desertos da gentilidade e do paganismo, e ahi somente anhelava pelas agoas claras do baptismo, fonte de todas as graças, para refrescar-se.

Depois de haver sido instruido por alguns dias, foi baptisado á 19 de outubro, com incalculavel alegria e satisfação.

Quando estivemos em *Timbohu* appareceo-nos o Principal d'ahi, ja velho, fazendo-nos iguaes pedidos com as mesmas palavras e observações.

Não julgamos porem dever baptisal-o como fizemos a este.

Bem se diz, que Deos faz seos beneficios a quem quer e quando quer, embora deseje que todos se salvem e conheçam a verdade, sendo certo, porem, que elle não prodigalisa em todos os tempos com igualdade os seos beneficios a todos, e sim como e quando quer e lhe apraz. *Spiritus, ubi vult, spirat* «o espirito sopra onde quer.»

Assim dizia Deos a Moyses—*Miserebor cui voluero, et clemens ero in quem mihi placuerit* «terei compaixão de quem quizer, e serei brando para com quem me parecer.»

E aos Romanos na nona—*Miserebor cujos misereor, et misericordiam prestabo cui miserebor* «condoer-me-hei de quem quizer ter compaixão, e serei misericordioso com quem quizer.»

Disto concluio o Apostolo—*Igitur non volentis, neque currentis, sed miserentis est Dei.* «Não é do que quer, e nem do que corre, e sim de quem Deos quer condoer-se.»

Parece-me que estes dois velhos tinham recebido igual graça, pois ambos inspirados por Deos pronunciaram iguaes palavras, ambos pediram o baptismo, e ambos nos commoveram com suas palavras, que admiramos.

Como foi, porem, que nos resolvemos a baptisar um só e não ambos?

Perguntam muitos porque Deos tanto amou a Job e não a Esau, como fez tantos beneficios a um; e nenhum ao outro.

Igual pergunta se pode fazér a respeito destes dois Indios.

Mas. *Quis cognovit sensum Domini? aut quis consiliarius ejus fuit?* «Quem foi que conheceo o pensamento do Senhor? Quem foi seo conselheiro? «São impenetraveis segredos dos admiraveis juizos de Deos.

É bem certo porem, que elle dispõe muito bem de tudo, dando a uns sua gloria, quando lhe apraz, e concedendo a todos suas graças, de sorte que não ha uma só pessoa por quem elle não tenha feito muito para salval-a.

Deos pois contentando-se de prolongar a vida ao primeiro velho afim de ser melhor instruido, e com mais proveito seo, inspirou-nos para baptisar somente o ultimo, que elle desejava tirar do Mundo, e chamal-o a fé.

Conta o Propheta Isaias, como coisa admiravel e terrivel, que devia morrer um menino de cem annos, e ser amaldiçoado o peccador de cem annos.

Puer centum annorum morietur, et peccator centum annorum maledictus erit.

Ah! não admira vêr não morrer, antes nascer um menino: nascer e morrer quasi juntamente, não na idade de cem annos somente, e sim na de 160 e 180 annos?

Oh! prodigio! nascia morrendo, e morria nascendo para encontrar a vida.

Era uma criança, que nascia na idade de 160 e tantos annos por meio da regeneração das fontes sagradas do baptismo.

Antes do baptismo não era elle filho do Diabo? Sim, porem depois do baptismo, fez-se filho de Deos.

Antes do baptismo, embora muito velho, era menino pois nada sabia e nem conhecia a respeito da Lei.

Depois do baptismo, porem, tornou-se como um menino recem-nascido—*Quasi modo genitus rationabilis sine dolo*, sugando o leite da graça de Deos, e a doutrina christã.

Si antes do baptismo era filho das trevas, e da malicia, depois do baptismo fez-se filho da luz e da santa innocencia.

Disse Deos que o peccador de cem annos será amaldiçoado. Que mêdo deve ter o que continuar por tão longos annos em sua má vida? Não deve elle porem perder a esperança, ao contrario deve voltar-se para Deos e esperar misericordia, igual a que elle deo a este bom velho, no fim de seos dias; depois de haver arrastado tão má vida e por tanto tempo recebeo tantas graças e bençãos de Deos, por meio do baptismo, que achou-se inteiramente outro, podendo dizer, que no baptismo e depois d'elle, ficou sempre—*puer centum et sexaginta annorum*, «um menino de 160 ou mais annos.»

Dizem os naturalistas, que a Aguia quando velha, não podendo mais supportar a grossura do seo bico adunco, que a embaraça na comida, o peso de suas pennas velhas, que não lhe consentem vôo altaneiro, e a debilidade da vista,

que a impossibilita de olhar fixamente o Sól, como tinha por costume, atira-se dentro de uma fonte limpida, que bra-seo bico n'uma pedra dura, deixa cahir suas pennas velhas, e assim recobra sua mocidade e forças, e mudando de bico, de pennas, e de vista começa a comer, a voar muito alto, e a encarar o Sól como fazia na sua mocidade primitiva.

Assim tambem este pobre indio, ja velho, não podendo mais sustentar a velhice de tão avançada idade, tendo o bico de suas affeições muito adunco, e as pennas de seos maus costumes e diabolicas conversações inveteradas na infidelidade, e envelhecidas no paganismo, mais cego na alma do que no corpo, depois de lavado na limpida fonte do baptismo, por elle tão desejada, Deos satisfazendo-lhe a vontade, de tal sorte renovou sua mocidade, que, à maneira da Aguia, principiou a comer, a voar muito alto, e olhar firmemente o bello Sól divino, porque apenas recebeo o baptismo, suas affeições foram celestes, regosijando-se muito, em acção de graças, pelo beneficio infinitamente grande, que recebeo de Deos.

Viveo ainda dois dias com indisivel contentamento, e sem outra molestia, alem da velhice, esta alma feliz vendo-se livre de suas pennas velhas, como Aguia generosa, renasceo, e cheia de força e de coragem começou a ensaiar o vôo, e a subir muito alto, e perdendo a terra de vista entrou no Céo.

Assim como a Aguia faz seos ninhos em lugares elevados, e escolhe para sua morada um lugar entre as pedras, e sobre rochedos inacessiveis, assim tambem esta santa alma faz seo ninho entre as hierarchias celestes, construindo seo abrigo entre bellas pedras preciosas, que são as almas em gloria, para de lá contemplar eternamente o verdadeiro Sol da Justiça e olhal-o constantemente.

Na verdade, como se póde julgar de outra fórma desta alma, sendo verdadeira a crença da Igreja de Deos, que affirma ir direito para o Paraizo aquelle que morrer na innocencia do baptismo?

É tão certo isto, que para affirmal-o não duvido offerecer minha vida.

Tinha este bom velho a razão ja amadurecida pelo tempo, e experimentada por longos annos, e o espirito muito abatido pela velhice, por toda a sorte de paixões, e de desregramentos.

Havendo empregado nos exercicios de devoção o pouco tempo, que viveo depois do baptismo, póde muito bem dizer-se, que quando esta alma feliz sahio do corpo, foi logo em direitura para o Céo afim de ser coroâda com a gloria eterna, que Deos lhe concedera para sempre!

Oh! Deos, quanto sois admiravel!

Quem acreditaria, que entre as nações selvagens de *Canibaes* e *Antropophagos,* tão crueis, que até comem carne humana, se encontrassem almas escolhidas e predestinadas, dignas de taes sédes de gloria?

É assim que Deos vae com tanto amor procurando, entre diversas nações, espalhadas pela superficie da terra, os seos para completar o numero dos escolhidos, nunca se esquecendo de proporcionar-lhes tempo, lugar, e meios bastantes para justifical-os e conduzil-os até á gloria celeste.

CAPITULO XXIV

Do que se passou em Eussauap durante a nossa visita.

Sahindo de *Cayieup* embarcamos-nos n'uma canôa, remada por Indios, e fomos a *Eussauap*, onde chegamos no sabbado seguinte ao meio dia.

O Sr. de Pezieux e os mais francezes, ahi residentes, nos receberam com todas as attenções, e reciprocamente nos mostramos satisfeitos.

Si renovamos a nossa alegria, tambem renovamos a nossa tristeza com a recordação da morte do Revd. Padre Ambrosio, percebendo claramente o quanto com elle perdemos, á vista dos beneficios que prestára em *Eussauap* e suas visinhanças, si fosse da vontade de Deos conservar-lhe a vida e a saude.

Esperando os moradores desta aldeia, que um de nós ahi ficasse com elles, edificaram no meio da praça, que havia entre duas casas, uma bonita capella com um altar bem asseiado.

Tinham tambem construido uma grande Cruz para plantal-a na frente da Capella, como fizemos em *Juniparan*, e achavam-se todos bem dispostos a receberem o baptismo, graças aos exforços do Sr. de Pezieux, extremamente dedicado pela salvação destes pobres Indios.

Na reunião geral, que teve lugar á tarde, o Sr. Des-Vaux fazendo-lhe o discurso do costume, asseverou-lhe, que quando regressassemos de França, lhes dariamos um Padre para instruil-os, não o fazendo agora por haverem poucos, visto ter um morrido, e o outro regressado á França, restando apenas dois, dos quaes um estava em *Juniparan*, e o outro no *Forte de S. Luiz* para soccorrer os francezes.

Mostraram-se alegres, e pediram-nos para benzer e levantar a Cruz, crendo que por isto nos affeiçoavam mais á este lugar.

Condescendo com tal desejo, na manhã seguinte, domingo, todos os habitantes de *Eussauap*, reunidos com os francezes, com as orações do costume, e agoa benta, eu benzi em primeiro lugar a Capella, e depois a Cruz, que foi depois plantada com as ceremonias e devoção, que se fizeram em *Juniparan*, com muita satisfação dos Indios e de nós todos.

Assim como as rosas nunca se encontrão senão no meio de espinhos, assim tambem não temos alegria sem muitas difficuldades.

Um dia o diabo inspirou á mulher de Pilatos a lembrança de impedir a paixão de Nosso Senhor Jesus Christo prevendo, que por meio da Cruz elle devia destruir o seo reinado.

Assim tambem este espirito maligno prevendo que a Cruz, por nós plantada, o deveria expulsar deste novo Mundo para n'elle estabelecer o reino do Soberano Monarcha do Ceo e da terra, não deixou de sublevar um Indio velho para resfriar o animo dos Principaes e dos velhos.

Depois de plantada a Cruz, fez-se outra reunião geral a tarde, na qual se achou o dito Indio velho, chamado *Mamboré Uaçau*, maior de 180 annos, o qual tomando a pala-

em presença de todos os Principaes da aldeia disse o guinte ao Sr. Des-Vaux.

«Vi o estabelecimento dos *Peros* em Pernambuco e *Potyu*, o seo principio foi como o vosso agora.

«No principio os *Peros* só queriam negociar, e não morar e dormiam então à vontade com as raparigas, o que os ssos companheiros de Pernambuco e do *Potyu* reputavam nde honra:

«Depois disseram ser-lhes preciso ahi morar. que necessitam construir Fortalezas para guardal-as, edificar cidades a morarem juntos, parecendo assim, que só desejavam uma nação.

«Depois fizeram entender, que não podiam ter assim as as d'elles, que Deos somente lhes permittia possuil-as meio do casamento, e que não podiam casar-se com as, senão baptisadas, e que para isso era necessario um dre.

«Vieram os Padres, plantaram uma Cruz, começaram a struil-os e depois foram baptisados.

«Depois fizeram vêr que tanto elles como os Padres precisavam de escravos para servil-os e trabalhar para elles, e e assim eram obrigados a dar-lhes.

«Não satisfeitos com os escravos aprisionados na guerra, izeram tambem seos filhos, e finalmente captivaram toda nação. e com tal tyrannia e crueldade a tractaram sempre, e a maior parte dos que escaparam, viram-se obrigados, mo nós, a deixar o paiz.

«Assim aconteceo com os francezes.

«Quando viestes aqui pela primeira vez foi simplesmente ra negociar comnosco, como os *Peros* não achastes difficuldade de tomardes nossas filhas, e nós nos julgavamos lizes quando ellas tinham um filho vosso.

«Nesse tempo não fallastes em vir morar aqui, e apenas vos contentaveis de vir aqui uma só vez por anno, e demorar-vos somente quatro ou cinco luas, regressando ao vosso paiz com os nossos generos para em troca trazerdes os de que necessitavamos.

«Agora para morardes aqui nos aconselhaes fazer Fortalezas, dizendo, ser para defendermos-nos de nossos inimigos e para isso trouxestes-nos um *Buruuichdue* e Padres.

«É verdade, que estamos contentes, porem os *Peros* fizeram o mesmo.

«Depois da chegada dos Padres, plantastes a Cruz, como os *Peros,* como elles começastes à instruil-os e baptisal-os e como elles ainda dizeis não poderdes possuir nossas filhas senão em casamento, e depois de baptisadas.

«A principio como os *Peros* não quizestes escravos, agora pedis e quereis possuil-os como elles.

«Não creio que tenhaes os mesmos projectos dos *Peros* e, nem receio isto, porque já sou velho e nada mais temo, porem conto ingenuamente o que vi.»

O discurso deste velho abalou a maior parte dos espiritos da reunião, e causou muita admiração ao Sr. Des-Vaux, que respondeo logo assim:

«Admira-me muito, que tu, que bem conheces os francezes ha muito tempo, ouses comparal-os aos *Peros,* como si não conhecesses a differença entre uns e outros.

«Recorda-te bem como os *Peros* se estabeleceram em Pernambuco e *Potyu,* e como tractaram seos similhantes desde que ahi entraram.

«Viste por ventura os francezes fazerem o mesmo? Vae para quarenta ou cincoenta annos, que negociamos comvosco. Tendes alguma queixa de nós? Ao contrario, não sabes quanto seria infeliz tua nação sem o auxilio dos francezes? Constrangida a deixar sua patria e suas commodi-

es para abrigar-se neste lugar, onde agora estaes, o que a della sem o auxilio dos francezes, que vieram procu-vos para trazer-vos machados, foices, e outros generos, vos são necessarios, pois sem elles não podeis preparar sas roças, e nem viver?

«O que fazieis, se annualmente elles não passassem o mar a vir não só ver-vos, mais tambem para trazer-vos novos eros para substituir os ja velhos e gastos? Onde procu-eis outros?

«Não sabes tambem, que são os Francezes, que vos hão endido contra vossos inimigos?

«Bem sabes, que tua nação foi outr'ora grande e valente, ue a ninguem temia.

«Não foi depois a guerra, que fez morrer grande numero teos similhantes, reduzindo-vos a tão poucos como hoje s?

«E esse pouco mesmo não teria sido exterminado si não e o auxilio dos Francezes? Os Francezes, grandes guer-ros e valentes, são temidos por todo o mundo, ninguem atreve á atacar-vos, depois que elles vos protegem.

«Não foi por isso, que tu e os teos me rogaram de regres-á França para fazer vêr ao nosso grande Rei a vossa essidade e o desejo de ter comvosco um *Buruuichaue* a defender-vos contra vossos inimigos?

«A affeição, que como sabes, sempre tive á tua nação, me emprehender tão longa e perigosa viagem com risco de nha vida para ti trazer um maioral e valentes soldados, mo me pedistes, não só para vos defender, e proteger, s tambem para reprovar tua nação, e restabelecel-a ao antigo estado florescente.

«Trouxe-te Padres, como todos me pediram, para vos struir e fazer-vos filhos de Deos. E comtudo isto, dizes ora, que viemos aqui estabelecer-nos como os *Peros*.

«Si os Francezes tem feito tantos bens a ti e aos teos [se]milhantes, si são vossos melhores amigos e alliados, co[mo] não podes deixar de confessar, és muito injusto compara[n]do-os aos *Peros*, que, como dizes, são vossos inimigos, que fizeram tantos males á tua nação.»

Acabando de fallar o Sr. Des-Vaux, ficaram todos irre[so]lutos, porque o discurso do velho tinha feito tal impress[ão] que embora as razões produzidas pelo Sr. Des-Vaux, n[ão] deixaram muitos de crer no velho indio.

É bem verdade, que eram por nós e pelo Sr. Des-Va[ux] os Principaes, os quaes se satisfizeram com a resposta d'el[le] e mostravam-se muito sentidos com as expressões do vel[ho] tão prejudiciaes aos Francezes, seos bons amigos.

Em quanto se passavam estas coisas, estive com o Sr. [de] Rasilly, que tudo ouvio fingindo o contrario, porque julg[ou] mais a proposito dissimular do que responder logo. Reti[ra]ram-se todos para casa n'este estado.

N'essa occasião foi o Sr. de Rasilly prevenido de que [al]guns negocios importantes reclamavam a sua presença [no] Forte de S. Luiz, pelo que foi necessario addiar nossa [vi]sita, e regressar logo.

Viemos por *Euayue*, por *Eucatu*, e por *Euapar*, dem[o]ramos-nos alguns dias para ver estas aldeias e outras, q[ue] se encontram no caminho, e em todas fomos recebidos co[m] cortesia e humanidade, mostrando-se contentes com o di[s]curso, que costumava fazer o Sr. Des-Vaux em todas as r[e]uniões geraes.

Chegando ao Forte de S. Luiz, e vendo que os negoci[os] reclamavam tambem a presença do Rvd. Padre Arsenio, e[s]tão em *Juniparan*, e do Sr. de Pezieux, que estava em *Eu[]sauap*, mandou o Sr. de Rasilly chamal-os, e vieram imme[]diatamente.

Em quanto foi o recado, contou o Sr. de Rasilly á Migan, um dos nossos interpretes, tudo quanto disse o tal velho na reunião geral de *Eussauap*, e receiando que isto não alterasse alguns espiritos e produzisse algum mal, pedio-lhe que á fosse o mais breve que podesse para com razões vencer o dito velho, e aplacar os outros indios.

Migan foi para *Eussauap*, e ahi chegando foi á reunião geral á tarde, onde tambem se achava o dito *Mamboré-Uaçau*, que repetio as mesmas suspeitas, ja ditas ao Sr. Des-Vaux quando ahi estivemos.

Migan, que bem o conhecia e que entre elles tinha vivido desde a sua infancia, respondeo o muito que ja lhe havia dito o Sr. Des-Vaux, e accrescentou mais—que os Francezes, cujo passado elle conhecia, não tinham vindo residir aqui, mas somente negociar e demorarem-se aqui por cinco ou seis luas para juntar generos, e depois regressarem á França, sendo apenas mercadores e marinheiros, pessoas que não tinham por costume ser servidos, e por isso não pediam escravos por não ter trabalho a dar-lhes.

Por ventura ja vistes, disse-lhe Migan, grandes *Buruuichaues*, e valentes guerreiros, como vês agora? Elles estão acostumados a mandar e a serem servidos: não sabem negociar e nem cuidar de mercadorias: possuem na sua terra muita fortuna, e não fazem outra coisa senão ir para a guerra.

Deixando agora a França e todas as suas commodidades para virem residir em nossa terra, defender tua nação de seos inimigos, e viver entre vós como bons amigos, como queres que elles passem á ser escravos para tractar de roças, e fazer tudo quanto lhes é necessario? Não vos admireis pois que elles agora peçam escravos, quando os outros não quizeram.

Quanto ao que presenciaste durante o tempo do estabele-cimento dos *Peros*, em Pernambuco e *Potyu*, dizendo que agora estão os Francezes fazendo o mesmo aqui, ja não te lembras o que elles fizeram n'aquellas localidades desde o seo principio?

Ha cincoenta annos, que conheces os Francezes, e que com elles convives diariamente, já os vistes praticar o que fizeram os *Peros?*

Obrigaram elles á tua nação a fazer alguma coisa? Não te pagam os teos generos? Se os tens sustentado ou se lhes fazes alguma coisa não recebes logo a recompensa? Emfim, depois que os conheces, ja os vistes para se estabelecerem aqui praticar o mesmo, que fizeram os *Peros* nos lugares que citaste? Tu bem o sabes, não fizeram, não fazem, e nem o farão, é contra seos genios, pois só gostam de fazer bem, e serem delicados.

Pensas por ventura, que ha no mundo nação, que em bondade se iguale á Franceza? Não e não, porque são os Francezes os primeiros, que nasceram na Igreja, os verdadeiros filhos pelo grande *Tupan*, escolhidos para lhes dar sua fé, e ensinal-a aos outros.

Os *Peros*, bem como as outras nações, só a receberam muito tempo depois, e por isso são modernas, e não estão tão instruidas como a França.

Os seos proprios Padres são apenas aprendizes dos verdadeiros Padres, e não cumprem tão bem as coisas ensinadas pelo grande *Tupan*, como estes o fazem.

Supponhamos, que assim não seja. Não te lembras, que os Padres dos *Peros* tem escravos para servil-os? Os Padres, que estão comnosco não os tem.

Não mandam aquelles cultivar a terra, não negociam, e não possuem riquezas? Estes nada querem, despresam tudo quanto póde trazer-lhes fortuna, e não cuidam das riquezas

o mundo. Aquelles andam bem calçados e vestidos, estes andam quasi sempre descalços, como faziam os verdadeiros padres, e grandes Prophetas, que por graça de Deos deixaram impressos os signaes de seos pés descalços nos rochedos, por onde caminharam, junto á *Potuy*, como tu e muitos dos teos viram, bem como eu, para dar uma prova do poder e graça, que receberam de *Tupan.*

Com taes palavras mostrou-se o dito velho convencido e satisfeito, e declarou nunca mais fallar n'isto visto não ter, que responder a seo Compadre Migan.

Todos os Indios ahi presentes, amigos dedicados dos Francezes, ficaram satisfeitissimos vendo o que disse Migan, e confessaram o seo desgosto e pezar ouvindo o velho *Momboré-Uaçú,* e a sua alegria quando ouviram a plena e irrespondivel resposta de Migan.

Em quanto se passavam estas occorrencias em *Eussauap,* ficamos no forte de S. Luiz, onde tractamos dos negocios, que ahi nos chamaram.

O Sr. de Rasilly e o Rvd. Padre Arsenio foram á uma aldeia chamada *Tapy Tusson,* onde receberam muito bom acolhimento do Principal *Quatiare Uçú* e de todos os habitantes, mostrando-se todos contentes com o discurso feito pelo Sr. Des-Vaux na reunião geral, feita como de costume.

Demoraram-se todos ahi por tres ou quatro dias, depois regressaram ao Forte onde estavamos cuidando de tudo quanto era necessario á gloria de Deos e ao estabelecimento da Colonia.

CAPITULO XXV

De um menino miraculosamente tractado pelo baptismo.

Não desejando Deos poupar as provas extraordinarias de sua infinita bondade para com este povo, a quem ja deo tantas outras, quando lhe fez annunciar o conhecimento de seo sacratissimo nome, permittio ainda quando se passavam as coisas, referidas no capitulo antecedente, que um dos Padres de *Juniparan* encontrasse um menino, de quatro annos de idade, ja agonisante, no fim da vida e sem fallar por causa de uma grande e grave molestia, ja considerado morto por sua Mãe, que como tal muito o chorava.

Perguntou-lhe o digno Padre, si ella queria, que seo filho fosse baptisado para salvar sua alma. Respondeo affirmativamente, e pedio até com instancia.

Immediatamente baptisou-o o Padre, e apenas findou-se este acto ficou o menino perfeitamente bom, o que causou muita admiração aos indigenas e aos Francezes, e augmentou áquelles o desejo de serem baptisados.

Eis o effeito dos sacramentos: elles tem o poder de dar vida á alma, e tambem, quando Deos quer, saúde ao corpo.

Tanto isto é verdade, que Constantino foi curado da lepra do corpo e da alma por meio do Santissimo Sacramento do baptismo, que recebeo.

São os effeitos extraordinarios da poderosa mão de Deos que tem Elle só o poder de os produzir quando lhe apraz.

Honra e gloria á Elle.

CAPITULO XXVI

Embaixadas a Tapuytapera [1] e Commã. [2]

Vendo os Srs. Loco-tenentes-generaes, que estavam resolvidos os habitantes da Ilha do Maranhão a submetterem-se ao dominio e governo dos Francezes, tanto no espiritual como no temporal, mandaram *Migan* em companhia de *Pira Iuua*, um dos Principaes indios, e de mais alguns outros de Maranhão á Tapuytapera, que é terra firme defronte desta Ilha para indagar delles, si era de sua vontade approvar o que haviam tractado os habitantes da Ilha grande com os Francezes.

Os habitantes de *Tapuytapera* extremamente satisfeitos por tal consulta, deram a melhor resposta, que é possivel desejar-se.

É impossivel pintar-se a amisade, que aos Francezes tinha *Seruéué*, Principal deste lugar, e para coagil-os mais a ficarem ahi, elle lhes disse haver por essas bandas bonita pescaria de perolas, e uma mina de oiro.

Chegamos a accordo, que acabando-se o que haviamos começado sob tão bons auspicios, graças a Deos, e depois

[1] Hoje cidade d'Alcantara.
[2] Hoje villa de Guimarães.

do nosso regresso á França, viria para ahi o Sr. de Pezieux com 40 Francezes verificar essas noticias.

Nessa mesma occasião lembraram os indios da Ilha do Maranhão aos referidos Srs. Loco-tenentes, que devia ir igual embaixada a *Commã*, tambem na terra firme perto de *Tapuytapera*.

Para tal fim foi mandado o Sr. Des-Vaux em companhia de *Januáre-auaété*, um dos Principaes da Ilha, e muito amigo dos Francezes, os quaes foram muito bem acolhidos em *Commã* pelos seos habitantes, e particularmente por *Caruata-Pirau* e *Januaresic*, seo irmão, ahi grandes authoridades por seo valor e proesas, que tambem responderam satisfactoriamente.

Achavam-se promptos para virem a Maranhão prestar suas homenagens, quando correo um sursurro de que ahi vinham os *Tabajares* (seos inimigos mortaes) descendo as margens do Mearim afim de assaltal-os e guerreal-os.

Armaram a seo modo todos os indios desses lugares, correram de todos os lados com alguns Francezes ao encontro dos assaltantes, e apenas acharam uma canôa a margem do rio, salvando-se nos bosques os que nella vinham.

Caruatapiran tinha vindo de uma guerra sanguinolenta, onde demorou-se seis mezes, e da qual trouxe onze escravos, de diversas nações, pelo que fez em *Commã* entrada solemne, á moda da terra.

Entre esses escravos tinham trazido alguns moradores no rio Amasonas, que em certa epocha do anno habitavam com as mulheres Amasonas, tinham-nos reservado expressamente, em signal de amisade, para offerecel-os aos Francezes, como um meio facil destes se relacionarem livremente com elles, e assim se estabelecerem os Francezes, como tanto desejavam, nas suas terras, e nas outras mais.

Trouxe como amostra algumas perolas, affirmando ter visto outras maiores, e tambem uma tinta carmisim muito bonita e excellente, e muito apreciada pelos negociantes Francezes quando a conheceram por uma amostra, que levou o Sr. de Rasilly.

CAPITULO XXVII

Como se levantaram na Ilha do Maranhão os Estandartes de França.

Depois que os Indios plantaram a Cruz, como symbolo d'alliança eterna entre elles e Deos, e manifestação do seo desejo de pertencerem ao Christianismo, fez-se-lhes entender, que ainda havia alguma coisa a fazer, pois era preciso, afim de obrigar os francezes a não deixal-os mais, collocar pelos mesmos meios as armas de França junto á Cruz, sendo esta o signal de havermos tomado posse da terra em nome de Jesus Christo, e aquellas a prova e a recordação da soberania do Rei de França, e o testemunho, pelo consenso delles, da sua obediencia agora e sempre á Sua Magestade Christianissima.

Avertio-se-lhes, que pensassem antes e muito, e decidissem entre si, por espaço de um mez, si queriam ou não ser subditos de Sua Magestade e sugeitarem-se ás suas leis.

Derramou-se este pensamento por todas as aldeias, e para esta ceremonia, caso elles concordassem, marcou-se o dia de Todos os Santos, primeiro de Novembro.

Na vespera da festa acharam-se no Forte de S. Luiz seis dos Principaes do paiz, a saber: *Japy-açú*, o Maioral de toda a Ilha, *Marcoia-Pero*, *Matarapua*, *Januare-auaété*, *Uauiru*, e *Ira Juua*, Principaes, depois do Maioral.

Vieram presenciar esta ceremonia em companhia de muitos indios, homens, mulheres, e crianças.

Chegando ahi, fizeram a sua reunião geral, assistida por todos os indios mais notaveis e velhos, pelo Sr. de Rasilly, e seos interpretes, para combinarem e resolverem á respeito.

Conforme a resolução tomada unanimemente na manhã seguinte (dia de Todos os Santos) a companhia Franceza dispersa pelas aldeias, reunio-se, e armada, com bonito garbo, e no melhor uniforme, que tinha, marcharam ao som de cornetas e tambores em companhia de todos os Indios até á casa dos Srs. Loco-tenentes-generaes de Sua Magestade para buscar o Estandarte de França, que foi carregado pelos seos Principaes na ordem já mencionada.

Seguiam na frente os tambores e cornetas, depois a companhia franceza, bem fardada e em bôa ordem, os seis Indios Principaes, vestidos com suas casacas azues com cruzes brancas adiante e atraz, carregando ás costas o Estandarte de França, os Srs. de Rasilly e de la Ravardiere, Loco-tenentes-generaes pegando cada um as extremidades do dito Estandarte, todos os Gentis-homens Francezes, e finalmente muitos indios de todas as aldeias visinhas.

Caminhando assim em triumpho até o pé da Cruz, ahi deitaram o Estandarte, e depois da exhortação feita pelo Revd. Padre Ivo, o Sr. de la Ravardiere dirigio-lhes a palavra por esta fórma:

«Senhores.—Vêde como os proprios Indios fincam este Estandarte de França na sua terra, fazendo-a assim possessão do Rei, jurando todos viver e morrer comnosco, como verdadeiros subditos e fieis servos de Sua Magestade.

«O Sr. de Rasilly, cuja fidelidade ninguem póde pôr em duvida, parte um destes dias para França, fará conhecer a Sua Magestade e á toda a França a importancia deste acto,

e supplicará mui humildemente e em nosso nome a satisfação de trazer-nos, quando regressar, os necessarios soccorros para o completo estabelecimento desta Colonia.

«Rogo a todos os homens de bem e corajosos, aqui presentes, que me auxiliem, durante esta ausencia, na sustentação da Colonia, ficando certos que me julgarei feliz morrendo em sua justa e honrosa defeza.»

Ouviram-se logo vozes unisonas jurando fazer o mesmo, e promettendo, depois da ceremonia, irem todos assignar o escripto, que se achará adiante.

Depois disto dirigio-se o Sr. de Rasilly aos Indios em francez, que ía sendo tradusido palavra por palavra pelo Sr. Des-Vaux.

«Meos Amigos.—Graças ao bom e expontaneo acolhimento, que nos tendes feito desde a nossa chegada, e á erecção da Cruz de Jesus-Christo, filho de Deos, ja sabemos quanto sois amigos dos Francezes, e quam desejaes ser filhos de *Tupan* pelo Santo Sacramento do baptismo.

«Era preciso para nos obrigar a nunca abandonar-vos, e defender-vos sempre contra vossos inimigos, que nós e vós plantassemos este Estandarte do nosso Rei de França, que aqui nos mandou ter comvosco para tomar posse desta terra e sujeitar-vos ás suas leis, como vós mesmos mandastes pedir.

«Antes deste dia, bem si vos prevenio todas as consequencias deste acto.

«Pensae ainda uma vez, antes de fincar esta insignia e estas armas, si desejaes, que o Rei de França seja o Soberano, e si quereis obedecer a quem elle mandar governar-vos, porque depois de eu haver aceitado em seo nome esta terra, com que o presenteastes, não poderá mais haver arrependimento e nem retirar-se a palavra dada uma vez.

«Esta offerta que fazeis de tão boa vontade, até hoje obrigará o nosso grande Rei a nunca abandonar-vos.

«Em quanto a mim, eis aqui, meos irmãos, e meos amigos, testemunhando a minha boa vontade para comvosco, e morrerão todos antes do que permittir que si vos offenda.

«Comtudo irei a França descrever melhor a vossa nação e os vossos bons desejos.

«Quando regressar, virão commigo muitos Padres e Prophetas para sustentar esta Cruz, e instruir-vos na nossa Religião, muitos Francezes para povoar e defender esta terra, fazendo uma só nação da minha e da vossa, que, mediante a graça de Deos e o nosso procedimento no governo, será grande e respeitada por todo o Mundo.»

Responderam os Indios muito alegres e contentes affirmando terem sempre tido vontade de se alliarem aos Francezes, de serem seos amigos, e de jamais faltarem ao promettido, entregando sua terra a elles para que de sua parte a entregassem ao Rei, supplicando-lhe humildemente a bondade de aceitar a offerta, de lhe mandarem muitos Padres para instruil-os e baptisal-os, de sustental-os e defendel-os contra seos inimigos, promettendo elles viver e morrer subditos de Sua Magestade Christianissima, com a protecção da Santa Cruz e das armas de França, e como testemunha (disseram elles) plantamos presentemente este Estandarte, onde estão suas proprias armas.

No mesmo instante fincaram o Estandarte e as armas de França, ao som de cornetas e de tambores, de muitos tiros de peças e de mosquetaria, em signal de alegria, de contentamento, e de grandissimo regosijo dos Francezes e de todos os Indios.

Para que ninguem se admire deste acto, direi de passagem, que a primeira coisa, que os Romanos tinham por costume fazer, quando entravam n'uma terra, e conquistavam

ma cidade, era plantar immediatamente seos Estandartes, no meio da praça, e no lugar mais elevado para demonstrar, que d'ahi em diante eram os seos senhores e possuidores.

E quantas Nações praticam o mesmo? Para destinguir-se umas de outras, tem sempre o cuidado de pintar suas armas ou alguma divisa particular nos seos Estandartes, e por isso vê-se na insignia dos Romanos a Aguia e o Minotauro, na dos Assyrios a Pomba de Semiramis, na de Dario tres falcões para dizer que elles pretendiam subjugar as tres partes do Mundo.

Qual será a nação, que não tenha em seos Estandartes armas e divisas particulares, collocadas nos mais altos lugares dos Reinos, das Provincias, e das Cidades para serem conhecidas e destinguidas das outras? Por isso os Francezes com os Indios e os Indios com os Francezes fincaram os Estandartes da França no centro desta terra recentemente conquistada não por armas, e sim pela Cruz; não pela força, e sim por amor, que tão docemente obrigou os Indios a se doarem, elles e sua terra, ao Rei da França; e depois de haverem plantado a Cruz como prova de que desejavam ser filhos de Deos, fincaram tambem as armas e os Estandartes de França afim de saber-se, que entre todas as nações nosso Christianissimo Rei é deste paiz o soberano senhor e possuidor pacifico, como de direito é Rei de França e de Navarra, e por todas as leis Rei das Indias, ou antes da França Equinoccial.

Foi a Rainha Regente coroada por um novo diadema, como foi o grande Rei Salomão coroado por sua Mãe no dia dos seos esponsaes, e da alegria do seo coração, isto é, no primeiro anno de seo reinado.

Depois de Deos, tal honra deve-se á esta Rainha, porque foi Sua Magestade unicamente quem, depois da morte do Rei Henrique o Grande, emprehendeo acção tão heroica,

como se deixa vêr pelo Estandarte, com que honrou a expedição de seos Loco-tenentes-generaes, onde estava um navio armado com todas as suas vellas, cabos e mais aprestos necessarios, tendo na prôa a figura do Christianissimo Rei Luiz XIII, em ponto natural, assentado e vestido com seos regios mantos, apresentando com a mão direita um ramo de oliveira á Rainha Regente, sua Mãe, ahi tambem em vulto natural, porem na pôpa, igualmente revestida com seo manto real segurando com a mão direita a canna do leme do navio no qual se lia

Tanti dux fœmina facti.

O Estandarte era semeiado e enriquecido de grandes flores de lyses de oiro, que muito o embellesavam. Foi este mesmo, que os Indios fincaram com muita alegria e satisfação, depois da Cruz, na Ilha do Maranhão.

CAPITULO XXVIII

Leis fundamentaes estabelecidas na Ilha do Maranhão.

Entre a Religião e a Lei ha tão intima união, que uma não pode existir sem a outra.

É tão verdadeira esta asserção, que d'ella o Apostolo tirou esta maxima geral.—*Translato sacerdotio, necesse est ut et legis translatio fiat* «mudando-se a Religião e o officio de sacerdotisa é necessario tambem mudar-se a Lei, consequencia da intima união entre estas duas coisas;

Desejando Deos dar principio ao conhecimento da verdadeira Religião Catholica, Apostolica, Romana aos habitantes da Ilha do Maranhão e suas visinhanças, julgou-se necessario o estabelecimento de leis fundamentaes para serem guardadas inviolavelmente, e se fizeram as seguintes:

«Por parte do Rei

Nós Daniel de la Tousche, Cavalleiro e Senhor de la Ravardiere, Francisco de Rasilly, tambem Cavalleiro e Senhor do dito lugar e de Aunelles, procurador do alto e poderoso Senhor Nicolau de Harlay, Cavalleiro, Senhor de Sancy, Barão de Molle, e de Grosbois, Conselheiro de estado, e particular do Rei, Loco-tenentes-generaes de Sua Magestade nas Indias Occidentaes.

Havendo emprehendido, por graça de Deos, uma colonia Franceza em Maranhão e terras circumvizinhas, e procurado chamar os seos habitantes ao gremio do Christianismo,

conforme as intenções do Rei de França, nosso Soberano Senhor, e o poder que nos deo Sua Magestade, mencionado nas cartas-patentes, que nos outorgou, e tambem sob a autoridade e bons desejos da Rainha Regente, nossa Soberana e Senhora, julgamos necessario e conveniente, antes de lançar algumas bases nesta colonia, estabelecer leis santas e apropriadas á um principio, o mais que nos fôr possivel, tendo por maxima, que sem a Justiça de Deos organisada entre os homens, como si fosse sua propria Imagem, não pode existir Republica alguma.

Reconhecendo a graça, a bondade e a misericordia de Deos trazendo-nos tão felizmente aqui a salvamento, começaremos pelas ordens relativas, principalmente, á sua honra e gloria.

Ordenamos mui positivamente que todas as pessoas, de qualquer condicção, que sejam, que respeitem, sirvam e honrem a Deos, observando seos santos mandamentos, protestando nunca estimar, e nem dar cargo algum senão aos que tiverem tão santa e recta intenção.

Ordenamos, que seo santo nome não seja jurado, sob pena de multa para os pobres de França, arbitrada por nós em Conselho conforme a qualidade das pessoas até a terceira vez, e na quarta vez será punido corporalmente conforme a qualidade do blasphemador.

Ordenamos a todas as pessoas, de toda e qualquer qualidade, que honrem e respeitem os Revds. Padres Capuchinhos enviados por Sua Magestade para plantar entre os Indios a Religião Catholica, Apostolica, Romana, sob pena de infringirem nossas ordens, e serem punidos conforme o caso e a offensa ás suas pessoas.

Ordenamos a todos em geral que não embaracem aos ditos Capuchinhos no exercicio da Religião, da Missão e conversão das almas dos Indios, sob pena de morte.

Depois de estabelecermos o que diz respeito principalmente á gloria de Deos nos artigos supra mencionados, vamos determinar agora o que tem relação com a honra do nosso Rei, que muito nos destinguio com a dignidade de seos Locotenentes-generaes para representar aqui sua pessôa.

Ordenamos e prohibimos, que ninguem intente contra nossas pessoas nesta colonia, por meio de parricidios, attentados, traições, monopolios, discursos de proposito para desgostar algumas pessoas, e outras coisas com o mesmo fim, sob pena de serem considerados criminosos de lesa-magestade, e como taes condemnados á morte sem esperança de remissão.

Ordenamos e mui expressamente a todos que souberem de tão perniciosas intenções, e maus discursos, que nos revelem immediatamente, sob pena de igual castigo.

Como todos os membros de um corpo não podem existir sem um chefe que os dirija, ordenamos que cumpram todos os seos deveres para comnosco, prestem-nos a obediencia e fidelidade, que nos devem segundo os desejos de Sua Magestade, empregando suas forças e vida em beneficio do estabelecimento desta colonia em todas as occasiões, emprezas, e descubertas necessarias, que se apresentarem, sob pena de serem considerados fracos, e tractados conforme sua infidelidade e desobediencia.

Depois de estabelecido o que diz respeito á honra e serviço do nosso Rei, representado em nossas pessoas, ao bem estar e segurança desta colonia, vamos tractar da conservação dos seos habitantes, da da sociedade, paz, e amisade de uns para com os outros, respeitando-se mutuamente conforme suas condicções e qualidades, desculpando reciprocamente as fraquezas do proximo, como Deos manda, sob pena de serem considerados perturbadores do socego publico.

Ordenamos, que a ordem relativa aos duellos, dada pelo invicto Monarcha, de feliz memória, Henrique o Grande, nosso Rei defunto, que Deos haja, seja restrictamente observada e obedecida em sua plenitude, jurando nós nunca fazer o contrario quaesquer que sejam as considerações, e nunca perdoar aos infractores, para o que prohibimos mui terminantemente aos Principaes desta localidade, que nunca intercedam a favor dos infractores, sob pena de incorrerem no nosso desagrado, e de passarem pelo vexame de uma negativa.

Ordenamos, que o auctor de qualquer assassinato ou homicidio, não sendo em defesa propria e com provas bem claras, seja punido com a morte para exemplo.

Ordenamos em geral, que as pessoas convencidas de testemunhas falsas contra quem quer seja, serão punidas com o castigo, que deveria soffrer o accusado, conforme o crime.

Ordenamos, que quem quer que fôr encontrado furtando, seja açoitado ao pé da forca pela primeira vez á toque de corneta, servindo alem disto por um anno nas obras publicas, e perdendo nesse tempo todos as dignidades, salarios, e proveitos; pela segunda vez será pendurado e estrangulado. Sendo escravo domesticado será logo enforcado desde o primeiro furto.

Depois de ter estabelecido o que diz respeito á conservação da companhia, pelos costumes, sociedade entre elles, protecção de suas vidas, honra e garantias de seos bens, ordenamos, á bem dos Indios sob nossos cuidados para que cheguem por meios brandos á conhecer nossas leis divinas e humanas, que ninguem os espanque, injurie, ultrage, ou mate sob pena de soffrer o mesmo, que fizer.

Ordenamos que se não commetta adulterio por amor ou violentamente com as mulheres dos Indios sob pena de morte, visto ser a ruina da alma do criminoso, e a desta

colonia, infringindo o mesmo castigo a quem violentar as moças solteiras.

Ordenamos e prohibimos a todos que não pratiquem qualquer acto de deshonestidade com as filhas dos Indios, sob pena, pela primeira vez, de servir o delinquente como escravo na colonia por espaço de um mez, pela segunda de trazer ferros aos pés por dois mezes, e pela terceira vez, trazidos a nossa presença mandaremos infringir o castigo, que fôr justo.

Prohibimos tambem todo e qualquer furto nas roças e n'outros objectos pertencentes aos Indios sob as penas supra-mencionadas.

E para que seja tudo isto firme e valioso para sempre, e ninguem se chame á ignorancia, ordenamos que sejam estas determinações lidas e publicadas á cada uma pessoa, e registradas como leis fundamentaes e inviolaveis na secretaria geral deste Estado e Colonia para serem consultadas quando fôr necessario; em testemunho do que assignamos as presentes ordenações com o nosso proprio punho, e serão subscriptas por um dos nossos Conselheiros, secretarios geraes no Forte de S. Luiz, em Maranhão, no dia de Todos os Santos, 1.º de Novembro do anno da graça de 1612.

Assignados.—*Ravardiere.*—*Rasilly.*

Pelos meos Senhores,

Abrahão.

Seguiam-se estas palavras.

As presentes Leis e Ordenações supra foram lidas e publicadas de fórma, que ninguem se chame á ignorancia, no referido dia de Todos os Santos, 1.º de Novembro 1612, por mim Conselheiro, secretario e Chanceller geral deste Estado e Colonia, na presença de todos os Francezes para esse fim reunidos junto ao Estandarte de França fincado nesta Ilha, e terra do Brazil, da qual tomaram posse, em

lugar do Rei, os Srs. de la Ravardiere e Rasilly, seos Loco tenentes nesta terra, e receberam juramento de fedelidade por si e pelos Indios, prestados nas mãos dos ditos Srs., de viverem e de morrerem em defesa deste Estandarte, em beneficio e conservação desta terra, no serviço de Deos e de Sua Magestade.

Depois de publicadas, foram estas Ordenações registradas e guardadas no archivo geral deste Estado e Colonia para servirem, no futuro, de leis inviolaveis e fundamentaes, e a ellas se recorrer quando necessario fôr.

Feita no Forte de São Luiz em Maranhão, no dia e anno supra mencionado.

Assignado.—*Abrahão.*

Collecionado em original no Archivo geral deste Estado e Colonia Franceza no Brazil, assignado por mim, Conselheiro, secretario, e Archivista geral da mesma, no Forte de S. Luiz, em Maranhão, no ultimo dia de Novembro de 1612.

Abrahão.

CAPITULO XXIX

Petição apresentada pelos Francezes ao Sr. de Rasilly.

Nós abaixo assignados confessamos ter, por mutuo e unanime accordo, pedido desde a nossa chegada á pequena Ilha de Santa Anna em Maranhão, e ainda hoje, ao Sr. de Rasilly, Loco-tenente-general do Rei no Brasil, de regressar á França, não como si fosse esta a primeira viagem para dar conta aos nossos consocios das despezas que adiantaram para os gastos com a equipagem, visto que nem todos esperaram proveito e nem limitaram o despendio; e sim para que, no regresso do Sr. de la Ravardiere, tambem Loco-tenente-general de Sua Magestade á estas terras do Brazil, elle nos mande soccorros de Sacerdotes, de Militares, de Artistas, de mercadorias e do mais que fôr necessario á manutenção da companhia Franceza, devendo o referido Sr. de a Ravardiere juntar tambem generos para agradar aos socios concedendo ao dito Sr. de Rasilly plenos poderes para vendel-os, e com o seo producto serem pagos os Marinheiros, os Officiaes do navio e da Colonia, generos, que lhe pedimos, de receber do Sr. de Manoir para o giro deste paiz, afim de comprarem e de negociarem tudo quanto lhes fôr preciso para o seo embarque e regresso.

Confiando em sua bondade e fidelidade, e de mais satisfeitos com a sua boa e prudente administração para com

todos, ainda mais lhe pedimos, que faça conhecer a Sua Magestade o relatorio desta viagem, e com ella interceda á nosso favor pela nossa conservação e sustentação n'esta terra, jurando rehaver todas as percas, damnos e interesses de quem disser ou escrever coisa alguma em França, que possa, se quer, esfriar a boa vontade de Sua Magestade e de seos subditos para comnosco, tão santa e louvavel empresa, e retardar seo regresso tão importante ás nossas vidas e bens, e á conservação deste paiz sob as ordens de Sua Magestade.

Juramos pela nossa parte dar nossas vidas e as dos nossos amigos para sustentar estas negociações, e defendel-as dos que á ellas se oppoem, conservando-lhe, durante a sua ausencia, toda a fidelidade e amisade, frequencia na Igreja, que nos deixou para o estabelecimento da Fé, boa intelligencia e união entre todos, obediencia e fidelidade ao Sr. de la Ravardiere, seo companheiro, e bom tractamento aos Indios.

Em testemunho da verdade do que deixamos dito, de commum accordo, franca, sincera, e expontaneamente assignamos a presente no Forte de S. Luiz na Ilha do Maranhão, 1.º de Novembro de 1612.

Assignados—*Ravardiere.*—*Pezieux.*—*Felisberto de Brichanceau.*—*Isaac de Rasilly.*—*Claudio de Rasilly.*—*Mestre Hardivilliers.*—*Merousiere.*—*De la Barre.*—*Deschamps.*—*De la Haye.*—*Grandchamps.*—*Belleville.*—*Debourden.*—*P. Auber.*—*Du Plessis.*—*Billaut.*—*Les-Jardins.*—*Thomas de Lestre.*— *Mezerey.*— *Turquault.*— *Hausbocq.*— *Chapperon.* —*Charon.*

Assignaram em 6 de Novembro de 1612.

CAPITULO XXX

De uma escrava de Japy-açú encontrada em adulterio.

Depois de plantado em Maranhão o Estandarte de França, retiraram-se todos para as suas aldeias.

Passados alguns dias foi *Japy-açú*, Principal da Ilha, convidado para um *Cauin*, ou festa, n'uma aldeia visinha da sua, e quando estava em companhia de outros muitos, seos filhos trouxeram á sua presença uma de suas escrávas bem preza e arrochada contando-lhe como fôra surprehendida em adulterio com um Indio, que fugira.

Japy-açú ja estava bébedo com vinho de Cajú, então no tempo proprio, porem recordando-se do beneficio, que havia feito a esta mulher libertando-a, e sentindo muito a sua ingratidão e deslealdade, no primeiro impeto disse;—*E Yuca* «mate-se.»

Um de seos filhos matou-a, muitos indios, e particularmente muitas velhas esquartejaram seo corpo, e dizem até ter mandado ás escondidas um pedaço para a aldeia de *Carnaupio*.

Sciente *Pira Juua*, um dos mais valentes desta terra, do qus se passára, foi logo para o lugar do assassinato, onde mandou juntar os pedaços do corpo, e lançar nas mattas, reprehendendo asperamente todos os que se mancharam com tal crueldade.

Não querendo Deos a continuação de tão abominaveis crueldades, permittio que ellas chegassem ao nosso conhecimento.

Rapida correo esta noticia, mormente entre os Indios, que se mostraram afflictos receiando o desgosto dos Francezes, como de facto aconteceo a nós todos, especialmente aos Srs. Loco-tenentes-generaes, quando no Forte de S. Luiz lhes contaram.

Si eram zelosos em fazer justiça, tinham tambem a necessaria prudencia para não excitar, e nem fazer coisa alguma desarrasoada no começo de um estabelecimento tão novo, e por isso mandaram buscar immediatamente *Januáre auaété* e *Pira Juca*, ambos indios, bravos e muito amigos dos Francezes, para ouvirem seo parecer a respeito, e elles não menos respeitosos para com os Fráncezes do que estes o foram para com elles rogaram aos ditos Srs., que não se offendessem com a falta commettida por um particular, contra a vontade de todos, jurando que nem elle e nem os seos amigos fariam coisa alguma, que causasse pesar aos Francezes, e embora fosse *Japy-açú* grande personagem por suas façanhas de outr'ora, não lhe assistia por isso o direito de faltar á palavra dada aos Francezes á vista da amisade déstes para com elle, e como faltara á esses deveres, eram de opinião que morresse para servir de exemplo aos outros, trazendo elles seos arcos e flexas para matal-o em sua presença, si n'isso concordassem.

Agradou muito este parecer aos chefes.

Depois da deliberação geral o Sr. de Rasilly chamou os interpretes, e acompanhado por 30 ou 40 Francezes e pelos ditos Indios foi á *Juniparan*.

Foi tambem o Rvd. Padre Arsenio para prestar os auxilios de seo sacerdocio no caso de serem precisos.

Passando pela *Mayoba*, foram á casa de *Jacupary* que foi do mesmo parecer afim de ser punido *Japy-açú*.

Mandou o Sr. de Rasilly avisar os Principaes, e entre outros *Su-açú* e *Itapucusan*, para comparecerem em casa de *Pira Juua* afim de responderem ao que lhes fosse perguntado, porem chegaram muito tarde.

Desde que pela manhã chegou o Sr. de Rasilly com a tropa á *Juniparan*, que o Sr. Des-Vaux por um lado e Miran por outro não cessaram de apregoar aos Indios em alta voz (costume da terra) a atrocidade de *Japy-açú* e a vinda de *Buruuichaue* para punil-a.

Durante este tempo puzeram-se ás ordens do Sr. de Rasilly os indios mais notaveis reprovando todos tal crime.

Com tudo *Japy-açú* não tomou providencia alguma para salvar-se, e recolheo-se á uma casinha, construida para o Padre junto á Capella, e ahi sem o menor receio ficou com sua mulher e filhos.

Depois dos prégões para ahi se dirigio apressadamente o Sr. de Rasilly, e ao som das cornetas cercou a casa com os soldados.

Entrou bruscamente com os interpretes, os ditos indios, e os mais graduados da companhia, e encontrou o criminoso deitado n'uma rede, com muita gravidade, julgando todos tal resolução digna de maravilhosa coragem.

Japy-açú sem tremer e nem abalar-se comprimentou a seo modo o Sr. de Rasilly, dizendo-lhe em sua linguagem: *Eré Iupé?* «Já chegaste?»

Respondeo encolerisado o Sr. de Rasilly:—«Não senhor; quanto és mau!»

Em seguida começou o Sr. Des-Vaux a mostrar-lhe a falta commettida com tal escandalo depois de haver recebido tantos obsequios e favores dos Srs. Loco-tenentes-generaes, a quem devia denunciar o crime da escrava para ser punida,

e nunca elle o fazer, o que só era attribuição dos chefes enviados pelo Rei de França para governal-os.

Japy-açú respondeo por esta fórma:

«Foram os chefes e tú os matadores desta mulher e não eu, porque prevendo eu a violencia do vinho de Cajú, tinha resolvido ir a *Tabucuru*[1] construir uma canôa, e lá demorar-me em quanto durassem essas festas receiando não commetter algum desproposito, porem vós todos me fizestes demorar nesta Ilha para plantar o Estandarte da França, o que feito, regressando para cá, instaram commigo para comparecer á uma reunião, onde bem esforços empreguei para não me achar.

«Trouxeram-me essa mulher, que eu havia libertado e tomado para minha mulher, e informaram-me haver sido encontrada em adulterio com um indio, infringindo assim a Lei do nosso paiz, e por isso mandei matal-a.

«Dei esta ordem encolerisado e fóra do uso da razão por causa do vinho, que eu tinha bebido.

«Alem disso, ouvi muitas vezes dizerem os Francezes ser-lhes licito em sua terra matar as mulheres quando em adulterio.»

Note-se o escandalo d'esta doutrina má dos Francezes, derramada entre esses pobres indios, porque Deos não permitte a um marido matar sua mulher, por authoridade propria, e sem peccado mortal. *Japy-açú* reconheceo depois sua culpa.

«Sei que fiz mal, continuou elle, porque eu devia levar o facto ao conhecimento dos chefes, e delles esperar a punição.

«Mais por esta falta desejam os chefes desautorisar-me do meo cargo de Principal e despir-me a farda que me deram?

---

[1] Itapicuru-rio.

«A mim, que ha 30 annos não tenho feito outra coisa não sustentar os Francezes por aqui, e com muita coram e eloquencia conter os Indios n'esta Ilha afim de não andonarem a terra, como por certo o fariam se cá não ivesse eu, com receio dos *Peros*?

«Parece-me, que estas considerações e os meos serviços n diversas batalhas são sufficientes para eu ser perdoado, se não poder ser tirem-me a vida antes do que a honra, rque nunca recebi affronta de pessoa alguma e antes ero morrer do que recebel-a.

«Si fôr perdoado, ainda com mais exforço empregar-mei em serviço dos Francezes, e repararei a falta commetla.

«Si se receia que meo crime acoroçôe os indios a cometterem outros iguaes, desde ja prometto matar, se me r permittido, o que o praticar d'aqui em diante.»

Acabando de pronunciar estas palavras voltou-se para *ira Juua* e lhe disse:—não tinhas precisão de trazer aqui nta gente.

Replicou-lhe o outro:—sempre estarei ao lado dos Franzes contra quem quer que seja, ou onde me queiram andar.

O Sr. Des-Vaux e Migan disseram ao Sr. de Rasilly parerem-lhe dignas de consideração as razões de *Japy-açú*, as que se sujeitavam á sua decisão.

Sahiram todos da casa para melhor conferenciarem e dedirem á respeito das razões apresentadas por *Japy-açu* n sua defesa.

Ouvindo os Principaes ahi presentes, julgou-se serem peroados *Japy-açu* e seo Filho por mui valiosas razões, mas ara elle melhor apreciar o perdão, decidio-se que elle o nplorasse do Padre, afim de dever-lhe esse obsequio, e fazer-se sobresahir mais o merecimento do mesmo Padre.

Japy-açu pedio com instancia ao Padre, que do Sr. de Rasilly obtivesse tal graça, o que elle fez e conseguio, em presença dos Francezes e dos Indios.

Com indisivel contentamento *Japy-açu,* bem como sua Familia, ahi em grande susto, recebeo o perdão.

Feito isto, retirou-se o Sr. de Rasilly, e mandou o Sr. Des-Vaux á *Carnaupio* para reprehender a *Marcoia-Pero* por ter trazido para a sua casa alguns pedaços do corpo desta mulher, e como castigo tiraram d'ahi os Francezes os Srs. de Saunay e Chavagnes, seos hospedes, o que é para elles grande affronta, e foram mandados para *Urápiran* em companhia dos Principaes desse lugar, vindos d'ahi por ordem do Sr. de Rasilly contra *Japy-açu.*

Eis o facto mais notavel da nossa viagem até o presente.

CAPITULO XXXI

Descripção da Ilha do Maranhão. [1]

Antes de fallarmos dos costumes dos povos do Maranhão e suas circumvizinhanças creio, que devo fazer em primeiro lugar a descripção da dita Ilha, mormente quando nem a mencionam os geographos, que escreveram sobre o Brazil, e apenas tractam de um rio com esse nome, o qual não se encontra em todo o paiz, a não tomarem elles a enseada ou bahia do Maranhão por esse rio, ou por alguns outros, que n'ella desembocam.

Não ha razão, pois cada rio tem o seo nome proprio como diremos ainda, e alem disso com tal nome não conhecem os Indios rio algum na sua terra, e sim uma Ilha, a que chamam—Ilha Grande do Maranhão—para differençal-a de outras pequenas, que existem por ahi algures.

Tem esta bahia mais de 25 legoas de largura de ponta a ponta, e umas 25 de diametro: está situada proxima ao centro do Cabo das Tartarugas, e na fóz do grande rio das Amazonas, distantes estes pontos um do outro algumas 225 legoas da costa do mar.

---

[1] Vide esta e outras indicações no nosso *Diccionario Historico e Geographico do Maranhão*.

No principio da fóz desta grande bahia para Este, proxima ao Cabo das Arvores Seccas, encontra-se uma pequena com duas ou tres legoas de circumferencia, chamada pelos Francezes—*Ilhazinha*, e depois que ahi chegamos e a abençoamos, demos-lhe o nome de—*Ilha de Santa Anna*, como já disse.

Na distancia de 12 legoas da Ilha de Santa Anna, ha outra chamada—*Ilha Grande do Maranhão*, tendo bem 45 legoas de circumferencia. Está a 2 1/2 graus de elevação da linha equinoccial do lado do polo antarctico.

Desembocam nesta bahia tres bonitos rios, que vem por terras firmes até a frente da dita Ilha grande, que é cercada de mar por espaço de 5 ou 6 legoas por um lado, e 2 ou 3 por outro, e em outros lugares mais ou menos.

O primeiro rio do lado de Este chama-se *Munim*, tendo meio quarto de legoa de largura, e sua foz na distancia de 40 a 50 legoas de sua nascente.

O segundo, que está no centro, chama-se *Tabucuru*, tendo na sua foz meia legoa, e de curso 400 a 500 legoas.

O terceiro, a Oeste, abaixo dos antecedentes, chamase *Miary*: tem na sua foz 6 a 7 legoas de largura, e sua nascente no Tropico de Capricornio, caminhando muitos outros em sentido parallelo a este até a Maranhão.

Ha outro rio chamado *Maracu*, que se confunde no *Pinaré*, e este se mistura com o do *Miary* na distancia de 70 a 80 legoas acima da sua fóz: mais acima ha outro chamado *Uaicup*, [1] que vem dos mattos lançar-se no *Miary*.

Eis a razão de ser muito volumoso o rio *Miary* e mui rapido na sua foz, como acontece na foz do *Tabucuru*, que

---

[1] Grajahu-rio.

é metade, senão mais, estreita do que a do *Miary*, tendo dois rochedos ahi, que o fazem mais estreito do que é realmente em outros lugares, pelo que é ahi muito violento o fluxo e o refluxo do mar.

Tudo isto concorre para fortalecer muito a Ilha Grande do Maranhão, alem dos bancos, e recifes semeiados por todos os lados, e especialmente na fóz da bahia, os quaes a fazem inacessivel não só aos que não são bons Pilotos, ou não adqueriram experiencia do canal pela pratica de muitas viagens, mas tambem a tornam de impossivel entrada, a menos que não sejam os navegantes soccorridos pela intelligencia dos moradores do interior dessa mesma bahia.

Esta Ilha é a chave de todo o paiz, porque tem mais de 400 legoas de costa, e por ellas não se póde chegar á terra firme, e nem ás nações, que a habitam.

Alem do *Cabo das Tartarugas* até ao das *arvores seccas*, todo esse espaço é formado de bancos e recifes, que entram pelo mar á dentro algumas vezes 4 á 5 legoas, e até a 6, 7, 8 e 10 legoas, de maneira que ninguem póde aproximar-se de terra nem embarcado, nem á nado, e nem a pé.

São tambem areias, bancos e recifes o que existe entre os dois Cabos da bahia desta Ilha, e se não houver grande experiencia das duas unicas passagens, ahi existentes, não ha homem por mais destimido, que seja, que se atreva a passar por esse lugar.

Tudo isto concorre para mais exaltar a coragem dos Maranhenses, pois vendo-se em lugar de tanta segurança, e por tanto mais fortes, fazem guerra aos outros, sem que ninguem se atreva a atacal-os.

Por outro lado desde o *Cabo de Tapuytapera*, proximo ao Maranhão, até o rio das Amasonas, ha tantas Ilhas ao longo da costa, que é impossivel por ahi chegar-se á terra firme, alem de estarem carregadas de certas arvores cha-

madas *Mangues*, que de seos galhos deitam muitos renovos ou ólhos, os quaes se estendem para baixo, tocam a terra e criam raizes, donde se formam outras arvores, que fazem igual curso.

A criação e crescimento destas arvores fazem com que se entrelacem muito umas nas outras, bem como suas raizes tambem, de fórma que se póde dizer haver em todas estas Ilhas uma só arvore e uma só raiz.

Quando não houvesse outra coisa mais, bastava só isto para tornal-a inacessivel, e só vendo é—que se póde imaginar.

Ninguem póde atravessar estas trincheiras, collocadas por Deos e pela naturesa ao redor deste paiz, menos o espirito unico, que póde passar e penetrar todas as coisas sem ser embaraçado por corpo algum, ou então algum passaro, que póde voando passar por cima.

O ingresso ainda é mais dificil nas Ilhas pequenas, e debaixo dos mangues, pois ahi só existem corôas e areias movediças, e n'ellas fica-se cuberto até a cintura ou até o alto da cabeça, e uma vez enterrado n'ellas não ha poder algum capaz de saffar o sujeito de taes coroas.

A maré ou o reflexo do mar cobre todos os dias, duas vezes, todas estas coroas e areias, e passa por cima das raizes dos mangues, erguidos alem da superficie da terra em muitos lugares como se fossem muralhas altas.

Se alguem pretender entrar d'este paiz, e quizer ir para a terra firme, convem entrar primeiro na Ilha grande do Maranhão, chave e entrada do paiz, porque d'ahi póde ir em canôas ou cascos até a fóz dos rios no fundo da bahia, depois ganhar a terra firme, e seguir para onde lhe aprouver.

Para chegar á Ilha grande, só existem duas entradas, uma entre o *Cabo das arvores seccas*, e a Ilhazinha de

Santa Anna, a qual embora muito conhecida dos navegantes, nem todos se atrevem a guiar um navio, e nem os proprios Pilotos, ainda os mais experientes, o fazem com certesa ou pleno conhecimento.

Vi marinheiros muitos velhos, ja depois de terem feito 9 ou 10 viagens, tremerem 15 dias antes da viagem, a qua só póde chegar até á *Ilha de Santa Anna*, onde ficam os navios, e d'ahi se vae á *Ilha grande* em pequenas embarcações.

Por outro lado podem entrar navios de 1:000 á 1:200 toneladas e chegar até ao pé do Forte da *Ilha grande*, porem ainda o caminho não é muito conhecido, e é bem difficil.

Ja se vê, que é tolice o pensar expellir-se os Francezes destes lugares, quando n'elles bem estabelecidos, e querer fazer acreditar isto, alem de procurar rebaixar assim a coragem d'elles, e exaltar muito o valor e valentia dos contrarios, é pura malicia, senão temeridade, a menos que não se seja cego.

Os que viram a posição desta Ilha, e que por experiencia propria conhecem a difficuldade de suas entradas não partilham tal pensamento, gerado sem duvida n'algum espirito timido.

CAPITULO XXXII

Das aldeias existentes na Ilha do Maranhão, e os nomes dos seus Principaes.

Desejaria para satisfação do leitor, após a descripção da *Ilha grande* do Maranhão, descrevêr todas as aldeias n'ella existentes, com os nomes de todos os Principaes, e a significação delles.

É para notar-se em primeiro lugar, que as suas aldeias não são como as nossas, e muito menos como cidades bem edificadas, cercadas de trincheiras, de baluartes e de fossos, onde se encontram bellas casas, ricos edificios, soberbos palacios e castellos invenciveis.

Suas aldeias, a que chamão Oc ou *Taue* em sua linguagem, não passão de quatro casas, feitas de paus grossos, ou de estacas, cubertas de cima até abaixo de folhas da palmeira chamada *Pindo*, (Pindoba) que se encontra em grande abundancia nos bosques e florestas, e bem dispostas, ou arranjadas na casa, resistem muito á chuva.

Tem estas casas 26 a 30 pés de largura, e 200, 300, 400, ou 500 de cumprimento, conforme o numero de seus habitantes.

São arrumadas em forma de claustro, isto é, em quadrado como a Praça Real de Pariz, havendo no meio uma praça, grande e bonita.

As quatro casas assim dispostas, com a praça no centro, formão uma aldeia, e como estas, umas maiores e outras menores, existem 27 em toda a Ilha do Maranhão.

Não comprehendo neste numero o Forte de S. Luiz n'uma bonita praça na ponta de um rochedo inacessivel, batido constantemente pelo mar, e de que ja fallei no capitulo X, pois somente quero mencionar as aldeias, que encontramos na nossa chegada á *Ilha grande.*

Está a primeira aldeia na ponta de terra visinha ao lugar de desembarque na *Ilha grande*, vindo da *Ilhazinha de Sant'Anna:* chama-se *Timbohu*, nome significativo da raiz de uma certa arvore chamada *Euue*, que serve para embriagar peixes.

Tem esta aldeia dois Principaes—*Uäruma—Uäçu*, nome da arvore e dos ramos, com que fazem os crivos para passar ou peneirar a farinha. Chama-se o outro *Säuçu a kan* «cabeca de corça.»

Chama-se a segunda aldeia *Ita-pary*, isto é, «tapada, curral, ou cambôa de peixe,» porque ahi existem dois ou tres bons curraes destes. Tem tambem dois Principaes, um chamado *Metarapua,* isto é, «pedra branca», que costumão a trazer embutida no beiço. É um bom Indio, muito amigo dos Francezes, que de ordinario o chamão pelo nome de caranguejo. Chama-se o segundo—*Auati*—ou «milho negro.»

A terceira aldeia é a *Carnaupio*, nome derivado da arvore *Carnau.* Tem dois Principaes, chama-se o primeiro *Marcoia-Pero*, nome derivado da casca de um fructo amargoso chamado *Morgoyaiie*, e o segundo *Araruçuay,* que significa «Cauda de Arara,» passaro vermelho, misturado com outras côres.

Chama-se a quarta *Euayne* «agua velha, ou agua turva.» Tambem tem dois Principaes, *Uyra-Uassupinim* passaro

grande e caçador, enfeitado de diversas cores, e o outro *Jereuusu*, nome de certa ave.

A quinta aldeia é *Itaendaue* «largo de pedra.» Chama-se o Principal—*Uaygnon-mondeuue*, «lugar onde se apanhão pedras azues.»

Chama-se a sexta—*Araçuy-leuue*, isto é, o bonito passaro que tem tal nome. O Principal tem o nome de *Tamano*, isto é, «Pedra morta.»

Chama-se a septima *Pindotuue*, em vez de *Pindo*, que são as folhas das Palmeiras, com que cobrem suas casas. Os seus habitantes estão agora com os de *Carnupio*, tendo por Principal *Margoya Pero*, que significa a casca amargosa de um fructo com tal nome.

A oitava aldeia chamada *Uatimbup* «raiz de Timbó.» Chama-se o seu Principal *Uyrapouitan* «Brazil»: é um grande guerreiro, muito amigo dos Francezes. Esta aldeia é visinha do *Juniparan*.

A nova aldeia, a maior e mais saliente de todas, chama-se *Juniparan*, que significa *Genipapo* amargo, fructo mui amargo quando não está maduro. Chama-se seo Principal *Japy-Uaçu*, ou simplesmente *Japy-açu*, isto é, um passarinho mosqueado de varias cores, um dos mais raros e mais bonitos da India.

É o primeiro e o maior *Boruuichdué*, não só desta aldeia, mas tambem de toda a *Ilha grande*. Alem deste, ainda ahi existem quatro Principaes a saber. *Jacoupen*, que significa Faisão; *Tatá-açu* «Fogo grande»: *Tecuare-Ubuih* «maré de sangue»: *Pacquarabehu* «barriga de uma paca cheia d'agua.»

Chama-se a decima *Toroiépéep*, isto é, «Calçado.» Ha dois Principaes nesta Ilha, um chamado *Pera-Yuua* «braço de peixe» e outro *Auapaam*, isto é, «homem que não sabe atravessar.»

A undecima chama-se *Januarem* «cão fedorento». Tem dois Principaes, um chamado *Urubu-anpan* «Corvo inchado,» e outro *Taycuiu,* nome derivado de um passarinho.

A duodecima é conhecida por *Uarapiran* «cova vermelha.» Tem por Principal *Itapucusan*, que significa grilheta ou ferro com que se prendem os pés.

Chama-se a decima terceira *Coyieup,* isto é «uma cabaça, que serve de prato.» Tem dois Principaes, um chamado *Mutin* «missanga branca,» e o outro, seo irmão, *Ouyra-uaçu*, que significa o olho de um passaro grande.

A decima-quarta chama-se *Eussauap,* isto é, «lugar onde se come caranguejos.» É uma das maiores aldeias da Ilha, e onde ha quatro Principaes. Chama-se o primeiro *Tatu-açu* «*Tatu* grande» o segundo umas vezes.*Coras-açu,* «Pescoço cumprido», e outras *Mauary-açu*, nome tirado de um grande passaro branco, o terceiro *Tayaçu* «o javali,» o quarto *Tapyyre-éuire* «coxa de vaca.»

A decima quinta chama-se *Maracana pisip,* nome derivado da ave grande Maracana. Tem tres principaes, sendo o primeiro *Terere* «nome», o segundo *Aiuru-Uaçu* «papagaio grande», o terceiro *Uara-aubuyh* «passaro azul.»

Chamam-se:

A decima sexta *Taperuçu* aldeia grande e velha, e o seo Principal é *Quatiare Uçu* «carta ou letra grande.»

A decima setima *Toroupé* «a beberagem.» Tem dois Principaes, um chamado *Uirapappeup* «arco chato,» e o outro *Carauata-udre* «comedor de *Carauata*.»

A decima oitava *Aketeuue* «praça de peixe.» É seo Principal *Tupy-açu,* nome derivado da cinta, em que, presa ao pescoço, trazem seos filhos.

A decima nona *Caranavue* «Palmeira,» e o seo Principal *Boyy* «cobrazinha.»

A vigessima *Ieuirée*, (os Francezes chamam-na *Yuiret*; «pernas finas,» e o seo Principal *Canua-açu* «tinctura.»

A vigessima primeira *Eucatu* «agoa boa,» e o seo Principal *Janudre-auaéte*, «Onça feroz, ou o Cão grande,» bom indio e muito amigo dos Francezes.

A vigessima segunda *Jeuireé*, a pequena, e os seos Principaes são *Canua-miry* «tincturà pequena,» e *Euuaiuantin* «fructo picante.»

A vigessima terceira *Ury-Uaçueupé*, «lugar onde existem *Machorans*,» que são peixes assim chamados, e o seo Principal *Ambua-açu*, nome derivado de uma especie de baga, que tem um pé de comprimento.

A vigessima quarta *Mayue* ou Maioba «nome de certas fohas de arvores muito compridas e largas.» Tem dois Principaes, um *Jacuparin* «Faisão adunco,» e o outro *Jauantin* «Cachorro branco.»

A vigessima quinta *Pacury-euue* «arvore de *Bacury*, e o seo Principal *Taiapuan* «raiz grossa.»

A vigessima sexta *Euapar* «agoa torcida,» e o seo Principal *Tokay-açu* «galinheiro grande.»

A vigessima setima *Meuroty-euue* «Cacete ou a arvore da Palmeira,» e o seo Principal *Cónronron-açu* «grando roucador.»

Eis as principaes aldeias de indios nesta Ilha. Contão algumas 200 a 300 habitantes, e outras 500 a 600, ora mais ora menos, e em toda a Ilha existem 10:000 a 10:200 almas.

CAPITULO XXXIII

Aldeias principaes de Tapuytapera.

Tapuytapera é outra residencia de indios na terra firme proxima a Ilha grande do Maranhão, do lado de Oeste, facilmente vista do Forte de S. Luiz, e delle separada por tres ou quatro legoas de mar.

Não é Ilha como o Maranhão, e sim continente em terra firme, porque nem sempre é cercada por agoa. Do lado do Maranhão é batida constantemente por mar, e por elle cercada nas agoas grandes, mas quando estas desapparecem, fica só o mar no lado ja dito, e o resto é terra firme ou areia que se passa a pé enchuto.

O principio desta terra forma o cabo da bahia do Maranhão, do lado de Oeste, conhecido pelo nome de *Cabo de Tapuytapera,* e vai continuando, como praia e costa, até o fundo da dita bahia em direcção á Maranhão.

Tapuytapera não é tão forte como o Maranhão, porem, mais agradavel, rico, e fertil.

Por ahi existem 15 a 20 aldeias: vou mencionar as melhores e mais celebres com os nomes dos Principaes ou Chefes e suas significações.

Chamam-se assim:

A primeira e a mais notavel *Tapuytapera*, e este nome, que estende-se a toda a Provincia, significa a antiga morada dos *Tapuias* ou Cabellos-compridos Tem dois Chefes *Auattion* «milho negro,» e *Cay-açu* «macaco ou macaca grande.»

A segunda *Sery-ieu* «carangueijo chato,» que é uma especie de carangueijo do mar. Tem dois Principaes *Araraeu* «carangueijo pequeno,» e *Uira-eubucu* «arvore comprida.»

A terceira *Jeneupa-eupé* «Genipapo.» Tem dois Principaes *Uira-eubucu* «arvore comprida,» e *Suaçu-Caë* «Viado assado.»

A quarta *Meureutieupé* «Palmeira,» e o seo Principal *Cauin àgue* «metade vinho.»

A quinta *Caaguire* «sombra de arvores,» e os seos Principaes *Seruéué*, «nome derivado de um passaro, que carrega seo filho pelo ar,» e *Anattion* «milho negro.»

A sexta *Pindotuue*, «largo das Pindovas,» e o seo Principal *Ruronbeuue* «arvore de espinhos.»

A setima *Arueupe* «largo dos sapos,» e o seo Principal *Uyrayue Açu* «passaro velho.»

A oitava *Tapuy-tiningue* «cabello comprido e secco,» e o seo Principal *Ita-ongua*, «pilão de pedra.»

A nona *Eugare lé quytyaue* «lugar onde se arrastam as canôas,» e o seo Principal *Uytin* «farinha branca.»

A decima *Orobutin-euguaue* «lugar onde o Corvo vae beber,» e seo Principal *Çuaçu-Caë* «Viado àssado.»

É maior que o das aldeias do Maranhão o numero dos habitantes destas.

CAPITULO XXXIV

Aldeias Principaes de Commã.

Alem de Tapuytapera, para Oeste ha um rio chamado *Commã.*

As terras adjacentes ou visinhas são muito boas, e boni-, ferteis e abundantes muito mais do que as da *Ilha grande do Maranhão.*

Alli existe uma malóca de Indios da mesma Nação dos *Ilha grande* e de Tapuytapera, e alem desta mais umas ou 20 aldeias; cujos nomes e seos Principaes são os seguintes.

Chamão-se:

A primeira, e a principal aldeia *Commã*, que é tambem nome do rio e da terra, e que significa «lugar para pescar peixe,» e o seu Principal *Itaoc-miry* «casinha de pedra.»

A segunda *Ianuacuare* «toca de cão» e o seu Principal *ychuare*, «nome derivado de uma arvore.

A terceira *Tauapiap* «aldeia escondida,» e o seu Principal *Cauare* «bebedor de vinhos.»

A quarta *Couy Ieup* «Cabaça preparada», e o seu Principal *Ingarabuy* «cantor azul».

A quinta *Aruypé* «lago,» e os seus Principaes *Tamanduay* «elephante», è *Jura-euta-uaçu* «paus grandes de um bote.»

A sexta *Taeuaio* «Fructa negra», e o seu Principal *Mo-capu* «som de uma trombeta.»

A septima *Pacuripanam* «Folhas de Bacury,» e o Principal *Cayaeuue*, nome derivado de uma arvore as-chamada.

A oitava *Auayeuue* «Arvore aquatica,» e o seu Princi- *Tucoma uaçu*, nome de um fructa.

A nona *Maëcan* «frente de alguma coisa,» e o seu Pri-cipal *Uyrapar-açu* «arco grande.»

A decima *Curemaëta* «rio dos Curemans, entrada do *Commã*, e o seu Principal *Bahureapar* «copo torto.»

A undecima *Yapyeuue* «arvore do passaro», e o seu Pri-cipal *Uiraruantin* «arvore branca.»

Todas estas aldeias são mais povoadas, que as da Il-grande do Maranhão, e todas alliadas e amigas dos Indios Tapuytapera e da dita Ilha grande, como se fossem uma Nação, e unidas para guerrearem as suas inimigas.

Desde *Commã* até *Cayté*, proximo ao rio grande do *Pa-* a Oeste, na distancia de 80 leguas ou mais do Maranhã existem ainda muitas aldeias de Indios *Tupinambás*, q- habitão na terra firme junto as margens *de rios e das cost- do mar.*

Cayeté [1] é tambem residencia de *Tupinambás*, e por a- existem algumas 20 ou 24 aldeias, mui povoadas.

Dizem existir, alem do rio das Amazonas, muitas alde- de Indios da mesma Nação dos da Ilha grande, de *Tapu-tapera* e de *Commã*, fallando a mesma lingua, vivendo mesma maneira, negociando com os Francezes, de que são amigos e alliados como acontece em Maranhão, e n'o-tros lugares habitados por seus semelhantes.

---

[1] Cayete. Hoje Bragança.

ão as outras terras habitadas ora por *Tapuyas*, ora por *ajares*, *Tremembés*, [1] *Pacajares*, *Iurapupiares*, *d'Uya-s*, *d'Aracuys*, por outras tribus errantes e diversas na-s, que morão n'essas terras, muito agradaveis pela sua peratura, bondade, belleza, como se verá adiante.

Teremembés. Estes indignas são de raça differente da dos pis.

Habitavam as praias do Norte desde a fóz do Jaguaribe ou ssoró até o Gurupy, menos a serra de Ibiapaba e a Ilha gran-do Maranhão, de que se apossaram os Tupinambás.

Pensam alguns auctores, que elles habitavam tambem o terri-io do Ceará até o *Camucy* ou até a *ponta do Mucuripe* e a z do Jaguaribe e Mossoró.

Eram habeis nadadores.

Todas estas denominações pertenciam a tribus de indios, que giram do Sul buscando evitar a perseguição dos colonisadores.

CAPITULO XXXV

Temperatura do Brazil, e particularmente do Maranhão.

Embora o sol faça seo giro diario, ordinariamente em 24 horas, comtudo movendo-se continuamente em roda do Zodiaco, elle varia seu giro, seo Oriente, e seu Occidente, tornando-se irregular, ora para um lado ora para outro, ora para baixo ora para cima, umas vezes alem da linha para o Polo antarctico, outras vezes debaixo da linha, e depois para o nosso Polo Arctico, demorando-se perfeitamente entre seus limites naturaes dos dois Tropicos, sem nunca ultrapassal-os.

Sempre pensarão os Physicos e Naturalistas, que a temperatura ou a má constituição das regiões forma os seus diversos aspectos, e que são differentes os climas conforme a diversidade das partes celestes mais ou menos remotas da passagem do Sol.

Elles tambem dividirão a esphera elementar em tantas partes quantas os Astronomos dividirão a celeste, correspondendo cada uma das partes d'aquella á temperatura de cada uma das partes d'esta.

Não tem os Ceos temperatura alguma, visto serem corpos simples, e por tanto sem qualidades elementares, mais debaixo do ponto de vista de cada uma destas partes celestes, é a Região temperada ou não, e assim se lhe attribuem taes qualidades.

Existem pois cinco regiões diversas na esphera elemen-tar, bem como ha cinco partes na esphera celeste, dividida por quatro principaes circulos parallelos, isto é, pelos dois Tropicos, pelos dois circulos polares, entre os quaes cada uma das ditas partes, da largura de uma cinta, abraça essa esphera, pelo que os astronomos as chamão *Zonas*, que quer dizer «cintas ou cinturas», assim como os Geographos cha-mão as cinco partes da terra «Plagas», usando indifferente-mente da palavra *Zona*, tanto para cada uma das ditas par-tes da terra, como para as do Ceo.

Destas cinco zonas ha duas temperadas: as primeiras são desde os dois circulos polares até os dois tropicaes, e mis-turadas de cálor e de frio.

Temperiem dedit mixta cum frigore flamma.

As outras não são temperadas ou pelo frio excessivo, como a zona austral ou septentrional,

Nix tenet alta duas,

ou pelo excessivo calor do Sol, como acontece na zona tor-rida.................................... *corrusco.*

Semper sole rubens, et torrida semper ab igne est.

Como o calor é proveniente dos raios do Sol, segue-se que tanto maior é o calor, quanto mais violenta é a rever-beração, e que esta é tanto mais violenta, quanto são per-pendiculares os raios do Sol, visto ser neste caso maior a reverberação.

São estas as causas de haverem nas duas zonas polares sempre frio intenso, gelo e neve perpetuamente, tempo tris-te e obscuro e nenhum calor porque os raios do Sol sendo parallelos á superficie destas duas regiões, não pode haver reverberação alguma, como ha nas duas zonas temperadas, onde os raios solares dardejão ao menos obliquamente, e são tanto mais quentes quanto mais proximos dos dois Tro-picos, e em linha recta deste olho do Universo.

Ora o sol passeia continuamente entre a zona tórrida desde um Tropico até outro, como si fosse sua morada eterna e seu magnifico Palacio, d'ahi olha seus subditos directamente e de frente, sendo seos raios perpendiculares e orthogonos, e a reverberação em cheio, por isso deve ser grande e até excessivo o calor, como sempre pensaram, e ainda hoje pensam muitos auctores notaveis, dizendo

Non est habitabilis æstu,

sendo insupportavel o calor, só com muita difficuldade ahi se pode habitar.

Mas, por mercê de Deos, vimos o contrario na *Ilha do Maranhão*, e terras adjacentes ao Brasil, debaixo da zona tórrida e dois graus e meio, pouco mais ou menos distantes da linha equinoccial do lado de Capricornio.

Na verdade o sol ahi passando duas vezes pelo seo zenith, o calor seria insupportavel, si não fosse pela incomprehensivel Providencia de Deos temperada por meios mui maravilhosos.

Si a boa temperatura de uma Região ou clima só depende da pureza e moderação do ar, não julgo (talvez alguem pense ser paradoxo) lugar mais temperado e delicioso do que este.

Em primeiro lugar não pode desejar-se ar mais puro e mais sereno do que o que ahi reina ordinariamente.

Os elementos são por natureza puros e limpos, e si se corrompem, não é este facto devido á elles, e sim a quaesquer accidentes, provenientes de causas estranhas.

O que é porem, que pode causar mais a alteração, impureza ou corrupção do ar, do que a contrariedade de suas quatro primeiras qualidades: frio, calor, seccura e humidade e a mistura de divessos meteóros, ou as exhalações, más de corpos infeccionados?

Livre esta terra de todos os excessos destas primeir
qualidades, o frio sempre está temperado com o calor, e
seccura sempre tem a conveniente humidade.

Nunca ahi se vê saraiva e nem os feios nevoeiros, qu
aqui se observam, e nem tereis necessidade de tapar a
ventas por causa de alguma infecção.

Nunca ahi vereis soprar tantas especies de ventos, nem
grandes tempestades e borrascas, que confundem os ele
mentos, escurecem o Ceo, e parecem pelo seo ribombo que
rér arrancar montanhas e derrubar rochedos.

Não ha neve, nem tempestades e nem furacões, raras
vezes trovões, e somente muitos durante a estação inver
nosa.

Com as ventanias apparecem muitas vezes, á tarde e a
noite, relampagos, embora esteja o tempo sereno, e como
o ar é puro e temperado não se podem formar nuvens es
pessas, e por isso aos relampagos não acompanham raios e
nem trovões.

Muitas vezes vemos aqui extraordinarias impressões no
ar, annunciadoras de grandes tempestades; a terra fica cheia
ou cuberta de vapores fétidos, e de exhalações pútridas, que
se desprendem do seo seio, e espalham-se abundantemente
no ar, que assim fica alterado e corrompido, dando causa á
formação de tantas qualidades de meteóros, e por isso (como
observam os Physicos) tem chovido ratos, rans, vermes, lã,
sangue, leite, e outras coisas horriveis.

Donde vem, pergunto eu, todos estes prodigios na at-
mosphera sinão da grande impuresa da terra e do ar? Ora
isto tudo não se vê no Brazil, e nem se póde formar visto
o ardor do Sol não permittir grandes agglomerações de va-
pores e de exhalações, como acontece em toda a zona tór-
rida, mormente estando o Brazil bem debaixo do Sol, porque
são todas ellas consummidas pelo calor, ahi constante, e que

faz o ar mais puro e sereno, como aqui vemos nos mais bellos dias de Estio.

Quando o Sol deixa Guiné á E'ste para vir ao Brazil a Oeste, vence a grande travessia de mar entre esses dois paizes, donde bebe vapores puros e limpos, que o temperam admiravelmente, e por isso é o Brazil tanto mais sam e temperado quanto Guiné é doentia e cheia de vapores impuros.

Ao contrario o Sol girando do Oriente para o Occidente atravessa muitas terras, pela maior parte seccas e arenosas, passa a Africa, que abrange toda a Arabia feliz, a Barbaria e Guiné, em sua maioria habitação ordinaria de animaes ferozes, e de serpentes venenosas.

Proxima está a Ethiopia sem mares e sem rios, onde é insuportavel o calor do Sol; ahi grande massa de perigosos vapores está contida entre o ardor do Sol e a maior reverberação de seos raios, que cahem perpendicularmente sobre esta terra secca e arenosa, corrompendo e infeccionando de tal sorte o ar, que torna este paiz muito intemperado e doentio, sujeito á muitas molestias pestilenciaes e contagiosas, tanto que os que navegam pelo mar proximo ás costas de Guiné são sujeitos a ella, e são quasi sempre victimas, como ja disse.

No Brazil não ha animaes ferozes, e nem serpentes venenosas, para infeccionar a terra e corromper o ar, formando vapores maus e perigosas exhalações.

Ahi não são venenosos os Crocodilos, as Serpentes, as Cobras, os Sapos, etc. etc., e até servem de bom alimento como direi depois. [1]

Tudo isto demonstra a grande puresa e temperatura do ar, em primeiro lugar por não ser corrompido por causas

[1] Não é verdade. Ha muita exageração, ou deu-se grande e incrivel mudança na naturesa destes animaes.

externas, e em segundo lugar, porque ahi a maior parte dos animaes, aqui existentes, não tem veneno.

Em segundo lugar, alem de ser muito puro o ar neste paiz, é tambem muito moderado, ja pela frescura do mar, que o cerca, reforçada por boas fontes, regatos e rios, tão grandes, que chegam a ter 500, 800 e mil legoas de curso, e 6, 10, 20, 30, 40, 60, e 80 legoas de largura em muitos lugares, regando a terra de um e outro lado, refrescando os animaes, moderando o ar por seos vapores puros, e suavisando muito o ardor do Sol durante o dia.

Alem disto, como o Sol se deita quasi sempre em angulo recto, ou um pouco obliquo, como si fosse recta a sua esphera, nunca ahi se observam crepusculos nem á tarde e nem pela manhã, porque cahindo o Sol de cima do vosso horisonte como se cahisse n'um precipicio, apparece logo noite profunda.

Occultando-se o Sol na profundidade da terra, acha-se muito longe e como que em lugar opposto a este paiz inteiramente encuberto e occulto, no meio da sombra e da expessa e tenebrosa capacidade da grande massa do globo terrestre, não podendo aproximar-se desse hemispherio um só dos seos raios.

A frescura da noite, dos rios, e dos regatos gira no ar entre os vapores pelo sol espalhados ahi durante o dia e ainda após seo Occaso, e logo que elles sentem a frescura tanto da noite como do mar, de seos rios e regatos, condensam-se tanto mais depressa quanto são mais subtís, e si transformam immediatamente em abundantes e frescos orvalhos, que regam e refrescam toda essa região, tornando as noites bellas e serenas, agradaveis e deliciosas o quanto é possivel desejar-se.

Quando levanta-se o Sol, estes orvalhos assim frescos, e toda essa região modificada por esta fórma, concorrem muito

para moderar e suavisar as reverberações e ardores do Sol.

Alem disto a Providencia Divina, que tudo dispõe com suavidade e doçura modifica por meios engenhosos os ardores do Sol em todo este paiz.

Caminhando o Sol do Tropico de Capricornio para o de Cancer manda adiante de si chuvas, que principiam seis semanas, pouco mais ou menos, antes delle achar-se na linha vertical, e continuam por dois mezes e meio depois de haver passado pelo Zenith.

Vê-se, que duram estas chuvas por quatro a quatro mezes e meio, regando abundantemente, e com intervallos o ar e a terra, modificando maravilhosamente o ar e os ardores do Sol, e fecundando muito a terra.

Na Ilha do Maranhão e suas circumvisinhanças principiam estas chuvas proximo ao mez de Fevereiro, e duram até o fim de Maio ou meiados de Junho.

Quando o Sol desce do Tropico de Cancer ao de Capricornio succede o contrario.

Elle anima os ventos, chamados *brizas*, á encrespar a superficie do mar, sempre encapellado durante a epocha dos ventos, os quaes principiam a soprar com o Sol, ou quando começa o calor, das 7 ás 8 horas da manhã, e como o Sol vae subindo para o meridianno, vão os ventos tambem crescendo proporcionalmente, de fórma que quando elle chega ao meio dia, e que o calor é intenso, os ventos são muito mais fortes, e mais violentos do que quando o Sol se aproxima do Zenith.

Deminuem tambem os ventos a medida, que o Sol ausenta-se do Zenith e do meio dia, e logo que chega ao Occaso, cessam de todo.

Existem por ahi guarda-sóes e leques, collocados admiravelmente por Deos afim de garantir o homem da intemperie dos ares.

Tanto isto é certo, que os raios do Sol ahi não ennegrecem tanto o homem como acontece na Ethiopia e n'outros lugares identicos na linha equinoccial, e sim muito menos do que em muitas regiões da zona temperada, onde não é o ardor do Sol modificado ou suavisado por tantos refrigerantes, como acontece no Brazil.

Si virdes os habitantes deste paiz amulatados, ou de côr de azeitona, não credes provir isto dos ardores do Sol, e sim dos artificios por elles empregados para obterem esta côr tão desejada, como depois explicarei mais minuciosamente.

Si os ventos, alem de modificarem o excessivo calor, tem a propriedade commum de alterar o ar, ou de moderal-o conforme suas qualidades, não pode deixar de ser a Região do Maranhão, e suas circumvisinhanças, constantemente muito moderada, mormente reinando ahi somente o vento E'ste, ou Oriental, o mais puro e mais temperado de todos.

O vento do Norte ou Septentrional é frio e secco, porem em excesso.

O vento do Sul ou Meridional, ao contrario, é muito quente e humido.

O vento de E'ste ou Oriental é secco e quente com moderação, e muito mais puro e temperado do que o de Oeste ou do Occidente, frio e humido.

Eis os quatro ventos principaes de que dependem os outros collacteraes.

Quando nocivos e predominantes em qualquer Região, mudam, alteram, corrompem, ou temperam o ar, (muito susceptivel de todas estas impressões) por meio de suas más qualidades, tornando-o ora frio, ora quente, depois secco e logo humido, algumas vezes claro, e outras nevoado, ja secco, ja chuvoso, e soffrem tal inconstancia sem detrimento de nossa saude !

Ære non certo corpora languor habet.

Não se conhece no Brasil o muito vento Septentrional secco e frio, nem Meridional pútrido, doentio e extremamente malefico, nem os Occidentaes frios e humidos.

Não se observa alguma alteração, corrupção, ou mau tempo occasionada por ventos maleficos, pois apenas reina quase sempre o vento do Oriente, moderando o calor do dia, agitando o ar para não ser corrompido por meio de grande repouso, e tambem por suas qualidades purificando-o e temperando-o.

Creio, que perguntará alguem porque o Sol, vindo do Capricornio, produz ordinariamente chuvas, e ao contrario, caminhando de Cancer, origina ventos?

Para responder a primeira pergunta, convem notar, que o mar cérca quase toda a parte occidental, e que d'elle o Sol attrahe grandes vapores, quando no Tropico de Capricornio por meio de seus raios, que cahem perpendicularmente sobre o mar, com tanto mais força e ardor quanto mais está em seu perigeo, isto é, no lugar mais proximo ao centro do Universo.

Tanto mais puro e simples são estes vapores, quanto mais espessos e condensados, quer pelo seu fim intrinseco ou natural, quer pelo grande frescor das noites ou do ar, ou da presença do Capricornio, sempre frio e secco, e d'ahi a origem e a continuação das chuvas neste paiz, logo que regressa o Sol do Capricornio, passa por Aquarius, quente e humido, e por Piscis, humido e frio, ambos signos chuvosos.

Difficilmente responde-se á segunda pergunta, por ser bem sabida a causa dos ventos.

Si é certo, como disem os Astrologos, que alguns Planetas excitam os ventos nos lugares onde dominam, bem pode o Sol, regressando do signo de Cancer, levantar esses ventos temperados ahi por essas regiões do Brasil.

Alguns Astrologos attribuem á Jupiter o vento do Norte, á Marte o do Sul, á Lua os do Oeste conforme suas diversas qualidades, e como os ventos do Oriente se parecem com o Sol em seccura e calor temperado, elles o attribuem ao Sol; e por isso o chamam—*Subsolanus*—vento Solar.

Não vemos o Sol attrahir a si algumas flores, como seja a assemone, e a flor do Sol, que entre todas tem a propriedade natural de voltar-se para elle? O mesmo acontece a este vento solar ou do Sol, quando volta do signo de Cancer.

Regressando do lado da terra, quando se ergue sobre o Brasil, aquece o solo humedecido pelo orvalho puro e limpo da noite, cujas exhalações quentes, seccas e temperadas attrahe, não podendo formar outro vento sinão o do Oriente, tambem quente, secco e temperado.

Eis a razão de não haver outro vento no Brasil.

O ar, áquem do Tropico de Cancer, não é tão subtil como o d'alem onde o Sol começa seo giro, e por isso o vento solar achando o caminho mais rarefeito e franco pelo ardor do Sol, dirige-se por ahi e segue do Oriente ao Occidente sempre acompanhando-o.

Ventus enim fit, ubi est agitando percitus aër.

Sempre subindo cada vez mais, quando o Sol chega ao meio dia, attrahe e amontôa muitas exhalações, e como não pode attrahil-as quando no occaso, não apparece nessa occasião vento algum.

Pode ainda expender-se algumas razões naturaes, porem não são tão provaveis, e em quanto a mim não preciso de outra, em apoio do que deixo dito, sinão a Providencia Divina, *Qui producit ventos de thesauris suis.* (Psalm. 134.)

É bem verdade que esses ventos Orientaes se formam não só no Brasil, mas tambem em todos os lugares da linha equinoccial, a que muitos attribuem a causa e a origem de todas as qualidades modificadoras da temperatura do ar.

Comtudo não são puros e temperados pelas razões ja ditas, como acontece no Brazil.

Por outro lado estando este Paiz proximo á linha equinoccial, partecipa, como as outras da zona tórrida, da influencia das qualidades singulares e admiraveis postas por Deos no meio deste mundo.

Ahi achareis, como em certas partes, riquezas e commodidades, e n'outras não encontrareis, como aqui, esses commodos e frescura, podendo dizer-se, que pela pureza e temperatura do ar, que ha no Brasil, não existe debaixo do Ceo paiz mais bello, mais sam o mais temperado a não ser o Paraiso terreste, collocado por muitos sob a linha equinoccial no Eden por causa de sua temperatura.

Por tudo isto mui naturalmente distingo a zona tórrida em duas partes, uma intemperada por causa do ardor do Sol, e outra mui temperada, visto ser o Brasil, parte da zona tórrida, o paiz mais saudavel e temperado de todos.

Achareis no Mundo, até nas duas zonas que chamamos temperadas, mais bella Região a não ser a França?

Si examinaes bem o decurso do anno, achareis quatro estações, bem confusas.

Escolhei uma como a melhor, por um mez ou uma semana, e nesse espaço notareis perpetua inconstancia de tempo.

No Brasil, e especialmente em Maranhão e suas circumvisinhanças observareis sempre a mesma temperatura e a mesma estação.

No inverno a terra aquii é esteril, mas la é sempre fecunda e productora.

Aqui no inverno a terra offerece aspecto triste, hervas mortas ou seccas, arvores sem folhas, e tudo emfim fanado. No Brasil é constante a verdura, e a terra mostra plantas bonitas, e flores diversas e raras.

Emfim no Brasil ha primavera eterna, acompanhada pelo outomno, e constantemente pelo estio.

Com tal temperatura, em todas as estações e mezes do anno, as arvores tem folhas, flores e fructos espalhando no ar suave aroma, e fazendo seus campos.

Croceis halantes floribus horti.

Aqui não sentis em todas as estações novas, differentes molestias pela diversidade e inconstancia do Tempo?

No Brasil, porem, gozaes sempre de boa disposição, porque

Temperie cœli, corpusque, animus que juvatur.

Vivem ahi os homens longos annos. A propria terra e os animaes, as aguas e os peixes, o ar e os passaros, as plantas, os fructos e as flores são differentes dos da França pela temperatura do Paiz.

Lá não sereis debil, pesado, e somnolento, como aqui durante os grandes calores do Estio. Ao contrario sereis agil, folgasão e bem disposto. Aqui o grande calor vos tirará a vontade de comer, e lá tereis sempre grande apetite.

Não será por falta de viveres, aqui em abundancia, mas lá são excellentes, e junto isto á temperatura do ar, e á boa disposição do corpo, tereis a digestão sempre boa por causa do clima da terra.

CAPITULO XXXIII

Da fertilidade e bondade da Ilha do Maranhão, e outros lugares visinhos no Brasil.

A fertilidade segue e acompanha de tal forma a temperatura a ponto de não poder um paiz ser bom ou mau sem que ella seja temperada ou não.

Originando-se todos os corpos de sementes occultas dos elementos, não ha um só que por si mesmo possa produzir alguma cousa.

É necessario misturar todos os elementos, e por meio desta operação tornam-se tanto mais fecundos quanto mais proximos estão das primeiras qualidades e influenciados pelo aspecto favoravel dos Ceos.

As partes Septentrionaes e austraes são menos ferteis, por estarem longe do olho do Mundo, e da boa temperatura do ar pelo frio excessivo, ahi reinante.

Embora a Ethiopia e a Arabia estejam sob a região do Sol, não é habitada a sua maior parte pelo excessivo calor ahi reinante.

Mostra-nos a experiencia, que neste paiz (a mais bella porção da zona temperada) no inverno não tem o ar passaros, o mar peixes, a terra é infecunda, e fria, as arvores estão despidas, e os corpos são mais ou menos encommodados por

mil formas ja pelo frio rigoroso, e ja pelo mau tempo: tudo emfim no Estio murcha pela violencia do calor.

Em cada anno quantas molestias novas, e desconhecidas pelos Medicos mais experientes, quantos contagios, quantas estirilidades da terra, quantas faltas do que é preciso, quanta fome, quantos emfim originados pela falta de bom tempo, ou pela diversidade das estações?

Quantos individuos não mudam de ar e de terra para evitar molestias, e procurar a saude?

O ar não é tão util ou nocivo, como a bebida e a comida conforme suas qualidades boas ou más.

Na primavera os elementos tornam-se ferteis pela temperatura das primeiras qualidades sob o novo olhar do Ceo, os passaros se alegram e se multiplicam, bem como os outros animaes, ao ar mais doce e agradavel os peixes recobram seu antigo vigor nos rios e no mar, a terra se aquece, se fecunda, e produz muitas hervas, plantas e fructos, e os corpos humanos, mais ageis e alegres renovam seu sangue, suas forças e saude por meio da temperatura do ar.

Tudo isto não é bastante para, á prima facie, provar qual a bondade e a fertilidade da Ilha do Maranhão e outros lugares visinhos no Brasil; visto ser este paiz tanto mais temperado quanto mais longe de todos os excessos, conforme já dissemos no capitulo precedente?

Si a bondade de um paiz equivale á sua temperatura, posso asseverar ser este um dos mais temperados do Mundo, melhor e mais fecundo, que pode achar-se debaixo do Ceo.

Impossivel é enumerar-se quantas especies de passaros ha nesta Região, e cada especie é composta de innumeraveis volateis: o ar muito doce e agradavel está constantemente cheio delles, e ahi muito se multiplicam: o paiz e as arvores estão sempre cobertos d'esses animaes.

Apezar de tudo isto nós não temos uma só dessas especies, e todas são diversas em bellesa e bondade.

Ahi achareis muitos passaros bravios, grandes e pequenos que se amansam ou domesticam logo que são apanhados.

Ahi tereis muitos passaros e aves domesticadas, e tambem muitas outras rapaces de varias qualidades, algumas tão terriveis e valentes, como perigosas e feias.

Embora tenhámos por cá muitas qualidades de passaros e de caças, boa e excellente comida, não tem comparação alguma com as do Brazil, quer pela abundancia e variedade das especies, quer pelas suas bellesa, excellencia e bondade.

Logo que se augmenta a temperatura, todos os passaros se nutrem muito mais e com o que ha de melhor, e por isso mais engordam e se fertilisam; como alimento são excellentes, e nada temos que a elles se compare ao seo sabor.

Ha uma terra muito propria para os passaros, a Ilha de Fernando de Noronha, de que já fallei no Capitulo oitavo, onde se encontram tantos passaros, que se póde, segundo ja disse, apanhar á mão, como as laranjas na Normandia.

Os passaros, emfim, todas as aves de França si por lá andassem, cresceriam mais, e ficariam melhores do qne estando aqui, e gozando desde o principio de todas as estações do anno.

Em relação aos peixes sabem todos, que quando as agoas são muito frias, elles não gostam della, enfraquecem, morrem por frio excessivo, e por isso no grande rigor do inverno retiram-se os peixes para a profundidade dos mares evitando assim a intemperie que então existe sobre o nosso hemispherio.

Nesse tempo não se pode apanhar tantós peixes, e os que se pescam não são tão gordos como os da primavera, quando o tempo é tão brando.

Embora os peixes por sua naturesa residam na agoa fria e humida, apreciam comtudo a temperatura da agoa por terem o corpo composto de quatro elementos.

Eis a rasão porque no Brazil pululam peixes de todos os lados, mui diversos dos nossos, visto a doçura do ar temperar muito as agoas, o mar, e os rios.

A unica qualidade de peixes, que lá existe, igual aos nossos é dos sargos, em abundancia, e excellentes.

Ha tambem muitas outras a que chamam *Rery,* [1] com duplo tamanho e espessura das nossas, porem de gosto delicioso.

Dizem na França, que não é bom comel-os nos mezes, em que não ha *R,* como sejam Maio, Junho, Julho e Agosto, porem no Brazil são sempre boas e apetitosas em todo e qualquer tempo.

Prendem-se umas aos rochedos, e outras as arvores chamadas *Mangues,* que crescem á beira-mar, como já disse, o que difficilmente acreditaria, se um indio, trazido por nós de *Fernando de Noronha,* não nos offerecesse um ramo com ellas quando estivemos na Ilha de Santa Anna, o que depois melhor vimos e verificamos.

Encontram-se facil e abundantemente na baixa-mar mariscos, que elles chamam *Xeruru,* [2] iguaes aos nossos, e muito maiores, melhores, e mais saborosos, alimento ordinario dos Indios juntamente com as ostras.

Eis o que elles têem parecido com as nossas coisas.

Em quanto ao mais, seria mais facil particularisar o Occeano do que todas as especies de peixes, ali existentes, nos rios e no mar, e para não involver-me n'este abysmo contento-me em dizer, que elles, geralmente, tem peixes

---

[1] Será *Sery?* Será *ostras?*
[2] Será *Súrúrú?*

excellentes e apetitosos, de diversas sortes e em maior numero, e ainda esperamos ter occasião de fazer d'elles particular menção.

Direi ainda, que por lá existem muitas lagôas, cheias no inverno de agoa da chuva, onde se geram muitos peixesinhos de um pé de comprimento e de grossura proporcional.

No tempo das ventanias esgotam-se essas lagôas, e cuidam os *Tapinambás* em apanhar e guardar todos esses peixes, muito bons e saborosos.

Embora fiquem ellas seccas, quando vem o inverno enchem-se de novo, e expontaneamente continuam a ter peixes.

Si quizerdes comparar as agoas d'aqui com as de lá, debalde vos entregareis a esse trabalho. Ja fizemos esta experieucia, que bem cara nos custou.

As agoas, que d'aqui levamos como provisão, alteraram-se com os primeiros calores, turvaram-se e apodreceram, ficaram azuladas e nos encommodaram muito, não sendo possivel conservarem-se boas, dez ou doze dias en busca da linha, pela altura das Ilhas Afortunadas e Canarias.

Ao contrario; as agoas, que trouxemos da Ilha do Maranhão, como provisão do nosso regresso, não se alteraram nem por mar, nem pelo calor, nem debaixo da linha e nem sob o Tropico: sempre se conservaram boas durante mais de trez mezes da nossa viagem.

Na Ilha do Maranhão, embora totalmente cercada por mar, achareis boas fontes, de nascentes naturaes e sem canaes, de excellente agoa boa.

Si fôrdes á Hollanda, a S. Malo, S. Valleryur-Somme, Dieppe, e outros lugares, somente achareis agoas turvas ou pútridas, si não vierem artificialmente de algures.

Procuram àqui muitos valetudinarios as fontes thermaes

ou medicinaes ou para recobrar a saude, ou para livral-a de grandes incommodos.

Se estivessem nas Indias, não contrahiriam taes molestias, e si as tivessem, não lhes faltariam de taes fontes, e muito boas por causa da temperatura deste clima.

Muitas vezes vi na Ilha do Maranhão as pessoas dedicadas ao trabalho beberem logo pela manhã muita agua da fonte antes de comerem alguma cousa, sem sentirem o estomago cheio; pelo contrario achavam-se mais vigorosos e aptos para trabalharem na vinha do Senhor.

As aguas da fonte não são cruas e tão frias como as nossas, e como são mais temperadas não fazem mal, e nem causão paralysias ou outras molestias, embora bebidas em jejum, e com o corpo quente.

Sendo a terra regada em todos os sentidos por boas agoas, e maravilhosamente temperada pela doçura do ar, não pode deixar de ser fertil, como é, sempre fecunda sem descançar e sem amanho algum.

Não tereis precisão de parques e nem de gado para aquecel-a, visto ser sempre temperada e influenciada pelo Ceo.

Si quizerdes cultival-a, como aqui se faz, não tendes precisão de cavallos, e de arreios; de charrua e de relhos de arado para fendel-a, pois não exige tanto trabalho.

Si a cultivardes—pouco produz, e si a abandonardes tereis grande colheita.

Não posso explicar tal paradoxo senão porque sendo a terra lavrada, o calor a penetra, aquece-a, e seca de tal forma que queima as sementes, e não sendo cultivada, conserva-se a humidade.

Parece-me provavel esta razão, porque a terra é de tal forma refrescada pelo sereno da noite, e orvalho da manhã, pelos rios e fontes e pelas chuvas em tempo proprio, que basta lançar, sem industria ou cuidado, toda a qualidade de

semente na terra, e apenas cobril-a para dentro em pouco tempo colherdes á farta.

Semeiando o milho de Maio, que elles chamam *Auattyy*, podeis colhel-o d'ahi a dois mezes e meio a tres, e de cada grão provirá quatro, cinco, ou seis hastes, e em cada haste seis ou sete espigas, e em cada espiga 600, 700, e até 800 grãos. Vede quantos grãos de um só.

Reconhece-se ainda mais a bondade e a admiravel fertilidade desta terra, porque se pode semeiar e colher o milho em abundancia tres a quatro vezes por anno, do que resulta incalculavel proveito.

A mandioca, raiz com que fabricam o pão, cresce muito grossa, e fica em estado de colher-se de tres em tres mezes, e até em menos tempo.

Pode comer-se melões seis semanas ou dois mezes depois de plantados, e pode tambem colher-se todos os mezes, e são tão bons pelo Natal, como pelo São João, e no mez de Agosto.

Em todos os tempos colhem-se fructos ou lentilhas de que a terra se mostra muito fertil.

Não conhecem a vinha, porem em seo lugar tem certos fructos excellentes, de que fabricam bebida deliciosa.

Tambem não tem trigo, e nem alguns grãos como nós porem a terra é tão propria e o terreno tão bom, que quando nelle se plantar vinhas e semeiar-se trigo ou outras cousas á nós tão communs, não ha duvida, que produsirão em abundancia.

Ha grande quantidade de fructos e de legumes de diversas especies, muito proprios para alimentação, e com propriedades de se fabricarem com seus tecidos vestidos e outras cousas necessarias exteriormente.

Este paiz é tão bem especialmente rico tanto em animaes campestres ou ferozes, como familiares e domesticados, a

que não faltam ar bom, pastos fartos, e frescura incomparavel.

Por todas estas coisas são elles extraordinariamente fecundos, e por isso se multiplicam muito: são excellentes para alimento, e de muitos podeis tirar commodidade e proveito.

Aqui não temos especie alguma de animaes; que elles lá tem, e elles não tem nenhuma das nossas, e si tem é com muita differença.

Elles não tem cavallos, bois, carneiros, não por deficiencia da terra, pois é muito farta e propria para toda a qualidade de animaes, de quadrupedes, e de todas as especies lanigeras. Basta levar diversas especies de animaes, e soltal-os ahi, que em breve o paiz teria muitos delles.

Elles lá tem muitos veados, corças, javalis, não iguaes aos nossos inteiramente, Pacas, Tatús, Onças, Margaias, e muitos outros animaes de pelles lindas e preciosas.

Tem outros animaes chamados *Tapyruçú*, a que chamamos *vaccas bravas*, com prestimo para carga,, quando são agarradas.

Ser-me-ia difficil particularisar aqui tantas especies, que elles lá tem, de animaes, de fructos, ou de legumes; e por isso limito-me apenas a mencionar algumas.

A utilidade, que se colhe agora d'aquella terra, consiste no pau brasil, nas madeiras amarellas, salpicadas de cores, e de outras qualidades, no algodão, no urucú, especie de madeira vermelha ahi abundantissima, e tambem n'uma certa tintura vermelha similhante a lacre.

Acha-se tambem a canna fistula em *Commã*, proximo do Maranhão, e a verdadeira herva-cidreira como na Arabia.

Prepara-se ahi muito bom tabaco, herva mui conhecida, e que ahi nasce em abundancia: é muito procurada e por alto preço na França, em Flandres, e na Inglaterra, e si lá

cuidar-se muito do seu cultivo tirar-se-ha muito mais lucro do que tiram os Hespanhoes e Portuguezes moradores na Ilha da Trindade, onde não tem outro ramo de negocio, e della carregam annualmente muitos navios.

Ahi tambem se encontra a pimenta e a pedra—bazar.

Os que conhecem bem o Maranhão, sabem quanto é especial e muito boa para a plantação da canna do assucar, de rendimento inestimavel, e muito maior do que tem os hespanhoes em Pernambuco, Potycou, São Domingos e outros lugares por elles possuidos no Brasil.

Encontram-se ordinariamente ambar-gris ao longo das costas do mar, habitadas pelos Canibaes.

Ha tambem uma especie de jaspe verde, de que fabricam pedras para os labios, rochas de cristal vermelho e branco mais duro do que as pedras ou diamantes, que chamamos de Alençou, e muitas outras particularidades.

Encontrando-se todas as preciosidades e riquezas sob a zona tórrida, e achando-se o Brasil no meio della, e muito proxima, não duvido que elle receba, pelo menos, tanta influencia dos astros como os outros paizes, e especialmente do Sol, gerador do oiro, pois passa duas vezes pelo seu zenith.

Por tudo isto ligo mais confiança no que me asseguram muitos francezes e indios, testemunhas occulares, de ahi haverem muitas minas de oiro, e outras pedras preciosas, e muitos viveiros de pérolas.

Alem disto achando-se este paiz em tal clima, e em continuação do Perù, é bem provavel, que não haja no Perú riqueza, alguma que se não encontre tambem no Brasil, colhendo este maior proveito em relação ao Oriente por estar no mesmo grau, que Cusco, e visinho do rio Amazonas, o maior do Mundo.

Não ha falta de meios de construcção, porque alem de bellas madeiras ha muitas pedras proprias para obras. Pode fabricar-se muito bom tijolo, e como ha muito boa terra, areias, e outros materiaes é facil fazer-se muito boa argamassa e cimento.

Não ha falta de trabalhadores.

Si os mercadores, artistas, e operarios conhecessem a bondade, e a utilidade desse paiz, assevero que não descançariam sem ir lá, e então reconheceriam ter vivido como o rato de Esopo, que se julgava feliz, embora cheio de necessidade, comtanto que não mudasse de lugar.

Quantos por aqui existem trabalhando dia e noite, e com todo o esforço, e não conseguem meios de fazer face aos seos encargos, chegando até á misera condicção de mendigarem o pão para sustento de sua vida, e de seus filhos?

Si vivessem naquelle paiz facilmente adquiririam meios de sustentarem-se pela facilidade com que se pesca e se caça toda a qualidade de animaes, ahi em abundancia, e com bem pouco trabalho e industria seriam ricos em pouco tempo, lamentando só o haverem vivido tanto tempo no seu antigo estado.

CAPITULO XXXVII

Da bellesa da Ilha do Maranhão e de suas circumvisinhanças.

Encontram-se muitos paizes bons e ferteis, porem nem sempre bonitos, porque a bondade e a bellesa são qualidades differentes embora uma contribúa muito para a outra.

A bondade se refere mais á temperatura interior, e consiste a bellesa na symetria e na bella composição das partes exteriores, cómo se vê no corpo humano, ou em outra qualquer coisa bem disposta.

Assim tambem consiste a bellesa de um paiz na boa ordem e proporção externa de tudo quanto lhe é necessario e requerido.

Ora o Brazil não é somente fertil e bom, e sim tambem bonito e agradavel á vista, não havendo bondade, que não realce a sua bellesa, e reciprocamente.

Tem grande extensão junto á linha do lado septentrional, e chegando por outra parte á *Patagonia* alem do *Tropico*.

A Ilha do Maranhão e suas costas do mar estende-se até o Perú em igual clima e no mesmo parallelo, que a Castilha de oiro.

Ponho de parte a serenidade do ar, a sua temperatura doce e agradavel, e tudo o mais, que ja particularisamos,

e que concorre para fazer esta terra muito bonita, e cheia de agrados e deleites.

Para fallar em particular da Ilha do Maranhão convem dizer, que alem de ser muito agradavel, como já dissemos, é visinha do mar, e por elle cercada, tem quatro ou cinco rios grandes, que vem desembocar e expandir-se em redor della, offerecendo-vos assim milhares de commodidades para grande e variadissima pescaria, com muita satisfação, mormente sendo o estio ahi constante, e as agoas nessa estação agradaveis e deliciosas.

Na Ilha não se encontram grandes campos, pois tem apenas 45 legoas de recinto, como já disse, porem proporcionalmente élla é grande, têm bonitas praças, onde se fazem casas e outras residencias, conforme já narramos.

Tambem não se encontram montanhas altas e grandes, porem pequenas encostas e valles, em cuja base ha bonitas fontes, e pequenos rios, os quaes regam tôda a Ilha em diversos sentidos, e a tornam excessivamente bonita e agradavel.

Atravessam a maior parte destes rios a Ilha do Maranhão por entre bosques floridos, e florestas sombrias.

Existem tambem outros rios maiores, por onde podeis navegar em Canôas e outras embarcações pequenas, e assim ir de aldeia em aldeia e por outros lugares proximos.

Ha muitas matas de córtes e bosques, onde bem podeis divertir-vos e caçar, quando aborrecido de pescar.

As palmeiras, mais do que outras arvores, ahi predominam, podendo dizer-se que é um jardim de palmeiras, e como a palma é o emblema da victoria direi, e com propriedade, ser esta Ilha em comparação com outros lugares, um verdadeiro campo de victoria por não haver um inimigo, que a possa vencer, ficando sempre vencedora e dessassombrada de seos inimigos.

Em bellesa não tem menos que admirar a Ilha do Maranhão. Notam-se ahi a perder de vista grandes e bonitos campos, onde ha varias povoações e aldeias, ora colinas e ora valles, já bonitas montanhas, admiraveis por sua grandesa e altura, e já variedade de terrenos de diversas côres.

Encarece a Sagrada Escriptura a bellesa do Paraiso terreste, especialmente por causa de um rio, que o rega, e que se divide em quatro maiores.

Deixando de parte mysterios contento-me em notar que o Brazil é maravilhosamente embellesado e enriquecido por muitos rios grandes e regatos de 10, 15, 20, 40, 60 até 80 leguas de largura, e de 500, 800 até 1000 de comprimento, como ja dissemos.

Espalham-se todos elles a ponto de poderdes ir embarcados a todas as partes, quer ao passeio de recreio, quer a pescaria mui abundante de peixes aqui desconhecidos, e quer finalmente a negocio, e é por certo grande commodidade tal via de transporte.

Si são tão ricos e commodos estes rios e riachos não são menos agradaveis pelas singularidades ahi encontradas, especialmente por muitas Ilhasinhas, todas cheias de raridades, e n'elles existentes.

Tão bonitos rios refrigeram o ar e toda a terra do Brazil de fórma que sempre está verde e florescente.

Por lá encontram-se grandes e vastas florestas de arvores por nós desconhecidas, umas parecendo mui medicinaes, produzindo gomma e oleos odoriferos, outras bonitas, direitas, de grande altura, e que dão madeiras amarellas, vermelhas, e malhadas, aqui usadas para tinturas e obras de valor e estima.

Agrada ver-se os campos matisados de bonitas e diversas cores de hervas e de flores, mui diversas das nossas, me-

nos a beldruega, que ahi apparece expontaneamente sem ser semeiada.

É impossivel dizer-se quantas flores singelas, bonitas e raras se encontram por ahi por esses bosques e campos, montes e valles.

Nossos arboristas teriam muito em que empregassem o tempo, e é minha opinião, ahi haverem muitas plantas rarissimas e lindissimas, porque si as qualidades segundas, virtuaes e sensiveis excedem muito as qualidades primeiras, de que se originaram, são refrigeradas pelas influencias do Ceo.

Não pode duvidar-se, á vista da temperatura tão grande deste paiz sob aspecto tão favoravel, que os metaes, os mineraes e as pedras, as gommas, os oleos, e outros licores, as madeiras e as raizes, as plantas, as flores e os fructos não tenham, cada um conforme sua especie, muita força, e virtude interna, excedendo assim em todas as suas qualidades exteriores e sensiveis.

É por isso que em qualquer parte achareis grande numero de flores bonitas e raras, perfumando o ar com seo cheiro, sentido muito antes de as verdes.

Si se admiram pelo seo suave aroma, não menor impressão causam por suas bellas e vivas cores.

Neste paiz não ha outro jardineiro senão Deos e a natureza. São elles, que se incumbem de enxertar, pòdar e cuidar das arvores.

Que mais quererieis? Não está escripto no Genesis, que elle fez a terra produzir todas as arvores agradaveis á vista e ao paladar?

Ha no Brasil muitas arvores fructiferas, que nascem expontaneamente, e só pela Providencia de tão soberano Jardineiro, e embora não recebam cultivo algum produsem com abundancia fructos tão saborosos como bonitos, e que de for-

ma alguma se podem comparar com os melhores que temos visto em outras partes do Mundo.

Agrada vel-os e apetece comel-os, tão bonitos e saborosos são elles !

O que mais admira, é que as arvores no inverno não perdem as folhas como as nossas, e por isso sempre tem folhas, flores e fructos.

Pode talvez dizer-se ser esta terra—*Plantatio dexteræ excelsi*—uma planta da direita, quero dizer, da unica providencia de Deos, visto ser cultivada e muito bem unicamente pela sua divina graça.

Si la estivesseis, sentirieis incalculavel prazer vendo a diversidade de animaes no meio de verdura sempre constante, e terieis a mesma satisfação levantando os olhos para o Ceo.

Verieis em diversas arvores trepados muitos macacos e monos, saltando de galho em galho, com ligeiresa e destresa admiraveis fazendo mil tregeitos como se quizesse agradar-vos.

Verieis n'outras pousando muitos passaros entre fructos e flores, ahi constantes, como aqui no bello tempo da primavera, todos de linda e variada plumagem, tão bonitos e vistosos, como por cá costumam ter e por altos preços os Principes e as pessoas de alta cathegoria.

Ha tambem muitos passarinhos de pennas e de cores tão raras a ponto de guardarem os curiosos as pelles inteiras: grande numero de bonitos papagaios, de varios tamanhos, uns verdes, outros pardos, outros amarellos, matisados de diversas cores, mais vivas e bellas o quanto se pode desejar.

Finalmente, ahi tereis muito com que alegrar os olhos, o olphato, e o paladar, ou melhor, pondo de parte a sensualidade, com que conhecer e louvar a providencia e a bondade de Deos.

Não seria por tudo isto, que, a similhança do que aconteceo com as terras do Oriente, se deo á estas do Occidente o nome de India?

O que significa este nome *India* em Hebreu [1] *Hodu?* É o mesmo que dizer—*louvor*—do verbo [1] *Iadah in hiphil.*

Deos não reservaria tambem esta terra do Occidente para ser nella louvado, como é e será no Occidente até o fim do Mundo?

Ainda significa *confissão,* e Deos não chama agora este paiz para si afim d'elle reconhecer e confessar seo Santo nome?

Tambem significa—*decora* ou *pulchra*—da raiz. [1] *Hod,* que quer dizer bonito, bem feito, e bem ornado.

Por tudo isto, bem vedes que o Maranhão, terra do Brasil, é tão bom, tão bonito, e tão bem disposto, que com muito acerto se lhe pode chamar

Hortus odoratis cultissimus herbis.

[1] N'esta capital não ha em typographia alguma typos hebraicos, por isso deixamos esse claro.

CAPITULO XXXVIII

Das coisas, que ordinariamente se encontram na Ilha do Maranhão e suas circumvisinhanças, e em primeiro lugar das arvores fructiferas.

Existem poucas pessoas que vendo algum quadro bonito e raro contemtem-se em olhal-o geral e superficialmente, mormente sendo elle igual a outro tambem bonito e variado: tanto mais artista e especialista fôr o observador quanto mais se prende o seo espirito, e inflama-se-lhe o desejo de observal-o com toda a attenção, e sempre com admiração, notando todas as suas singularidades e cada uma de per si.

D'ahi em diante apresentarei o Maranhão e suas circumvisinhanças, em geral, como um quadro bonito e raro, admirado por muitos, que talvez não creiam em suas bellezas.

Para satisfazer-lhes o desejo que teriam de ver algumas particularidades do Maranhão, julgo á proposito fallar aqui minuciosamente de algumas, ja por mim descriptas em geral, não só para saciar-lhes a curiosidade como para darlhes occasião de admirarem a sabedoria divina.

Todas as coisas são simples ou compostas: ja fallei muito das simples (por exemplo da disposição dos elementos desta Região) de algumas compostas (como metaes, mineraes, perolas, pedras preciosas e outras coisas iguaes) e por isso

contentar-me-hei agora de tractar de algumas plantas e animaes mais raros, e depois dos costumes dos seus habitantes.

Não me demorarei em numerar arvores estereis, como sejam *Guaiacos, Sandalos* e outros, nem plantas ou simples medicinaes, nem flores admiraveis por sua bellesa e cheiro.

Tractarei apenas das suas melhores arvores fructiferas, ali tão communs.

Entre outras ha o *Cajueiro*, arvore de ordinario mais grossa e maior do que a nossa macieira, e a pereira, com folhas iguaes as da nogueira, e flores pequenas, rocheadas e odoriferas com cheiro activo, e presentido ao longe. Seu fructo chama-se *Cajú*, e ha de varias qualidades.

Primeira. *Cajú-été* (caju grande) muito parecido com a pera, e quando maduro é todo amarello por fóra, e branco por dentro, muito doce e agradavel, e optimo para se comer. Tem uma castanha muito parecida com o rim do carneiro, a qual está contida n'uma concha, muito similhante a uma das nossas castanhas grandes, porem muito mais dura por dentro, e oleosa, e por isso chegando-a ao lume arde como se estivesse cheia de fogo artificial.

Este oleo é muito bom para dartros. Contem uma noz muito estomacal, e tão boa como as amendoas.

Segunda. *Cajú piran*, muito parecido com o antecedente, porem a pelle é mais vermelha, e o succò mais azedo.

Terceira. *Acaiuy* (cajui), porque são mais pequenos. Ha de duas qualidades, uns doces e delicados, e outros azedos e proprios para o fabrico do vinagre.

Quarta finalmente. *Cajú-açú* (cajú grande) maiores do que todos os outros e optimos para comida. Principiam a amadurecer em Março e Abril e chegam até fins de Junho. Os outros começam em Agosto e duram até dezembro ou Janeiro.

Quando maduros expremem os Indios o succo, especialmente do *Cajú-piran* para fazer vinho, a que dão o nome de—*Acaiu-cauin*, branco e saboroso, e tambem outro, ja de segunda qualidade porem azedo.

Tiram pelo menos tanto succo de um só fructo como nós aqui extrahimos de um caixo de uva, e ainda se pode comer o bagaço que fica tão bom como si não fosse amassado.

Em toda a parte encontram-se facilmente cajús.

Crescem estas arvores tão bem nas areias e praias, como nas roças e outros lugares identicos, e basta apenas deitar a castanha na terra para ellas nascerem, e em menos de dois annos crescem a ponto de dar fructos.

Vi algumas, em menos de dez mezes, carregadas de folhas, flores e fructos.

Bananeira. Arvore não muito alta, com folhas de uma braça de cumprimento, e de dois pés de largura. Dá um fructo chamado *banana*, do tamanho de meio pé, e menos grossos do que os pepinos; casca amarella, e o fructo é branco por dentro como a maçã.

É comida doce, delicada, e excellente, crua ou cosida.

Encontram-se em varios lugares outras arvores fructiferas chamadas—*Mangaa*—(Mangabeira) cujas folhas são similhantes as do buxo, porem mais frageis e delicadas, de flores amarellas, e de fructos muito parecidos a damascos, porem maiores, e seus caroços são doces e agradaveis, e desfazem-se na boca.

Existem tambem:

A *Iaracatia* (Jaracatiara). Arvore muito larga na sua parte superior, com folhas parecidas ás da figueira, flores e epiderme amarellas, fructo similhante á pera, contendo pevides. Come-se crua e cosida, é boa e nutritiva.

Uaierona. (?) Arvore grossa e alta, de folhas iguaes as do carvalho, porem um pouco maiores de flores amarellas ma-

tisadas, fructo do tamanho de um pé e da grossura dos maiores melões: tão amarellos são dentro como fora, contem pevides negras iguaes ás da maçã; seo cheiro é tão forte a ponto de ser presentido ao longe, e assimelha-se ao da rosa misturado com o de outras flores: cru ou cosido é boa comida.

Iunipap. (Genipapo). Arvore grande e alta, com folhas iguaes as do carvalho, porem tres a quatro vezes maiores. Suas flores são brancas, e seus fructos redondos e grossos como as maiores maçans: quando verdes são mui amargos. Os indios os machucam para tirar-lhes o succo, que é claro e bonito, e si com elle esfregardes o rosto, as mãos, ou qualquer parte do corpo, em menos de 4 a 5 horas, tudo isto ficará negro como tinta de escrever, e apezar de todos os vossos esforços para tiral-a, somente no fim de 8 a 9 dias é que ella desapparece por si mesma, deixando o lugar outr'ora enegrecido, tão limpo como antes.

Servem-se de tal succo os indios para pintar com diversas figuras o corpo, como direi em lugar proprio.

Serve tambem de tinta para escrever, como experimentei algumas vezes.

Quando a fructa está madura, é amarella por dentro e por fora, e como a maçã tem pevides. É doce e excellente, e desfaz-se na boca.

Agutytrêua.(?) Arvore grande, com folhas grandes e largas, e parecidas com as da larangeira, flores vermelhas, o fructo do tamanho de dois punhos cerrados, com epiderme verde e malhado, como o do pinheiro, e com sementes como a romã. É muito doce e bom para comer-se.

Araticu. (Araticum). Arvore de folhas iguaes ás da larangeira, fructos amarellos e maiores do que os antecedentes. Quando maduro a epiderme é verde, e, como a romã, tem

pevides. É comida doce e excellente, agradavel e odorifera.

Caup (?) Parece-se muito com a macieira, com folhas similhantes porem mais largas, flores amarellas rocheadas, fructo excellente, com pevides, e similhante á laranja.

Euanirap. (?) Arvore grossa e muito alta, com folhas pequenas, flores avermelhadas, fructo pequeno, e um pouco maior que as maiores groselhas, e quasi da mesma configuração.

Ama-vue (?) Outra qualidade de arvore, igual á figueira em suas folhas e fructos.

Ha tambem uma especie de arbusto, chamado pelos indios *Goyauc,* (goaiaba) ou *Morgoya,* (Maracujá) de folhas cordiformes como a *volubilis* ou a *campainha;* suas flores são lindas, mais largas do que a palma da mão, em forma de estrella, com algumas folhas compridas e estreitas, e de bonita cor de purpura.

Seo fructo é do tamanho de um ovo, porem mais redondo, cheio de sementes, tendo a cor externa amarella, mesclada de verde.

É muito bom tanto para ser comido, quando cosido, como para doce.

Encontram-se tambem muitas arvores, de fructos com caroços ou nozes, e as principaes são as seguintes.

Palmeiras. É a maravilha das arvores, tão admiravel como mysteriosa, pois representa a Cruz, a Igreja, o homem de bem, e outras infinitas creações de Deos.

É de immensa altura, e do seo tronco se tira uma especie de vinho branco, muito bôa bebida, e proprio para delle se fazer vinagre e agoardente. Comem-se seos fructos.

Dá-se muito apreço aos cocos da India Oriental, e aos do Brazil, lá das bandas de Pernambuco, e Potyu, porem não tem nada de mais que a Palmeira.

Ahi existem cinco qualidades de Palmeiras, a saber:

1.ª *Uäcury:* (Ourycury) a verdadeira Palmeira, cujos ramos, chamados pelos Indios *Pindoba,* servem para cubrir casas. Dá fructos similhantes a nozes compridas e grossas, como os maiores ovos de passaros, de casca muito dura, e dentro achareis quatro ou cinco nozes do tamanho de um dedo minimo, e muito boa comida, dellas fazem os indios azeite muito bom e doce. Dentro do tronco desta arvore está o amago, muito alvo, da grossura de uma coxa, conforme a arvore, chamado pelos Indios *Uacury ruan:* comido crù é bom como as noses e amendoas, ou cosida a maneira de salada ou sopa, e de qualquer forma, que fôr feita é excellente comida,

2.ª *Muruti-una* (Muriti) É uma qualidade de Palmeira, que dá tambem *Pindoba:* seu fructo é do tamanho de um ovo grande, com a epiderme vermelho-anegrado, a polpa vermelha, e dentro della uma noz: é muito doce e bom de comer.

3.ª *Inaia.* (Anajá). Tem flores iguaes a precedente. Do tronco extrahe-se o vinho. Seu fructo é oval como azeitoñas, com polpa um pouco pastosa, muito doce e bom de comer-se, e uma noz muito dura. Seus fructos são como em caixo, tendo cada um 200 a 300 fructos, e um só caixo é carga bastante para um só braço.

4.ª *Caraña-vue.* (Carnauba). Dá tambem vinho, e suas folhas se assimelhão á leques de senhoras.

Servem-se dellas para cubrir as casas os Indios Canibaes, da montanha de *Ibuyapap* e suas visinhanças. Parecem-se seus fructos com as tamaras, muito doces, e bons de comer-se, e contem uma noz muito dura: não dá seos fructos em cachos como a precedente, e sim separados como a amexieira.

5.ª *Tucu-vue.* (Tucum) Tem folhas iguaes as duàs primeiras, porem cheias de espinhos, bem como toda a circumferencia do tronco, de sorte que ninguem pode impunemente tocal-a. O seu âmago é tão negro e duro como o Ebano, e delle fazem os Indios espadas e arcos. Seus fructos chamão-se *Tucu*, muitos, e em cachos, redondos, e amarellos quando maduros: tem pouca polpa, e sua amendoa, contida dentro de uma noz, é muito branca, boa e doce.

6.ª *Pacury.* (Bacuri). Muito alta e grossa, com folhas similhantes á macieira, e a flor esbranquiçada, e fructos tão grandes como dois punhos, de polpa da grossura de meia pollegada, muito boa feita em doce, e cozida é muito melhor do que a maçã.

É branca a polpa deste fructo, igual á da maçã e de muito bom gosto. Tem dentro tres a quatro nozes muito boas.

7.ª *Vua Uassuran.* (?) É grande e grossa como a pereira, de flor branca, e de fructos do tamanho do *Bacury*, com epiderme muito amarella, e polpa muito doce, e com uma noz do tamanho da de pecego, contendo uma amendoa maior do que as nossas e do mesmo gosto.

8.ª *Vua membec.* (?) Tem a grossura da macieira, com as folhas, flores e fructos igualmente parecidas.

Tem os fructos a côr amarella, e não se come a sua amendoa por ser muito amarga.

9.ª *Capuih Uaçú.* (?) Tão grande como a macieira, sendo suas folhas mui similhantes as d'esta arvore: a flor é branca, e seu fructo é do tamanho da maçã, um pouco mais cumprido e amarellado, e com tres nozes pequenas, muito duras, e por tanto sem serventia.

10.ª *Capuih-aiup.* (?) Do tamanho da ameixieira, com folhas iguaes ás do castanheiro, e flores brancas amarelladas.

Parece-se seu fructo com uma maçã, um pouco amarello. Tem uma pequena amendoa muito boa.

11.ª *Acaia.* Muito grande, com folhas iguaes a da pereira, e flores vermelhas. O fructo é do tamanho de uma maçã porem mais cumprido: sua epiderme é amarella e acida. A sua amendoa é muito grossa, e não é boa de comer-se.

12.ª *Yacarandá. (Jacarandá)* Similhante a ameixieira, menos nas folhas, que são um pouco mais largas: suas flores são brancas, e seu fructo da grossura de dous punhos cerrados, é muito bom para comer mormente cozidos.

D'estes fructos se servem os Indios para o fabrico do *Manipoy*, sopa muito boa, muito estomacal e nutrictiva: tem dentro uma amendoa do tamanho de um pecego.

13.ª *Ombu.* (Umbu). Com folhas e flores iguaes a Mangabeira, e fructos do tamanho de pecego, e quando maduros tem a epiderme e a polpa amarellas, como uma noz, que contem uma pequena amendoa.

Deixa-se cahir da arvore quando se quer comel-o bom e excellente, e colhido antes de maduros serve para vellorios.

14.ª *Paiura.* (?) Muito alta, porem menos grossa, que o Abricoseiro, e dá uma flor azulada. Seu fructo é do tamanho de um abricó, com a epiderme e a polpa mui amarella, e com uma amendoa muito boa.

15.ª *Vua Caue.* (?) Da grossura de uma ameixieira, com folhas iguaes ás da larangeira e fructos amarellados, do tamanho de um ovo, muito amarello e excellente, e sua amendoa muito pequena.

16.ª *Pitom.* (Pitomba). Seu tamanho e folhas se parecem com as das ameixeiras e suas folhas são esbranquiçadas e pequenas seos fructos se parecem com ameixas, é de cor muito amarella, tem no seo interior uma pequena noz muito redonda e é mais doce que as ameixas.

17.ª *Auenubuib acdiu.* (?) É da altura de uma macieira, com folhas iguaes, e flores brancas, e um pouco avermelhadas. Parecem-se muito os seus fructos com as ameixas,

porem são muito mais doces, e quando maduros são amarellos, e tem dentro de si uma pequena noz redonda.

18.ª *Yachicha.* (?) Igual á ameixieira: suas flores são amarellas, e seu fructo do tamanho de ameixas, amarellos, e com uma noz contendo uma amendoa muito doce e boa.

19.ª *Maukaié vue. (Mucajuba)* É muito alta com folhas iguaes ás da pereira, e flores amarellas: o fructo é redondo como uma maçã de tamanho medio, com epiderme verde, e polpa branca, cubrindo uma noz, muito doce e boa.

20.ª *Uagiru.* (Guajurú). Cresce ordinariamente nas praias, e não é muito alta. Suas folhas são iguaes ás da ameixieira, porem mais grossas: suas folhas são pequenas e avermelhadas: seus fructos são do tamanho de ameixas grandes, muito vermelhos e bons, assim como suas nozes.

21.ª *Morecy. (Morocim)* Cresce tambem nas areias, e suas folhas se parecem com as de marmeleiro, com flores amarelladas, e fructos um pouco azedos, porem muito bons.

22.ª *Amyiu.* (Ameju). Do tamanho de uma macieira, com folhas mais compridas, e mui parecidas com as da pereira: suas flores são brancas, o fructo do tamanho das maiores maçans, com a epiderme vermelha, e mui parecida com pepinos. Tem polpa e noz similhantes á polpa e noz do pecego, e com o mesmo gosto.

23.ª *Mururé. (Mororé)* Muito alto, com folhas differentes da pereira e flores amarellas. O fructo se parece com a cereja com um pé de comprimento e uma pequena noz, muito amarella e doce.

24.ª *Vua-Yyiu.* (?) Muito grande e grossa, com folhas compridas e flores azues. O fructo é do tamanho de uma laranja, e do mesmo formato, porem muito doce e excellente.

25.ª *Vua pirup.* (?) Arvore muito alta e espinhosa. A folha é igual a da nogueira, e a flor tem tres cores, amarella, azul, e vermelha. O fructo é redondo e do tamanho de

uma maçã, e muito bom, porem só apparece no tempo das chuvas.

26.ª *Umery. (Meri)* É do tamanho e da altura da pereira, suas flores são brancas, seus fructos são iguaes á uma pera, e muito bons.

27.ª *Araçá.* Parece-se com a macieira, e seu fructo é do tamanho de uma maçã regular: quando maduros são bons, e os melhores, que se podem desejar.

28.ª *Uyty.* (Oitim). Ainda parecido com a macieira: sua flor é de um branco amarellado, e seu fructo é do tamanho de um ovo de galinha, e muito saboroso.

29.ª *Pekéy. (Piqui)* É tão grande e tão grossa, que não pode ser abraçada por dois ou tres homens: suas folhas são iguaes ás da ameixieira, suas flores são amarellas, e seus fructos são da grossura de dois punhos, em forma de concha tão dura como a noz, e duplamente espessa, e quando quebrada encontra-se em seu interior tres, e algumas vezes quatro fructos, muito amarellos, e similhantes ao rim do carneiro, muito bons e cheirosos, tendo apenas metade de um dedo de polpa cubrindo uma noz mui espinhosa. Tirando-se a polpa deste fructo, é arriscado picar-se quem o segurar. Seccas e queimadas estas nozes encontra-se dentro amendoas muito boas. Lançando tres ou quatro fructos destes na agua fervente fica com o gosto de carne de vacca cozida, deitando por cima uma gordura amarella.

29.ª *Iutay.* (Jutahy). É muito alta e com folhas iguaes ás da pereira, flores brancas, e vagens do tamanho de qualquer mão e da largura de tres dedos, contendo uma pequena amendoa cuberta de polpa, tão boa como o damasco.

30.ª *Tata-vua.* (?) Muito alta, com folhas muito parecidas, e mais compridas, que as da pereira, flores amarellas, e vagens tão grandes e largas como as antecedentes guardando duas ou tres nozes redondas e um pouco chatas da largura

de um soldo, contendo uma pequena amendoa, cuberta de polpa mui similhantes á castanha, porem mais doce e agradaveis ao paladar.

31.ª *Ingá*. Muito grande, e com folhas parecidas com as de pereira, flores amarellas e vagens cumpridas e estreitas, cheias de grãos, cuberta de polpa multo alva e doce.

32.ª *Cumaru-uaçu*. Grande e grossa, com folhas parecidas com as da amoreira, e flores amarellas. Seu fructo tambem é uma noz do tamanho de um punho, contem duas, tres e quatro amendoas grandes, odoriferas e medicinaes, e os indios redusem-nas a pó, dissolvem este n'agua, e bebem como remedio anti-febril.

33.ª *Comaru-miry*. Parece-se muito com a cereja, e tem flores iguaes ao pecegueiro. Seu fructo é do tamanho de um pecego, porem dos maiores, como uma noz, e sendo quebrada encontra-se cinco ou seis grãos muito bons e medicinaes.

34.ª *Urucú*. Do tamanho da ameixieira, com folhas iguaes ao abricozeiro, flores brancas e bonitas, e fructos cheios de pequenas sementes vermelhas, de que usam os indios para se pintar, e por isso tem muito cuidado em colhel-a e ha muita abundancia desta arvore por essas terras.

35.ª *Amonyiu*. Arvore, onde cresce o algodão, não é muito alta, porem muito copada. Cortam-nas os Indios de 6 em 6 mezes pelo pé afim de produzirem mais algodão. Suas folhas se parecem com as do cycomoro silvestre, e suas flores são muito bonitas, ora amarellas, ora brancas, em forma de campainhas. Seu fructo é do tamanho de azeitonas grandes, termina em ponta, e abrindo-se em tres partes mostra frocos de algodão e dentro delles alguns caroços negros. Ha muitos em Maranhão e por todo aquelle paiz.

É impossivel particularisar todas as qualidades de arvores fructiferas que enriquecem aquella terra.

É impossivel tambem o mencionar-se diversas especies de arvores estereis, ali existentes. Posso porem dizer, em geral, que são todas admiraveis ou pela raridade de sua madeira, ou pelas boas qualidades e proveito de suas gommas e succo, ou pela belleza de sua folhagem e flores, ou finalmente por qualquer outra particularidade.

Não desejando descrever todas mencionarei apenas duas:

Tem uma a propriedade de abrir as folhas ao nascer do sol, e de fechal-as quando elle se esconde, como se fossem crestadas pelo fogo.

A outra é uma arvore muito alta, sem folhas, inteiramente secca, porem muito carregada de ramalhetes de flores do tamanho de uma cabeça, de linda cor amarella, cheia de fibras de diversas cores, muito vivas, tão variadas como agradaveis á vista.

Eis em que se recreia a sabedoria divina formando o Universo para satisfação do homem, e comtudo fica este estupido e insensivel no meio de tantos beneficios, e de tão bonita variedade, sem reconhecer a Deos e louval-o.

É impossivel dizer-se quantas plantas bonitas e raras se encontram neste paiz, umas dando fructos, e outras flores muito bonitas e cheirosas, e nem uma só igual a que por cá temos.

Limito-me a enumerar algumas mais triviaes e notaveis pelos seus fructos.

Ananás. A principal de todas as plantas, com folhas compridas, estreitas e estriadas de ambos os lados. Sahe do centro uma haste grossa, como acontece á alcachofra, tendo na sua extremidade um fructo muito similhante á pinha, porem mais comprido e grosso.

Exteriormente tem a cor amarella de oiro fino, e é muito cheiroso, e interiormente o seo amago é muito claro, branco, sem uma só pevide ou noz. É fructa muito boa e sabo-

osa, e nada ha em França, que se lhe assimelhe em bonade e bellesa.

Karuatá. (Coroatá.) Muito parecido com o Ananás, porem suas folhas são muito compridas, espessas, cheias de spinhos de ambos os lados, e com duas pollegadas de largura.

No meio da planta, na altura pouco mais ou menos de ois pès encontra-se 4 a 5 duzias de fructas, unidas umas s outras em forma de uma piramide triangular, do tamanho e um dedo, muito amarellos por fora e por dentro, mui elicados e saborosos.

Tarammacurú. (Iamaracarú ou Mandacarú.) Planta nonstruosa e exquisita, mais grossa do que uma coxa hunana, da altura de 10 a 12 pés, com 5 a 6 ramos igualnente grossos até o fim.

È tão fraca que de um só golpe de faca se cortam duas u tres. È verde por fora e branco por dentro, sem folhas, orem cercada de espinhos, do tamanho de um dedo, com lores vermelhas, carmezins, mescladas de azul, donde nasce ma fructa da grossura de um punho, vermelha por fora e ranca por dentro, cheias de pevides, que se comem com fructa, a qual é muito doce e agradavel, e similhante no osto aos nossos morangos.

Gyromu. Planta de folhas e flores similhantes à da abobora, que dá um fructo redondo e grosso, de pelle delicada tenra, amago amarello e muito bom de comer-se quando ozido.

Taker ou Kaker. (?) Planta mui similhante ao *Girumum*, que dá uma fructa comprida e grossa, de pelle muito mais dura, e amago tão amarello como o precedente, e muito saboroso quando cozido.

Vua-éen. (Melancias). Especie de melão, de largura maior do que uma cabeça humana, verde por fora, e solido por

dentro, de amago branco, cheio de sementes negras, e d uma agua doce e agradavel, e come-se crua mesmo com as maçãs.

Cortado em duas partes este fructo, seu amago se dissolve e transforma-se em agua, de sorte que se nelle fizerdes um buraco não muito pequeno, em poucos momentos enche-se elle de agoa tão doce como se fosse assucarada, óptima bebida e muito refrigerante.

Commanda-uaçú. São favas tão largas e grossas como pollegar, porem muito chatas, e encontram-se muitas de todas as cores.

Ha tambem muitas ervilhas chamadas *Commanda-miry*. Em cada vagem encontram-se 18 a 20 ervilhas, compridas e não redondas, e muito melhores do que as nossas.

Quanto á raizes, ha umas chamadas *Teteach*, e na lingua franceza *Batatas*, e são muito grossas. Encontram-se amarellas, brancas, violetas, e de outras cores. Excellente comida, de qualquer maneira que se faça. Não tem sementes, porem cortada em bocados, e plantadas crescem em pouco tempo, e multiplicam-se mais do que qualquer das nossas raizes.

Cará. Similhante á precedente, da mesma grossura, umas cor de purpura, outras violetas, e são mais duras quando cozidas, e menos brandas que as batatas.

Taia-uaçú. É redonda, branca, e da grossura dos maiores nabos. Cozida é muito boa e delicada.

Maudoy. (Mendobim.) Pequena raiz, grossa, e do comprimento do pollegar. Tem uma capsula, como as avelans, com duas ou tres nozesinhas, e muito boas.

Mandóica. Raiz de uma planta, ou de um pequeno arbusto chamado *Manieup*, com folhas iguaes á da figueira, da grossura de uma coxa. D'ella fazem os indios farinha, como direi adiante.

Macachet. (*Macaxeira.*) Uma qualidade de raiz, proveniente de um arbusto, mui similhante a Mandióca, de que se faz farinha e *Cauin*, como direi em lugar proprio. Esta raiz é muito boa.

Mandioca été. Raiz similhante as duas antecedentes, e com o mesmo uso.

Mandioca-cauê. Raiz ainda mais grossa do que as outras, embora proveniente de um arbusto, igual aos antecedentes, muito proprio para papa, e para uma especie de bebida chamada *Caracu.*

Vsenpopuytan. Outra raiz muito vermelha, e propria como as outras para o fabrico de farinha, de que usão os Indios ordinariamente em lugar de pão, sendo uma nutrição mui estomacal, ligeira e de facil digestão.

CAPITULO XXXIX

Dos animaes que se encontram na Ilha do Maranhão, e suas circumvisinhanças, e em primeiro lugar dos passaros.

É conveniente examinar os animaes ou signos celestes, existentes no Zodiaco desta esphera do Universo, e quanto não se alegraria quem conhecesse todas as suas particularidades.

Agrada muito vêr os animaes elementares, principalmente os existentes sob o recinto dos domicilios celestes destes animaes.

Si fosse possivel representai-os todos em particular e ao vivo, ninguem deixaria de admirar-se.

Pensam alguns astrónomos e philosophos, que os signos ou animaes celestes influem muito nos animaes terrestres.

Julgam muitos que o sol, no meio do mundo como a alma do Universo, inteiramente luminoso, e unico fóco de calor, e mediocremente secco, é a origem e a causa do calor vital de tudo, quanto nasce no Mundo. Dizem outros, que Jupiter, sendo temperado, é o autor da temperatura de todas as creaturas que vivem debaixo do Ceo.

Seja o que fôr, não fazendo estes dois bellos planetas (Sol e Jupiter) seo giro natural fóra dos limites e da região do Zodiaco, não póde duvidar-se, que não communiquem suas virtudes à este circulo onde se demoram mais do que

n'outros remotos, e por isso encontram-se nestas regiões animaes sem numero e maravilhosos, parecendo terem se exforçado Deos e a natureza em provêr especialmente este paiz de animaes admiraveis, como não se encontram em parte alguma, e, como cortejo de Jupiter, de animaes celestes, e especialmente do Sol.

Já notamos algumas plantas, que se encontram na *Ilha do Maranhão* e suas circumvisinhanças, tendo o ser vegetativo.

Si não podemos descrever todos os animaes, que tem alma sensitiva somente, pelo menos vem a proposito agora mencionar aqui alguns dos mais singulares desse paiz, tractando em primeiro lugar dos habitantes do ar, os passaros, dos que se nutrem de agoa, os peixes, e finalmente de outros animaes e quadrupedes, que vivem na terra e sobre a terra.

É impossivel dizer-se a qualidade de passaros, que existem na *Ilha do Maranhão* e suas visinhánças, mui diversos dos nossos, quanto a especie, plumagem, belleza, bondade, vivendo uns em pleno ar, outros nas agoas, estes sobre a terra, e aquelles ordinariamente domesticados e familiares, e todos bons de se comer, o que não acontece aqui.

Nos habitantes do ar, ha, entre outras, estas aves de rapina:

Uyra-uaçú. (Gavião o grande, ou real.) Tem o duplo do corpo de uma Aguia, a cabeça medianamente grossa, os olhos medonhos e mui redondos, tendo ao redor uma crista de plumas em forma de circulo ou de Sol, e suas pennas são de côr parda.

Tem uma longa cauda, e debaixo d'ella, bem como por todo o ventre, encontram-se bonitas e delicadas pennas brancas, não inferiores ás do gavião. Tem a perna da grossura de um braço, e o pé parecido com o do Grypho, da

largura de palmo e meio, com as garras muito grandes. Tem tal furia e força, que póde agarrar, e estraçalhar um carneiro, deitar por terra um homem, caçando de ordinario veados, corças, passaros e outros animaes indestinctamente, e embora seja tão valente e guloso passa dias sem comer, o que admira.

Quando voltámos trouxemos tres ainda de pouca idade, e delles apenas escapou um, que offerecemos ao Rei, e foi visto por muitas pessoas de Pariz e de outras partes.

Uyrata Uyran. Outra qualidade de ave de rapina, mui similhante à precedente, especialmente nas pennas, nos pés, pelo menos do mesmo tamanho, e tambem muito parecido com o Grypho.

Uyra Uaçú Puytan. Tambem outra qualidade de ave de rapina, de igual tamanho, com pennas cinzentas, e mais bonita por ser mesclada de amarello.

Uyra Uaçú-on. Outra especie. São do tamanho de uma Aguia, tendo o bico amarellado, pennas negras, cauda branca e preta, e pernas amarellas e vermelhas.

Uyra-uaçu. Outra especie assim chamada pelos Indios. Verdadeira Aguia, pelo menos naquelle paiz. Bico e pernas vermelhas, e pennas pardas.

Tauato. Ave de rapina do tamanho de uma galinha, tendo o bico amarello e pennas pardas.

Tauato-y. Outra especie de ave de rapina, muito parecida com o *Tauato*, porem muito mais pequena, e não maior do que uma pequena perdiz.

Kara-kara. Outra ave de rapina do tamanho de uma galinha, cabeça nua e sem pennas excepto ao redor do bico. Suas pennas são brancas e negras.

Urucuréa-Uaçu. Outra qualidade de ave de rapina, do tamanho do antecedente, de cabeça igual a da coruja ou

mocho, e de olhos grandes e redondos. A cabeça é branca e o corpo pardo.

Chua. Não é maior do que uma galinha de tamanho medio. É uma qualidade de ave de rapina, que tem a cabeça parecida com a da coruja, a barriga avermelhada, e as pernas pardas.

Kauuré. Parece-se muito com a coruja, e é tambem ave de rapina. Suas pennas são pardas, e seos pés se parecem muito com os do *Gripho.*

Vivem todos estes passaros à custa de pilhagem e rapinas, perseguindo os outros constantemente.

Encontram-se ahi tambem grande numero de papagaios de varias especies, e de pennas de diversas cores muito bonitas, faceis de serem apanhados, e de aprenderem a fallar, como seja o *Uira-rasoy,* do tamanho de um capão grande e com pennas verdes. Levantam e errição constantemente suas pennas, fazem roda em torno de sua cabeça como fazem os pavões com as suas caudas, e sente-se prazer em vel-os pela variedade de suas cores, uns vermelhos, verdes, e outros azues, de cinco ou seis qualidades de cores misturadas e matisadas.

Yenday-uaçú. Uma qualidade de papagaio do tamanho do precedente, de bonitas pennas, de quatro cores, de cabeça vermelha, amarello no dorso, branco na barriga e na parte inferior do pescoço, e verde na parte superior das azas e da cauda, e por baixo dellas amarello.

É muito bonito.

Uyra Iup. Outra qualidade de papagaio do mesmo tamanho dos precedentes, inteiramente amarello como oiro fino, menos nas pontas das azas e da cauda, onde é verde.

Canindé. Outra qualidade de papagaio, todo azul, ceruleo no dorso, e amarello na barriga, tendo nos dois lados da ca-

beça, perto dos olhos, uma pelle branca, estreiada de negro, e sem pennas.

Arara. Outra qualidade de papagaio, um pouco maior que o *Canindé,* vermelho na maior parte do seu corpo, e principalmente nas azas, porem amarello, verde azul, e de outras lindas cores em varios lugares. Tem cauda do comprimento de dois pés e de diversas cores. Nos dois lados da cabeça e perto dos olhos, como o Canindé, tem uma pelle sem pennas, e toda branca. Não é passaro de gaiola não sendo ella de ferro, tem bico adunco, tão duro e cortante a ponto de destruir tudo o que apanha.

Iuruue. Outra especie de papagaio do tamanho do *Canindé,* de cor verde misturada de negro, tendo em vez de crista uma linda pluma de cor branca em fórma de corôa sobre a cabeça, o que faz bonita vista.

Margana. Outra especie de papagaio, do tamanho de um meiro, de cabeça muito grande, tendo ao lado dos olhos uma pelle branca sem pennas como a *Arara.* São suas pennas quase todas verdes, menos debaixo da barriga e no encontro das azas, que são da cor de laranja.

Euruuáia. É do mesmo tamanho do antecedente, porem differe na especie por ter as pennas verdes misturadas com algumas negras, e o ventre azul e negro, verde e violeta. É muito bonito, e quando apanhado, é facil ensinal-o a fallar.

Paraud. É do tamanho de uma galinha, sendo amarello o alto da cabeça, cercado de bonita cor verde. A parte superior das azas tambem tem a cor verde, porem é misturada de amarella.

É muito bonito, e considerado como o verdadeiro papagaio, e entre todos é o que melhor falla, e que aprende mais depressa e facilmente.

Tuin-miry. Do tamanho de um pardal, e por isso não deixa de pertencer a especie dos papagaios. Aprende a fal-

lar com facilidade, e pronuncia bem as palavras. São mui ligeiros, tem as pennas do corpo brancas, a parte superior da cabeça e ao redor dos olhos cheia de pennas de cor amarella muito bonita.

Tuin-uaçú. É um pouco maior que o *Tuin-miry*: pertence tambem á especie dos papagaios, tem pennas de bonita cor verde, misturada de varias partes de cor de laranja muito viva. Quando apanhado é um dos que melhor falla.

Cuiu cuiup. Do tamanho de um pardal. É vermelho o alto da cabeça, verde e azul o dorso e verde o ventre.

Tambem aprende a fallar com facilidade.

Ainda por lá existem muitas outras qualidades de passaros, que aprendem facilmente a fallar como as qualidades de papagaios, ja referidas, e são muito lindos.

Nós só temos cinco ou seis qualidades de passaros, que bem podem aprender a fallar, e uma só de lindas pennas, porem na Ilha do Maranhão e suas circumvisinhanças existem grande numero dellas, que alem de aprenderem a fallar, tem lindas pennas, de varias cores, que atrahe, agrada, e prende a attenção de quem as vê.

Uyra-tain-eum. Do tamanho de um pardal, porem muito bonito. Tem pennas negras na cabeça e nas azas, porem o bico, os pés, e todo o corpo emfim é de bonita cor vermelha, e visto de longe parece fogo ardente, e sua voz agrada quanto é possivel.

Todos estes passaros servem para comida, especialmente os papagaios, comtudo não se utilisam delles para tal fim, e não são tão bons como muitos outros que por lá existem.

Entre outros existe o *Moyton*, que é do tamanho de um pavão, e muito similhante, menos na cauda. Sobre a cabeça tem poupa, e suas pennas são negras e brancas por todo o corpo. É bonito passaro e muito boa comida.

Ainda temos os seguintes:

Moyton-tin Miran, que é do tamanho do precedente, de bico mais grosso, duas vezes mais comprido, e da largura de dois dedos.

Tem tambem poupa, pennas vermelhas e brancas, e é muito lindo.

Jacu. Verdadeiro faisão, muito parecido com os nossos e muito boa comida. São ahi muito triviaes e em grande numero.

Jacu ubuyh. Outra especie de faisão do tamanho de um gallo da India. É muito bonito; são azues as pennas da cabeça, e de bonita cor negra e lusidia todas as outras: os pés são vermelhos.

Aracuan. Tambem outra especie de faisão, do tamanho de uma gallinha, sendo vermelhas as pennas do pescoço, e outras amarellas côr de palha. È muito lindo.

Ainda existe outra qualidade de passaro, cujo nome não sei, e por isso apenas direi que é do tamanho de um gallo da India, e tem o bico similhante ao delle. Tem na cabeça um chifre ou ponta do tamanho de um dedo, e suas pennas são de cor parda. É muito boa comida.

Nambu. Perdiz duplamente maior do que as nossas, embora muito parecida. Por lá existem em grande quantidade e é excellente comida.

Nambu-uaçu. Outra especie de perdiz, maior do que um capão, com pennas pardas e olhos azues.

Inambu-tin. Outra qualidade de perdiz do tamanho de uma gallinha, de pennas brancas algumas e negras, produsindo ovos a sues do tamanho dos de galinha, e delles se servem os Indios para pintar e enfeitar suas espadas quando vão para a guerra, ou quando vão matar seus prisioneiros e para isso costumam fazer uma festa.

Macucauá. É ainda outra especie de perdiz do tamanho da antecedente, suas pennas são de tres cores, vermelha, branca e azul, muito bonitas e vivas, e azues seus ovos.

Tucan. (Tucano). Do tamanho de um trocaz, com o bico não proporcional ao seu tamanho, que é de 6 a 8 pollegadas de comprimento, e de tres dedos de largura. Adiante do estomago tem um peitoral da largura de tres a quatro dedos, de bonita cor amarello-alaranjado, cercado de carmesim, a barriga branca, as costas vermelhas, as azas e cauda negras.

É muito lindo, e bom para comida.

Ha tambem outra qualidade de *Tucan*, chamada pelos indios *Uaycho*, do tamanho da antecedente, bico igual, porem vermelho e amarello, estomago branco e matisado de vermelho, cauda amarella, e branco o resto do corpo.

É tão agradavel á vista como ao paladar.

Iapu. Do tamanho de um pombo. Tem o bico maior do que um dedo, suas pennas são de linda côr verde-mar, mesclada de negro, cauda amarella e do comprimento de um pé.

É muito bonito e optima comida.

Iapy-uaçu. Do tamanho de um pardal, tendo a cabeça branca, as pennas da barriga vermelhas carmezins, e verdes a parte superior das azas e a cauda.

É tão bonito como saboroso.

Arasary. Do tomanho de um pombo, sendo branco, porem matisado de vermelho o seu ventre e negras as azas. Excellente comida.

Uru. Do tamanho de uma perdiz, com crista á similhança dos gallos, e suas pennas tem tres cores, muito bonitas, vermelha, negra e branca.

Constantemente está picando o tronco das arvores para ver se ha alguma concavidade e nella mel para comer.

Uru. Assim chamada pelos Indios outra qualidade de passaros, muito similhante á codorniz de França, porem duplamente maior, e com grito differente. É comida muito saborosa.

Seracupyytan. Do tamanho de uma perdiz commum, e suas pennas de um branco pardo, muito lindas. Boa comida alem de muito bonito.

Sauia. (Sabiá.) Do tamanho de um pardal. São amarellas as pennas do ventre e pardas as outras. Vive ordinariamente nos jardins comendo pimentas de fórma, que do lugar, onde cahe o seu excremento, nascem pimenteiras, as quaes são muito bem tratadas pelos Indios, que as vendem. Serve este passaro o officio de jardineiro, semeando pimentas por toda a parte, e por isso dizem os Indios ser elle bom passaro, porque só o seo excremento lhes dá machados, fouces e outros generos, de que carecem.

Ha outra especie de passaro do tamanho de um pombo, a que chamam *Tata uyra Miry* (Tataira) «passarinho de fogo», por serem suas pennas de cor de fogo, excepto as azas, que são negras e brancas, e algumas com as pontas amarellas.

Tata-uyra uaçu. Passaro grande de fogo, maior do que o outro, porem muito parecido e do tamanho de uma gallinha.

Arumara. Do tamanho de um pombo, negro na cabeça, nas azas, no dorso, e na cauda é vermelho. É boa comida.

Keré-Iuá. Do tamanho de um pardal, de côr violeta misturada com a de verde-mar no corpo, e negra nas azas. Saborosa comida.

Jeroty. Muito parecido com as nossas rolas, e encontram-se por toda toda a parte. É comida muito delicada e boa.

Si Deos é admiravel na creação de todas as especies d
passaros, uns notaveis pelo seu tamanho e outros pela va
riedade de suas pennas, não o é menos em relação ás dua
seguintes qualidades tanto pela sua pequenez como pel
bellesa de seu corpo.

Iapyy. Assim chamado por alguns, e é do tamanho d
um besouro. Tem na cabeça uma corôa redonda de linda
pennas azues, no corpo tambem pennas verdes misturada
com azues, e na cauda negras.

Uénonbuyh. Outra qualidade assim chamada por alguns,
ainda mais pequena do que o *Japy*. O seu bico é comprido
e delgado, suas pennas são de diversas cores, e quando
vôam fazem susurro similhante ao do besouro, e quando tre-
pados sibilam mui fortemente, e não em proporção do seu
corpo.

Existem por ahi tambem certos passaros nocturnos, como
sejam os *Pupoyh Pupoyh* do tamanho de milhafres, e com
pennas pardas misturadas. Gritam e fazem barulho toda a
noite.

Encontram-se ainda os seguintes:

Urutaguy. (Aratauy). Do tamahno de uma gallinha, e de
pennas pardas mescladas. Tanto elles como seus filhinhos
gritam toda a noite como que se queixando.

Yucurutu. (Morucututu.) São do tamanho de patos, com
plumas verde-anegradas. Gritam toda a noite como os pre-
cedentes.

Andheura. Morcegos muito parecidos com os nossos, e
muito maiores.

Dão gritos fortes e medonhos. Entram de noite pelas ca-
sas, e si encontram alguem dormindo, atacam, escolhem a
extremidade do dedo grande de qualquer pé, e sem que se
perceba, toca-o e suga-lhe insensivelmente o sangue em
grande quantidade deixando-lhe alguma dor, e embora não

seja grande obriga comtudo o paciente a ficar deitado em sua rede por espaço de 24 horas por causa do sangue perdido, que somente se pode estancar pelo repouso.

Por esta forma tem os animaes o genio dos habitantes da terra, os quaes são tão crueis e deshumanos, que sem a menor difficuldade comem a carne e bebem o sangue dos seus inimigos.

Não comem os indios este passaro.

Quanto aos passaros aquaticos ha de muitas qualidades, nutrindo-se uns de lagostins e caranguejos e varios peixinhos, que se encontram nas areias e no lodo das praias. Caçam outros constantemente caranguejos, lagostins, sargos e voadores.

Temos ainda os seguintes:

Uara. (Guará). Tambem ave aquatica, cujo bico tem o comprimento de meio pé, muito fino e ponteagudo.

São suas pennas vermelhas ou encarnadinhas em todo o corpo, menos nas azas, que são negras.

Quando cozidos, sua carne fica vermelha, é muito boa comida. Andam aos bandos pelas praias, e pernoitam nos mangues.

Tamatian. Tambem ave aquatica, igual ás precedentes, excepto nas pennas que são pardas. Excellente comida.

Encontra-se por toda a parte na visinhança do mar.

Uacara-on. (Carão). Muito similhante ás precedentes, porem de especie diversa, e com as pennas negras. Boa comida.

Mauarip. (Maguary). Igual á garça real. Encontram-se muitas nas areias das praias.

Uiru-tin. São as nossas garças, porem do tamanho de patos; suas pennas são brancas, e o mais bonito que é possivel.

É tão agradavel á vista como ao paladar.

Uacara. São garças pequenas, umas brancas, outras pardas, e todas em abundancia, e boas para comida.

Potiry. São marrecas. Encontram-se la por toda a parte. Ha negras, pardas, e de diversas cores. Boa comida.

Karypira. Tambem o chamam *Thesoura*, e fazem guerra constantemente aos peixes voadores, como ja se disse no capitulo 8.º

Aty. É do tamanho das garças, com pennas brancas, e no meio da cauda uma maior do que as outras, do tamanho de um pé ou pé e meio, muito estreita. É muito bonita. Ordinariamente vai muito longe pelo mar, caçando peixes.

Tuiuiuch. Maior do que um gallo da India, tendo o bico do comprimento de um pé, e da largura de tres dedos, a cabeça negra, o pescoço muito comprido e branco, as azas pardas, as pernas altas como a cegonha, porem muito mais grossas. Quando está em pé é da altura de um homem.

É boa comida. Mora nos campos ao lado dos rios.

Iauuru. (Jaburu). Outra qualidade de ave igual á precedente, sendo negros o bico, a cabeça e as pontas das azas.

Ainda existem outros passaros, que habitam os campos, e a terra, não tendo azas bastantes para vôar, e saltar nas arvores, bem como o *Yandu*, especie de abestruz, muito grande, e maior do que um homem.

Na verdade não vôa, mas em compensação é tão ligeiro correndo, que é bem difficil apanhal-o, e ordinariamente andam em bandos.

Salian. Maior do que uma gallinha grande da India, com pernas compridas como a Cegonha, e bico igual. São pardas-cinzentas suas pennas, e não pode alcançar com o vôo mais que quinze palmos.

Corre porem tão ligeira, a ponto de não ser apanhada pelos cães.

Quanto aos passaros domesticos ha muitos como sejam gallos e gallinhas da India, chamados *Araignan*, que ahi muito se multiplicam, muitas gallinhas communs, mui parecidas com as nossas, a que dão o nome de *Uira-sapukay*, quando já tem posto 5 a 6 ovos. Chocam seus ovos em todo o tempo, e eis a razão de sua multiplicação.

Ha tambem patos chamados *Vep*, muito mais bonitos e mais saborosos do qus os nossos, e do mesmo tamanho: adens e gansos, a que dão o nome *Potiry*, maiores do que os nossos, de lindas pennas, e excellentes para comida: pombos bravos, a que chamam *Picussu*, e mansos conhecidos pelo nome de *Picassutin*.

Todos estes passaros os Indios apanham facilmente, e domesticam-nos tanto por gosto como para comerem, quando lhes parecer.

Não ha pessoa alguma que os veja, que não admire a sabedoria e providencia de Deos na variedade e na belleza dos passaros que habitam o Maranhão.

CAPITULO XL

Dos peixes, que se encontram em Maranhão.

Si a região aerea do Maranhão e suas vizinhanças está assim tão maravilhosamente povoada de passaros, as suas agoas, proporcionalmente, não são menos abundantes de peixes, uns do mar, outros de rios, de regatos e de agoas doces.

Sendo tão impossivel particularisar as diversas qualidades de peixes, que lá se encontram, como é o contar-se as estrellas do Ceo, contento-me em especificar algumas das principaes, mais communs e triviaes.

Entre os maritimos existem os seguintes:

Uaraua. Maior e mais grosso do que o maior boi. Na cabeça se parece muito com o boi menos nos cornos e nos pés porque não os tem, e sim em seos lugares estão azas para nadarem. Nos ossos, na gordura e na carne é similhante ao melhor boi, sendo a carne apenas um pouco mais branca, mas fraca, não muito consistente, e muito saborosa, e o seo caldo é similhante ao caldo de carne cozida. Por tudo isto deram-lhe os Francezes o nome de peixe-boi: nutre-se de hervas e de folhas de mangue. Creio que isto concorre para serem elles mui saborosos.

Pyra-on. Tem mais de 6 pés de comprimento, e sua circumferencia é maior do que uma barrica. Suas escamas são negras e do tamanho de qualquer mão. Boa comida.

Pirapem ou *Camurupuy.* Do mesmo tamanho, que o precedente, de grossura proporcional, e de escamas largas.

Uyry. Tem de comprimento de tres á quatro pés, de largura a de uma coxa, a cabeça muito chata, e nas costas tem azas de meio pé de comprimento e mui pontudas, cujas picadas são mui perigosas, embora seja um dos melhores peixes do mar. Ha tambem outra qualidade, porem de agoa doce: são muito cheirosos e como que almiscarados.

Ury-Yuue. (Gurujuba.) Muito parecido com o precedente, excepto na côr por ser amarella. Boa comida.

Uacara. (Acará?) Muito similhante ao savel, porem muito maior e mais grosso, e com muito poucas espinhas, pelo que é mais saboroso.

Uatucupa. Peixe de escamas, tendo de comprimento dois pés. Tem a cabeça amarella, e é excellente comida.

Cureman-uaçú. (Curiman.) Muito similhante aos sargos. Tem quatro pés de cumprimento e largura proporcional. Ha tambem outras qualidades de sargos, a que chamam *Paraty.* São menores que os precedentes, mui similhantes aos nossos, porem muito mais gordos e excellentes.

Pyra-cuaue. Muito similhante ao *Paraty*, e do tamanho de um e meio pé.

Cambury-uaçú. (Camurin.) Muito similhante ao *Bar.* Tem quatro pés de comprimento, cabeça mui similhante a de porco, cauda amarella, e cheia de escamas.

Uuaram. Peixe de escamas, e do tamanho de dois pés.

Yauebuyre. Peixe chato similhante a arraia, porem maior, pois tem mais de 2 braças de comprimento e outro tanto

de largura, e com uma espada do tamanho de um pé. Tem sua cauda mais de braça e meia, e no centro uma ponta em forma de dardo muito maior do que um dedo, e cuja ferida é tão perigosa, que as vezes é melhor cortar-se a parte offendida.

Narinnary. Outro peixe chato, mui parecido com a arraia, com 6 pés de cumprimento e outro tanto de largura. É do tamanho de uma braça sua cauda, e no meio tem uma ponta como o precedente; porem mais comprida por ter perto de um pé. É muito perigosa. Este peixe é todo rajado de branco e negro.

Uara. Peixe chato com dois pés de comprimento e mais de um de largura. Sua côr é prateada, e suas barbatanas amarelladas.

Acara-uaçú. Peixe chato, do tamanho de tres pés, e de largura proporcional. É negro e muito cheio de escamas.

Acara Peue. (Carapeba?) Peixe chato, de pé e meio de comprimento e de largura proporcional. No mais é similhante ao antecedente.

Acara-poytan. Tambem um peixe chato, muito similhante ao *Acara-peue*. É rajado de vermelho e de branco.

Acara-pururu. É tambem peixe chato, muito parecido com o outro, porem rajado de negro e de amarello.

Acara-iu. Tem o comprimento de um pé, cheio de escamas, a cabeça verde, dorso amarello e ventre branco.

Paru. (Paru.) Peixe chato do tamanho do *Acara-uaçú* e muito similhante. É escamoso e negro.

Aramassa. Peixe chato, muito similhante ao *Linguado*, com mais de dois pés de comprimento e largura proporcional. Seos esporões são maiores do que tres dedos, o ventre branco, e o dorso negro. E' boa comida.

Ha outra qualidade de peixe chamada *Arauana*, com mais de oito pés de comprimento, de pelle dura, e muito pare-

cido com o tubarão, de que ja fallei, tendo na extremidade de seu focinho uma espada á maneira de serra, do tamanho de dois a tres pés, com que mata os peixes.

Panapanan. Tem o comprimento de 6 pés, sua pelle é muito dura, e muito parecido com o precedente. Na extremidade do focinho tem tambem uma espada do tamanho de dois pés.

Pacamão. Sem escamas, pardo, do tamanho de dois pés, de cabeça grossa relativamente a seu corpo, que é delgado. Encontra-se ordinariamente no buraco das pedras.

Caramuru. Muito similhante á enguia, tendo de comprimento braça e meia, e largura proporcional. Acha-se de ordinario no buraco das pedras. É saboroso, porem sua mordedura é perigosa.

Tinmocu-uaçu. Muito parecido com as enguias, porem são alvos, do tamanho de duas braças e de largura proporcional. No focinho é similhante ao peixe *Lucio,* e tem um pé de comprimento.

Panyanaiu. Similhante ao precedente, porem branco e do mesmo tamanho, menos no maxillar inferior muito mais comprido do que o superior.

Entre os peixes dos rios e de outras aguas doces admiram-se os seguintes.

Puraké. [1] Muito mais grosso do que uma coxa, e de comprimento de 4 pés pouco mais ou menos.

Encanta a vista pela variedade de suas cores, pois é pintado de vermelho, de azul e de branco. Não faz caso de espadeiradas, e nem se meche do lugar, em que está, porque sendo muito molle sua carne, facilmente se abate com a bordoada, e nada o maltrata.

---

[1] *Puraqués.* Ou já desappareceo esta especie ou então ha grande exageração.

Quando porem é ferido, elle vos dá tal choque no braço, que, alem de causar-vos grande dor vos fará recuar 4 a 5 passos para traz, e cahireis vós de um lado e vossa espada de outro, como aconteceu a um joven da nossa companhia, que assim aprendeu a sua custa.

Curimatá. Outra qualidade de peixe mui similhante áo *Carpo*, porem muito mais comprido e mais largo, pois tem mais de quatro pés, e é um dos melhores peixes que se pode comer.

Suruuy. Da grossura de uma coxa, e do tamanho de tres quartas partes della; sua cabeça é grossa, e mui escamosa como a Carpa.

Iaconda. Tem tres pés de comprimento, e é escamoso, e rajado de amarello, de vermelho e de branco.

Acará. Tem de comprimento e de largura quase um pé: é escamoso e rajado de vermelho na cabeça á similhança da flor do Lyrio.

Menduuel. Do tamanho de um pé, e de côr avermelhada.

Pyrain. Do tamanho de um pé, e da largura de meio pé, sem escamas, amarello e vermelho, com dentes mais cortantes do que thesouras, e por isso lhe dão os Indios esse nome, que tem tal significação.

Opean. Igual ao *Pyrain*, com dentes cortantes como elle, porem rajado de vermelho.

Tarehure. (Tarira?) Similhante ao *Paraty*, muito mais espinhoso, e com dentes tambem cortantes.

Teiu. Similhante ao *Tarehure*, menos na cabeça, que é azul e mais redonda, e não tem tantas espinhas. Sua cauda é amarella, e seu corpo vermelho.

Tamoata. Peixinho de meio pé de comprimento, e todo cheio de escamas, com armaduras ou manoplas de ferro. Sua carne é amarella e saborosa.

Pira-pinin. Do tamanho de dois pés, todo branco menos a cabeça, que é rajada, e a cauda amarella

Pyra-Cotiare. Muito similhante á pescada, escamoso, e rajado de pardo e branco.

Pyiaue Uaçú. Muito similhante ao peixe-rei. Tem a cauda vermelha, é mais grosso, e excellente comida.

Sarapó. Muito parecido com as lampreias, porem é um pouco mais largo, e tem o nariz mais comprido.

Mussu. Muito parecido com a enguia, e tem de comprimento 4 pés.

Ha muitas qualidades de caranguejos, como sejam os *Onègnomoin*, maiores do que duas mãos juntas, e proporcionalmente grossos, e quasi todos azues, com as unhas tão grossas como um punho. Moram nos buracos que fazem no chão, ou junto as arvores, d'onde são tirados com difficuldade. É bôa comida.

Ha tambem outros chamados *Uçá*, do tamanho dos precedentes, tendo as pernas avelludadas e mui vermelhas. Encontram-se nas raizes dos mangues.

Existem tambem os *Uia-Uaçú*. maiores do que um pé, e acham-se nas pedras entre as ostras.

Aratu. Um pouco menores que os precedentes, rajados de amarello e de azul. Encontram-se no mar.

Siry. Tambem se acham no mar. Uns são azues, e outros brancos.

Auära Uça. (Graussá) Caranguejos brancos e maiores do que um punho. Gostam do ambar gris, e quando estão nas praias descubertas, ou mesmo occultos nas areias, fazem circulo, apanha cada um o que póde dessa substancia, e carregam as vezes grandes pedaços para os buracos, onde se abrigam, e ahi vão buscal-os os que a conhecem ou della necessitam.

Urarup. Outra qualidade de carangueijos, maiores do que um punho, residentes n'agua doce, onde servem de sustento aos *Uçapeue*.

Ha ainda estas qualidades de animaes.

Capyyuare. (Capîvara) Muito similhantes aos lobos marinhos, de cauda pequena, e somente encontrada nos rios e riachos.

Crocodillos, a que chamam *Jacaré*, da grossura de um homem e de tamanho proporcional, muito perigosos, e armados de escamas muito duras, e de dentes compridos e cortantes.

Senemboy. São lagartos da grossura de uma perna, muito parecidos com os *Jacarés*, porem não mordem, são verdes, e agradaveis ao paladar.

Vivem tão bem tanto sobre as arvores, como dentro d'agua.

Teiu-Uaçú. É ainda uma especie de lagarto, similhante á precedente, porem rajada de azul. Bôà comida.

CAPITULO XLI

Animaes terrestres, que se encontram no Maranhão.

Falta-me agora tractar em terceiro lugar dos animaes terrestres, que se encontram na Ilha do Maranhão e suas circumvisinhanças. Correm uns e arrastam-se outros, quase todos selvagens, e são os seguintes:

Suaçú-apar. Corças e viados muito similhantes aos nossos.

Suaçú. Cabritos montezes, em abundancia.

Tayaçú. Especie de javalis, differentes dos nossos, porem mais pequenos, com um buraco no dorso á similhança de um respiradouro, d'onde exhala um cheiro fetido. Ha muitos, e andam em bandos.

Tayaçú-eté. Outra qualidade como a precedente, porem muito maiores do que os javalis de lá.

Coendu. Porco espinho. Por lá existem em quantidade, do tamanho dos nossos javalis, com espinhos e aguilhões grandes, pelo menos do tamanho de um pé, uns maiores outros menores, brancos e pretos, e proporcionalmente grandes e pontudos.

Tamanduá. Certa qualidade de animaes, do tamanho de um pé, lingua comprida e estreita, pellos parecidos com o do cavallo porem mais grossos, cauda muito basta á ma-

neira da do cavallo, pés rachados como de boi. Tem este animal a astucia de introduzir a lingua nos formigueiros, existentes debaixo da terra para assim atrahir as formigas e comel-as. É muito bom, e por isso comem-no os Indios velhos, não porem os moços visto repugnar-lhes por se nutrir elle de formigas, e assim enfraquecel-os tirando-lhes força e coragem, indispensaveis á guerra.

Tapiyre-eté. Vaccas bravas ou selvagens, mui similhantes ás nossas, menos nas orelhas que são maiores. Tem a cauda e as pernas curtas, dentes agudos, e sem chifres. Dentro d'ellas encontra-se uma pedra chamada—bazar.

Tatu. De muitas qualidades. *Tatu-açú,* do tamanho de carneiros, mais compridos e redondos, com a cabeça e pés parecidos com os de porco, orelhas de lebre, cauda do tamanho de dois pés, escamas grossas, brancas e pretas, sobrepostas umas ás outras a maneira de couraças, menos no ventre, que é liso e sem escamas.

Tatuy-uaçú. Muito parecido e do mesmo tamanho, que os precedentes.

Tatu-eté. Do tamanho de rapozas, com escamas menos duras, porem mais cheias de malhas: é melhor comida.

Tatu-pep. Similhante ao precedente, porem como alimento é inferior.

Tatu-apar. Do mesmo tamanho e similhança do *Tatu-eté,* menos nas escamas, pois são mais duras, e flexiveis, fazendo uma bola a maneira de um ouriço. É excellente comida, e superior aos outros.

Tatu Uàinchun. Mais pequenos que os precedentes.

Tatu Miri. Menores de todos pois tem apenas um pé de comprimento. Encontram-se nos campos, e outros nos bosques e moutas.

Cuaty. (Quaty) Similhante a nossa raposa, excepto na cauda que é menos basta. Bôa comida.

Pac. (Paca) Outro animal, maior que o precedente, bem roliço, de cabeça grossa e curta, orelhas muito pequenas, cauda maior do que um dedo, pelle bonita, pellos fortes e duros, brancos e pretos.

Aguty. (Cutia) Muito parecido com leitõesinhos, menos na cabeça, que é similhante a de um rato; sua cauda é do tamanho da metade de um dedo, pellos fortes, e côr avermelhada.

Tapity. Mui similhantes as lebres e coelhos.

Ponnaré. Muito parecidos com o precedente. Uns tem a cauda do comprimento de meio pé, e outros não, e são chamados *Amoco e Sauia.*

Quanto aos animaes ferozes temos de diversas qualidades, e entre outras as seguintes:

Januäre. Uma especie de onça, do tamanho de cães inglezes, com pelle mui delicada e pintada. São furiosos e por isso muito temídos pelos Indios.

Suässuäran. Especie de Leopardo, do tamanho do antecedente, e pelle malhada. É muito furioso.

Margaia. Especie de gatos bravos, assim chamados pelos Indios. É bonita sua pelle e malhada por todos os lados.

Ha ainda outro animal monstruoso, de cabeça redonda, mui parecido com o homem, de pellos pardos e grossos, e de quatro pés, de que se serve para trepar, com tres garras em cada pé, cada uma do tamanho de um dedo, mui fortes, e com que se agarram quando trepam, sendo difficil tomar-se-lhe qualquer objecto quando por elle agarrado.

Quando na superficie da terra arrasta-se com o ventre, e as vezes enterra-se tambem por ella á dentro; quando trepada n'uma arvore, não a deixa sem comer todas as suas folhas, depois desce, principia a comer terra até galgar outra arvore, onde faz o mesmo que já dissemos.

Quer de rastos quer trepado, é sempre moroso, e po
isso o chamam *Preguiça*.

Ha de duas qualidades, uma do tamanho de lebre, e
que chamam *Vnaü*, e outras duas vezes maiores, e a qu
dão o nome de *Vnaü Uaçú* ambas monstruosas.

Ha tambem muitas qualidades de macacos e de monos
uns chamados *Uäriue*, todos negros e grandes como o
maiores cães, e soltam gritos tão fortes a ponto de serem
ouvidos em distancia de legoa, e outros *Cay Uaçú*, ahi mui
communs: estes *Cay-on*, todos negros, de barba maior do
que quatro dedos, e as vezes até meio pé, bonitos e por
isso agradaveis á vista, aquelles *Cay-miri* ou *Sapaiu*, de
bonito pello amarello, misturado de diversas cores, todas
bonitas e lindas, e aquelles outros *Tamary* muito peque-
nino, e de diversas cores.

Ainda tem por lá os *Marikina*, uns grandes, outros pe-
quenos com a cabeça similhante á um coração, e coberta
de um pello prateado; os *Yupara* (Juripary) rajados de bran-
co e de outras cores, e finalmente os *Saguy* de pello pra-
teado, e mais pequenos e mimosos de todos.

Tambem lá se encontram cães domesticos, chamados
Iaнuares, similhantes aos galgos, porem mais pequenos,
proprios para a caça, principalmente de cutias, pois presen-
tindo-as em seus covís não deixam de ganir até ser tal caça
apanhada.

Entre os animaes rasteiros ha o *Boy-été*, (Giboia) de gros-
sura superior á uma coxa, e do comprimento de duas bra-
ças, sem pés, e com a pelle lisa e rajada, de diversas co-
res, que o fazem muito agradavel á vista. Tem esta serpen-
te 4 dentes unicamente, porem mui cortantes, e na lingua
dois aguilhões, tão finos como pontas de lancetas, ferindo
com elles maravilhosamente, e o mesmo pratica com a cau-
da, sendo a picada desta mais perigosa e mortal. No fim da

nuda tem um pequeno chocalho, ou para melhor dizer, uma pequena bexiga, que faz barulho, como se estivesse cheia de ervilhas, e parece ter-lhe sido dada por Deos para avisar o homem de que deve precaver-se de tão perigosa serpente, e assim acontece aos Indios, pois apenas ouvem o sussurro desses chocalhos ou campainhas previnem-se logo para matal-a.

Tem ainda as seguintes:

Iuboy. (Giboia). Semelhante á cobra, porem de grossura maior do que uma perna, de pelle preta sobre o dorso, vermelha e branca no ventre, mui venenosa, e por isso como a precedente, não o comem os Indios.

Tara-guy-boy. (Tariraboia). Especie de lagarto, com dois pés, da grossura de um braço, do cumprimento de uma braça, e com a pelle rajada de vermelho, de branco e de negro. È mui perigoso, e não presta para se comer.

Tarehuboy. Outra qualidade de serpente do comprimento de uma braça, e da grossura de uma perna, de pelle mesclada de branco e verde. Temem-na muito os Indios, embora seja boa de comer, e della se alimentem os Indios algumas vezes.

Ha tambem sapos muito grandes, a que chamam *Cururu*. Alguns ha de um pé até pé e meio de diametro. Quando esfolados, sua carne é muito branca e boa para comer, e vi muitos rapazes francezes assim o fazer com grande apetite.

CAPITULO XLII

Dos animaes imperfeitos, existentes no Maranhão.

Muitas pessoas tem ouvido fallar, e se admiram, de haver em Maranhão animaes, que, embora pequeninos, incommodam o homem. É pura verdade.

Deve saber, que em todo e qualquer paiz, onde ha animaes perfeitos, ha tambem imperfeitos, a que uns dão o nome de *Insectos,* e outros de *Annulosa* ou *Annulata,* ou (como Aristoteles e Plinio). [1] 395

São animaesinhos sem sangue, ou sem membros destinctos, uns sem cabeça outros sem ventre, ou sem a parte media, que lhes serve de dorso e peito, com a pelle golpeada, ou enrugada, ou cheia de pequenos circulos, ou chapas redondas.

Em França ha muitos: uns voando nos ares, como as borboletas, as moscas, as abelhas, as vespas, os mosquitos, e os escaravelhos, outros correndo ou arrastando-se pela terra, como sejam o gafanhoto, ou o saltarello, as pulgas, as lagartas, as aranhas, os lacraus, e as viboras, e finalmente entre estes as formigas e outros insectos sem azas, e sem

[1] Por não haver em Maranhão typos gregos, deixamos este espaço em branco.

pés, por exemplo os vermes e as traças, que crescem nos paus, e outros dentro do corpo humano á similhança de oução, e outros bixinhos.

De taes insectos e vermes não está livre o Maranhão.

Ahi se encontam os seguintes:

Borboletas. Chamadas pelos Indios *Pananpanan*, com azas muito grandes e largas, de cor azul muito linda, a qual fica adherente aos dedos de quem as agarra.

Meru ou Beru. Moscas, assim chamadas pelos Indios: ha de diversas qualidades e differentes das nossas.

Eyre-Uue. Abelhas ou moscas de mel, mais pequenas do que as nossas, negras, e mui perigosas. Fazem mel no concavo das arvores, onde os *Tapinambas* as reunem, muito saboroso, e por elles chamado *Eyre*.

Mutuc. (Mutuca) Outra qualidade de moscas, grandes e bonitas.

Mariguy ou *Maringuin* (Maruin) Mosquitos pouco maiores que a ponta de alfinetes: mordem muito forte, e de tal sorte que não podeis deixar de coçar a parte offendida. Encontram-se de ordinario nos mangues.

Yetingue. Outra qualidade de moscas, um pouco maiores do que as antecedentes.

Iation. Outra qualidade de moscas, de nariz comprido, muito semilhante as que chamamos em França *Cusins*. Sahe sangue do lugar, em que picam. Moram ordinariamente á margem dos rios, e são mais communs na estação das chuvas do que em qualquer outro tempo.

Meru Ubuyh. Moscas verdes similhantes ás cantharidas de França.

Uça été. Formiga da grossura da cabeça do dedo pequeno: tem azas, e voam aos bandos.

Apanham-nos os Indios, deitam-nas em cabaças, guisam-nas para comer e dizem ser muito boas.

Araraa. Formigas voadoras como as precedentes, muito parecidas, menos na cor, que é amarella. Bôa comida.

Uça Uue. (Saúba) Formigas communs, que vivem juntas nos grandes montões de terra, onde se encontra uma especie de cochonilha, segundo dizem.

Cangheuré. São formigas grandes, negras, e compridas, do tamanho da metade do dedo pequeno. Sua picada é tão sensivel e prejudicial, como nenhuma outra, embora feita com ponta bem aguçada, porem é passageira.

Tassue. Outras formigas muito pequenas, de cor vermelha, e que tambem mordem muito, e produsem grande coceira.

A maior parte destas e de outras formigas, que por lá existem em abundancia, alimentam-se quase sempre de sementes. que se plantam, e assim as inutilisam.

Ha tambem uma qualidade de vermesinho, chamado pelos indios *Ton*, gerado e sustentado no pó da terra, do tamanho de pulgas pequenas, do mesmo feitio, porem mais redondo, e como ellas tambem saltam quando se quer apanhal-as. Perseguem muito as creaturas entrando nos pés e nas mãos, especialmente na ponta dos dedos, e debaixo das unhas, onde fazem prurido igual ao do Oução, e se não é tirado apenas presentido, atravessam a pelle e vão se introduzindo até chegar á carne viva, onde ficam se nutrindo, e dentro de dois ou tres dias ficam do tamanho de uma ervilha pequena, ou de perolas, e tambem da mesma cor.

Quando criam barriga deitam muitas lendeas no lugar em que estão, produzindo apenas muito prurido, porem, creio que causarão outros incommodos se não forem tiradas. Conheci la algumas pessoas tão preguiçosas, que nem os tiravam, dizendo quererem ver o que disto resultava, ficando afinal tão encommodados dos pés e das mãos a ponto de não poderem andar e trabalhar.

Na verdade é grande preguiça e descuido, digno sem duvida de castigo, visto haver remedio tão prompto e tão facil.

Apenas for sentido, podeis apanhal-os e tiral-os como se faz com as pulgas, e se for a noite, sem duvida despertareis com o prurido os tirareis, embora decorram dois a tres dias, sem o menor inconveniente, e apenas um pouco mais grosso, pelo que deixa maior buraco.

Não sendo venenosa sua picada, não causa mal algum. Evita-se com a limpesa do corpo e o aceio da casa, visto este bicho só gostar de pó.

Os indios servem-se do azeite de palma, *Rucu* ou *Urucu*, tinctura vermelha, como ja dissemos, e com elle esfregam os dedos dos pés e outras partes commummente preparadas por este bicho.

Os proprios cães, que para lá levamos, foram tambem perseguidos por taes vermes a ponto de não poderem andar, e por isso os indios para elles fizeram uns leitos altos, acima da terra, para livral-os de seus perseguidores.

Ha outros animaesinhos do tamanho de grillos e muito semelhantes, a que os indios chamam *Koeuissiup*. Encontram-se muito por todas as aldeias, de dia nas pindobas, por cima das casas, e de noite correndo e saltando dentro dellas, roendo roupas e sapatos e tudo que encontram. Comem os *Tons*, de que ja fallamos, e existem muitos na *Mayoba*, aldeia da Ilha do Maranhão, onde á tarde e a noite cobrem por assim dizer, o chão das casas, e nelles se saciam os galinhas, os patos e outros animaes domesticos, guerreiando uns aos outros porque as galinhas comem os grilos, estes os *tons*, que a seu turno incommodam os homens, e estes por sua vez comem as galinhas.

Tururugoare. Especie de vermes, como as traças, que furam e destroem os navios de tal forma, que se se não

deitar fogo para queimal-os, elles comem e devoram todo o costado das embarcações.

Embora seja tão pequeno a ponto de somente ver-se o buraquinho por onde penetra, faz comtudo buracos grandes, sendo impossivel achar-se cunhas que os tapem.

Ha outra qualidade de vermes muito pequenos porem temiveis, porque furam barricas e toneis, mormente cheios de vinho ou d'agoardente, ou de outro liquido doce, de sorte, que dentro de 3 ou 5 dias do desembarque e demora de vossas pipas em terra, vereis destillar o seu conteudo por mil e mil buracos como de regadores e sem remedio algum.

Se quizerdes nesta terra guardar vinhos ou outros liquidos. deveis sortir-vos de boas garrafas de vidros, ou de grandes vasilhas de barro para guardal-os e conserval-os.

CAPITULO XLIII.

Dos Indios Tupinambás da Ilha do Maranhão e suas circumvisinhanças, e como principiaram a habitar esses lugares.

Antes de formado o homem, para elle Deos preparou o paraiso terreste com todos os bens possiveis e desejaveis n'uma boa habitação, afim de que reconhecendo tantos beneficios, tão liberalmente prodigalisados pelo seu Creador, elle o amasse de todo o coração, e lhe desse sua alma para ser por Deos habitado, qual outro Paraiso, e ahi estivesse satisfeito, e cheio de delicias.

Infelizmente esqueceu-se o homem de sua elevada posição honrosa (como o Soberano de todos os animaes, do Ceo, e da terra) e fez-se inimigo de Deos, e escravo do diabo, e assim perdeo a razão, e ficou como que louco.

Depois de haver percorrido o Maranhão, e como que passado uma uma revista em todos os bens e commodidades que ali se encontram, pareceu-me que Deos por sua infinita bondade o fez lugar de delicias, e tantas eram ellas, que bem bastavam para que os habitantes deste paiz reconhecessem, ou pelo menos admirassem a excellencia de seu Soberano Obreiro, e apesar de tudo isto ali se acha uma nação mais barbara, mais cruel, e mais deshumana do que nenhuma outra, como veremos quando tractarmos dos seus habitos corporaes, usos e crenças de todos os tempos.

Convem saber-se em primeiro lugar, que os Indios do Maranhão julgam haver no Tropico de Capricornio uma bonita terra a que chamam *Cayeté*, «Floresta grande,» por ahi haver muito arvoredo, e florestas replectas de arvores de grossura incrivel, e de admiravel altura, e onde habitavam desde tempos immemoriaes, e por serem considerados os mais valentes e os maiores guerreiros de todas as nações tinham o nome de *Tupinambás*, que conservarão até hoje.

Apoderando-se os portuguezes d'esse lugar, quiseram tambem sugeital-o ás suas leis, porem os Tupinambas, livres por natureza e inimigos de sujeição, prefiriram deixar e abandonar sua terra antes do que se entregarem e sugeitaremse a elles, e assim o fizeram embrenhando-se nos mattos e no mais recondito das florestas.

Não se julgando ahi muito seguros, visto seos inimigos perseguil-os por todas as partes e por todos os meios até a morte, resolveram atravessar campos e desertos, e tanto caminharam, que afinal chegaram perto da linha equinoccial onde encontraram o grande Oceano a embaraçar-lhe os passos, e contendo-os ao seu lado direito, como fazia o grande rio Amasonas pelo esquerdo.

Neste estado não podendo avançar, nem recuar e nem retroceder nos seus proprios passos receiando seus inimigos, resolveram ahi ficar e residir, como fizeram uns nas costas do mar, e por isso se chamando *Paranan euguare* «habitantes do mar,» outros na grande montanha de *Ibuydpap*, e por isso chamado *Ibuydpap euguare*, habitantes de *Ibuyapap*.

Seguiram alguns para a Ilha grande do Maranhão, julgando-a lugar forte e seguro feito assim por Deos desde o principio do mundo para livral-os da perseguição de seus inimigos, e do diabo, buscando por esta forma salvar esta Nação, e querendo ser servido, adorado e glorificado entre es-

ses barbaros, que se converteriam antes do fim do mundo por meio das predicas do Evangelho. Tiveram estes o nome de *Maragnan euguare*, «habitantes do *Maranhão*.»

Foram ainda alguns residir nas margens do *Tabucuru*, e por isso se chamaram *Tabucuru euguare*, habitantes do «*Tabucuru*», outros no do *Miary*, por isso chamados *Miary euguare*, «habitantes do Mearim», e finalmente em *Commã*, á Este e Oeste do Pará, e em Cayté, á beira-mar, espalhando-se por ahi algures, e dirivando seos nomes dos lugares de suas residencias, porem conservando sempre o de *Tupinambás*, que serve para qualifical-os até hoje.

Ainda vivem alguns d'elles e lembram-se que algum tempo depois da sua chegada fizeram uma festa e uma especie de vinho, a que chamam *Cauin*, a que assistiram os Principaes, os mais velhos, e emfim a maior parte do povo.

Aconteceo, que quando todos estavam embriagados, uma mulher esborduou um companheiro da festa, e disto levantou-se grande motim e barulho sendo a causa da divisão e da separação do povo.

Tomaram uns o partido do offendido, outros o da mulher, e alguns conservaram-se indifferentes embora dispersos entre si, de forma que de grandes amigos e alliados, que eram, tornaram se inimigos, dividiram-se e começaram a hostilisarem-se reciprocamente, chamando-se uns aos outros *Tobaiares*, «grandes inimigos,» ou melhor, seguindo a etymologia da palavra «tu és meu inimigo e eu sou teu.»

Embora sejam da mesma Nação, e tenham o mesmo nome de *Tupinambás*, o Diabo os atiça uns contra os outros a ponto de uns comerem os outros, como ja disse.

CAPITULO XLIV.

Das estatura e longevidade dos Indios Tupinambás em Maranhão.

Os Indios Tupinambás são, de ordinario, de estatura mediocre, proxima da media dos francezes.

É bem verdade, que entre elles se encontram alguns da altura, pelo menos, de 6 a 7 pés, como vi alguns em diversos lugares.

São todos bem feitos e proporcionaes, já pela temperatura do paiz, e já por não viverem constrangidos e forçados em seus vestidos como aos gamenhos acontece.

Suas mães achatam-lhes o nariz e pucham para diante a cabeça quando são recem-nascidos, forçando a natureza a trocar a sua bellesa e decencia pela feialdade e indecencia.

Não tractarei aqui da sua côr de azeitonas, e nem dos seos beiços furados, pois isto não é natural como direi no capitulo seguinte.

Entre elles não achareis zarolhos, cegos, corcundas, coxos, e outros assim defeituosos, e por isso se admiram, riem-se e zombam quando encontram alguma pessoa com taes deformidades.

Ordinariamente seu andar é direito e grave, porem modesto e sem constrangimento.

São muito alegres, bem dispostos, fortes, robustos e em comparação mais do que nós cá.

Não julgo nenhum homem e nem mulher alguma capaz de carregar mais peso do que elles.

Como não são achacados nem doentes não precisam de medicos.

È bem certo, que por toda a parte

Mille modis læthi miseros mors una fatigat.

Quantas cousas materiaes não vemos nós, principalmente por cá, originando molestias internas e externas, e todas contrarias á substancia do corpo, e ao principio da nossa vida, que é o humor radical?

Não observamos muitas molestias provenientes de cholera, da tristesa, do temor, e de outros affectos em exaltação?

Quantas enfermidades não ha pela corrupção ou não temperança do ar, pela má nutrição, por indigestões, especialmente por embriaguez?

Vino forma perit, vino corrumpit ætas.

Quantos de seus parentes corrompidos e gastos por lepra, gota, calculos, e catarrhos, não por herança, vivem aqui fracos, soffrendo dores de baço, de figado, ulceras nos pulmões, ou outro qualquer padecimento?

Naquelle paiz porem não ha taes infermidades por lá não existir a maior parte dessas causas ou outras identicas, e quando apparecem são muito poucas. Não são doentios, ou pelo menos não padecem em seus orgãos nobres e interiores? Pelo contrario são fortes, bem organisados, e gerados de paes em identicas circumstancias.

São de humor e sangue bem temperado, base da melhor nutrição do humor radical e da vida do homem.

Ahi não se encontram doentes de gota, de catarrhos, de calculos, de hypocondria e de molestias pulmonares, e por isso seus descendentes são vigorosos e sadios.

São joviaes e moderados na comida, ordinariamente de carnes moqueadas ou assadas a seu modo.

É tão saudavel o ar, que elles só morrem por velhice, e fraqueza da natureza, e não por molestias. Vivem de ordinario, 100, 120, e 140 annos, o que admira e parece até milagre.

Não disse Deos, que a *existencia humana seria de 120 annos ?*

O Propheta Rei disse—*A nossa vida é de 79 annos, e para os mais vigorosos de 80, e d'ahi em diante só ha trabalhos e dores.* Conforme o sabio—*o maximo da existencia humana é de 100 annos.*

Á vista disto não vos parece estar fóra do natural a existencia destes Indios? Eu vi muitos com 160, e 180 annos, testemunhas da edificação de Pernambuco, bem alegres e bem dispostos. Vi e com elles fallei muitas vezes.

Ninguem pense que estes lugares marcam o tempo da existencia de todas as pessoas e de todas as nações, porem somente, conforme a opinião de Doutores, a duração ordinaria da vida de muitas pessoas. Quantas por aqui não tem vivido 120, 140, 200, 300, e mais annos? O pontifice Joiada viveo 130 annos, Mardocheu 150, S. Simeão 120, e depois foi pregado, e morto gloriosamente na Cruz.

Dizem, que a Sibilla de Cumas, vivera 300 annos, como aconteceu a Nestor, e por isso chamado por Horacio *Triseclisenex* «velho de tres seculos», que João de Stamp ou dos tempos vivera 361 annos, morrendo em 1140, no tempo de Godofredo 1.º

Pensam alguns, que sendo os corpos massiços e compactos pelo frio são mais vigorosos, e por isso vivem

os homens septentrionaes mais tempo do que os meridionaes.

Pensam o contrario Aristoteles e nós por experiencia; primeiro porque a aridez nos conserva mais; segundo porque nosso humor radical, base da nossa vida, e de cuja falta resulta a morte, sendo quente e humido, é mais bem conservado n'um paiz quente, mais de conformidade com a sua natureza, especialmente não havendo contrariedade de qualidades primitivas e de diversas estações; porem grande temperatura em igualdade constante de tempo, o que se dá em Maranhão.

Admirei ainda mais não terem estes velhos, de 140, 160, 180 e perto de 200 annos, cabellos brancos, e nem serem calvos. A falta de humidade origina a queda dos cabellos, como acontece ás arvores no inverno, e ao contrario a abundancia de humidade e de petuita conserva os cabellos por muito tempo, porem torna-os grisalhos e brancos, e os que tem a cabeça secca bem cedo encanecem, ou ficam mais depressa calvos.

Somente a temperatura conserva os cabellos á cabeça do homem, sem fazel-os grisalhos e brancos.

Por tudo isto tem os Indios em idade muito avançada os cabellos pouco ou nada encanecidos, não podendo deixar de attribuir-se este phenomeno á temperatura deste paiz, constantemente igual, conservando-os por longos annos sem alteração notavel.

São alegres, agradaveis, e vivem contentes e satisfeitos, sem cuidados, sem pezares, e sem inquietações, sem tristeza, sem fadigas, que mortificam e consomem o homem em pouco tempo.

Admirei-me muito vendo mulheres de 80 e 100 annos dando de mamar á crianças, sendo portanto capazes de conceberem e ter filhos em idade tão adiantada.

Em qualquer idade não deixam de fazer os trabalhos, a que estão habituadas, e o mesmo praticam os homens, tendo ellas entretanto mais coragem de se entregarem á occupações penosas, laboriosas e difficeis, como se estivessem na flôr da idade, o que muito concorre para sua saude, porque

Ignavum corrumpunt otia corpus,
Et capiunt vitium ni moveantur aquæ.

CAPITULO XLV

Da pintura dos Indios, como trazem seos cabellos, e como furam os labios e as orelhas.

Em geral são os Ethiopes negros, e tem o cabello encarapinhado como se fossem tostados ou queimados.

Si isto não é de natura ou raça, donde poderá provir senão do grande calor e ardor do Sol?

Não acontece o mesmo aos habitantes do Maranhão, e suas circumvisinhanças, sendo o seo clima temperado embora sob a zona tórrida.

São todos de côr parda ou como dissemos, de azeitona, pela qual tem predilecção, devida não ao calor do clima, e sim aos oleos e tinturas, que ordinariamente deitam no corpo.

Quando nascem (vi muitas vezes) são tão alvos como os Francezes, porem passados dois dias esfregam por todo o corpo oleos e tintura de *urucú,* que é vermelha, como já dissemos, diversas vezes, e em muitos dias, de fórma que em pouco tempo ficam morenos embora não tenham apanhado Sol.

Não acontece em França aos intitulados Egypcios ou Boemios ficarem trigueiros como os nascidos no Egypto, sem nunca lá terem ido, e nem sentido senão o calor de França?

Tal côr sem duvida é devida aos oleos, com que esfregam o corpo.

Acontece o mesmo aos nossos Indios.

Não duvido, que o Sol para isto concorra alguma coisa; porem julgo ser isto devido ás unturas e pinturas, que fazem no corpo.

Esta côr não diminue sua bellesa natural. Alem de corpo bem feito, e membros proporcionaes, nas feições não são inferiores aos Francezes.

Ahi existem rapazes tão bonitos, e raparigas tão lindas como n'outro qualquer lugar, menos na côr.

Em geral homens e mulheres, moços e velhos tem o costume de arrancar os cabellos do corpo, até mesmo as sobrancelhas e as barbas, menos os da cabeça que conservam com todo o cuidado bem cheios, unidos, e não encarapinhados como os negros.

Os homens trazem o cabello pouco cortado na parte anterior da cabeça, e em fórma de quadrado na testa, trazendo-o sempre bem levantado, e na parte posterior deixam-no crescer muito comprido, e tambem nas orelhas e nas fontes da cabeça, e apenas apparando-os em roda, como era de costume antigamente.

As mulheres deixam crescer os cabellos até á cintura pouco mais ou menos, e trazem-nos quasi sempre cahidos, e poucas vezes torcido e enrolado ao redor da cabeça, e preso com um cordão ou fio de algodão, mormente quando querem trabalhar.

Têm muito cuidado de se penteiar, e todas as manhãs lavam os cabellos, e deitam n'elles oleo ou tintura de urucú: para tirar-lhes a gordura usam de uma raiz chamada *Uäpacari*, a qual molhada e apertada entre as mãos, produz uma massa branca, similhante ao sabão, com que limpam a cabeça, os cabellos, e tudo o mais que lhes apraz.

Poucos Indios deixam de ter as orelhas furadas para trazerem brincos, que lhes dão os Francezes, e que tem em grande apreço, e quando não os tem usam de ossos brancos muito polidos, de pausinhos, e de outra qualquer coisa.

Costumam tambem furar o labio inferior.

Quando chegam seus filhos á idade de 4, 5 ou 6 annos, preparam um vinho ou festa, a que chamam *Cauin,* e convidam todos os parentes e amigos do menino, cujo beiço se quer furar, e tambem todos os habitantes da aldeia e de suas circumvisinhanças.

Depois de terem *Cauinado,* e dançado por dois ou tres dias, como costumam, apresentam o menino, dizem-lhe que vão furar-lhe o beiço inferior para que seja um dia guerreiro valente e forte, e assim animado o proprio menino com toda a coragem e presença de espirito offerece o beiço com alegria e satisfação, e pega n'elle o incumbido de tal processo, fura-o com a ponta de um chifresinho, ou de algum osso, e faz um grande buraco. Se chora o menino, o que poucas vezes succede, ou se dá alguma demonstração de dôr, dizem que nunca ha de valer coisa alguma, que será covarde e fraco.

Si pelo contrario tudo soffre com firmesa e constancia, como de ordinario acontece, tiram disto bom agouro, e creem que sua vida será grande e elle guerreiro valente e corajoso.

Quando meninos trazem dentro do buraco um bocado de pau ou de *Vignol (caracóes* grandes do mar) muito polidos em roda por fora do labio, e um pouco compridos ou ovaes por dentro afim de se conservarem n'esse lugar; quando são casados ou em estado de se casarem, trazem nos beiços pedrinhas verdes, de que fazem grande apreço, e em falta destas trazem brancas como os rapazes; porem mais

grossas e algumas mais compridas, que tiram e collocam em seus lugares quando querem.

Vi muitos trazerem pedras maiores do que o pollegar, e mais compridas do que um dedo, pelo que traziam o beiço cahido, e só com difficuldade podiam fallar.

Querendo uns parecer mais valentes do que outros, furam o labio em tres partes, sendo porem o buraco medio maior do que os outros.

Fúram outros o nariz, e em cada venta fazem dois ou tres buracos, onde trazem, quando lhes parece, pedacinhos de pau, muito finos, ou ossinhos brancos, muito delicados, que, em forma de grandes bigodes, lhes cahem nas faces.

Não usam as mulheres os labios furados, mas em compensação tem nas orelhas grandes buracos, onde trazem rolos de pau mais grossos do que um pollegar e do comprimento de um dedo pouco mais ou menos.

Embora tal costume lhe faça crescer muito as orelhas, não se importam disto pelo praser, que sentem de trazer seus bonitos brincos, e julgam-se tão enfeitadas com taes pedaços de pau como as Senhoras francezas com suas perolas e diamantes.

CAPITULO XLVI

Da nudez dos Indios Tupinambás e dos enfeites, que usam algumas vezes.

Não ha Nação, embora barbara, que não tenha procurado em algum tempo usar de vestidos ou de outra qualquer coisa para cobrir sua nudez.

Separam-se desta regra os Indios Tupinambás, porque de ordinario vivem nús como nasceram, e não parece que se envergonham de tal estado.

Logo que os nossos primeiros paes comeram do fructo prohibido, abriram-se seus olhos, disse a Escriptura, e vendo-se nús, lançaram mãos de folhas de figueira, e cheios de vergonha cobriram sua nudez.

Como é que os Tupinambás herdando a culpa de Adão e os seos peccados, não herdaram tambem a sua vergonha, effeito do peccado, como aconteceu á todas as nações do mundo?

Poder-se-ha responder em sua defesa, dizendo que era costume antigo d'elles o viverem nús, como agora, e por isso não tem pudor e nem vergonha, não se importando de trazerem o corpo descoberto, como nós trazemos a mão e a face.

Direi ainda. Nossos paes somente occultaram sua nudez e vergonha, quando abriram os olhos, e conheceram o peca-

do vendo-se sem o bello manto da justiça original. A vergonha origina-se do conhecimento do defeito, do vicio, ou do peccado. A sciencia do peccado resulta do conhecimento da Lei.—*Peccatum non cognovi,* diz S. Paulo, *nisi per legem.*

Ora não tendo os Maranhenses conhecimento da Lei, não pódem conhecer o crime do vicio ou do peccado, visto estarem com os olhos fechados no meio das mais profundas trevas do Paganismo, e por isso não se envergonham de andar nús inteiramente.

Pensam muitos ser coisa detestavel vêr este povo nú, e ser perigoso o viver entre Indias, mulheres e raparigas totalmente nuas como ellas andam, por não se poder prevenir que o homem se despenhe no precipicio do peccado.

É certo ser tal costume mui disforme, deshonesto e brutal, porem o perigo é menor aparentemente, e sem comparação muito menos á vista dos attractivos voluptuosos das mulheres publicas de França.

Na verdade, são as indias modestas e recolhidas em sua nudez, pois nellas não se notam movimentos, gestos, palavras, acção ou cousa alguma offensiva á vista de quem as observa. Cuidam muito na honestidade do matrimonio, e não são capazes de dar algum escandalo publico.

Junte-se á isto a disformidade ordinaria, que não tem encantos, a propria nudez que não é tão perigosa e nem tão cheia de atractivos, como os desenfreados requebros e as novas invenções das mulheres francezas, que causam mais peccados mortaes, e prejudicam mais a alma, do que essas mulheres e raparigas indias com sua nudez brutal e aborrecida.

Os Indios e indias ficam horriveis com as diversas pinturas que fazem nos seus corpos no sentido de serem bonitos. Trazem uns a face rajada de vermelho e de negro, outros

só um lado da face pintado ficando o outro na sua côr natural, estes o corpo cheio de diversas figuras por diante e por detraz, desde a cabeça até os joelhos, como se fosse uma calça de setim preto com estampas e recórtes, tendo as mãos e pernas pintadas com sumo de *Genipapo*.

Nem sempre andam pintados, e sim quando querem, e nús mais do que outros, e principalmente as raparigas mais do que todos, desejando agradar por tal modo.

Não se pintam a si mesmos, e sim uns aos outros, e especialmente as raparigas por serem mais destras e habituadas em tal emprego, e embora não tenham aprendido admirareis a diversidade das bonitas figuras, que vereis nos corpos.

Encontrareis as vezes um rapaz, deitado e apenas sustentado em terra pelos joelhos e mãos, e junto a elle uma rapariga ajoelhada ou assentada no calcanhar, com uma *cuy* (cuia, especie de vasilha feita da metade de um fructo) contendo a tinctura com que vae pintar e munida de um pequeno talo de pindoba, como pincel, lançar traços no corpo do rapaz tão direitos e limpos como se fossem feitos por meio de regoa, e por mão de pintor, e neste mister são todas iguaes, não levando vantagem umas ás outras.

Algumas mulheres indias com um espelho na mão esquerda, e um pincel de pindoba na direita, pintam o rosto com tanta curiosidade, como se caiam as mulheres do mundo e fazem traços de tinta de genipapo no lugar das sobrancelhas, que costumão arrancar. Gastam nisto a maior parte do tempo, e julgam-se bonitas.

Os maiores e valentes guerreiros, para serem mais estimados pelos seus, e timidos pelos inimigos, tem o costume de, com o osso da canela de certos passaros, que afiam

como navalha de barba, picar e fazer certas figuras no corpo, como se faz com o buril nas couraças.

Julgam haver nisto grande coragem, e esfregando nestas incisões alguma cór negra, de pó, de succo de qualquer planta, ou do que quer que seja, que se mistura com o sangue, que gira por todas as partes, este introduz-se nas ditas incisões, e assim fixa as figuras de maneira inalteravel.

Entre os Indios, que trouxemos para França, havia um *Tabaiare* assim iniciado e pintado desde as sobrancelhas até os joelhos pouco mais ou menos.

Quando os maranhenses querem apresentar-se bem vestidos, como nos dias de *Cauinagem,* de matança dos seos inimigos, de furar os labios de seus filhinhos, de irem para a guerra e outras quaesquer solemnidades, elles se adornam com plumas, e enfeites de varios gostos, feitos de pennas vermelhas, azues, e verdes, amarellas e de diversas côres, muito bonitas, e que sabem tambem preparar.

Elles accommodam todos estes ornatos, como entendem, de forma que sobresaiam bem as cores, fiquem muito bonitos e artisticamente bem dispostos, presos uns aos outros por um fio de algodão, bem grosso, e tecido por dentro á maneira de rede de pescar com malhas bem pequenas, e por fóra de pennas bellas e raras, e tão bem a ponto de causar admiração a todos, que á veém.

Por esta forma fazem barretes, a que chamam *Acangaop* ou *Acanussoyaue,* e que usam nos dias solemnes. Usam outros pregar com cera ou gomma na cabeça algumas pennas, que se encontram no pescoço e estomago das *Araras, Canindés, Papagaios,* e outros bichos de varias cores, formando um barrete redondo.

Não tiram estas pennasinhas sem cortarem o cabello, então as reunem, e as accommodam o melhor, que podem, ao

redor de um pau para laval-as com mais facilidade e tirar-lhes a gordura, com aquella qualidade de sabão, já dita.

Depois de seccas, tecem-nas tão curiosamente, que as damas se utilisam dellas como enfeites e adornos os mais preciosos.

Fazem tambem assim frontaes a que chamam *Akangetar*, e como diadema trazem na cabeça.

Como volta ou collar trazem ao pescoço um fio tecido com pennas, a que chamam *Aiuacara.*

Tudo isto é admiravel, porem nada em comparação com seus mantos, a que chamam *Assoyaue,* tecido com as mais lindas e variadas pennas, que é possivel, o qual desce até o meio das coxas e as vezes até aos joelhos.

Usam delle nem sempre e sim algumas vezes, não por vergonha de sua nudez, mas por prazer, não para occultal-a, e sim como enfeite, para ficarem bonitos nas suas festas e reuniões solemnes, e é agradavel o vel-os assim vestidos.

Trazem tambem uma especie de liga a que chamam *Tabacura,* feita com fio de algodão muito bem tecido e unido de maneira que parece uma só peça, em forma de corda, e de um pequeno circulo, da largura de dois dedos, cheio de pennas de diversas cores, a qual prendem em lugar proprio abaixo do joelho, e quando querem que seja maior, deitam uma sobre outra, deixando um pequeno espaço entre ellas ellas, de forma que parece, nem mais e nem menos, do que um duplo cordão bem enfeitado.

Ordinariamente trazem as moças nas pernas taes ligas, e quando não tem pennas, são feitas de fio de algodão, e dellas se servem os Indios.

Ha outra qualidade de liga, a que chamam *Auay,* feitas como as antecedentes, porem mais largas e de pennas, tem muitos fios de algodão torcido da grossura de um dedo,

prendendo em roda certos fructos semelhantes á noses, de casca muito dura quando seccos, cheios de pedrinhas ou sementes fortes de maneira, que possam fazer barulho quando elles dancem.

Fazem tambem braceletes, á que dão o nome de *Mapuyh-cuay cuhare,* com fio de algodão, tecido com plumas compridas das caudas de Araras, bonitos passaros como já descrevi, os quaes trasem em seus passeios acima do cotuvello, como os cortesãos costumam trazer os adornos de suas damas.

Usam tambem de grandes penachos semelhantes a grandes ramalhetes, feitos com pennas de abstruz e de outros passaros grandes e trazem-nos pendentes e presos com um fio na cintura ao redor dos rins, ou na espádua a maneira de banda. Dão-lhe o nome de *Yandu-aüe*

Juntam na praia muitas conchas grandes e caracóes: quebram-nas em pequenos pedaços, pulem-nas mui industriosamente em certas pedras duras, fazem quadrados iguaes, e as vezes quadrilongos correspondentes e proporcionaes uns aos outros. Furam os quadrados nos quatro angulos, prendem-nos por um fio de algodão tão fino como seda, e buscam imitar os joalheiros e ourives no fabrico das gargantilhas e collares.

Outras vezes sobre um pedaço de panno collam estes quadrados com cera ou gomma, e fazem lindos braceletes e cintos, a que chamam *Mino.*

Admirar-vos-heis vendo pulir e furar estes pedaços de conxas com a destresa com que fazem, e nelles trabalham tão bem, que parecem cintos e braceletes de perolas.

Quando as conchas ou os pedaços são redondos furam-nos pelo meio, enfiam-nos á maneira de rosarios, e em falta de colares de pennas trazem-nos as mulheres ao pescoço e nos braços, como fazem as mulheres francezas, e algumas em

excesso a ponto de cobrirem todo o peito. São estas as joias mais preciosas, a que chamam *Bohure*, e de que se servem quando se querem enfeitar.

Enfeitam-se tambem com rozario de vidro de diversas cores, que trocam com os francezes por diversos generos, e aos quaes ligam tanto apreço e estima como aqui ás perolas.

Para enfeitar os filhos, apanham caracóes, pulem nas pedras como ja disse, enfiam em forma de rosario, a que dão o nome de *Gnaan*, tão branco e polido como se fosse marfim: enrolam como braceletes tres ou quatro nos braços de seus filhos, e como colar no pescoço dos mesmos.

Eis os mais bonitos adornos e enfeites de que usam nas festas os indios, homens e mulheres, grandes e pequenos.

Ordinariamente andam nús como ja dissemos.

Actualmente usam muito das roupas, que trocam com os francezes por generos do paiz. Causa riso vêr-se um inteiramente nù e só com chapéo na cabeça, outros com ceroula sem gibão e sem chapéo, estes com jaqueta até a cintura e o resto do corpo nú, aquelles com camisa unicamente, e finalmente aquell'outros com tudo isto, porem não dura muito tempo, porque se assím passam um dia inteiro é muito, no seguinte estão nús.

É certo porem, que os homens casados e especialmente os velhos cobrem suas vergonhas com um pedaço de panno vermelho ou azul, que prendem ao redor da cintura com um fio de algodão, e deixam-no cahir até os joelhos ou ao meio da perna, sendo melhor que chegassem até abaixo.

A este panno dão o nome de *Carauie*, e delle não podem usar de forma alguma os meninos e os rapazes solteiros, aos quaes é permettido apenas amarrar o prepucio com um fio de algodão ou uma folha de *Pindoba*.

CAPITULO XLVII

Dos costumes dos indios Tupinambás, e em primeiro lugar de suas casas e casamento.

De ordinario moram os Tupinambás nos bosques mais proximos ao mar para pescarem, ou perto de rios de agua doce, tão necessario á vida.

Escolhido o local cortam matto, formam uma grande praça quadrada, queimam todos os vegetaes ahi existentes.

Desembaraçado o terreno, edificam quatro grandes casas, no centro da praça, e em forma de claustro.

São taes casas feitas de madeira e cobertas de pindoba de cima até abaixo, tendo capacidade bastante para conter todo o povo da aldeia.

Ahi ficam por espaço de 5 a 6 annos, e não mais, obedecendo a costume antigo.

Destroem e queimam depois esta aldeia, e construem outra na distancia de meia legoa pouco mais ou menos, e dão-lhe o mesmo nome da que despresaram.

A unica razão que dão de tal mudança, é que seus antepassados fizeram o mesmo. Ahi plantam mandiocas e batatas para seu sustento, e aproveitam a terra e passam boa vida.

Estas grandes casas não tem separação alguma, e por isso tudo se vê de uma extremidade á outra: apezar de tudo isto

não ha ahi confusão, porque cada pae de familia vive em seu canto com sua mulher e filhos, escravos e moveis.

É permittido entre elles ter o numero de mulheres que lhes aprouver, porem de tal privilegio não gosam as mulheres, pois devem contentar-se com um só marido, não podendo, sem seu consentimento, deixal-o por outro, e embora seja a polygamia permitida aos homens, a maior parte porem contenta-se com uma só mulher.

Quando querem ser mais apreciados entre elles, tem muitas mulheres, e são julgados grandes.

Ordinariamente são os Principaes da aldeia.

Algumas vezes fiz-lhes vêr, que *Tupan* não queria, que o homem tivesse mais do que uma só mulher, e que os que tinham muitas não eram e nem podiam ser seus filhos, e sim de *Jeropary*.

Bem sabemos, respondiam elles, ser bastante uma mulher para um só homem. Não é para satisfação de nossos prazeres, que temos muitas mulheres, mas sim para sermos grandes, para cuidarem do governo da casa, e trabalhar nas roças, como fazem.

Alem disso matando-se os homens nas guerras quase diarias, ficam as mulheres em grande numero, e é impossivel que cada uma tenha o seu marido.

Julgo eu, que esta necessidade é a causa de ter um homem muitas mulheres.

Os paes não podem casar-se com suas filhas, nem os irmãos com suas irmans, e d'aqui em diante nenhum grau de consaguinidade embaraça o casamento.

Tão facil é contrahir como desmanchar o casamento, bastando apenas as vontades reciprocas dos dois esposos.

Se o homem deseja casar-se com alguma mulher ou rapariga, conhecida sua vontade, perguntam ao pae e a mãe se consentem ou não, e assim respeitam muito os paes e os

parentes mais proximos, envergonhando assim muitos catholicos, que só para satisfação de seus desenfreados desejos, casam-se contra vontade d'elles.

Não indagam, não procuram e nem pedem bens alguns, e apenas obtido o consentimento do pae ou do irmão está feito o casamento sem cerimonia alguma, sem promessa mutua, sem consentimento reciproco de conservação indivisivel e perpetua, que é a base essencial do casamento.

Ao contrario de tudo isto quando o marido quer, espanca e repudia a mulher se o offende, e esta quando se aborrece do marido diz-lhe—não te quero mais, desejo procurar outro homem para meu marido—a que elle responde sem affligir-se ou amofinar-se *Ecoain,* que quer dizer—Vae para onde quiseres—e então pode a mulher entregar-se a outro homem sem o menor inconveniente ou embaraço, ficando-lhe ainda o direito de abandonar o segundo marido como fez ao primeiro, assim como o marido tambem pode repudial-a quando quizer.

É costume muito trivial entre elles, prometter, especialmente aos Principaes e aos mais elevados, em casamento suas filhas ainda creanças.

Sustentam-nas comtudo até chegarem a idade propria, e quando estão em idade de se casar entregam-nas á seus noivos, que as consideram como mulheres mediante as condições supra mencionadas.

Não obstante morarem muitas mulheres sob o mesmo tecto com um só marido, uma comtudo é a predilecta, e por isso governa as outras, como uma senhora á suas servas.

Admira porem, que vivam em paz e união, sem inveja, disputa, e ciume, obedecendo todas a seu marido, servindo-os com fidelidade e dedicação, sem questões e nem parcialidades.

Admirou-me então. e ainda hoje, quando me recordo, a concordia e união, que ha em todas as familias dos selvagens, onde se encontram um marido com muitas mulheres, e assim vivem com tanta amisade no seu estado de paganismo, e nunca vereis questões entre maridos e mulheres e reciprocamente.

Bonita licção na verdade é este procedimento, e offerecida as familias catholicas, que tendo recebido a luz da fé, devem viver santamente em seu estado matrimonial, sendo a mulher sugeita a seu marido como se fosse seu senhor, temendo-o e respeitando-o como chefe, e o marido por sua vez amando sua mulher como Jesus-Christo amou sua igreja, padecendo por ella a morte da Cruz, e não obstante tudo isto, quando reunidas não podem viver em paz e nem passar um só dia sem disputas, discordias e mil questões, sendo por isso tal casamento antes uma especie de inferno neste mundo do que um pequeno Paraiso onde Deos deseje morar.

Apenas nascem os filhos dos indios, os paes os friccionão com oleos e tincturas, como ja dissemos, e depois deitam-nos em redesinhas de algodão sem enfaixal-os e nem cobril-os.

Julgo ser isto devido em parte a não poderem ser curvados, e nem constrangidos, como por cá acontece, sendo os meninos, desde seu nascimento, encerrados em berços, e passando depois sua existencia inteira dentro de vestidos ridiculos e estreitos, ficando a natureza como que prisioneira e forçada, e por isso somente cresce com difficuldade, e formam-se assim individuos tortos, coxos e corcundas.

Não se dá o mesmo caso com os Indios, pois crescem a vontade, e agrada vêr os seus filhos de 4, 5 e 6 annos.

Alem de serem bem feitos de corpo e seus membros proporcionaes, não são tão levianos como os meninos da Euro-

pa, ao contrario são dotados de tal ou qual gravidade, que muito agrada, e de modestia tão natural como estimavel. São agradaveis e estimaveis, e ha muitos principalmente de 7 a 8 annos para baixo, e se não fossem as guerras, seria esse paiz muito povoado.

É impossivel descrever o amor, que as mães dedicam á seus filhos, nunca os deixam, e trazem-nos sempre em sua companhia: descança a mãe só tres dias depois do parto, e depois carrega o menino, suspende-o ao pescoço por meio de um pedaço de panno de algodão, e vae para a roça trabalhar ou fazer outra qualquer coisa sem grande resguardo.

Acontece algumas vezes traserem, alem do menino suspenso ao pescoço, um no braço, outro pela mão alem de dois ou tres maioresinhos, que saltam e brincam ao redor della.

Amam excessivamente seos filhos, e por isso trazem-nos limpos em sua nudez.

Alem da amamentação, ellas os nutrem com uma certa bebida chamada *Manipoy*.

Nao fazem como muitas mães d'aqui, que apenas tem paciencia de esperar, que nasçam os filhos, e depois entregam-nos á amas, e até mandam-nos para fóra de casa afim de não soffrerem dor de cabeça.

N'isto não as imitam de forma alguma as Indias, porque não querem que seus filhos se nutram senão com seu proprio leite.

Não sei se é pelo grande amor que os paes e mães tem a seus filhos, que nunca lhes dizem palavras offensivas, e pelo contrario lhes dão ampla liberdade para fazerem o que quiserem não os reprehendendo nunca.

Admira porem, e com razão, que elles só façam o que é do gosto de seus paes.

Não sei se devo attribuir tal respeito ao reciproco amor, que dedicam a seus paes, ou se a não estar entre elles a natureza tão viciada, e nem a mocidade tão corrompida, como se vê entre Christãos onde os vicios e as maldades correm parelhas com apetites desordenados, fazendo-os desde a infancia flagelos de seos paes, que tantos trabalhos tiverão em creal-os e educal-os.

Moram os escravos com seos aprisionadores ou senhores, como filhos da mesma familia, e assim são muito bem tractados.

Admira porem, que lhes dêem por mulheres suas filhas e irmans, que os recebem como maridos, até que lhes agrade matal-os e comel-os.

Comtudo dão-lhes liberdade para andar á vontade, trabalham na roça, caçam e pescam; finalmente não os obrigam em coisa alguma, e dão-lhes plena liberdade.

Empregam-se as escravas no serviço de roça, e nas occupações domesticas, como as outras mulheres indias, esperando tambem a sua vez de serem mortas e comidas em recompensa de suas fadigas.

Por moveis tem redes de algodão, a que chamam *Yni*, presas pelas extremidades com cordas á pedaços de pau, fincados de proposito como travessas nas casas.

Cada um tem a sua rede, a da mulher é proxima a do marido, e ás vezes se vê dois homens deitados na mesma rede.

Tem cabaças a que chamam *Euä*, com que vão buscar agua, e cuias a que dão o nome de *Cuy*, pintadas de vermelho e de negro, as quaes servem de pratos, de tigelas e de copos para beber, e as mais pequenas de colher para comer.

Tem tambem paneiros a que chamam *Uru* ou *Caramemo* feitos de folhas de palmeiras, ou de juncosinhos, muito bem tecidos, a que dão o nome de *Uarua*.

Chamam os pentes *Keuap*, as facas *Xe* ou *Kece* as tisouras *Pirain*, as missangas *Bohu*, e assim por diante. Nos coffos ou paneiros guardam seus vestidos e pennas, com que se enfeitam nos dias de festa.

Os Principaes e os mais velhos tem caixas a que chamam *Patua*, compradas aos francezes por generos do paiz, e ahi guardam tudo que tem de melhor.

Tem muitas panellas de barro, nas quaes fazem seos *Manipoy*, e outras vasilhas grandes, que podem conter 30, 40, e 50 potes de qualquer liquido, e onde fabricam o seu *Cauin*.

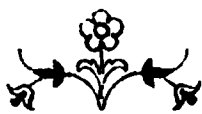
Trouxeram os francezes para elles muitas caldeiras, a que chamam *Gnaccin* ou *Gnaepépoy* e caldeirões, *Gnaeiuue*, que são os mais bonitos moveis, e as principaes peças de sua casa.

Muitos indios tem na frente de suas casas grandes galinheiros «*Uyraro-Kay*», onde ha galinhas communs.

Suas roças «*Kó*» são a meio quarto ou a um quarto de legua, distante das aldeias.

Para fazerem as roças, cortam o matto, deixam-nos seccar por 12 a 15 dias, deitam-lhe fogo, e ahi vae este devorando-o até reduzil-o á cinza. Limpam depois esse lugar, plantam no centro muita mandióca para fazer farinha, batatas, grãos de bico, favas e outras hervas e raizes com que se nutrem.

Eis a economia e ambição dos indios maranhenses.

Eis em que consiste a sua familia e riquesas, alem das armas, que empregam na guerra, como depois direi.

CAPITULO XLVIII

Da amisade reciproca dos maranhenses, e da recepção que fazem a seos amigos.

É para admirar, que sendo os Indios Tupinambás, apenas guiados pela propria natureza, embora seja ella a mais estragada, que é possivel, conservem entre si amor reciproco, tão cordial como fraternal, pelo que costumam a dar uns aos outros o nome de Pae, Mãe, Irmãosinho, Tio, Sobrinho, ou Primo, como se fossem todos da mesma familia ou parentesco.

Embora tenham alguns moveis e roças particulares, como já disse, não são comtudo tão privativas, que um ou outro não possa servir-se dellas quando necessite.

Se dos rios ou mar trazem peixe, e do matto veados, javalis, pacas e outras coisas similhantes, dividem tudo isto de forma, que chega a todos.

Acolhem-se uns aos outros muito bem, e quando vão visitar seos alliados, são muito bem recebidos, e acham bastante comida, e tudo o mais que necessitam.

Quando recebem visita de seos similhantes ou de pessoas estranhas, deitam-nas logo n'uma rede de algodão, chegam-se depois as mulheres junto d'ellas, põem as mãos sobre os olhos, ou seguram uma das suas pernas, e principiam logo a chorar, dando gritos e fazendo muitas exclamações, o que

é um dos mais evidentes signaes de cortezia, que podem dar aos seos amigos, e accrescentam mil palavras laudativas, chamando-o bem vindo, e bom, por haver soffrido muitos trabalhos para vir vêl-os, e outras coisas deste jaez.

Com tudo isto, limita-se a pessôa deitada a pôr as mãos no rôsto, e si não pode chorar, pelo menos por cortesia é preciso que finja fazel-o.

Depois disto o Pae de Familia, silencioso até então, e continuando a fazer o que estava fazendo sem parecer vel-o, dirige-se a elle, e estendendo-lhe a mão diz-lhe *Eré: iupé?* Chegaste? *Eréicobépé?* Estás bom? .

Depois de o saudar, si quer comer, satisfazem-lhe á farta o desejo, e assim o tratam em quanto se demora ahi.

Si a visita é de Indios nada lhes pedem como recompensa. Si porem são Francezes os visitantes, antes de partir dão sempre alguma coisa para serem bem recebidos n'outra occasião. Quando não dão coisa alguma, elles os chamam *Scateum*—forrêtas e avarentos, e não devem voltar, pois não serão tão bem recebidos, como foram.

Quando se quer recompensal-os pelos obsequios recebidos, dá-se aos homens facas e tesouras, e as mulheres pentes, espelhos e missangas.

Quando dão alguma paca, porco-montez, ou outra qualquer coisa de vulto, esperam e pedem logo a recompensa da offerta.

Ouvi de Francezes, que entre elles residiram por espaço de 18 ou 20 annos, serem outr'ora mais liberaes do que então, fazendo-os avarentos e forrêtas para com os Francezes os muitos generos que alguns lhes deram, de sorte que nada fazem e nem dão, sem antes terem recebido muito mais.

Não se contentam com pouco pelo que dão ou fazem.

Nada se perde em ser-se liberal, porque nunca deixam de reconhecer os favores recebidos, pois não são ingratos, e nem gostam de ser vencidos por actos de liberalidade e de bondade.

O amor reciproco, que entre elles existe, é a causa da harmonia e da união, que entre elles existe, e quando se offende a um, sente-se offendida toda a Nação, e procuram todos tirar desforra, como se verá no seguinte capitulo.

CAPITULO XLIX

Das vinganças e das guerras dos maranhenses, e das suas crueldades para com os prisioneiros.

Não julgo haver debaixo do Ceo nação mais barbara e cruel do que a dos Indios do Maranhão e suas circumvisinhanças.

Haverá por ventura maior crueldade do que matar e estraçalhar, a sangue frio e com alegria, seos inimigos?

Haverá por ventura maior crueldade, e como tal sempre aborrecida por todas as nações barbaras, qual a de destribuir sangue humano por entre os convivas?

Haverá maior barbaridade do que o estar sempre irritado contra seos visinhos, e não contentar-se só em guerreal-os sanguinolentamente, mas tambem para extinguir-lhes a raça, comer até vomitar a carne de seos inimigos?

Oh! crueldade barbarissima! oh! barbaridade crudellissima!

N'isto fazem consistir os Indios Tupinambás seos tropheos de gloria, julgando-se heroicos em proporção ao numero de Indios, que mataram na guerra, e que depois comeram, como vou informar-vos.

Não fazem guerra para conservar ou estender os limites do seo paiz, enriquecerem-se dos despojos e roubos dos seos inimigos, e sim por honra e vingança somente.

Quando julgam-se offendidos pelas outras nações, proximas ou remotas, ou quando se recordam, que seus parentes e amigos foram aprisionados e comidos n'outro tempo por seus inimigos, animam-se uns aos outros para fazerem guerra, e assim vingarem a morte de seus similhantes.

Em todas as suas empresas guiam-se pelo conselho dos velhos, valentes quando moços.

Antes de tomarem qualquer resolução preparam um *Cauin*, onde fumam e bebem á vontade. Neste estado o que deliberam os velhos, á favor da paz ou da guerra, cumprem os moços, immediatamente, e sem subterfugios.

Por chefe escolhem o que julgam mais valente e geitoso em guiar os outros, e vae elle de casa em casa exhortar seos similhantes, com grande gritaria, chamando-os á guerra, e dizendo-lhes como devem ir municiados e armados.

Faz-lhes vêr tambem quanto importa mostrarem-se valentes, e não frouxos e covardes, o que para elles seria deshonra, mormente si se lembrarem da honra e reputação, que lhes foram legadas pelo valor e coragem de seus predecessores nas guerras passadas, onde mataram e esquartejaram muitos inimigos.

Taes discursos, que duram por espaço de tres a quatro horas, os animam á ponto de cada um cuidar logo de munir-se de armas, farinha, e outros generos necessarios á guerra.

No dia marcado chegam os contingentes de todas as aldeias.

De armas servem-lhes os arcos, a que chamam *Uyrapar*, feitos de uma madeira vermelha ou negra, muito dura, tendo uma corda de algodão bem torcida, e flexas «*Ouue*», muito compridas, feitas de canniços ou canas sem nós, e com duas pennas de diversas cores, do tamanho da palma da mão, presas n'uma das extremidades por um fio de algodão,

e na outra uma ponta de pau muito duro e negro, tambem arranjada e ligada com fio. Esta ponta, bem fina, que serve de ferro, é do tamanho de um pé ou pé e meio. Em vez desta substancia usam tambem de ossos de peixes ponteagudos, da grossura e do tamanho de um dedo pequeno, que elles preparam de forma a ficar preso na flexa por uma especie de gancho: esta disposição faz com que sendo alguem ferido por tal flexa, si ella não o atravessa logo, melhor é fazel-a atravessar do que tiral-a, pois arrisca-se a trazer no gancho presas as entranhas do paciente.

N'outras flexas prendem um bocado de canniço, do tamanho de um pé, e da largura de dois dedos, muito ponteagudo. Dão a estas flexas o nome de *Tacuart*, e faz grande buraco em quem fere.

São estas as principaes armas de que se servem ordinariamente, e são tão dextros, que sempre tocam no ponto desejado e atiram seis flexas no mesmo tempo em que os nossos archeiros despedem tres.

Usam tambem de espadas de madeira vermelha, de 4 a 5 pés de comprimento em forma de massa, menos na extremidade, que em vez de redonda, é larga e mais aguda, pouco mais ou menos como a ponta de um chuço.

Usam tambem de broqueis a que chamam *Uaracapa*, de couro bem duro, com que resguardam o corpo das flexas dos inimigos.

Usam de surpresa em todas as suas guerras, e de improviso assaltam seos inimigos.

Si algum morre no combate, fazem grandes lamentações quando o enterram, e n'um discurso exaltam-lhe a valentia e a coragem.

Amarram os seus prisioneiros de guerra, levam-nos em triumpho para as aldeias, onde são recebidos com alegria por todas as mulheres, e principalmente pelas velhas, ba-

tendo na bocca com a mão, e dando gritos de alegria, e buscam comer os velhos logo antes de emmagrecerem, e aos rapazes procuram primeiro alimental-os a farta, e dando-lhes durante esse tempo suas filhas e irmans em casamento.

Embora possam fugir á vista da liberdade, de que gosam, nunca o fazem ainda mesmo convictos de que serão mortos e comidos em pouco tempo. Si algum prisioneiro porem foge e procura sua terra, é tido por poltrão e covarde—*Cuàue eum*—e será morto pelos seos no meio de mil exprobrações de não ter coragem de ser morto pelos seus inimigos, como si não fossem vingados pelos seus parentes, que para esse fim tem muita valentia.

O diabo de tal sorte gravou este intitulado ponto de honra no coração dos selvagens, como no de muitos christãos, pois antes querem morrer nas mãos dos seus inimigos, e serem devorados por elles do que fugirem e escaparem-se, o que lhes seria bem facil visto gozarem de muita liberdade.

Embora tratem bem a seos companheiros, e lhes deem suas filhas por mulheres, e ellas os tratem como maridos, cuidem de sua casa, das roças, e dos filhos que amam ternamente, não deixam comtudo de matar um ou outro mais gordo para servir n'agum banquete, *Cauin*, ou festa.

Um ou dois mezes antes da morte, amarram e prendem bem o prisioneiro, como o verdugo faz ao condemnado.

Antes de ser preso, permittem, que elle maltrate, destrua e mate gallinhas, aves, e outros objectos, e tudo o mais que lhe venha á mente com o fim de vingar sua morte, e sem opposição de pessoa alguma.

Convidam os habitantes das outras aldeias para no dia determinado se acharem nesta solemnidade tragica e funesta ou nesta invenção diabolica.

Apenas reunidos desamarram o prisioneiro um ou dois dias antes da morte, dão-lhe a liberdade, mas por pouco tempo.

Quando lhes tiram o ferro dos pés dizem-lhe *Ecoain*— «*Salva-te*»; principia logo o infeliz a correr como póde, de um lado para outro, e atraz delle vão todos os que ahi se acham como cães quando correm apoz o viado, esforçando-se cada um o mais que pode para agarral-o, e em poucos instantes está preso esse desgraçado.

Como o indio, que o agarrou na guerra, adquirio novo nome em recompensa do seu valor, este que agora na carreira o apanhou, é julgado um dos mais valentes e generosos, e adquirio outro nome, que conserva por toda a sua vida como titulo honorifico. Consideram essas acções heroicas e tambem assim o encargo de matar as victimas.

Amarram o prisioneiro pelo meio da barriga com uma grande corda, cujas pontas são seguras por dois Indios, e assim o levam para a aldeia, onde as mulheres pintam-lhe o corpo com varias figuras de diversas cores, vestem-no, enfeitam-no com varias pennas, e para não serem julgados crueis, dão-lhe comida e bebida á farta, deixam-no passear pelas casas, choram-no, e depois brincam e dançam com elles.

Depois os Indios *cauinam* e bebem excessivamente, saltam, dançam e cantam por espaço de dois ou tres dias.

Trasem depois o prisioneiro ainda amarrado, como ja disse, ao lugar do supplicio.

Junto delle deitam muitas fructas, não maiores do que o volume de maçans, porem muito duras.

Cercam-no todos, e dizem *Eiépuich*, «vinga tua morte,» ou conforme a verdadeira significação da palavra «toma desforra.»

No mesmo momento o prisioneiro, que está com as mãos livres, agarra as fructas e tudo quanto pode encontrar, atira-as com toda a força nos circumstantes, espanca os que pode apanhar, e deixa ás vezes muitos feridos. Os que pegam nas pontas da corda tem escudos com que se defendam.

Embora este desgraçado veja a morte proxima, o fogo acceso, e a assadeira ou girau prompto para moquial-o ou assal-o afim de ser comido, não demonstra pezar algum. Ao contrario, está alegre e contente sem cuidar na morte.

Os indios ahi presentes não tem a menor compaixão e lhe dizem até mil zombarias e chalaças.

Depois de folgarem muito e de se divertirem á custa deste desgraçado por dois ou tres dias, de noite e de dia, sem descanço, n'uma bella manhã, uma hora depois do nascimento do sol (hora ordinaria dos taes sacrificios) um dos velhos toma uma de suas espadas de madeira pintada, e cercada de pennas de diversas cores e com os copos enriquecidos e ornados de uma guarnição a que dão o nome de *Aterabébé*, feita de muitas pennas tecidas entre si e mui lindamente, e em frente do prisioneiro diz-lhe—não sabes que tu e os teus mataram e comeram muitos parentes nossos e amigos? Vamos tirar agora a desforra, e para vingar essas mortes nós te mataremos, assaremos e comeremos.

Não me importo, responde o prisioneiro, porque não morrerei como villão e covarde! Sempre fui valente na guerra, e nunca temi a morte. Tu me matarás, porem eu ja matei muitos companheiros teos.

Se me comerdes, eu já fiz o mesmo. Quantas vezes não me fartei eu na carne de teos companheiros? Alem disto tenho irmãos e primos para me vingarem a morte.

No entretanto o indio incumbido de matal-o apresenta-se na praça, com o corpo pintado de diversas figuras, e enfei-

tado de varias pennas, e a elle o velho entrega-lhe a espada.

Principia este assassino á saltar, a jactar-se, e a fazer negaças com a espada ao redor do infeliz, o que, embora preso, procura tiral-a delle, porem quando avança para isso, é impedido pelos que estão segurando na corda, onde está preso, ora de um lado, ora de outro, e chega as vezes até não poder dar mais um só passo, nunca dando um só signal de medo da morte.

Só uma unica coisa é capaz de affligil-o, principalmente se é um grande guerreiro, e vem a ser—se o seu algoz não esteve ainda na guerra, se não é um homem guerreiro «*Kerembaue e Tetanatu*», valente e bellicoso como elle. Nesse caso fica desesperado e triste, e julga grande affronta e deshonra que lhe fazem.

Quando porem vê-se em frente de um guerreiro «*Kerembaue*», ou de um «*Tatanatu*» ou *Tauayue*, não se importa de morrer e até considera a morte como honra.

Depois do algoz ter feito tudo quanto ja dissemos para assustal-o, da-lhe afinal um ou dois golpes atraz da orelha, quebra-lhe a cabeça e faz-lhe saltar os miolos.

Approximam-se delle então as mulheres, agarram o cadaver e lançam-no ao fogo, já ahi prompto, para que não fique com um só cabello, e lavam-no com agua quente, e depois de bem limpo e alvo abrem-lhe o ventre, tiram-lhe as entranhas, e cortam-no em pedaços, e *moqueiam-no* ou assam-no em grelhas de madeira, a que chamam *Bucan*, formadas de quatro forquilhas da grossura de uma perna, fincadas no chão em forma de quadrado, e sobre ellas collocam duas varas, e atravessadas nestas muitas outras mais finas, unidas entre si. Esta grelha ou *Bucan*, está distante da terra perto de tres pés, e tem o cumprimento e a lar-

gura proporcionaes ao numero de cadaveres para assar, as vezes muito grande e quase incrivel.

Deitam fogo debaixo da grelha, e sobre ella lançam os membros do corpo desse desgraçado, porem separados, como sejam, a cabeça, o corpo, os braços, as coxas, não esquecendo as pernas, as mãos, os pés, as entranhas ou pelo menos parte dellas, deixando o resto para cosinhar e fazer caldo.

Nada perdem, e mostram-se cuidadosos em virar, para bem assar, o que está na grelha, aproveitando até, para comer, a gordura que cahe, e que se coagula pelos paus.

Quando está tudo bem cosido e assado comem taes barbaros esta carne humana, e com incrivel avidez, os homens como lobos raivosos, as mulheres ainda mais, e as velhas com especialidade ao menos na vontade.

Não é tanto pelo prazer, que lhes excita o apetite sensual, que elles se entregam á esses manjares.

De muitos delles ouvi dizer, que sentem-se depois incommodados a ponto de vomitar por não ter seu estomago força bastante para degerir essa comida, porem que assim mesmo o fazem só para vingar a morte de seus antepassados, e saciar a raiva invencivel e mais que diabolica, que dedicam a seus inimigos.

Nada porem ha mais cruel e barbaro, do que o procedimento que tem para com os filhos do prisioneiro, embora tambem da mulher, que elles lhe deram. Se elle tem filhos, matam os meninos, e mil vezes mais feroses do que os tigres, depois de os assarem, comem-nos como fizeram a seu pae.

Se deixa gravida a mulher, esperam que ella dê á luz, e fazem o mesmo ao recem-nascido, tão grande é o desejo e a vingança, que elles tem de acabar a raça de seus inimigos.

Eis até que ponto de crueldade, o diabo, barbaro algoz de tantas almas cegas, levou este povo pagão ao meio das trevas da infidelidade!

Deos porem, por sua infinita bondade, quando estavam mais enraivecidos, condoeo-se delles, fazendo-os conhecer quanto é abominavel e diabolico este costume, tão contrario á vontade de *Tupan*, que mui terminantemente nos ordena amar nossos inimigos.

O mesmo lhe fez vêr muitas vezes o Sr. de Rassilly, especialmente na primeira assembléa, que se fez logo depois da nossa chegada á Ilha do Maranhão, onde esteve presente *Japy-açu*, com outros velhos, como ja disse no capitulo 11.°

Á tão bons e santos conselhos assim respodeu *Japy-açu*.

«Bem sei que este costume é mau e contra a natureza, por isso tambem muitas vezes desejei destruil-o. Como velhos, todos nós somos quase que iguaes, e temos iguaes poderes, e assim quando acontece eu apresentar uma proposta na Assembleia geral, embora seja approvada por grande numero de votos, basta só um em sentido contrario para fazel-a cahir, e dizem ser muito antigo esse costume entre nós, não convindo por tanto alterar o que fizeram nossos paes.

«Só um *Buruuichaue*, como tu, é que tem poder de mandar acabar tão mau costume, e submettendo-nos a tua vontade, fazemos o que quizerdes.»

Tal ideia foi approvada pelos outros velhos, promettendo todos unanimemente a abolição desse diabolico uso, e inflingindo a penna de morte a quem o praticasse contra a palavra tantas vezes afiançada na assembléa geral.

Na verdade, desde o que aconteceu á escrava de Japy-açú, e ja foi contado no cap. 30, não se deo mais um só caso de ser morto, assado, e comido um só homem: pelo contrario detestando as atrocidades passadas, em vez de crueis e fu-

riosos mostraram-se d'ahi em diante doceis e pacificos, em vez de tigres e lobos raivosos são ovelhas e carneiros, em vez de filhos do diabo, muitos são filhos de Deos e pedem o baptismo desejando somente viver doce e humanamente, dando razão a poder dizer-se deste povo do Maranhão o que disse o propheta Exequiel—*Hæc dicit Dominus Deus. Pro eo quod dicunt de vobis. Devoratrix hominum es, et suffacans gentem tuam.*

Proptera homines non comedes amplius, et gentem tuam non necabis ultra, ait Dominus Deus: nec auditam faciam in te amplius confusionem gentium, et opprobrium populorum nequaquam portabis, et gentem tuam non amittes amplius, ait Dominus Deus.

O Senhor Deos disse taes palavras.

Porque dizem de vós—tu és aquella que devoras os homens, e suffocas tua gente. D'ora em diante não comerás mais homens, e nem matarás mais tua gente, disse o Senhor Deos.

«Não permittirei haver mais em ti a confusão do gentilismo, e não serás mais o opprobrio dos povos, e nem perderás mais teu povo.»

CAPITULO L

Do modo de proceder e dos exercicios dos maranhenses.

Causa muito pezar vêr-se o infeliz estado dos que, após tantos trabalhos, se deixam morrer de fome junto a seos thesouros, e quaes outros *Midas* são miseravelmente ricos, ou verdadeiros *Tantalos*, que morrem de sêde no meio das ondas, que em seos vaivens fogem d'elles.

Assimilham-se com muita propriedade á esses Dragões, cujo encargo é deffender montanhas mui ricas de oiro, sem com tudo poderem servir-se d'elle.

A vista dessas desgraças me faz avaliar a felicidade de nossos *maranhenses*, sem paixão para adquerir riquezas, só conseguidas com muito trabalho, conservadas com desvellos e cuidados, e perdidas com pezar e desespero.

Não se entregam elles tambem a cuidados e trabalhos para, entre mil azares, correr por meio do fogo, das ondas, e dos montes afim de enriquecerem-se de thesouros alheios.

É este o segredo da sua felicidade, e da sua superioridade sobre os outros homens.

Vivem sem cuidar nos bens temporaes, não dão tractos á imaginação para amontoar oiro e prata, visto não conhe-

cerem o seo preço e valor, e por isso longe de censuras merecem louvores como livres de enganos e de fraudes, de roubos e furtos tão communs no negocio.

Admiravam-se muito, a principio, os Indios, que levamos para França, quando nos viam dar apreço a pequenas moedas brancas e amarellas, embora soubessem ser estas de oiro, a que chamavam *Itaiup*, e aquellas de prata, a que davam o nome de *Itaieuc*, porem não comprehendiam como eram tão estimadas, e especialmente que fossem dadas em troca de pão, de vinho, e de tudo o mais necessario á vida, não podendo sem ellas possuir-se coisa alguma.

Na Inglaterra, onde em nosso regresso, estivemos abrigados seis semanas, rimo-nos muito como a principio os Indios encararam o uso do dinheiro, e como os negociantes não queriam pelo preço offerecido dar as vezes seos generos, ficaram com muita aversão a este povo a que chamaram *Tapuytin* dizendo em sua lingua *Tapuytin ypochu scatéum atupaué*. «Estes inimigos brancos não prestam para nada, são muito avarentos e sovinas.»

Aconteceo um dia, quando estavamos em Falmouth, porto d'Inglaterra, vir á bordo um casco carregado de ostras e e de peixes, como era costume, para vêr se alguem os queria comprar.

Vendo os Indios, que os Francezes davam dinheiro pelas ostras, sem o que não as teriam, lançou mão um d'elles de uma medalha negra, e julgando-a de muito valor perguntou-me quantas ostras lhe dariam por ella.

Fiz-lhe vêr que não sendo sua medalha de metal amarello ou branco, e sim de negro, nada valia, e que delle zombariam os *Tapuytin* caso elle a appresentasse.

Immediatamente com giz pintou de branco a medalha, e deo-a a um dos pescadores pedindo-lhe ostras.

O pescador vendo a medalha rio-se muito comnosco, e conhecendo a simplicidade do Indio deo-lhe ostras mais para presenteal-o do que por se julgar pago.

O Indio porem disse: «são avaros e não prestão para nada os *Tapuytin:* não me dariam ostras, se eu não lhes desse dinheiro.»

Não sabem os Indios o que é comprar e vender para juntar oiro e prata, visto não conhecerem o seo uso.

Si vendem algumas vezes seos escravos e outros generos, como ordinariamente acontece com os Francezes, que entre elles negociam, é por troca de outras coisas, de que gostam, e a que chamam *aiepuih*—receber troco.

Passam por tanto vida alegre e contente sem cuidados e trabalhos.

No tempo de paz passam parte de sua vida na preguiça, e o resto dançando, *cauinando,* caçando e pescando mais por divertimento e para se alimentarem, do que para enriquecerem.

A dança é o primeiro, e o principal exercicio dos maranhenses, e a meu vêr são os maiores dançadores do mundo.

Não se passa um só dia sem que para isso se reunam em suas aldeias, porem as danças entre estes selvagens não são livres como entre os Christãos.

As mulheres e as meninas nunca dançam com os homens, e só algumas vezes nos *Cauins,* porem ainda assim é com certas reservas, sem liberdade, excitações e deshonestidades, tão communs nas danças francezas.

As mulheres não põem as mãos nos hombros de seus maridos, quando dançam.

Lá não se veem tantos escandalos e desgraças como aqui acontece nas danças e nos bailes, onde se encontram tanta lascivia e libertinagem.

Dançam sem tregeitos, folia, saltos, requebros e rodeios.

Fazem um circulo, juntos uns aos outros, sem se tocarem e nem mudar de lugar, pelo que não experimentam muito calor quando dançam ou saltam, menos no tempo do *Cauin*, porque então percorrem as aldeias dançando e saltando.

Quando dançam, trazem os braços pendentes, e as vezes a mão direita nas costas, e somente movem a perna e o pé direito.

As vezes aproximam-se uns dos outros, depois voltam para traz, sempre batendo com o pé no chão, e após de darem tres ou quatro voltas, com tal ou qual compasso, regressam a seo lugar.

O unico instrumento, que empregam para dançar, é a cantoria e a voz, desagradavel aos que não estão habituados a ouvil-a. Para marcar compasso, trazem na mão um chocalho, a que chamam *Maracá*, feito de uma fructa um pouco comprida, da forma de um melão pequeno, porem mui forte, e que ahi existe em abundancia, deitando dentro delle muito grãosinhos negros, duros, e atravessam-no com um pedaço de pau para servir de cabo, o qual cobrem de algodão e enfeitam nos dias de festa com bonitas pennas de diversas cores, trazendo tambem nas ligas das pernas chocalhos de conchas ou destas e outras fructas identicas.

Com o maracá acompanham seos canticos, á maneira de tambor de pelle de carneiro.

Nunca se lhes ouve uma cantiga torpe ou escandalosa, como se ouve por aqui algumas livres, e prejudiciaes á honra de Deos, á Igreja, ao proximo, e aos bons costumes, immundas, detractoras e blasphemas.

Suas cantigas são em louvor de uma arvore, passaro, peixe, ou outro qualquer animal ou coisa similhante, sem palavras escandalosas, e quasi sempre são louvores a seos combates, á suas victorias, triumphos, e outras coisas da guerra, que exaltam muito, especialmente o valor militar,

dando diversos tons conforme o compasso, e com estribilho, no fim de cada estancia.

Cantam muito baixo no principio de suas danças, e pouco à pouco levantam a voz a ponto de serem ouvidos muito longe, principalmente quando são muitos como de ordinario acontece.

São grandes dançadores e ainda maiorés bebedores não sempre, e sim nos dias de festa, em suas alegres reuniões, quando matam para comer seos presioneiros, quando resolvem fazer qualquer guerra, ou mesmo quando se reunem por prazer ou para tratar de negocios graves, que não seriam bem succedidos si não bebessem vinho ou *Cauin*, e si não fizessem um *Cauin* á fartar.

Si fazem essas reuniões no tempo de *Caju* (que dura 4 a 5 mezes como já disse) elles lançam mão de muitos desses fructos esponjosos e cheios de sumo, e expremem-nos. A este liquido chamam *Caju-Cauiu*, parece-se com o vinho branco, e é muito bom, e tão forte como os bons vinhos brancos de França, e quanto mais se usa d'elle, melhor se acha.

Os Indios, que vivem sem cuidar no futuro, e sem guardar coisa alguma para o dia seguinte, quando tem muito vinho deste, visto se empregarem de ordinario neste fabrico, guardam-no em muito boas vasilhas de barro, que para esse fim fazem as mulheres, muito grandes e largas, porem estreitas na parte superior, os quaes podem conter pelo menos 30, 40, até 50 potes, e cheias que sejam essas vasilhas, bebem noite e dia até esvasial-as.

Algumas vezes, e particularmente fóra do tempo de *Cajus*, usam de uma especie de bebida, a que chamam *Cauin-été*, feita por esta fórma.

Apanham as mulheres raizes de macacheira, de que já tratei, e fervem com agoa em grandes panellas de barro.

Quando molles e muito cosidas, tiram-nas do fogo, e deixam-nas esfriar por algum tempo. Reunem-se depois muitas mulheres em torno das panellas, mastigam essas raizes, deitam essa especie de bagaço n'outras panellas de barro, juntam agoa conforme a quantidade de bebida desejada, deitam um pouco de farinha de milho, põem-nas ao fogo, deixam ferver, e sempre mechendo até ficar tudo bem fervido. Tiram-nas do fogo, e derramam o liquido nas taes vasilhas, e depois de se lhe tirar a escuma, cobrem-nas, e assim conservam até que se reunam todos para *cauinarem*.

Fabricam tambem uma qualidade de vinho doce, a que chamam *Karacu*.

É tambem preparado com raizes de mandioca, e mastigado como o antecedente. Juntam-lhe farinha de milho e agoa, e deitam-no ao fogo, para ferver em grandes panellas de barro. Quando cosida esta bebida, é como caldo de leite ou de arroz. Lançam dentro milho de varias espigas, que assam, e mastigam, afim de clarifical-a, e tornal-a mais liquida, ficando com tudo com espessura bastante para não poder derramar-se e nem passar atravez dos poros das vazilhas.

Bem sei que muita gente se admirará de tal modo de fazer *Cauin*, e não deixará de chamar porcos estes Indios, preferindo morrer de sêde antes do que usar dessa bebida, cujos ingredientes foram mastigados pelos Indios.

Confesso porem ter dito o mesmo, mas achando-se um dia em *Juniparan* alguns francezes, trouxeram elles ao Sr. de Rasilly e a mim um liquido, dizendo não ser essa bebida e sim outra differente.

Bebeo um pouco o Sr. de Rasilly, e asseverando-me ser muito boa, pedio que a provasse, o que fiz e achei-a optima e saborosa e com um amargo agradavel. Se fosse coada, seria melhor.

Eis como os Indios preparam o *Cauin*, quando querem fazer alguma festa, ou matar algum prisioneiro, como já disse.

Preparam-no as mulheres alguns dias antes 15 ou 20 dessas vasilhas, e guardam-nas no meio de suas habitações.

Reunem-se todos no dia marcado, e na tarde do dia seguinte preparam-se com as melhores pennas de diversas cores, e com seu *Maracá* vão pelas casas cantando, dansando e pullando toda a noite, e sem descanço.

N'este interim deitam um pouco de fogo ao redor dessas vasilhas para aquecer o *cauin*, que bebem apenas está tepido, e assim por diante homens e mulheres. Os velhos estão sentados ou deitados em redes, com seu cachimbo, ou conversando. Uns dançam, saltam e pulam ao som do *maracá*, e as mulheres pondo as mãos no hombro dos seus maridos fasem incrivel matinada.

Nunca admirei-me tanto como quando entrei n'uma dessas casas de *cauins*, e vi essas grandes vasilhas de barro, cercadas de fogo, e cheias desse liquido, que fumegava como se estivesse em panellas bem quentes, e muitos selvagens, homens e mulheres, uns nùs, outros sem cabellos, e alguns enfeitados com pennas de diversas cores, estes deitados fumando e deitando fumaça pela boca e ventas, aquelles dançando e saltando, pulando e gritando, todos com a cabeça enfeitada, e a razão perturbada, e revirando os olhos para cima, como se estivessem vendo algum symbolo ou figura de um infernosinho.

Na verdade deleita-se o diabo, para sua maior confusão, na companhia de Bacho, e busca no meio das danças perder as almas, e por isso não duvido que elle sinta prazer na reunião deste povo desgraçado, sempre seu como selvagens, crueis, e bebados, que somente sente satisfação quando dan-

ça e *cauina*, .as vezes dois e tres dias seguidos, sem descanço e sem dormir, de dia e de noite, até acabar todo o vinho.

Admira que só bebam e comam durante todo esse tempo. e por tanto são excessivos na bebida e sobrios na comida.

Não tem horas certas, como nós, para comer, é quando lhes apraz, comem de dia e de noite, e só quando tem fome e assim mesmo com sobriedade.

O seu sustento diario consiste, em vez de pão, em farinha de raiz de *mandióca* ou de *macacheira,* ou de *macacheira-étè*, que ralam n'uma especie de crivo, feito de madeira, e onde estão encaixadas muitas pedras e ossos de peixes agudissimos. Expremem todas essas raspagens com ambas as mãos em panellas de barro, e fazem d'esses bagaços grandes bollas, que deitam a seccar no sol, e depois esfarellam-nos, cosinham-nos em panella de barro, mechendo sempre até ficar em grumosinhos: quando ficam estes bem cosidos, parece ser miolo de pão; é muito bom, estomacal, nutritivo e de facil digestão.

A esta farinha dão o nome de *Uy*.

Depositado que seja por algum tempo o succo da mandioca na panella de barro, fica mais claro e se faz a bebida chamada *Manipoy,* muito boa. Dos residuos fazem uma especie de bollos, muito bons, a que chamam *Cassaue*.

Fabricam assim a farinha:

Deitam de molho por dois ou tres dias as raizes de mandioca inteiras, depois seccam-nas ao sol até ficarem brancas e tenras, e nesse estado dão-lhes o nome de *Cayman*. Pulverisam-nas depois em seus pilões, cosinham-nas em seguida, e como não são exprimidas, como as outras, conservam ainda algum succo, e ficam muito melhores e excellentes.

Si querem guardar esta farinha como provisão para guerra, cozinham-na muitas vezes, como se faz no fabrico do biscoito; e fica muito boa para viagens do mar.

O instrumento em que pisam essas raizes é apenas o tronco de uma arvore cavada em forma de pilão, a que chamam—*Uguá*. A mão deste pilão é um cacete de 5 a 6 pés de comprimento, e da grossura de uma perna. Tem o nome de *Uguã vá yare*.

Servem-se ordinariamente desta farinha misturada em caldo de carne ou de peixe, e a esta bebida chamam *Migan* (mingau).

Com o succo de outra raiz chamada *Mandioca Caue* fazem outra especie de bebida. Raspam as raizes, deitam dentro d'agua, porem os residuos não servem para alimento dos animaes.

Com o succo misturado com farinha de *milho*, ou com a *cacaue*, e alguns gommos de *Bacury* fazem uma boa bebida, chamada *Manipoy*, de que usam todos os dias ao almoço, e tambem dão aos seus filhos, ainda de peito, como si fosse papa.

Os maranhenses só tem estas bebidas.

As carnes, de que usam ordinariamente, são de *Uira Sapukay*, de *Patos*, de *Carneiros*, de *Jacus*, de *Nambus*, e *Uira-tui*, e de outras qualidades de passaros, ahi em grande abundancia, especialmente dos já notados.

Usam tambem da carne do *Suassonapar*, do *Tayassu*, das *Pacas*, das *Capivaras*, dos *Tatus* e de muitas outras, que se acham no Mundo, tão bons e innocentes como os sapos e lagartos.

Comem tambem *Cureman-açú*, *Paraty*, *Combury-açú*, *Pira-on*, *Pirapen*, *Uiry*, *Uiry-June* e outros muitos e excellentes peixes, e que facilmente pescam.

Usam tambem do *Commanda-miry, Commanda-açú, Girumuns, Batatas* e de todos os fructos ahi em abundancia.

Ordinariamente nada comem que não seja cozido, e especialmente assado. Á cada bocado, que comem, juntam sal e pimenta, tudo moído juntamente, e á este tempero trivial chamam *Iuquere*.

Por bebida usam as excellentes agoas, que por lá existem.

Quando fóra dos *cauins*, o seo maior exercicio é a caça, onde são tão destros, que não perdem a pontaria.

Não dizem como os nossos caçadores—«Vou vêr se apanho uma lebre»— porem como tem certesa de caçar o que desejam dizem—«Vou buscar uma paca, uma capivara, ou uma onça, ou outra qualquer coisa,»— e d'aqui eil-os trazendo o que desejam.

Servem-se dos arcos, das flechas, e dos *Tacuarts* para atirar nos viados, nas corças, nas onças, e nos outros animaes selvagens.

Tem cãesinhos como galgos para apanhar capivaras. Inventam armadilhas e laços, estendem pelos mattos, e assim pilham alguns animaes.

São tambem muito dextros na pesca, exercicio diario a que tambem se entregam com prazer igual ao da caça. Não lhes falta peixe, quando querem e muito bons. Para pilhal-os, tem redes a que chamam *Puyssa*, que elles mesmos fazem.

Usam de anzóes a que chamam *Pinda*, para os peixes pequenos e medios, e de harpões para os peixes-bois e outros maiores.

Ha tambem muitas outras qualidades de pescarias, que fazem ou de pedras junto ás praias, ou de paus e varas

na entrada dos rios, como si fossem redes, onde entram os peixes de diversas especies com o fluxo do mar, e ahi ficam no refluxo sendo assim apanhados em grande quantidade.

Inventaram ainda outro meio de apanhar peixe, e é saltando e mergulhando em cima d'agua como elles fazem, e para isso mettem-se dentro d'agua até a cintura, e fazem inclinar de um lado suas canoasinhas ou cascos e com geito, que os peixes com seus pulos cahem dentro, e as vezes em quantidade.

Tambem costumam amarrar duas canôas por um lado só, e em quanto remam uns, batem outros n'agua, e os peixes assustados pulam e cahem dentro da canoa.

As vezes batem n'agua com os remos, o peixe vem acima do rio ou do mar, e então mergulhando joeiras de peneirar farinha, ou grandes cestos vasios, apanham por esta forma muito peixe.

Costumam tambem á noite andar pelas praias com pindobas ou folhas de palmeira accesas, e attrahindo assim os peixes com tal claridade, apanham-nos facilmente.

É agradavel o vêr-se meninos mergulhados n'agua até a cintura com seus arcos e flechas nas mãos, ferindo e trespassando peixes com tal destresa, que elles assim atravessados, embora todos os exforços, não podem ir para o fundo em razão da flecha, que lhe penetrou no corpo. Nadam então os meninos, ainda que tenham os arcos nas mãos, e vão buscal-os. É este o principal serviço dos meninos, e por longas horas, e assim apanham muito peixe.

Empregam-se os homens e os adolescentes, alem do que já dissemos, em cortar arvores e limpar o matto, todos os dias pela manhã, nas horas do calor, quando é tempo de roçar, especialmente no inverno, para plantar *mandioca*.

Gostam muito de fazer arcos e flechas, e tambem pequenos bancos, muito bonitos a que dão o nome de *Apuycaue*, e lindos paneiros de diversas qualidades, feitos de folhas de palmeira ou de caniço sem nós, os quaes por lá crescem.

As mulheres tem mais occupações do que os homens. Depois de limpo e queimado o matto para roças, cuidam ellas em tudo o mais.

Plantam batatas, ervilhas, favas, diversas raizes, legumes e ervas.

Plantam milho sem a menor difficuldade ou trabalho, pois basta apenas lançar no chão os grãos, e tambem ervilhas deitando-as apenas em buracos feitos com um pau.

Plantam tambem as quatro qualidades de mandioca ja ditas, sem a menor difficuldade, porque sendo mui tenras as hastes destas plantas, ellas apenas as quebram e enterram-nas no solo, sem o menor cultivo, e terão depois grossas raizes. No fim de quatro mezes, ou antes, é preciso colhel-as para fazer farinha, como ja dissemos.

São ellas que fazem o *Cauin*, que vão buscar agua e que cuidam em tudo quanto é necessario ao governo da casa, no que os homens não se occupam de forma alguma.

Fabricam ellas tambem o azeite de manoma, quem colhem o urucú, quem lavam e fabricam sua massa. Colhem e descaroçam, batem e fiam com muita industria o algodão, e com elle fazem redes, umas similhantes á malhas, e outras tambem tecidas e cheias de figuras como si fosse obra dos melhores tecelões, e tambem tangas, onde ao pescoço carregam seos filhos como ja disse.

Fabricam ainda panellas de barro, grandes e pequenas, redondas, ovaes e quadradas, de feitios de vasos, de pratos, de térrinas e etc., todos lisos, especialmente por dentro. Usam de gommas brancas e negras para vidral-as interiormente, fazendo diversas figuras conforme sua imaginação.

São estas as diversas occupações diarias e domesticas das maranhenses, que na verdade não são tão preguiçosas como elles, pois passam o tempo só em distracções.

CAPITULO LI

Do genio e do humor dos maranhenses.

Ensina a philosophia, e mostra-nos a experiencia, que a boa temperatura aproveita muito não só ao corpo como tambem á intelligencia, e emfim a toda a natureza do homem.

Como o ar muda e varia em diversos gráos, assim tambem acontece aos climas do mundo, e por isso notam-se genios e costumes differentes, devidos ao ar, que não é tambem o mesmo em toda a parte.

Por isso vemos os habitantes da Lydia differentes dos da Scitia.

Como o ar septentrional é frio e grosseiro assim tambem os homens são rusticos e tardios.

Sendo o ar meridional quente e subtil, forma tambem os homens delicados e engenhosos.

Eis a razão porque sendo os maranhenses, filhos de um clima tão temperado, são por natureza de bons genios e de alegre humor.

Não pretendo levantal-os acima dos espiritos cultivados e civilisados, e nem comparal-os aos homens polidos, virtuosos e sabios.

Não: fallo apenas do seu genio só e simplesmente, isto é, de entes, que sempre foram pagãos, barbaros e crueis para

com seus inimigos, sempre contrarios a Deos e filhos do diabo, escravos de suas paixões e nunca senhores, ignorantes, de tudo que é saber, sem nunca terem sido ensinados, e nem instruidos em virtude alguma, nem se quer no conhecimento de Deos.

Na verdade sempre pensei achar animaes ferozes, homens totalmente brutos, rusticos e selvagens, como já disse, porem illudi-me em meos calculos.

Nenhum povo, que eu saiba, os excede na perfeição de seus sentidos naturaes, interiores ou exteriores.

Quanto mais vivem e mais moderados, tanto mais apurados são os seus sentidos corporaes, especialmente os exteriores.

Simplesmente pelo olphato, tão vivo, conhecem, como si fossem cães, salva a humanidade, as pegadas de seus inimigos, e distinguem duas pessoas de diversas nações.

Durante a nossa viagem de regresso a França, distinguiam os seis Indios que vinham comnosco, qualquer navio no horisonte mais depressa do que os marinheiros. Tanta é a agudesa de sua vista!

Quando os marinheiros mais experimentados, julgavam ter descoberto terra, gritando lá do cesto da gavea *terra! terra! terra!* os nossos indios apenas no tombadilho, ou na tolda, ou na varanda do navio reconheciam só com a vista não ser terra, e sim qualquer illusão no horisonte, ou algumas nuvens obscuras e zombando dos marujos, diziam—*Caraybes Osapukay Teigué, terra, terra, Euae con Assupigne!*

Tradusidas estas palavras querem dizer—*Gritaram os Francezes terra, terra, e comtudo não é terra, e sim o ceo negro.*

Foram elles os primeiros, que descubriram a terra muito tempo antes de nós, embora houvessem marinheiros de muito bôa vista.

Assim tem elles mui bem desenvolvidos os sentidos do gosto e do tacto.

Quem quer que seja, embora douto, que passar longos annos em continua preguiça, como vagabundo e inutil, ou gastando a vida em deboches, afinal não sentirá embotado o seo espirito, e elle proprio rude, tardio, estupido, e bruto?

Ingenium longa rubigine læsum.

Torpet et est multo quam fuit ante minus.

Embora sejam os maranhenses constantemente preguiçosos, sem aprenderem coisa alguma, tem o melhor espirito e juiso, que é possivel imaginar-se.

São em tudo muito discretos, entendem tudo quanto lhes quizerdes dizer, percebem o que se lhes ensina, desejam saber e aprender, e tem muita habilidade para imitar o que vêem.

Sem interrupção, antes com toda a attenção ouvem o que lhe quizerdes dizer por muito tempo.

Nunca interrompem a quem está fallando, e nem tomam a palavra de outro, que a tem.

Ouvem-se com reciproca attenção, sem confusão, e nem fallando todos á um tempo.

Gostam muito de fazer discursos, e os fazem por duas ou tres horas e as vezes mais, sem perturbação ou confusão, e tirando conclusões dos principios estabelecidos.

São razoaveis, e por isso deixam-se guiar pela rasão e não sem conhecimento da causa.

Reflectem no que vos dizem, e assim querem tambem ser convencidos por vós em qualquer controversia.

Muitos pensam que elles são teimosos, e outros inconstantes e levianos.

São na verdade muito inconstantes, si incontancia é obedecer á rasão.

São tão doceis que só pela rasão d'elles fareis o que quizerdes.

Obedecem e fazem o que fôr de vossa vontade.

Praticam tudo isto não por volubilidade, e sim guiados pela rasão e não por obstinação.

Si sustentam com firmeza suas ideias, é por convicção e constancia, e si seos pensamentos não são rasoaveis, elles darão os motivos, devidos uns á falta de não se comprehenderem reciprocámente, e outros á pouca fé, que elles depositam em quem não os conhecem.

Quantos christãos não vemos nós, que apezar de todas as prédicas e sermões, não deixam seos costumes velhos, e suas antigas tradicções, diabolicas e más, em prejuiso de suas almas?

É teima sem duvida.

Para provar, que os maranhenses não são nem crédulos e nem teimosos, basta dizer, que, apezar de ser costume velho entre elles furar os beiços, arrancar as barbas, pintar o corpo e fazer outras coisas identicas, obedeceram as justas reflexões, que lhes fizemos á tal respeito, e sem grande esforço.

Embora estes costumes não impedissem, que fossem baptisados, nem n'isso tratamos, e pelo contrario demos-lhe ampla liberdade para fazer o que quizessem.

Acrescentamos ainda,—podeis furar as faces e as ventas como fazeis aos labios, e com isso não nos molestaes, e si desejaes pintar o corpo mandaremos vir de França muito boas tintas, como aqui não tendes. Si quizerdes porem ouvir nosso conselho, fazei como nós.

Para que furaes o beiço? Si fosse necessario, Deos, vosso Creador, não teria furado tão bem como fez a vossa bocca,

ouvidos, narinas, e outras partes, que tendes furadas em beneficio e necessidade da natureza?

Si Deos não quizesse, que tivesseis cabellos na barba, porque permitte, que ella cresça como a nossa? Não teria elle impedido, que ahi nascesse como acontece em outros lugares?

Si Elle vos quizesse com o corpo pintado, como costumaes fazer, Elle não vos teria pintado? Si não o fez, não está claro que é por que não quiz? E porque fazeis tudo isto?

Assim fallando-se á elles tão doce e amigavelmente, consegue-se com facilidade, que se convençam do que se lhes diz.

Attrahidos com docilidade, e convencidos pela razão, reconhecem immediatamente a verdade, e tiram em sua lingua esta conclusão—*Aié catu, Tupan remimognan iémognan motar ypotar eum mé noroyco chuéne sesè.* «Tu dizes a verdade, Déos o faria si fosse necessario, e já que elle não quer, não o faremos.»

De facto muitos agora deixam crescer a barba, e nem querem ouvir fallar em furar os beiços de seos filhos, e pintar seo corpo.

Um velho chamado *Acaiuy*, de quem fallarei para diante, vendo que seo filho não tinha ainda o beiço furado, nos afiançou que em tal não consentiria, já porque este costume, alem de não ter apparencia alguma de razão, não era approvado por nós.

Mostrou-me outro seo filho, que acabava de nascer, e disse-me, que como desejava vel-o baptisado, o levaria para fim tão solemne á nossa Capella de São Francisco.

Pegando neste menino, e admirando-me de o vêr tão alvo, como nunca vi menino algum, disse-me que todos eram assim brancos, mas que mudavam de côr á custa das

tintas, e dos oleos, que empregavam, e como não achavamos isso bonito, não o fariam mais.

Si fosse tal gente tão inconstante e levianna, não seriam perseverantes no bem, que se lhe ensina, e na promessa feita, e não seria necessaria tão pouca coisa para fazer abandonar tradicções antigas.

Si fossem teimosos, não deixariam de todo costumes e habitos quase naturaes, e sendo-lhes indifferentes furar ou não as orelhas, plena liberdade lhes concedemos.

Assim, tão facilmente, tambem deixaram suas impiedades, e diabolicas maldades, e se converteram á fé de Deos.

Quero que sejam teimosos e obstinados, será isto um desgosto? Que beneficio, e que virtude poderá haver n'um povo tão sem fé e endiabrado, quaes estes Canibaes Antropophagos, tão arruinados pelo diabo?

Nunca pensei encontrar nelles beneficio ou civilisação alguma.

Como porem cada selvagem tem uma alma a salvar-se, julguei-os tão dignos de compaixão quão grande são as suas imperfeições.

Na verdade é um povo, que não pode ser tratado com rigor, e sim com doçura e pela razão.

Tem habilidade para fazer tudo quanto precisam para a caça, pesca e guerra.

Enfeitam e embellesam de mil modos seos arcos, flechas, e ornatos de pennas, e fazem todos os seus instrumentos do uso diario.

Poucos entre elles desconhecem a maior parte dos Astros e das estrellas do seu hemispherio, e dão a cada uma d'ellas o nome que lhe fora dado pelos seus antepassados.

Chamam ao Ceo *Euuac*, ao Sol *Koarassuh,* á Lua *Yasseuh*, e as Estrellas *Yasseuh-tata.*

Entre as estrellas, que mais conhecem, ha uma chamada *Symbiare raieuboare* «queixada», por ser esta constellação muito parecida com o queixo de um cavallo ou de uma vacca; é annunciadora de chuva.

Notam ainda as seguintes:

Urubu.—Dizem elles, que tem a forma de um coração, e apparece no tempo de chuva.

Seychuiura. Constellação de 9 estrellas, em forma de grelha. Annuncia chuva.

Seichu. É a *Pleiades,* por elles muito conhecida. Somente apparece ahi no meiado de janeiro, e apenas a vêem elles esperam chuva, o que se realisa em pouco tempo.

Tingassu. A mensageira ou a annunciadora da dita *Pleiades,* pois apparece 15 dias antes d'ella.

Suanran. Apparece 15 dias antes das chuvas. É uma estrella muito volumosa, clara e brilhante.

Uégnonmoin. «Carangueijo». É o signo de Cancer. É formada por muitas estrellas, e tem tal figura. Apparece no fim das chuvas.

Iauare. «Cão.» É muito vermelha, acompanha muito de perto a lua, de forma que quando ella se recolhe, dizem elles, que esta estrella corre atraz como um cão, que deseja devoral-a.

Quando não se vê a lua por muito tempo, no inverno, na primeira occasião que apparece, quase sempre no fim das chuvas, é muito vermelha como sangue, e então dizem os Indios que essa estrella persegue a lua para devoral-a.

Nesta occasião todos os homens pegam em seus cacetes, e voltando-se para o lado d'onde tem de vir a lua batem com elles no chão, e dizem em altas vozes e repetidas vezes estas palavras:—*Eycobé chera moin goé, goé, goé; Eycobé chera moin goé, hau, hau, hau,*—«meu Pae grande estejas sempre bom, estejas sempre bom, meu Pae grande,

hau.» Choram as mulheres e os meninos, levantam aos Ceos grandes gritos e gemidos, deitam-se e rolam-se pelo chão, batendo com a cabeça e as mãos.

Desejando saber a razão desta loucura, e diabolica superstição, indaguei delles, e soube que se julgavam proximos da morte, quando a lua assim apparece vermelha como sangue, que os homens alegram-se por haver chegado o momento de irem ter com o seu Pae grande, a quem saúdam e desejam muito boa saude e por muito tempo, por meio destas palavras *Eycobé cheramoin goé, goé, goé: eycobé cheramoin goé, goé, goé, hau, hau, hau,* «meu Pae grande estejas sempre bom. estejas sempre bom, meu Pae grande, hau.» As mulheres choram e lamentam-se com receio da morte e ficam até desesperadas.

Ainda conhecem estas estrellas:

Yasseuhtata Uassu. «Estrella grande.» É a da manhã.

Pirapanem. Estrella da tarde, por elles chamada—piloto da Lua—por vir adiante d'ella.

Yapuy kun. «Estrella assentada em seu lugar.» Levanta-se antes do Sol.

Quando principiam as chuvas, desapparece esta estrella.

Cruseiro. Constellação de 4 estrellas, muito brilhantes, em forma de bonita Cruz. Dão-lhes o nome de *Crussa,* «Cruz.»

Yanday. Estrella que se levanta depois do sol posto. Como é muito vermelha dão-lhe esse nome, derivado de um passaro assim chamado.

Yassatin. Constellação de 7 estrellas, similhante á um passaro com esse nome.

Cay. Formada de muitas estrellas, e do feitio de um macaco.

Potin. «Carangueijo.» É composta por muitas estrellas, e com tal configuração.

Tuyavaé. «Homem.» Concorrem muitas estrellas para formal-a com a configuração de um homem velho, pegando n'um cacete.

Conomy Manipoére Uaré. «Rapazinho que bebe Manipoy.» È muito redonda, volumosa e luzente.

Yandutin. «Abstruz branco.» É formada por muitas estrellas grandes e luzentes, e com um bico, e por isso fingem os maranhenses crer, que ella quer comer as outras estrellas, que lhe estão juntas, as quaes dão o nome de *Uyra apia* «dois ovos.»

Eyre apua. «Mel redondo» É grande e redonda, brilhante e bonita.

Pannacon. «Paneiro comprido.» Constellação com tal forma.

Yasseuh-tata uè. Estrella muito brilhante. Fizeram um cantico em louvor de sua belleza e giro.

Tapity. «Beiço.» È formada por muitas estrellas á similhança de um beiço, e por outras em forma de orelhas compridas.

Tucon. Muito parecida com o fructo do *Tucan-vue,* especie de palmeira.

Tata endeuh. «Fogo ardente.» Assim chamada por ser muito brilhante.

Gnaépuéou. «Frigideira redonda.» Tem tal nome por sua similhança.

Ainda tem a *Carana-vue* e muitas outras, que deixo de mencionar para evitar prolixidade. Conhecem-nas, e distinguem-nas todas, e mostram os diversos Orientes e Occidentes, em que apparecem e se escondem no seu horisonte.

Não conhecem a Epacta, ou as idades da Lua, porem sabem, por longa pratica, a epocha do seu crescente e mingoante, do plenilunio, da lua nova e de muitas outras coisas a ella relativas.

Dão ao eclipse da Lua o nome de *Yaseuh puyton* «noite da lua». Attribuem á lua o fluxo e o refluxo do mar, e distinguem muito bem as duas marés grandes, que aparecem poucos dias depois do pleni e novilunio.

Marcam ainda, e muito bem o giro do Sol e o seu caminho entre os dois tropicos como limites, que não devem ultrapassar. Dizem, que traz ventos e brisas quando vem do nosso polo Arctico, e chuvas quando volta-se do outro lado, em sua ascenção para nós.

Contam muito bem os seos annos por dose mezes pelo giro do Sol indo e vindo de um Tropico a outro.

Tambem conhecem esses mezes pela estação das chuvas, das brisas e dos ventos, e da epocha dos cajús.

A estrella *Seychu*, apparece alguns dias antes da chuva, e desapparece no fim dellas, para só reapparecer no mesmo tempo, e em igual epocha, e assim reconhecem os Indios perfeitamente o intersticio, ou o tempo de um anno completo.

Conhecem muitos corpos elementares, fructos, raizes, gommas, oleos, pedras, mineraes com propriedades muito bonitas e raras, e tambem muitos remedios, que empregam em suas doenças.

Recordam-se os velhos de factos passados ha 600, 700, 800 e mais annos, e minuciosamente nos contáram as empresas, os estratagemas, e outras particularidades do passado, quer para animar aos seos á fazer a guerra contra seos inimigos, quer para entreter seos amigos.

Tem quasi todos memoria feliz, e quanto mais cultivados são, mais ambição tem de grandezas.

São mui corajosos especialmente para exterminar seos inimigos, levando-os a crueldade e a raiva até a comel-os.

Felizmente não são richosos e nem barulhentos com os seus similhantes, com seus amigos; pelo contrario são mo-

derados, pacatos e doceis, e só vingativos quando offendidos.

Não tem inveja de outra aldeia valente, brava e corajosa, porem cheios de emulação buscam imital-a ou excedel-a.

Não tem inveja de qualquer beneficio ou dadiva feita aos seus companheiros, porem querem que se lhes faça o mesmo, e no caso contrario são extraordinariamente invejosos.

Seja como fôr, são espiritos domesticados da região do Sol, muito bem organisados, com bom genio, e bonito humor, porem se acham tão longe do Sol da Justiça, que é o nosso Salvador, quanto até hoje tem sido infelizes, miseraveis, barbaros, selvagens, e pagãos, como melhor se verá no capitulo seguinte, onde tratarei das suas crenças e religião.

CAPITULO LII

Da crença dos Indios Tupinambás.

Embora sejam os Indios *Tupinambás* de bôa natureza, não ha comtudo no mundo povo algum mais rebelde do que elles ao serviço de Deos.

Qual é o povo, embora muito selvagem, que não tenha, senão a verdadeira religião, ao menos por sombra d'ella alguma superstição?

Os Egypcios, apezar de cegos no meio do paganismo, não adoram fervorosamente seos idolos? Não tem elles os seos sabios, e seos sacerdotes, guardas e interpretes de suas cartas hierogliphicas?

Os Chaldeos, embora mergulhados na infidelidade, não idolatram suas loucas invenções e especialmente o seo fogo?

Os Persas, os Gregos, e os Romanos não tinham tambem seos falsos deoses, como os Gaulezes e outros povos?

Cuido, que só os *Tupinambás* não tem especie alguma de religião, pois não adoram um Deos, celeste ou terrestre, nem o oiro e a prata, nem madeira e pedras preciosas ou outra qualquer coisa.

Até agora não tinham religião e nem sacrificio, e portanto nem sacerdotes, ministros, altar, templo ou Igreja.

Nunca souberam o que foi promessa, supplica, officio, ou oração publica ou particular.

Contam bem as luas, porem não destinguem as semanas, os dias de festa, e nem os domingos.

Para elles são iguaes todos os dias e tão solemnes uns como outros, emfim não tem culto algum interno ou externo.

Parece com tudo haver entre elles algum conhecimento do verdadeiro Deos, como se percebe do discurso de *Japyaçú*, já referido no cap. 11, onde o leitor, si quizer, encontrará algumas particularidades das crenças destes Indios.

Chamam em sua linguagem a Deos—*Tupan*.

Quando apparece trovoada, dizem ser mandada por Deos, e por isto chamam ao trovão *Tupan remimognan* «foi Deos quem fez isto.»

Reconhecem o triste estado de sua vida desgraçada, e attribuem-no ao seo Pae-grande por ter escolhido a espada de madeira e despresado a de ferro, como já contamos, e como fôra esta recebida pelo nosso Pae-grande, d'ahi proveio a nossa felicidade, constituindo-nos herdeiros da verdadeira crença de Deos, das artes, das sciencias, de todas as industrias, e de outros bens, que temos, chegando de moços, que eramos, a velhos, como tanto elles desejavam.

Crêem, que suas almas, que julgam immortaes, quando se separam do corpo, vão para alem das montanhas, onde está o Pae-grande, n'um lugar chamado *Uaiupia*, que habitam eternamente, si no mundo fizeram beneficios, como lugar de repouso, dançando, saltando, e brincando constantemente.

A vida, que consideram bôa, não é por virtude e nem por beneficio, e sim por actos de barbaridade e de crueldade.

Quanto maior é o numero de inimigos, que tem matado e comido, mais felizes se julgam.

Consideram passar bôa vida quando são fortes, valentes e habituados a matar seos inimigos, e chamam covardes e afiminados os que não tem animo para isso: neste ultimo caso vão residir com *Jeropary*, afim de serem por elle perseguidos.

Crêem na existencia de espiritos malignos, a que chamamos Diabos, e elles *Jeropary*, e temem-nos muito.

Fallando d'elles dizem—*ypochu Jeropary* «*Jeropary* é mau, e nada vale.»

Contavam-nos, que este espirito infernal, mostrando-se visivelmente, lhes apparecia, atormentando-os e affligindo-os cruelmente, porem nunca o vimos.

Perguntamos aos principaes e aos velhos mais sabedores do que se tem passado entre elles, ainda que no Tropico de Capricornio, si eram atormentados e affligidos por *Jeropary*, ou se tinham noticia de ter apparecido a algum de seos similhantes, e elles nos responderam negativamente, e até affirmaram tal facto não se dar, embora temessem muito *Jeropary* por ser mau, apezar de nada valer.

Depois da destruição dos Indios pelos *Peros*, muitos d'elles foram maltratados pelo diabo, que lhes appareceu em figura de um dos seus antepassados, fallando de suas miserias, e dos meios de se livrarem d'ellas, como elle fez depois de as soffrer tambem, pois quando lhe pareceu, transformou-se em espirito, e que si quisessem crel-o e seguil-o, lhes aconteceria o mesmo indo todos para o Paraiso Terreste, onde moram os *Caraibas* ou Prophetas.

Dando credito ás sugestões do diabo, sob forma humana, seguio-o immediatamente este povo em numero superior a sessenta mil.

Como o diabo só desejava a perda deste povo, quando passava o primeiro rio morreo afogada grande parte delle, e o resto foi morto pelos seos inimigos, escapando apenas

poucos, que se refugiaram nos desertos dançando sempre em honra de *Jeropary*.

Por ahi semeiavam muito, e nada colhiam, e depois de muito tempo assim perdido, sem saberem ao menos onde estavam, acharam-se afinal nas proximidades do rio *Tury*, em distancia maior de 600 leguas de Pernambuco, d'onde haviam partido.

Desde a primeira viagem que o Sr. de la Ravardiere fez à aquelle paiz, foi descobrir esses Indios e trouxe-os para Maranhão, onde contam hoje esta historia, como mui veridiça, e como verdadeiro testemunho de terem sido maltratados pelo diabo, realisando-se afinal a promessa de *Jeropary*, pois vieram para um logar onde estavam Caraibas e Padres por vontade de Deos para salval-os.

Não ha duvida alguma no poder do Diabo, e nas suas crueldades e tyrannias para com estes povos, tão barbaros, como crueis e deshumanos, e por isso com razão se lastimam, e lhe dão o nome de mau, mormente sabendo como maltratou seus curandeiros.

Estes curandeiros, convem saber, são embusteiros de que se serve o Diabo para ter os Indios sempre supersticiosos. São muito estimados pelos barbaros, que n'elles muito creem. Dão-lhes o nome de Pagé «Curandeiro ou Feiticeiro.»

Predizem a fertilidade e a seccura da terra, e promettem muitas chuvas e todos os bens, e fizeram persuadir ao povo que quando sopram n'um logar doente, desapparece a dor, e por isso quando adoecem os Indios são elles procùrados, e conhecendo o lugar do soffrimento principiam os taes *Pagés* a soprar, e pondo a bocca no logar fingem chupar o mal. e depois escarram-no, e fica bom o doente.

Ás vezes escondem na mão alguns ossos, pedras e pedaços de pau ou de ferro, e depois de haverem chupado o lu-

gar, mostram estas coisas, e persuadem ao doente havel-as tirado d'ahi.

Assim se curam por imaginação, superstição ou arte diabolica.

Tudo quanto dizem ou mandam esses Pagés é logo cumprido pelo povo, e até pelos mais velhos, como tivemos muita occasião de vêr.

Quando estivemos em *Juniparan*, morreu um menino, filho do Principal de *Timbohu*. Ordenou o Pagé que se lavassem os moradores de todas as aldeias por onde passou o cadaver do menino, si quizessem evitar uma molestia cruel, que os ameaçava. Todos obedeceram a esta ordem, e todas as manhãs lavavam-se em agua fria.

O proprio *Japy-açú*, o mais notavel de toda a Ilha, era o primeiro á lavar-se, e perguntando-lhe a razão, referio-me o que ja disse, o que excitou o riso a todos os instruidos no Christianismo.

Tem tambem a superstição de fincar na entrada de suas aldeias um madeiro muito alto, com outro atravessado na sua extremidade superior, onde penduram muitos cofinhos pequenos, feitos de folhas de pindoba do tamanho de duas mãos, e nelles pintam de negro ou de vermelho a figura de um homem nù. Se lhes perguntardes a razão disto, dirão que o fazem por conselhos de seus Pagés para livrarem-se dos maus ares.

Quando o Sr. de Vaux esteve em *Ibuyapap*, ahi havia um *Pagé*, que fazia fallar uma arvore (apparentemente) por um buraco, e tão bem a ponto de todos a entenderem.

Fingiam outros tirar muitas agulhas do meio das coxas de certos individuos, só por distracção.

Bem póde acontecer, que entre tantos *Pagés*, que por lá existam se encontrem alguns magicos, como succedia nos

tempos passados; mas actualmente não ha um só, pelo menos não conhecemos algum em quanto lá estivemos.

A maior parte ou quase todos são velhos, principaes das aldeias, que se incumbem de soprar sobre os doentes, não com imprecação ou sortilegios (si é que alguns usam de taes meios) e sim com subtilesa e charlatanismo para que sejam estimados pelos seos, e adquirirem fama de bons *Pagés*, ou curandeiros, que sanam todas as enfermidades.

O póvo porem aprecia estes *Pagés*, e tratam-nos bem em toda e qualquer parte, que chegam. São honrosamente mencionados em seus canticos, e bem acolhidos nas danças e *cauinagens*, e em todas as ceremonias, de que podem partilhar.

Creem estes infelizes selvagens, que tudo-lhes pode acontecer á vontade destes *Pagés*, de quem são muito amigos.

Julgam-se desgraçados, si cahindo n'alguma desgraça ou infelicidade, são ameaçados pelos *Pagés*, e a elles attribuem d'ahi em diante todas as suas infelicidades.

Não valem nada estes *Pagés*, mormente depois que lá chegamos, e que ahi esteve um rapaz da nossa companhia, que fazia ligeirezas de mão e pelloticas.

Incumbio-o o Sr. de Rasilly de, com seus servos, levar sua bagagem durante a nossa visita pela Ilha do Maranhão, como já dissemos.

Logo que os Maranhenses viram algumas subtilezas d'elle, principiaram a admiral-o, e deram-lhe o nome de *Pagé-açú*. «Feiticeiro grande.»

Fazia-lhes depois conhecer o Sr. de Rasilly, que todos os seus actos eram devidos a sua subtileza e finura, e d'aqui seguia mostrando-lhes a sua tolice de se deixarem enganar pelos Pagés, que não passavam de pellotiqueiros e embusteiros.

Resultou disto muitos bens, porque muitos abandonaram esses prejuisos, e até as crianças zombavam das astucias dos Pagés, e entre outras citarei apenas o menino *João Cajú*, de quem ja tenho fallado por vezes, que pegando em osso-sinhos e outras coisas iguaes, perguntava ao Sr. de Rasilly: *Bururuichaue de akan omano?* «Senhor, doe-vos a cabeça?» Depois fingindo soprar e esfregar, mostrava-lhe o que tinha na mão, dizendo ser a causa de sua molestia, fazendo assim rir a companhia, causando admiração aos velhos, e desmoralisando os *Pagés*, d'ahi em diante considerados mentirosos e embusteiros.

CAPITULO LIII

Das leis e da Policia dos Indios Tupinambás.

Antes de vir a fé, na linguagem dos Apostolos, viviamos sob o dominio da Lei ainda guardada á espera da Fé, que nos devia ser revelada.

A miseria porem dos pobres indios *Tupinambás* foi tão grande, que não tendo elles nem fé, e nem religião, não tinham lei e nem policia excepto alguma parcella da Lei da naturesa.

Disse *Justiniano*, que *Juris præcepta sust hæc: honeste vivere, alterum non lædere, suum cuique tribuere.*

Na verdade, são rigorosos em respeitar o alheio, e se apparece alguma injustiça, exigem a reparação conforme as leis de Talião.

Si um sujeito dá n'outro uma bofetada é obrigado a levar outra: si lhe quebra um braço ou outro qualquer membro, ha-de sujeitar-se a igual destruição ou mutilação e finalmente si mata, deve morrer.

Seria boa lei, se tivesse algumas modificações, com tudo o direito natural é immutavel.

Si alguma mulher commette o crime de adulterio, ou morre ou é vendida como escrava. Não praticam seos actos

de justiça com formalidade e authoridade publica, e sim de facto e mui em particular.

Tem um Chefe ou Principal em cada aldeia.

Ordinariamente occupa o lugar de Chefe o capitão mais valente, ou o velho mais experimentado, que mais proesas fez na guerra, destruindo e matando muitos inimigos, que tem maior numero de mulheres, e de escravos adqueridos por seo valor, e familia grande.

Occupam este lugar de Chefe ou de Principal, não por eleição publica, e sim somente pela fama adquerida, e confiança n'elle depositada.

Serve o Chefe somente para oriental-os com seo parecer, principalmente nas assembléas geraes, que fazem todas as noites no meio de suas habitações.

Depois de accenderem bom fogo, que lhes serve de candeia e para accender seo cachimbo, armam ahi suas redes de algodão, e deitados cada um com seo cachimbo na mão principiam a orar contando o que se passou n'aquelle dia, e lembrando do que deviam fazer no seguinte á favor da paz ou da guerra, ou para receber seos amigos, ou ir ao encontro de seos inimigos, ou para outro qualquer negocio urgente, conforme as ordens de seo chefe, observadas á risca.

Quando morre algum d'elles, reunem-se, choram, como já dissemos, e entoam-lhe louvores. Vestem-nos depois com todos os seos vestidos e ornatos, fazem uma cova de 4 a 5 pés de profundidade, curvam o corpo de fórma que os pés toquem na cabeça, e assim deitam-no na cova.

No meio de altos gritos e lamentações cobrem-no de terra, e ahi o deixam.

CAPITULO LIV

Do nosso embarque em Maranhão, e da nossa chegada á França.

Deos, que nunca abandona quem procura servil-o e fazer alguma coisa em augmento de sua gloria, favoreceo-nos em nossa empresa.

Vendo nós tão grande seara, e tão poucos trabalhadores, deliberamos todos, unanimemente, que regressasse á França o Sr. de Rasilly, como se vae ver no capitulo seguinte.

Como o temporal não é senão accessorio do espiritual, foi ordenado (com bem pesar meu) que eu o acompanharia para dizer á S. M. tudo quanto se havia feito, e aos nossos padres o bem que se nos offerecia ahi a favor da igreja para que decidissem como lhes aprouvessem.

Antes de embarcarmos reconhecendo o Sr. de la Ravardiere o inconveniente, que havia de muitos Chefes, combinou com o Sr. de Rasily de investil-o de todo o seu poder, e para isso passou-lhe o seguinte documento authentico.

Consentimento do Sr. de la Ravardiere de regressar á França, deixando nas Indias por unico Commandante o Sr. de Rasilly.

Eu abaixo assignado, Loco-tenente-general do Rei nas suas terras do Brazil, tenho reconhecido por experiencia e pratica o bom e prudente procedimento do Sr. de Rasilly, meu com-

panheiro, em todos os negocios quer relativos aos Francezes quer aos habitantes deste paiz, alem da sua coragem e constancia, para sustentar esta Colonia, e da sua fidelidade nunca desmentida para commigo, e tambem tenho certeza dos bons desejos dos ditos naturaes desta terra, que só querem ser governados por um unico Chefe.

Reconheço por outro lado. que a diversidade dos chefes traz confusão ao Estado, não só pelos Francezes, voluveis por genio, mas tambem pelos Indios, que podem dividir seus affectos por dois ou tres Chefes.

Por todas estas justas e importantes considerações tenho resolvido remover todos os obstaculos afim de florescer esta Colonia em paz e tranquilidade, por minha livre e expontanea vontade resolvi regressar á França, depois que voltar da viagem, que vae fazer o Sr. de Rasilly, meu companheiro, afim de receber o que me tocar, conforme o contracto lavrado nas notas de Pacqué, escrivão de Paris, aos 6 de outubro de 1610, e promessa solemnemente feita por palavras e por escripto, de me ser garantida á mim e aos meus legitimos successores.

Como está dito nesse contracto, que o terceiro sempre se sugeitará ao parecer de dois, quando combinarem no mesmo pensamento, sou de opinião, que o dito Sr. de Rasilly, pelas razões ja mencionadas, seja o unico Chefe, que deve ficar nas Indias, governando tanto a Colonia como a seos habitantes.

É esta a minha vontade e resolução, depois de haver me aconselhado com a Igreja e os Principaes da Companhia, que approvando tudo, instaram com o Sr. de Rasilly para aceitar esse cargo, no que concordou á vista da nossa confiança n'elle depositada, e das ponderosas razões em beneficio do Christianismo, do serviço do Rei, e da causa publica, promettendo-nos nunca abandonar esta Colonia, e conservar o

que pertence a mim e aos meus, conforme o meu direito, de que me passou uma declaração por escripto nesse mesmo dia, em presença dos abaixo assignados, a qual tambem tem a minha firma, como prova de meu assentimento.

Forte de S. Luis 30 de novembro de 1612.

Daniel de la Touche, Sr. de la Ravardiere.—Luiz de Pezieux—Cavalleiro de Rasilly—Claudio de Rasilly—Charon —David Migan—Abrahão.

Depois de lido pelo Sr. de Rasilly tudo quanto deixamos escripto pelo Sr. de la Ravardiere em exercicio continuo de seu cargo, attendendo ás importantes considerações ahi allegadas, e ás ardentes supplicas de todos, para que, com satisfação do Rei, elle acceite o governo, e nunca abandone esta Colonia, resolveo-se a isso cumprindo seo dever como homem de bem, como um fidalgo honrado deve proceder para com a Igreja Catholica, Apostolica Romana.

Protestaram os Francezes, agora e sempre, e os Indios não pouparem cuidados, nem bens, e nem a vida, quando fôr necessario, conforme a concordata feita em presença de todos.

Quando estavamos promptos a partir, deliberaram os principaes da Ilha do Maranhão mandar comnosco seis dos seus similhantes para prestar homenagem e offerecer seus serviços ao Christianissimo Rei de França, em nome de sua nação, como seus verdadeiros subditos, moradores na Nova França Equinoccial.

Despedimos-nos dos Francezes e dos Indios, especialmente dos Principaes do Maranhão, recebi a benção dos nossos Padres, embarcamos-nos muito compungidos, e banhamos-nos de lagrymas quando dissemos adeos para tal separação.

Partimos á meia noite de 1° de dezembro.

O Rv.° P.e Arsenio com o Sr. de la Ravardiere vieram n'um barco até a Ilha de Sant'Anna, onde chegamos a 4 do dito mez.

No dia 6, festa de S. Nicolau, celebramos missa, e resolvemos partir no dia seguinte, o que realisamos no navio *Regente*, e demandamos o Cabo das arvores seccas; ahi ancoramos para passar o dia da festa da Immaculada Conceição da Gloriosa Virgem, que fôi sabbado 8 do então corrente mez.

No domingo pela manhã despediram-se de nós o Rvd.º Padre Arsenio e o Sr. de la Ravardiere, e com os olhos arrasados de lagrymas, regressaram á Ilha.

Como ultima despedida aos que ficaram na Ilha grande do Maranhão demos um tiro de peça, e procuramos a altura das Ilhas do Perú em procura de ventos favoraveis.

Favoreceo-nos Deos com bom vento e constante, e por isso em poucos dias atravessamos a linha.

Continuou esse vento até atravessarmos as Ilhas Bermudas e Açores: ahi porem apanhou-nos grande e furiosa tempestade, que nos quebrou o mastro da mesena, obrigando-nos a andar sem governo por tres dias sobre elemento tão revoltoso, com mastros e cordas somente á mercê do tempo.

Livrou-nos Deos de tão grande tempestade, e com bom vento nos levou até Inglaterra, onde encontrando máo tempo e ventos contrarios, vimos-nos obrigados a orçar e procurar abrigo no porto de Falmouth.

O espirito maligno, que no mar para nós criou tantos tormentos, em terra não se esqueceo de fazer o mesmo.

Em vez de socego e descanço deo-nos incommodos por suas artes e astucias, de forma que fomos obrigados a demorarmos-nos por espaço de seis semanas em Falmouth e Dartmouth, no meio de muitas angustias e tribulações, podendo em tal situação dizer como o Apostolo—*Supra modum gravati et supra virtutem, ita ut tæderet etiam nos vivere*.

CAPITULO LV

Da nossa chegada ao Havre de Graça.

Quando sahimos d'Inglaterra foi-nos favoravel o vento; porem não era correspondente aos nossos desejos, pois ardentemente desejavamos mostrar aos Francezes o fructo de nossa missão, e os primeiros rebentões da nossa nova Colonia, que traziamos para França afim de receberem ahi melhor a Religião e os costumes francezes.

Os nossos canhões noticiaram á cidade do Havre a nossa chegada no sabbado 16 de Março.

Saudamos assim a cidade em obediencia aos bons costumes dos portos do mar, instituidos para evitar surprezas dos estrangeiros.

Cantamos *Te-Deum Laudamus* em acção de graças á Aquelle, que por sua infinita misericordia nos livrou do vento, e nos deo forças para soffrer as suas inconstancias.

Causou muita admiração ahi a nossa chegada, e vimos-nos obrigados a satisfazer a curiosidade dos grandes e dos pequenos.

Embora muito tarde o Revd. Padre Theophilo de Peronne, Guardião do nosso Convento nessa cidade, mandou ter comnosco dois de nossos confrades, e si não fossem alguns ser-

viços que tinhamos entre mãos, e a pequenez do barco iriamos nessa mesma noite para o Convento.

Quiz Deos que ainda soffressemos os ultimos restos dessa tempestade, soprada pela raiva que o diabo tinha de nós.

Apenas se despediram de nós estes Religiosos, abriram-se as portas do Sul, do Su-sueste e do Sud-oeste, e deixaram correr os seos ventos, revolvendo de tal sorte as ondas do mar, que parecia ter Deos reservado o nosso naufragio para ser presenciado por nossos amigos.

Mal preparados estavamos para aguentar tal tempestade, nossas cordas, umas partidas outras gastas, não podiam conter a ancora, e perdida uma por se ter quebrado a amarra, e na força maior da tempestade reunimos-nos e tomamos a resolução de arribar á Honfleur para salvar-nos.

É este um dos expedientes empregados pelos homens do mar contra um elemento, que não pode ter uso de razão.

Não se evitaria de um lado o perigo eminente para ir naufragar n'outro?

Concordamos por ultimo, como unico remedio, dar segundo tiro, differente do primeiro, como um aviso á cidade. O primeiro foi signal de regosijo, e este de desespero.

Estavamos convencidos, que afinal nós morreriamos sem soccorros, e elles nos veriam morrer sem poder ajudar-nos, pois era impossivel a elles vir ter comnosco, e nós irmos ter com elles, tão furioso estava o mar!

Sem esperança de auxilio humano, resolveram-se os nossos pilotos á cortar os mastros ao nosso Navio, e deixal-o encalhar para ao menos salvarem-se as pessoas.

Houve alguma demora na execução deste plano, pouco seguro para salvar o que se desejava, de naufragio tão aterrador.

Em tal afflicção ajoelhamos-nos, levantamos os olhos para o Céo, imploramos o auxilio dessa bella estrella do mar, a Gloriosa Virgem Maria, luz no meio das angustias deste mundo, e cantamos suas ladainhas e outras orações.

Julgava o diabo zombar de nossos trabalhos sepultando nas ondas as esperanças de nossas conquistas, porque nos via com uma só amarra, e esta mesma muito estragada, pois sendo composta de quatro cabos, tres já estavam quebrados, restando apenas um, e d'elle, como de um fio, dependia a nossa vida.

Deos porem dignou-se mostrar, que eramos guiados por sua mão.

Ainda não tinhamos acabado de orar, e já *Fulgura in pluviam fecit,* escureceo o tempo de repente, cahio abundante chuva abatendo os ventos, aplacando as furias do mar, e afeando a esperança e a coragem de nossos marinheiros a fazer grandes e incriveis esforços.

Quando o nosso navio andava acossado pela tempestade, embora sabendo o estado da amarra pucharam com o cabrestante a ancora do mar, e só por milagre da Providencia Divina poude um cabo unico resistir á violencia e esforços, que empregavam 40 á 50 homens para virar o referido cabrestante.

Creio que naturalmente não se podia fazer isto, e só quem sustenta o globo da terra no ar por seos tres dedos, é que podia fazer parar nosso navio, e conservar esse cabo contra tantos esforços e a violencia de tão furiosa tempestade, quando tres não resistiram.

Não tinhamos tido tempo ainda de revistar nossos cabos, quando ergueo-se segunda tempestade ainda maior do que a primeira arrebentando a amarra do nosso bote, e levando para longe de nossas vistas no meio das ondas.

Como o diabo não poude perder-nos, vingou seu despeito no que poude.

Estava muito afflicto o governador da cidade o Sr. de Vilars, marquez de Graville, de não poder testemunhar á nossa Ordem sua affeição n'este caso tão afflictivo, á Igreja seo zelo, e á França sua coragem; mas apenas aplacou-se um pouco a tempestade e o mau tempo, mandou correr para nós durante a noite os pilotos da barra.

Foram elles, que nos conduziram ao Havre tanto para agradecer ao dito marquez, como para prevenil-o da vinda dos maranhenses, na qualidade de embaixadores, á presença de Sua Magestade, o Rei Christianissimo, e preparar a cidade para recebel-os com todas as honras, que lhe eram devidas.

O Sr. Cura da cidade deo programma da recepção, e mandou collocar diante da casa do Governador um tapete com alguns coxins.

Fomos ahi levados em procissão pelos nossos Padres, por outros Ecclesiasticos, e por muitas confrarias; adoramos a Cruz, e depois seguimos para a Igreja.

Na procissão nada foi esquecido que pudesse chamar o espirito dos Christãos á devoção.

Os sinos, os orgãos, os psalmos e outras ceremonias religiosas arrancaram á este povo muitas lagrymas e saudações geraes. Tiros de peça tornavam ainda mais solemnes este acto.

Apenas entramos na Igreja, repetimos o *Te Deum laudamus* em acção de graças.

Mostrando-se o povo desejoso de saber o adiantamento dos Indios na aprendizagem da fé, nós mandamos á estes, que em sua lingua, e em voz alta dissessem o *Pater Noster* e a *Ave Maria*.

Abraçaram-nos os nossos amigos e o dito marquez particularmente, e offereceo-nos a sua casa para nella descançarmos e esquecer os trabalhos de tão longa viagem.

Não posso deixar em silencio a piedade e bondade da nobilissima e virtuosissima Sra. de Vitry, Abbadeça de Montivilliers, pois além de nos honrar mandando visitar-nos, nos fez saber o seu contentamento por havermos vencido o diabo.

Tivemos por isso motivo de visitar sua Igreja, e procuramos, apezar da clausura que ahi se observa tão restrictamente, dar-lhe a consolação de ver essas plantinhas, que trouxemos comnosco para offerecel-as, pelo baptismo, á Jesus Christo, nosso Salvador, afim de perderem sua primitiva natureza selvagem, tornando-as boas, de más que eram.

Ahi fomos tambem recebidos com todas as solemnidades, accrescendo os canticos das Religiosas, dispostas por ordem sob a vigilancia de sua Abbadeça, mostrando assim a estes neophytos uma parte das ceremonias de nossa Igreja.

Depois de alguns dias sahimos do Havre e fomos para Ruão, onde nos receberam os nossos Padres, muitos nobres e outros habitantes da cidade com iguaes ceremonias e identicos testemunhos de devoção.

Si estas honrosas recepções alegravam-nos por ver a França tão catholica e civilisada, tambem faziam muita impressão no animo dos selvagens, que vendo com attenção, e admirando nossas ceremonias, visitas e reciprocas saudações notavam a differença que havia entre a sua Ilha e o nosso reino, e percebendo que era a Religião a causa unica de tudo isto, só desejavam ser Christãos, e comnosco partilhar da fé.

CAPITULO LVI

Da nossa chegada á cidade de Paris.

Desejavamos chegar o mais breve, que fosse possivel, á Pariz para darmos conta á Sua Magestade e aos nossos Padres do bom exito da nossa viagem.

Pouco nos demoramos em Ruão, e seguimos logo para essa grande cidade, capital da França, e quando estavamos perto, sahiram ao nosso encontro muitas pessoas de alta posição, que nos vieram receber com demonstrações de apreço.

Entramos em Paris no sabbado 12 de abril, e antes de chegarmos, encontramos fóra do arrebalde de Santo Honorato os Padres do nosso convento de Meudon, em numero de 100 a 120, capitulados pelo Revd. Padre Archangelo de Pembroch, então Commissario da Provincia de Pariz.

Depois de havermos adorado e beijado a Cruz, principiou o mesmo Revd. Commissario a entoar *Te-Deum laudamus*, e sendo respondido pelos outros Padres, assim chegamos á Igreja do nosso Convento, de cruz alçada á maneira de procissão, sendo acompanhada por muitas pessoas notaveis, todas contentes por causa da nossa santa e feliz conquista, e alegres vendo esses pobres selvagens vestidos com bonitas pennas, e trazendo na mão o seu *Maracá*, e ainda mais satisfeitos achando-os resolvidos a transformarem-se em homens

novos, e a receberem a candida veste, isto é, a innocencia dos filhos de Deos, por meio do Santo baptismo, que vinham procurar.

Chegando á porta da Igreja, offereceu-nos o Revd. Padre Commissario agua benta, e conduzio-nos até ao altar por entre as filas dos nossos Padres, e atravessando com difficuldade o caminho occupado por muitos fidalgos, senhoras, e outras pessoas de qualidade, que ahi estavam.

Depois de muitas orações repetidas em acção de graças diante do altar-mór, mandei que os Indios dissessem em voz alta o *Pater Noster* e a *Ave Maria* na sua lingua, como haviam aprendido.

Era tão grande a multidão, que nos vimos obrigados a recolhermos-nos com os Indios para dentro do Convento, facilitando assim aos nossos Padres o prazer de os ver, de os acariciar, e de os instruir.

Este remedio, longe de aplacar, mais excitou o desejo do povo para ver os Indios.

Foi tal o numero de visitas ao nosso Convento, que vio-se Sua Magestade na necessidade de collocar soldados na porta do Convento para conter o povo, ja imprudente e importuno.

Quem pensaria que o povo francez, tão habituado a ver coisas raras e novas, mostrasse tanta curiosidade pela vinda destes Indios?

Quantas vezes não vieram a esta Cidade muitas nações barbaras e estranhas, sem excitar tal curiosidade?

Com a chegada destes pobres Indios—*commota est universa civitas*—moveo-se toda a Cidade de Paris, mostrando-se todos contentes. Ninguem se podia conter e por isso iam ver de perto a causa de sua alegria.

Achavam-se todas as ruas cheias de povo para ver o que não pódia crer.

O Convento não era nosso, e sim da Cidade inteira: já não era convento, e sim um ponto de reunião para onde affluia gente distante 20 leguas em torno. Si intentavamos fechar as portas do Convento ouviamos murmurios e até injurias, não para nos offenderem e sim quase sem saberem o que diziam vendo-se contrariados em seus desejos.

Passamos pelo desgosto do porteiro, sem conhecer, recusar a entrada a muitos de nossos maiores amigos e bemfeitores, porem julgo que elles nos desculparão á vista de tanta confusão.

Que mais direi ?

As pessoas, que os viam, não se contentavam de examinal-os e de admiral-os.

Donde pensaes, que provem tão particular devoção deste povo de Paris, a não ser do seu amor, e da sua santa affeição á Igreja Catholica, Apostolica Romana ?

Não podiam exprimir a satisfação, que experimentavam, vendo o augmento da Religião pela acquisição destas infelizes almas indias.

Depois de nossa chegada o Rvd.º Padre Commissario, acompanhado pelo Sr. de Rasilly e por mim, conduzio os ditos indios ao Louvre, e conforme as antigas ceremonias de França, foram prestar homenagem ao nosso Christianissimo Rei, sugeitando suas terras e pessoas á seu sceptro e como que juntando mais uma nova perola á sua corôa, ou melhor offerecendo mais uma nova corôa á sua cabeça, reconhecendo-o assim por seu Rei e seu Soberano Monarcha.

Em nome dos maranhenses dirigio estas palavras ao Rei, na presença da Rainha Regente, sua mãe, o indio *Itapacu*, depois chamado Luiz Maria.

E Vbuyh iaré, bé angaturan eté erimahé apuyaue Buruuichaue Kerembaue mondue chérétan apoupê Payoré sepiac

yanondé oré moé patar Tupan gnéen ary, oré poesurum apuyamemuá souy.

Oré oroycõ perercoar etéramo: Cuseignéum oroyco Jeropary raheire amo oroiu racaé. Cheputupaue nerebuirussu ressé nerepiac apoyaue opap çatu nereminboé secoremé Eubuyh turussu vaé neiare secoremé. Aié mommoria ussu deruaké uytu nerépiac pota Tupan rapeire coap peiauegné cuseignéum Ieropary raheire oroyco. Dé angaturam eté erimahé apuyaue mandue cheretan a pupé Pay Tupan raheire eté oré sepiac yanondé: augé catu erimabé ycho oréretan apupé nosoy teigné euopo. Iecoapaue amo oréruichaué oré bure ocar perétan ápupé déressé ierurai dereminboy ary toroycon.

Oroierurai vé de ressé toieméhen apuyaue angaturan orêretan por ary Pay iemoesaue Tupan ressé iecatu vaé oré moesar ahé toycó, Kerembaue aué oré poésuron iran toyco, opaccatu ché eubuypore deremimboy amosecon, apoyaue Caraybé atuasaue coroyco.

«Grande Monarcha, tu te dignaste mandar-nos grandes personagens em companhia de Prophetas para ensinar-nos a lei de Deos, e sustentar-nos contra os nossos inimigos. Sempre te seremos agradecidos, visto que até hoje temos arrastado uma vida miseravel, sem lei e sem fé.

Admiro tua grandesa como monarcha de tal nação, e de tão grande paiz.

Tenho vergonha de me appresentar diante de ti, reconhecendo a differença, que existe entre os filhos de Deus, como vós, e os filhos de Jeropary como sempre fomos.

Tu te honraste mandando-nos taes Prophetas e cavalleiros tão valentes, e fizestes muito bem, pois não são pessoas inuteis.

Em reconhecimento mandaram-nos os Principaes de nossa terra prestar homenagem, em nome de nossa nação, á tua

grandeza, como é do nosso dever, e rogar-te, que nos mandeis mais Prophetas para nos fazer filhos de Deos, e mais guerreiros para nos defender e sustentar, jurando sermos sempre teus subditos, e servos mui humildes e muito fieis, e amigos fieis dos francezes.»

Ouvindo Suas Magestades estas palavras e parecendo entendel-as, manifestou o Rei a satisfação, que sentia pela feliz conquista destes Indios, e mandou dizer-lhes que os deffenderia, como seus subditos, contra todos os seus inimigos. Por outro lado a Rainha, ainda mais desejosa, sem comparação, da salvação destas pobres almas selvagens e barbaras, como se fossem pedras mais preciosas do mundo, declarou não ter sido vã sua esperança, e confirmando a benigna e generosa resposta do Rei, accrescentou que lhes mandaria Prophetas, como desejavam, para ensinal-os, e muitos Francezes valentes para mantel-os e deffendel-os.

Nunca realisou-se em nação alguma do Mundo, como aqui, o que o grande Apostolo São Paulo disse de si e de seus companheiros—*Christi bonus odor in omni loco.* O cheiro da conversão delles á fé christã encheo n'um momento toda a França, de grande satisfação, e impellida pelo sopro do vento passou os Alpes e perfumou toda a Italia, e com tal velocidade, que d'ahi vindo os nossos Padres, com o Rvd. Padre Honorato de Pariz, Provincial dessa nossa Provincia, caminhando para Roma, onde devia celebrar-se nosso Capitulo geral no dia de Pentecostes em 1613, ainda não tinham recebido as nossas cartas, e ja estavam as melhores cidades da Italia cheias de noticias nossas, e por isso quando chegavam a qualquer parte eram importunados pelos governadores e pelos cidadãos mais notaveis para que ministrassem informações nossas, dando muitos parabens á França, e fazendo mui zelosas exortações em honra de Deos e salvação

das almas afim de animar-nos a tão santa e gloriosa empresa.

Sobre todos, como nos contaram os Padres, o que mais alegre e consolado se mostrou foi o Pae commum de todos os Christãos, o nosso Santo Pae o Papa Paulo V, successor no nome e no zelo do glorioso Apostolo dos gentios, quando ouvio o que lhe referio o nosso Rvd. Padre Provincial em presença do Sr. de Breves, Embaixador do Rei, tambem muito satisfeito como o Padre do Evangelho por vêr regressar não um só filho prodigo e sim muitos, e com presteza, á Casa do seu Pae Celeste, que é sua Igreja, e por isso dirigindo-se ao Sr. Embaixador disse-lhe—*veramente la Regnia ha grand' occasione di rallegrarsi che nel tempo del suo governo un tanto felice successo sia occorso alla Francia.* «Na verdade a Rainha tem muita razão de alegrar-se vendo a França gosar tal felicidade durante a Regencia.» Depois voltando-se para o Revd. Padre Provincial lhe perguntou—*Non sequitarete demandare altri Religiosini cotesti paesi per continuare cosi sancta impresa?* «Não mandareis mais Religiosos á esse paiz para continuar tão sancta empresa?» Respondeu-lhe affirmativamente o Revd. Padre Provincial, dizendo ter para esse fim commissão especial do nosso Revm. Padre Geral e que para isso tinha vindo expressamente á presença de Sua Santidade pedir-lhe as necessarias faculdades. Retorquio-lhe Sua Santidade com muita benevolencia—*Faremo vedere tutte la facoltà che sono state concesse á gli altri Religiosi quali y stanno fra gli infideli et non restringeremo nienie.* «Mandaremos vêr as faculdades concedidas aos Religiosos entre os infieis, e d'ellas nada tiraremos.»

Se a naturesa grava no coração dos paes e das mães o amor dos filhos, e para conserval-os emprega todos os esforços possiveis, o que não fará o amor espiritual em todos

os corações christãos e catholicos dos Francezes para com estes selvagens, por elles tão docemente chamados e entregues a Jesus Christo?

Que meios não deverão empregar para conservação e augmento de sua vida espiritual e christan?

Tudo isto influio no animo de Sua Magestade a Regente para prodigalisar seus bens na expedição projectada para salvar os infelizes pagãos desta nação.

Foi este mesmo zelo que influio muitos fidalgos, soldados e artistas francezes á acompanhar, sem subsidio, soldo, ou recompensa alguma, os doze Padres, enviados por nossos Superiores n'essa expedição, sob a protecção do Filho de Deos e de seos doze Apostolos, para annunciar o Evangelho a este infeliz povo, ha tão longo tempo sepultado nas trevas da infelicidade.

Se estas regiões amadurecerem, e chegarem ao estado de serem colhidas, de todas as partes de França diariamente se appresentarão ceifadores devidamente inspirados para, em tão santa obra, servir á Magestade divina.

CAPITULO LVII

Da morte de tres Indios Tupinambás em França.

Consistem os fructos principaes da Philosophia Christã em desprezar a morte e conhecer a felicidade da outra vida, porque sahindo deste mundo desviámo-nos da terra para aproximarmo-nos do Ceo, trocando os homens por Deos e pelos Anjos; emfim, saber o que dizia Tertuliano aos Imperadores—*Nos genus et patriam et spem et dignitatem in Cœlus habere* «nossos parentes, patria, esperança e lugares de honra estão no Céo.»

Antes de terem esses Indios a felicidade de ornarem suas almas com tão lindos raios de fé, Deos annunciou-lhes ter chegado o ultimo dia, arremeçando-os na Theologia e n'um instante fazendo-os mais doutos do que não o faria por muitos annos a nossa Philosophia.

Por esta fórma deo-lhes a corôa antes de combaterem sob suas bandeiras, a humildade de sua sepultura e a gloria de sua resurreição, e a cruz para beijar não morta porem florescida.

Não seria fóra de proposito o perguntar-se, se gozariam no Paraizo por herança ou recompensa? Não se pode duvidar desse gozo á vista das bonitas circunstancias de sua morte.

É certo, que um menino, ainda sem uso de rasão, quando morre vae logo direito para a bemaventurança.

Embora não possa crêr nas palavras do impio, comtudo como diz Santo Augustinho—*Parvulis Mater Ecclesia aliorum pedes accommodat ut veniant: aliorum cor, ut credant: aliorum linguam, ut fateantur:* «a Igreja, nossa mãe, prepara os pés dos outros para que venham, o coração para crêr, e a lingua para confessar,» e por isso creem os meninos, porem como diz S. Thomaz—*Per fidem Ecclesiæ* «pela fé da Igreja,» cuja virtude destruio por meio do baptismo a macula do peccado, dando-lhes a innocencia, restituindo-lhes a justiça, infundindo-lhes a graça, imprimindo-lhes o caracter de Christão em suas almas, e fazendo-os assim dignos da vida eterna.

Dizer porem, que elles gozam o Ceo como recompensa, não é verdade, visto que sem uso de rasão nada podem fazer digno de merito, e a recompensa ou o louvor só pertence ao que trabalha, a argolinha ao que corre, e a corôa ao que tiver combatido com lealdade.

É só como herança, que estes meninos gozam do Ceo, graças á Paixão de Nosso Senhor Jesus-Christo, que lhes deo em ausencia de merecimento para gozarem da bemaventurança eterna, pois como diz o Angelico Doutor—*Per baptismum sunt Christi membra effecti* «pelo baptismo se fizeram membros de Jesus-Christo.»

Pode pois de alguma fórma dizer-se, que estes tres Indios estão gozando da felicidade dos bemaventurados, entregando suas almas a Deos em sua innocencia baptismal, e depois de baptisados.

Tanto para este fim cooperaram, que já na idade adulta voluntariamente deixaram sua patria por Deos, procurando a França não só para receberem o baptismo, que em sua terra poderiam ter, mais tambem para obterem meios de

salvar as infelizes almas de seos companheiros pedindo a Suas Magestades Christianissimas, que lhes dessem muitos Prophetas (assim chamam os Padres) para ir instruil-os, e aproveitando a occasião para aprenderem aqui as ceremonias da Igreja Cathclica, Apostolica, Romana afim de regressarem á sua terra, e com sua vida e sangue ajudar os ditos Prophetas em converter os Barbaros, e guiar suas almas até à presença de Deos. Era este o seo maior desejo.

Para isto exposeram-se á mil e mil perigos, e trabalhos até perderem a vida.

Quem podorá negar, não sendo um temerario, que como recompensa gozem actualmente o Paraiso?

Da morte de Carypyra chamado Francisco.

O primeiro, que morreo, era da Nação dos *Tabaiares*, da aldeia *Rayry*, e tinha de 60 a 70 annos de idade.

Alem do nome de *Carypyra*, derivado de um passaro chamado *Thesoura*, que se lhe deo para destinguir-se dos outros, tinha adquirido em todas as batalhas contra os inimigos de sua Nação novos nomes e sobrenomes.

Mais afamado do que Scipião o Africano, e o Cezar da Germania, poderia encher de gloria a 24 nomes, como se fossem titulos de honra, e provas de 24 batalhas, onde se encontrou, e onde se houve muito bem.

N'isto o que mais se nota é serem seos nomes acompanhados de elogios, como epigrammas escriptos não em papel, arame, e casca de uma arvore, porem sim sobre sua propria carne.

Seo rosto, barriga e coxas foram os marmores ou o porphiro, onde se gravou sua vida por meio de caracteres e figuras desconhecidas, a ponto de tomardes o coiro de sua

carne por uma couraça adamascada, como se verá no retrato junto. [1]

Ao redor do seo pescoço viam-se os mesmos signaes, mais bonito collar para um soldado valente do que se fosse de pedras preciosas de todo o Mundo.

Finalmente foi feito prisioneiro de guerra pelos maranhenses, e residio entre elles por 18 annos praticando muitas e afamadas proezas.

Foi designado pela reunião geral de todos os Principaes e velhos de *Eussauap,* como se fosse o grande estado, para vir á França com outros cinco Indios prestar homenagem á Sua Magestade, com o que muito se alegrou.

Sentimos reciproco prazer, para dar-lhe maior apreço ainda, do que já gosava, fazendo-o filho de Deos, e elle por se fazer Christão entregando-se á nossa direcção.

Pallas e Minerva andam sempre juntas, os livros seguem ás armas, o entendimento á coragem, e Cezar assentado dentro do Capitolio sobre o globo do Mundo tem tanta gloria por seos *Commentarios* como por sua espada.

Tinha este guerreiro tanto talento como coragem, e seos discursos ordinarios, principalmente depois que chegamos á França e especialmente durante a sua molestia, eram para assim dizer—perguntas á respeito de nossa fé, por exemplo—si ficam filhos de Tupan, no caso de morrerem antes de baptisados—si o baptismo e o banho d'agoa Sacramental era, como diziamos, a unica porta da Igreja—si a vontade do grande *Tupan* poderia desvanecer seos desejos de ser baptisado, e outras coisas iguaes.

Adoeceo na segunda-feira 22 de abril, logo depois da nossa chegada a Pariz, e falleceo victima de uma deflucção, acompanhada por muita febre e inflamação de pulmões.

---

[1] Não o reproduzimos, por falta de gravadores.

A primeira molestia foi originada pelo frio de nosso clima, a segunda pela fraqueza de suas partes nobres occasionada por tantos combates e sangue derramado, que predispoz seo corpo a exhalar o ultimo sôpro da vida, e a ultima pela extraordinaria constancia deste Cathecumeno, e pela sua perseverança miraculosa em pedir o baptismo, ainda mais durante a sua molestia, dizendo sempre em sua lingua:

Maété tecatu Tupan rahiere asséreco: Chemoiassuch yépé Pay. «É muito bonito ser filho de Deos, baptisa-me meo Padre, baptisa-me meo Padre.»

O desejo que tinhamos de vêl-o bom nos fazia espaçar de dia para dia este acto.

Instados afinal pela doença e pelo enfermo, no domingo seguinte, reunimos os outros cinco Indios no quarto, em que se achava elle deitado, e na presença de todos fiz-lhes perceber esta passagem de S. Marcos—*Qui crediderit et baptisatus fuerit salvus erit*—predispondo-os a receberem o baptismo.

Este pobre homem gostava mais do que tudo de ouvir fallar de Deos, e por isso dizia constantemente—*Chemoiassuch Yépé Pay, Chemoiassuch Yépé Pay* «Meo Padre, baptisae-me, meo Padre, baptisae-me.»

O mais velho dos outros cinco Indios, chamado *Itapucu*, vendo-o a pedir o báptismo com tanto affecto, aproximou-se do seo leito, e tirando o chapeo, derigio-lhe estas perguntas com acento de profunda convicção.

Cherékebure, ereieruray yassuc ary, n'assendup catuy aypo yassuc ary depoiapore amo sereco eum, deieru peignote moan erereco. Namaé miry ruhan Tupan raheire auaiemognan. Ecoap conseignéum ressé deparatiti aguere.

Erécoap raco apuyaue etá iuca sagoire; ereporu été racaé oreanan ary, cuseigneum deangaypaue amo ereyco. Nerecoay pé cohu teon de ressé seco?

Erecocatu demaé asseucb cohu, aycoap catu Tupan cohu derereco catu.

«Meu irmão, pedes o baptimo, porem me parece que só o pedes com a boca. Não basta isto só, é necessario, que o peças com o coração, porque não é pouco seres feito filho de Deos.

«Pensa um pouco primeiro em tua má vida passada.

«Bem sabes que mataste e cómeste muitos homens de tua Nação, e que fizestes muitos males em tua vida. (Aqui referio-lhe alguns actos tragicos, que sabia ter elle feito).

«Não te parece que mereces morrer.

«Soffre com paciencia e sê reconhecido ao bem, que Deos te faz.»

Estas palavras me fizeram estimar a nossa França, embora muito longe da perfeição, que este Indio apregoava apezar de pagão.

Em quanto durava a enfermidade, receiavamos fazer exhortações aos nossos doentes.

Nòs os elogiavamos pela docilidade de seu genio, manifestavamos o nosso pezar pela sua morte, lembravamos a suas virtudes, e fugiamos, como coisa cruel, de lançar-lhes em rosto sua má vida passada. Era espirito muito forte para seu cerebro, e por isso reservamos esse manjar ordinario e inutilmente para depois da morte.

Em presença deste Indio ainda não baptisado, deveriamos mostrar a nossos amigos agonisantes dois quadros, um da sua maldade, outro da bondade de Deos, um para movel-o á contricção, outro para fazel-o esperar pela misericordia, um de penitencia outro de absolvição, um para nos humilhar, outro para nos erguer até ao nosso Deos, um a figura da terra, outro a do sol, a imitação dos Scythotaurus—*Qui ægrotanti sinistra monstrum, dextera solem ostentant*—mostrando aos seos doentes com uma das mãos um monstro

e com a outra um Sol: assim fez o referido selvagem, mostrando a seu irmão a malicia da sua vida e a bondade de Deos.

Longe dessas exprobações tirarem a coragem ao enfermo, ao contrario confessava suas faltas, e louvava a bondade de Deos por lhe reservar morte tão agradavel e feliz.

Pensará o leitor achar aqui talvez os pezares de um homem, que morre longe de sua patria, e de seus parentes, sem ter um amigo, para fechar-lhe os olhos e nem um filho para receber seu ultimo suspiro.

Longe está de tudo isto, porque este pobre homem sepultou nas ondas do mar vermelho todos os Egypcios.

No seu pensamento só havia ideia de Deos, e de submetter-se inteiramente aos seus decretos e vontade immutaveis, e por isso somente respondeo estas palavras.

Conseignéum chéparapiti aguere oar chérésapé cohu aue rameben iapiti areco, sesé aymohuron. Agné teon chéréssé yary aypotar. Noypotarpé Tupan chéréon eum cherétan ychueméué ahéménéché éuapo uychué chéanan mongetaue maéporan aguere sepiac royré cymonbeuaue apuyaue apé taue rupymo. Tupan ypotareum, naypotar, ahé chereon motarmé, aypotar catu, uahure cherecorémé yassuch rare voyné.

«Ah! tenho agora bem presente toda a minha vida passada, e todo o mal, que fiz, como se tudo fosse praticado agora, e por isso estou muito aterrado.

«Bem sei que mereci a morte, porem não seria melhor que Deos me permittisse regressar á minha terra antes de morrer para contar aos meus patricios as boas coisas que vi e aprendi dos Padres?

Si elle não quizer, eu tambem não quero, e si é de sua vontade que eu morra, estou contente com tanto que eu seja um de seus filhos e baptisado.»

Taes palavras de um Pagão são na verdade dignas de recompensa. O que mais se poderia esperar de um Christão, que tivesse aprehendido de cór o livro de Job?

Finalmente depois de ter ouvido d'elle boas confissões de nossa fé, e admirado seos discursos em honra de *Tupan*, depois de o ter visto olhar para o Ceo, e soltar soluços, que abrasavam mais sua alma do que a molestia os seus pulmões, derramei sobre sua cabeça, sob a forma de um pouco d'agua, o sangue precioso de Jesus Christo, no domingo 28 de abril e dei-lhe o nome de Francisco, em homenagem ao Sr. Francisco de Rasilly.

Foi este o 25° nome, que elle teve, e tambem o titulo de honra que mais estimou.

Si até então se orgulhava com os seus 24 nomes, como titulos de honra demonstrativos de seus triumphos contra inimigos, não tinha elle motivo para preferir este bello nome de Francisco a todos os outros, regosijando-se e mostrando-se contente por essa nova honra, que acabava de adquirir, vencendo com a recepção do baptismo todos os diabos do Inferno, inimigos das nossas almas.

Então redobrou-se sua coragem, e como um novo Athleta do Theatro Romano—*Non lutêa unctione, vel pulverea volutatione, vel arida saginationé, sed sanguineo, Chrismate delibutus*—ungido com este precioso e divino balsamo fez invejosos de sua fortuna todos os expectadores destes ultimos combates.

Durante sua molestia sustentou grandes guerras, as ultimas e mais renhidas, porem as mais gloriosas de sua vida.

Não era combatente e nem tinha a quem combater, porem crueis visões lhe atormentavam o espirito.

Pouco antes de ser baptisado, vio um bando de passaros grandes e negros, como corvos, que lhe picavam o corpo.

e pareciam encarniçar-se sobre sua pessoa, como se fosse um animal morto e meio pôdre.

Tal visão causou-lhe mil aprehensões e inquietações em seu leito, e por signaes pedia a nossos Padres, constantemente juntos delle, que deitassem agua benta onde via esse bando de passaros, e isto o aliviava muito.

Outras vezes via uma boa Mãe, muito parecida com uma Rainha, bella o quanto é possivel, vir em seu auxilio e defendel-o destas aves importunas, que havia enchotado.

Depois de baptisado voltou o rosto para a parede e assim descançou por muito tempo, e depois como que despertado de profundo silencio, deo um grande suspiro e disse.

Maété tecatu Tupan raheire asséréco! Aycoap cohu jeropary raheire chéreco royré, supicatu seran uinbaue nyramémoa boure ocár yénondé chemoar chemomemoámé ouahure moãn cherecorémê. Uyassuch royré uyratin our chéué Tupan raheire ayconné.

«Oh! quanto é bello ser filho de Deos! Bem vejo, que até agora fui filho do Diabo, e por isso atormentou-me elle tanto com seus passaros negros, visto o poder que em mim tinha.

«Depois porem, que fui baptisado, appareceo-me um bonito passaro branco, e chegando junto de minha boca me asseverou que eu era filho de Deos.»

No dia seguinte disse-me ter lhe apparecido um passaro todo azul, que o acariciara com o bico e azas como que querendo leval-o para o Ceo, palavras suas.

Chegou a hora de auxiliar estas palavras, promessas e lagrymas e de mostrar satisfação, que eu experimentava vendo salva do Inferno esta alma.

Disse-lhe que tivesse coragem, e que Deos certamente o levaria para o Ceo para vel-o, e com elle morar eternamente na companhia dos bemaventurados.

Appareceo-lhe depois copioso suor e frio muito forte de maneira, que não poude pronunciar mais uma só palavra.

Recolheu-se este infeliz á um canto de seu leito, como se quizesse fugir, dando signal com a mão para lhe deitarem agoa benta, o que o socegou, e então me disse terem-lhe apparecido muitos meninos negros, que o haviam picado com facas, mas que veio em seu soccorro aquella boa mãe, e os havia expellido d'ahi.

É bem pssivel que esta boa mãe, de que fallava, fosse a Rainha dos Anjos, a Mãe d Deos, que viera em defesa dessa alma, que Seo amado Filho havia lavado com o seu sangue precioso no baptismo, que recebera, e que o destinara a gloria.

Muitos julgaram serem taes visões actos de imaginação deste pobre Indio, porem ignorando elle estes ultimos ataques do nosso inimigo sob a figura de um corvo, que a agoa benta podia expellil-o, e que a Mãe de Deos apparecia nessas horas para animar e proteger os enfermos, por força que seos olhos viriam essas visões.

Como o diabo não seria tão tolo para fingir tudo isto, trabalhando em seu prejuiso, necessariamente deve reconhecer-se a verdade e a providencia d'Aquelle, que nos quer ensinar a importancia deste combate.

Depois destas visões pedio-me a extrema-uncção, como lhe ensinei, e recebeo-a com tanta devoção como eu tinha de pezar por perdel-o, e de alegria por vel-o salvo.

Apoz o recebimento deste ultimo sacramento, ficou quieto, e mostrou-se ainda mais satisfeito.

Assim preparado passou a melhor vida, entregando nesse mesmo dia 29 de abril de 1613 seo espirito a seo Creador, e dando motivos para ainda mais admirar-se a profundidade dos juisós divinos.

Pouco tempo depois da sua morte, como nos participaram os nossos Padres, os Indios de sua nação, inimigos encarniçados dos maranhenses, vieram morar com elles para serem instruidos e baptisados pelos Padres, reconhecendo bem claramente, que todos os seus antecessores viveram até então, infelizmente, sob a tyrannia do diabo.

É bem provavel, que o defunto, que só anhelava o converter-se á fé, (não diminuida porem mais perfeita do que nunca, onde estava) implorasse no Ceo a graça de Deos, a favor dessa extrema necessidade, que elle bem conhecia.

Foi seu corpo enterrado em nosso Convento de Paris, onde descança em paz.

Da morte de Patua chamado Thiago.

Nesse mesmo dia adoeceo *Patua* «uma caixa,» e tambem morreo.

Era natural da Ilha do Maranhão, e descendente de bôa Familia.

Seo Pae chamava-se *Auatty Piran*, e era um dos Principaes da Ilha, e seo tio era de *Carnaupió*.

Tinha 15 a 16 annos, era bem feito de corpo, intelligente, grave o quanto pode ser-se n'essa idade, e sobre tudo docil e por isso muito estimado por nós, que mais do que elle sentiamos suas dores.

Sua molestia foi uma febre continùa, que durou 8 dias.

No primeiro accesso da molestia ouvindo de seo quarto exhortar-se seo companheiro, e fazer-lhe pronunciar o nome de Jesus, viram-no levantar-se da cama, ajoelhar-se, pôr as mãos, erguer os olhos para o Céo, e chorando gritar mais alto do que nós—*ó Tupan, ó Tupan*, Jesus, Jesus, Jesus, como que querendo tambem por sua parte contribuir para a salvação de sua alma.

Agravando-se a sua molestia pedio com instancia o baptismo, e repetio muitas vezes, que não descançava emquanto não fosse filho de Deos.

O Diabo, velho guerreiro, devia ter vergonha, de atacar esta plantasinha da Igreja, porem este desgraçado espirito despreza todas as confusões com tanto que d'ellas tire proveito; e por isso esforçou-se em atormentar este menino com espectros novos, que ora o faziam gritar, ora esconder-se debaixo dos lençóes, dizendo vêr muitos indiosinhos, que o ameaçavam com pancadas, si pedisse o baptismo.

O Sr. Bispo de Grace chegou felizmente a tempo de testemunhar a inquietação do doente, e servio-lhe de Medico. A pedido do doente tirou do pescoço sua Cruz de oiro, e lançou-a no do menino, dandо-lhe á um tempo o signal de sua salvação, o tropheo do seo inimigo, e o repouso de sua alma.

Causava admiração vêr este herdeirosinho de Jesus-Christo triumphar com esta Cruz na mão, e dizer em sua linguagem, Crussá chépopé secoremé, uyiemo crussaue tore jeropary oycue aermé, nassequeic chuéne ichuy.

«Em quanto sobre mim tiver esta Cruz e com ella me benzer, podem vir todos os diabos quando quizerem que eu não temerei.

«Suas artes não podem offender aos que descançam á sombra d'esta Palma.»

Com o augmento da febre crescia-lhe o desejo de ser baptisado para ser filho de Deos.

Tendo esperança de vel-o bom, desejei dar-lhe o baptismo com maior edificação, porem vendo-o com tal instancia, e em perigo tão eminente baptisei-o no sabbado 4 de Maio com o nome de Thiago a pedido do Sr. du Perron e em homenagem ao Illm. Sr. Cardeal.

Na segunda feira da seguinte semana, dei-lhe a extrema uncção, e pouco depois lhe perguntei si não desejava regressar a Maranhão, e si não tinha pena de morrer? Respondeu-me:

An an Paygoé, chéosso potar Enuacpé sepiac Tupan Tuue, Tupan Raheire, Tupan Saint'Esprit.

«Não, não, meu Padre, só desejo ir para o Ceo, e ver o Deos Pae, o Deos Filho, e o Deos Espirito Santo.»

Todas estas palavras eram tão devotas, que arrancavam lagrymas em abundancia dos olhos de nossos Padres e de todos os que o ouviam, sempre com seo juizo, e sempre fallando em Deos até deixar este Mundo antes de gosal-o.

Morreu nesse dia, 6 de Maio, entrando ao mesmo tempo, na Igreja Militante e na Triumphante.

Nossos Padres desejando honrar a pureza da alma deste indiosinho, e recompensar o amor, que sempre teve á nossa Ordem, em vez do vestido branco como outr'ora se davam aos recem-baptisados, lhe cobriram seu corpo com o habito do nosso Padre São Francisco.

Não duvido, que esta alma esteja agora no meio dos Anjos.

Não desejando penetrar temerariamente no segredo dos juizos occultos de Deos, contento-me em dizer aos curiosos, com Santo Agostinho—*Scrutare si potes profundum, sed cave præcipitium*.

Da morte de Manen chamado Antonio.

Deos não contente com estas duas hostias immolados á entrada da Igreja, que construio nestas Ilhas barbaras, quiz ainda que um Indio por nome *Manen* fizesse companhia áquelles na molestia e na morte, tornando completo o numero dos holocaustos.

Era natural da *terra dos cabellos compridos,* (visinha do Amazonas) que habitavam a Oeste, ao longo de um bonito rio chamado *Pará.*

Era natural de *Renary* e tinha 20 a 22 annos de idade.

Suas virtudes e molestias eram iguaes ás dos outros, porem sua conversação era branda, seo genio docil, tratavel e soffredor, pelo que durante a sua febre ardente nunca soltou uma só queixa.

Muitas vezes, tanto em saude como na molestia, foi encontrado de joelhos em seu quarto com as mãos postas, orando á Deos.

Foi baptisado com o nome de Antonio, em attenção ao Sr. de Beauvais Nangy, no sabbado 4 de Maio.

Depois disto unio-se á Deos espiritualmente, e creio que a sua morte foi apenas um meio para mais aperfeiçoar-se esta união, porque a sua occupação diaria era orar.

Quando a paralysia embaraçou-o de levantar as duas mãos erguia apenas uma para mostrar visivelmente a attenção e a força de sua alma.

Recebeo, como os outros, a extrema-uncção e assim preparado voou para o Ceo no mesmo dia e na mesma hora, que o precedente, e foram enterrados na mesma occasião com o habito do Nosso Padre São Francisco, junto a sepultura do primeiro.

A todos elles fizeram-se officios e funeraes solemnes, como si fossem nossos irmãos.

A oração funebre foi recitada pelo Rvd. Padre Seraphim de Chateau Thierry.

Vivem hoje estas tres almas muito felizes, e como primicias do rebanho que pretendemos collocar sob o baculo da Santa Cruz, si Deos nos ajudar.

Seo numero é mistico, sua morte miraculosa, seu sangue fatal ao diabo, e sua gloria arrhas da conversão de sua patria.

O primeiro, mais velho do que os outros apasiguará Deos, o Pae, justamente irritado contra este povo barbaro e pagão.

O segundo aplacará o Filho justamente encolerisado contra esta nação por haver despresado a voz de seus Apostolos, que como testemunho contra elles, deixaram impressas nas pedras ou rochas os vestigios de seus passos.

O terceiro impetrará a graça do Espirito Santo, que servirá de vento á nossos navios, de fogo á nossas palavras, e de balsamo sagrado ás almas ainda rudes deste povo.

Deos mostrará aos espiritos curiosos, que elle gosta do numero impar para proteger de alguma forma as tres potencias da nossa alma, com que deseja ser servido, e a Fé da sua Trindade, com que deseja ser adorado.

CAPITULO LVIII

Dos tres Indios Tupinambás, que ainda vivem.

Embora Deos, como senhor absoluto da nossa vida, podesse chamar a si todos os seis Indios Tupinambas, que trouxemos, apenas levou tres e deixou-nos outros tres.

Quem quizesse reflectir com curiosidade sobre isto diria, que os Anjos Custodios quizeram dividir comnosco a victoria deste povo.

Embora abominaveis sejam estes Indios o preço de suas almas é tão precioso como o das nossas e não ha um só, como acontece nas outras nações, que não tenha um Anjo da Guarda.

Bem fez Deos mandando que brilhasse seo Sol sobre os bons e sobre os maus, e assim não poderia elle deixar sem Anjos Custodios tanto os bons como os maus.

O magna dignitas animarum, disse S. Jeronymo, *ut habeat ab ortu nativitatis unaquœque in custodiam sui Angelum delegatum.*

Servem aos maus ao menos livrando-os de maior tyrannia do diabo, para que não commettam peccados mortaes, para que não caiam em muitos precipicios, e mesmo para cuidarem, por orações e santas inspirações, na sua conversão á

fé com muito mais ardor e vigilancia do que não teve o diabo para perdel-os.

Batalharam por muito tempo os Anjos Custodios d'estes pobres barbaros contra o diabo para salvar estes pobres Pagãos.

Parece-me que á Deos pediram metade destes Indios para collocal-os na sua Igreja triumphante, e deixaram-nos a outra metade afim de que, de commum accordo, tivessemos justos motivos para trabalhar utilmente nesta vinha.

Do primeiro Indio chamado Itapucu, e depois Luiz Maria.

O mais velho dos tres tinha 38 annos pouco mais ou menos. Era natural da grande montanha de *Ybuyapap*.

Seo Pae era Principal de *Cayeté*, e chamava-se *Uara-uaçú*, nome de um peixe, e sua Mãe *Uyra-iara* «passaró, que é apanhado.»

Antes do baptismo tinha o nome de *Itapucu* «barra de ferro» ou de *Itapuyssan* «ancora de navio», alem de mais outros dez, memoriaes e honorificos de batalhas, onde procedeo corajosamente contra seos inimigos.

Em seo andar e palavras revela-se o soldado, e mostra-se a firmesa de seo espirito.

Gosta muito de fazer discursos, e nunca se cança quando falla dos feitos de armas e dos pontos de fé.

É prompto e sincero em tudo quanto diz respeito a honra de Deos, e ao valor de um coração magnanimo.

Quando estava perto da Camara de Sua Magestade para lhe prestar homenagem, advertio-lhe um dos nossos guias, que visse bem o que ia dizer.

Replicou logo que descendia de muito boa familia, e por isso dispensava tal advertencia, e que bem sabia o que havia de dizer, e assim não precisava de instrucções.

Um dia, (antes do seu baptismo) estava com os nossos perto do altar para ouvir a predica, que o Rvd. Padre Seraphim de Chateau Thierry fazia por occasião dos funeraes do primeiro de seus companheiros, que havia fallecido.

Como acontecia a muitos senhores distintos, olhavam outros para esses Indios, e por isso elle chamou um interprete e disse:

«Dizei a esses senhores, que Deos lhes falla pelà boca do Propheta, que está na cadeira, e portanto devem olhar para elles, e não para nós.»

Por gosto é o censor de seus companheiros, quando os vê deixar de aprender o que precisa um verdadeiro Christão, tendo somente por fim o vel-os em estado de ser uteis ao seu paiz.

Nós o consideravamos como um dos nossos melhores instrumentos na conversão dos seus semelhantes.

Serviriam muito a Deos, mediante sua graça, seu juizo firme, seu discurso religioso, sua palavra feliz, seu zelo piedoso, e sua authoridade na provincia.

Será outro Centurião convertido, que juntando saber á coragem, e zelo á palavra, edificará em pouco tempo, como esperamos, uma bonita Igreja á Deos, não com pedras materiaes, e sim com almas convertidas.

Do segundo Indio chamado Uaroyio, depois Luiz Henriques.

Chamava-se o segundo *Uaroyio.*

Natural da aldeia de *Mocuru,* chamava-se seu Pae *Uirao Pinobonich* «passaro azul sem pennas na cabeça»; era o Principal da sua aldeia. Sua mãe tinha o nome de *Uayaeurò* «pennacho de pennas»: era do mesmo lugar.

Tinha 22 annos de idade, era muito alegre, de cor mais clara que os outros, de rosto bem feito, e mais parecido ao

de um francez do que ao de um selvagem estrangeiro. Com sua intelligencia clara principia a comprehender nossa lingua e escriptos.

É uma arvore que dará flores e fructos, e della esperamos o que ainda não vemos.

Do terceiro Indio chamado Iapuay, depois Luiz de São João.

Chamava-se o terceiro *Iapuay*, natural da Ilha do Maranhão, filho de *Tangara*, «casca de ostra» e de sua mãe, *Congnau Uassuteigné* «grande mulher para nada.»

Tinha perto de 20 annos. Era mais sombrio do que os outros, porem excedia sempre a seus companheiros, pela docilidade de seu genio, e por sua particular devoção.

CAPITULO LIX

Do baptismo destes tres Indios.

Para seguir as sombras do velho Testamento, e fazer corresponder a graça á sua Lei, Jesus Christo instituio á entrada da sua Igreja a purificação d'agoa, pela qual troca o homem o exercito do diabo por outro estandarte novo, deixa o vestido velho de Adão para ornar-se com as vestes do Filho de Deos, como disse S. Jeronymo—*Sordes deponit, et novum Christi assumit vestimentum, ut mortus veteri homine, nascatur novus homo.*

Muitos accusariam, se á tanto se atrevessem, esta policia e instituição baptismal como tirada dos Pagãos, e o mesmo dirão de outros Sacramentos da Igreja. Com tudo isto não deixa de ser honrosa, santa e digna do seo autor.

Jacob não foi criminoso por juntar algumas pedras profanas, e collocal-as em fórma de altar, e nem Salomão por servir-se das arvores de Libano para edificar o Templo de Deos.

Porque pois Jesus Christo, sabedoria de Deos Pae, não poderia com mais rasão e santidade empregar a agoa, profanada pelos Pagãos, no baptismo de seos corpos para purificar e lavar as almas de seos filhos?

Poderia dizer, que foi esta ceremonia antes rehavida do que imitada dos Pagãos, seos injustos possuidores, e que

Jesus Christo nada mais fez do que collocar, em primeiro lugar e no serviço de seo Pae, esta agoa, que lhe fôra destinada quando seo Espirito, em fórma de Piloto, como diz *Philon*, aquecia sua humidade para fazel-a mais fecunda.

Zombaram os Pagãos desta agoa, não pela ceremonia, e sim pelo apreço que davamos a ella; porque não podiam comprehender estes espiritos philosophicos, sem outro horisonte alem da naturesa, os effeitos tão grandes de uma causa tão pequena.

Qual a relação, que ha entre uma gota d'agoa e o espirito? Entre um banho e a filiação de Deos? entre um simples elemento e a deiformidade e divinisação de uma Alma?

Queriam que a nossa Religião tivesse mais pompa que a d'elles, visto pregarmos a existencia de um Deos, mais poderoso do que essa multidão infame de seus Deoses, desejando assim ao poder o aparato exterior e não a simplicidade, assim recommendada por Tertuliano.

Nihil magis obdurat mentes quam simplicitas in actu et magnificentia in effectu.

A Igreja, mãe sabia e interprete do soliloquio de seo Deos, para de alguma sorte condescender com estes espiritos soberbos, instituio bellas ceremonias para acompanhar essa agoa e preparar com luxo real sua primeira porta, que é o baptismo—*Gustus salis, tactus narium, saliva, exorcismus, &.*

Não tenho intenção de mostrar-vos a origem, a causa e as vantagens, e nem as razões que teve a Igreja para mudal-as conforme o maior ou menor augmento da fé: basta só que a instrucção, o ornato, o respeito, e os symbolos misticos, que dão aos Christãos, os façam mais recommendaveis.

Tudo isto me serve somente para vos representar a ordem, que se guardou no baptismo solemne de nossos Indios.

Em primeiro lugar levanto ao Ceo triumphantes louvores à Maria de Medicis, dignissima rainha regente, e à Luiz 13°, seu filho, nosso Rei, verdadeira vergontea desse grande São Luiz, agora na presença de Deos, porque não se importaram descêr, ao que parece, de sua gerarchia, e inclinar o Ceo de sua grandeza para assistir a este baptismo, e assim honrar com sua presença este acto.

Quiz Deos, que estes peixinhos, filhos do grande *Yctis*, das antigas Sybillas, sahindo do mar do Christianismo tivessem por testemunhas os dois grandes luminares do nosso Reino, tanto para nos fazer conhecida a piedade de nossos Principes, como para dar o grito de alarma ao Diabo e obrigal-o a evacuar o paiz, visto que foram elles os Padrinhos, e como taes protectores dos que se armaram para expelil-o de sua Patria.

Baptisaram-se na Igreja de nosso Convento dos Padres Capuchinhos no arrebalde de Santo Honorato.

Estava ornada de cortinados de seda, bordados à oiro, onde se achava estampada a vida do glorioso Percursor de Jesus-Christo, São João Baptista, para corresponder ao dia de sua festa pois estavamos a 24 de junho.

Era pois conveniente, que nossa Igreja mudasse de condição visto mudar de natureza porque de pobre tornava-se rica, e de solitaria em Parochia.

O altar-mór estava ricamente preparado, e o sanctuario ornado de seda.

Do lado da nave levantou-se um tablado para sustentar as fontes baptismaes, que estavam cobertas por uma grande e bonita bacia de prata, pintada de vermelho, e dourada por todos os lados, e por cima d'ella havia uma colcha de tafetá branco achamalotado, tão grande que chegava até o chão.

Do tecto da Igreja pendia riquissimo docel.

Ao lado do tablado haviam dois pequenos altares, e tudo o mais, que era necessario em taes ceremonias, tambem da mesma seda, atrahindo as vistas e entretendo a conversação dos que esperavam pelo acto.

Ás 4 horas da tarde compareceo a Rainha, e logo em seguida o Rei.

Revistio-se de suas vestes pontificaes o Snr. Bispo de Paris, que por sua bondade quiz ser o celebrante.

Apresentaram-se immediatamente os tres Indios, que nos ficaram, preparados e cathequisados para o acto.

Traziam vestes de tafetá branco, abertas, e enriquecidas com botões de seda de cima até abaixo por diante e de cima até a cintura por detraz, para com mais facilidade se lhe applicarem os santos oleos.

Cada Indio era apresentado por dois de nosssos Padres, revestidos de alvas, com toda a ordem e devoção possiveis.

Principiou a interrogal-os o Snr. Bispo de Paris relativamente ao baptismo, eu lhe servia de interprete para transmittir aos Indios na lingua delles as suas perguntas, que respondiam. Recitaram afinal o *Pater Noster*, a *Ave Maria*, e o *Credo*.

Ficaram muito alegres os Parisienses, vendo Suas Magestades tão dedicadas por este santo exercicio.

Foram na verdade os Padrinhos responsaveis por todas as exigencias da Igreja.

Escolheo a Rainha para um o nome de Henrique Luiz e para o outro o de João.

Perguntou porem á Sua Magestade o Sr. Bispo de Paris se não era melhor, que tivessem todos tres o nome de Luiz, para que o nome do Padrinho fosse mais lembrado entre os Barbaros, e consentindo n'isto a Soberana, todos tres se chamaram Luiz.

O Rei mostrou no rosto muita satisfação.

Se tivesse tempo mostraria o respeito, que a Rainha prestava a este acto, e a profunda meditação que dedicava a todas as circumstancias.

As Princezas de sua comitiva mostravam-se satisfeitas, vendo estes novos seres do jardim de Jesus Christo.

Se os Anjos de Deos se alegram no Ceo por um peccador só, que se converta, e que faz penitencia, que satisfação e que doce harmonia não haveria no Ceo, e que melodia não reinaria entre os bemaventurados vendo estas bellas primicias de Antropophagos offerecidas a Deos ?

Que regosijo não sentiram vendo a conversão, não de um peccador somente e sim de uma Nação e de infinitas almas, como consequencias, não de peccadores somente, e sim de barbaros, de crueis, e de selvagens ?

Que alegria dos bemaventurados, e especialmente destes espiritos celestes ?

Não se pode dizer e nem se quer imaginar o que fizeram os Anjos Tutelares, e o que não fizeram depois de tantos e tantos annos para a conversão destes pobres pagãos e infieis principalmente por lhes haver Deos ordenado, que amassem a quem guardassem.

Junte-se a esta recommendação o odio que tem dos Diabos, seos inimigos, e por isso desejam reparar as ruinas do Ceo com tanto maior empenho quanta é a certesa, que tem de ser isto agradavel a seo Rei e ao nosso Redemptor, Jesus Christo.

Presenciando agora o fructo de seus trabalhos, ou melhor de suas vigilias, vendo a victoria e os tropheos de suas batalhas, os despojos e a destruição do Imperio do inimigo do genero humano, e estas pobres almas livres de sua mão cruel, e convertidas a Deos, que satisfação, que alegria, e que harmonia ouvia-se no Ceo ?

Durante esta santa ceremonia nunca deixaram de louvar a Deos as capellas e as musicas de Sua Magestade, com harmonia nunca vista de voz e de instrumentos.

Havia ainda porem outra harmonia não menos agradavel a Deos, e esta se desprendia dos corações não mais crueis e nem barbaros, e sim doceis e benignos, não mais de Lobos furiosos, de Antropophagos ou de Canibaes e sim dos novos convertidos—*Qui tanquam agni exultabant*, como diz o Sabio, *magnificantes te Domine qui liberasti illos*.

Regosijavam-se como cordeirinhos, louvando e exaltando o Senhor pela graça ineffavel, que lhes fizera livrando-os do cruel captiveiro do Diabo, onde estiveram até então.

Que consonancia de louvores intimos destas almasinhas, recentemente regeneradas e lavadas com o sangue precioso do Cordeiro immaculado?

Que votos não faziam elles em face da Igreja, da pureza de seus corações, do amor e da caridade, por Deos derramado, por intermedio do Espirito Santo, no santo sacramento do baptismo?

Era harmonia infinitamente mais doce e agradavel aos ouvidos de Sua Divina Magestade, do que todos os accentos de vozes mui doces e dos melhores instrumentos musicaes, que se podem encontrar no Mundo.

O que mais agradava no Ceo era a profunda humildade destas pobres almas vendo-se passar de pontos tão oppostos, isto é, de lobos a cordeiros, de cruéis a christãos, de filhos e de instrumentos da raiva e da crueldade do Diabo á filhos de Deos, aborrecendo sua vida passada, e chorando a cegueira e a perda de seus antepassados.

De tudo isto resultava tão grande modestia, e aspecto tão devoto durante todas as ceremonias de seu baptismo, que se não fossem conhecidos, facilmente se acreditaria terem

sempre vivido no Christianismo, e conhecerem as ceremonias da Igreja.

Levantavam muitas vezes os olhos ao Ceo, donde lhes vinha a graça, sempre porem prestando attenção ao que irão fazer.

Tão bom exemplo commoveo o coração dos assistentes com tal sentimento de piedade e de devoção, que muitos não poderam reter as lagrimas.

Que alegria e consolação não sentiram Suas Magestades Christianissimas vendo, que, por seo intermedio, no dia da festividade do grande Apostolo de Deos, a terra e o Ceo enchiam-se de satisfação por causa do renascimento e da geração espiritual de tres pessoas escolhidas por Deos?

Que offerenda mais agradavel a Deos poderiam fazer-lhe Suas Magestades, no santo dia do glorioso S. João Baptista, do que a destas tres bellas almas purificadas pelas agoas baptismaes? *Talibus enim hostiis*, como diz o Apostolo, *promeretur Deus*. «Deos sente prazer com taes sacrificios.»

São hostias espirituaes mui agradaveis a Deos: são holocaustos dedicados a Deos pelo baptismo: são sacrificios vivos e satisfactorios á Deos.

São cordeirinhos, são bonitas flores, são fructos delicados. *Isti sunt agni novelli*, como canta a Igreja, *qui annunciaverunt*. «São cordeirinhos, que nos trouxeram novas de incrivel fecundidade.»

Tambem são flores—*Flores nascentis aut renascentis Ecclesiæ*—«flores da Igreja nascente e renascente», regadas pelo sangue do Cordeiro immaculado, que principiam a desabrochar entre esta nação de barbaros, flores mensageiras, que noticiam bonita colheita, e grande abundancia de fructos na Igreja de Deos.

São flores e fructos tambem. *Et flores mei*, diz o Livro da Sabedoria, *fructus honoris et honestitatis* «minhas flores

são os fructos da honra e da honestidade,» são fructos da graça de Deos, fructos da incansavel vigilancia dos Anjos, fructos da singular piedade e da ardente devoção de Suas Magestades Christianissimas, inspirada pela ineffavel Providencia de Deos para procurar converter estas nações barbaras e crueis.

Modo venerunt ad fontes. Foi nessa hora e nesse tempo predestinado pela eternidade, que elles vieram ás fontes baptismaes.

Não são fontes naturaes que, segundo dizem, accendem fachos apagados, ennegrecem os cordeiros brancos, e dão a vida a certos animaes, que, como mortos, nellas são mergulhados.

São porem fontes espirituaes, fontes vivas, agoas regeneradoras, ondas purificantes, como canta a Igreja—*Fons vivus, aqua regenerans, unda purificans.*

Foi nestas aguas baptimaes, que estes Canibaes e Antropophagos, mortos pelo paganismo, recobraram a vida da graça.

Foi nellas, que esses cordeirinhos, ennegrecidos pelo peccado, ficaram alvissimos.

Foi nellas finalmente, que estes fachos apagados pelo sopro da infidelidade, se reaccenderam. *Accedite ad eum*, diz o Propheta, *et illuminamini.*

Aproximaram-se a Jesus Christo por meio de sua convèrsão, vieram a estas aguas regeneradoras e purificadoras, e foram illuminadas pela graça de Deos.

Et repleti sunt claritate «Encheram-se de claridade,» *in conspectu agni amicti stolis albis*, na presença do Cordeiro immaculado, o Filho de Deos, revestidos interiormente com o bonito manto da innocencia baptismal de suas almas, e exteriormente com um bonito vestido de tafetá branco, com um lindo cinto de setim branco, enriquecido com uma cruz de prata.

Et palmæ in manibus eorum: não era a palma que se traz na mão, e sim a palma da sanctificação, e a palma da victoria, e na verdade não sabiam elles do peccado e de uma vida tão má, triumphando do Diabo?

Depois de tudo acabado, *Itapacu*, (nome anterior ao baptismo) o mais velho dos tres, agradeceu humildemente a Sua Magestade a honra e o beneficio, que tinham recebido sendo feitos filhos de Deos, pedindo respeitosamente que prodigalisasse os mesmos favores aos seus compatriotas.

Respondeo-lhe a Rainha, que orassem a Deos pelo Rei, seu filho, e por ella, e que delles cuidaria especialmente promettendo-lhe todo o auxilio possivel.

Em seguida ajoelharam-se Suas Magestades, entuou-se em acção de graças *Te Deum laudamus,* e no fim deitou a benção o Sr. Bispo de Paris.

CAPITULO LX

Como depois do baptismo e da confirmação foram levados em procissão estes tres Indios.

Logo que se alistaram na Igreja estas almas tão bellicosas no Mundo, não era de rasão guiar e encaminhar ao serviço de Deos a generosa coragem, que elles tinham empregado no serviço do Diabo, principiando a demonstrar por actos exteriores a affeição e o desejo que nutriam interiormente de seguir a Cruz?

Por isso, logo depois do baptismo, sahimos em procissão, levando um dos nossos a Cruz adiante, e nós a seguimos cantando as ladainhas da Virgem.

O Eunuco da Ethiopia não seria baptisado por S. Felippe, si não fosse alegre pelo seo caminho. *Ibat per viam suam gaudens.*

O verdadeiro caminho destes novos regenerados não era seguir d'ora em diante Aquelle, que é o caminho, a verdade, e a vida? Assim seguiram elles alegres e contentes nesta procissão christã, com suas vestes de tafetá branco, com seo cinto de setim branco, com seos bonitos chapeos de diversas flores, empunhando um ramo de lyrio no meio de varias flores de differentes matizes, sendo cada um conduzido por um de nossos Padres, revestido de alva cómo quando foram para o baptismo.

Como as Religiosas da Paixão, da Ordem de Santa Clara, visinhas do nosso Convento, tinham com singular devoção, durante nossa viagem e nossos trabalhos, feito suas orações e promessas a Deos para favorecer-nos em tão santa empresa, qual a conversão destas nações tão crueis, julgamos acertado levar a procissão á sua Igreja, tanto por devoção ao lugar, como para mostrar os fructos das santas e fervorosas orações das Religiosas, e especialmente para offerecer a Deos, nesta Igreja de Santa Clara, as primicias desta nação em acção de graças, primicias e primeiras arrhas da fé, que aprouve a Deos dar-nos por meio do Santo Sacrificio da Missa, que lhe foi offerecido, no meio desses barbaros, pela primeira vez, no dia da festa desta gloriosa Virgem.

Apenas chegamos a esta Igreja principiaram as Religiosas a cantar o *Te-Deum Laudamus*, e outras orações no fim.

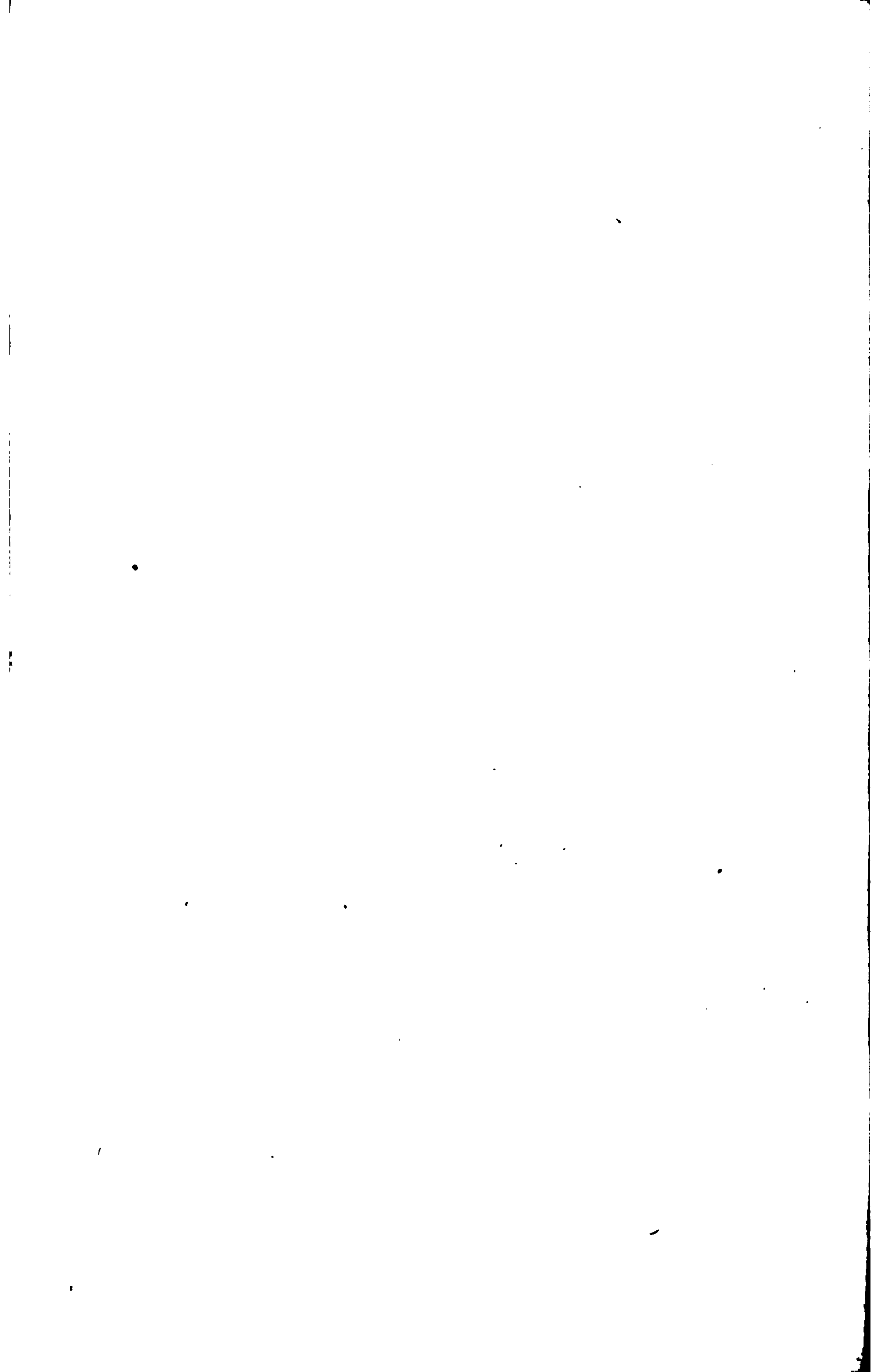
Abriram depois o locutorio, e chegando perto d'elle os Indios ficaram admirados e contentes vendo a devoção, a piedade e a mortificação das Religiosas, e estas tambem satisfeitas á vista destas almas em estado de innocencia baptismal, ainda ha pouco escravas obedientes á Satanaz.

Não se cançavam ellas de admirar a soberana vontade de Deos por descubrir meios efficazes de chamal-os á fé.

Regressamos na mesma ordem ao nosso Convento, todos dando graças a Deos por ter juntado estes tres barbaros ao numero de seos filhos.

Depois de oito dias para dar á estes neophitos á fé de seo Mestre, *non in occulto,* como os Judeos, e sim publicamente, o Sr. Bispo de Pariz por muito occupado com varios negocios rogou ao Sr. Bispo de Auxerre, para em seo lugar, administrar-lhes o Sacramento da Confirmação, o que foi julgado muito bom tanto para que elles os destinguissem um do outro, como para que levassem o nome da Rainha a *Maranhão* dando á todos tres novos nomes.

O primeiro foi chamado Luiz Maria, o segundo Luiz Henrique, e o terceiro Luiz de São João, em memoria do grande beneficio, por elles recebido no dia do glorioso Percursor.

Deos lhes permitta imitar seos Protectores, e vêr antes de sua morte a fé de Jesus Christo, felizmente plantada em sua patria para que não tenham mais, á maneira de vinhas selvagens, *Itapacu, Uaroyio,* e outros nomes barbaros, e sim *Luizes, Marias,* e outros nomes de Apostolos e Martyres de Jesus Christo.

CAPITULO LXI

Como Deos visitou estes tres Indios depois de baptisados.

A afflicção e o castigo são mui necessarios aos filhos de Deos, visto que se houver um em continua prosperidade e livre de toda a punição, é adultero (diz a Escriptura) e não filho de Deos.

Deos procede para com os seos nem mais nem menos como um bom Pae para com seos filhos.

Qual é o filho (diz o Apostolo) que seo Pae não castiga? Assim tambem Deos castiga a quem ama, e flagella a quem recebe—*Quem diligit Dominus castigat: flagellat autem omnem filium quem recipit.*

Querendo Deos mostrar o seo amor para com estes tres Indios, seos verdadeiros filhos, logo depois de receberem o Sacramento da Confirmação, deo-lhes molestias graves.

Como porem vivifica os que mortifica, e levanta os que humilha, bem depressa demonstrou o cuidado particular, que por elles tinha.

Entre outras provas citaremos esta.

Achava-se Luiz de São João tão enfermo á ponto de não terem mais esperanças de salval-o os Medicos então mais celebres.

Quando todos pensavam que morreria, curou-se milagrosamente por intercessão da gloriosa Virgem Maria.

Achando-se os dois já livres de seos males por graça de Deos, quiz ainda que passasse por outra prova Luiz Maria, o mais velho.

Ainda na cama, porem bem acordado, pelas 7 horas da manhã appareceo-lhe o diabo sob apparencia de um homem de boas maneiras, abrio a porta de seo quarto e entrou.

Trazia na mão uma garrafa cheia de certo liquido, que parecia negro: intitulou-se Deos, disse que tinha vindo para baptisal-o, e que se ajoelhasse.

Deos porem que não consente, que sejam os seos tentados alem de suas forças, inspirou a Luiz Maria para responder a este tentador (na incertesa de ser o diabo) que já tinha sido baptisado pelos Padres que lhe ensinavam não haver mais do que um só e unico baptismo, que a agoa, com que o baptisaram, era limpida e clara, e não suja e negra como a que estava na garrafa, pelo que não cria que elle fosse Deos, e sim um embusteiro, e persignando-se desappareceo o diabo immediatamente.

Pouco depois abrio outra vez a porta e appareceo na figura de outro homem trazendo certas drogas medicinaes para cural-o, segundo disse.

Respondeo immediatamente, que os Padres cuidavam delle, e de tudo quanto precisava, e que tinha por costume não tomar coisa alguma sem ordem d'elles, ou sem elles lhe darem.

Desappareceo este espectro, e pela terceira vez regressou o espirito maligno ao quarto e com grande furia, muito similhante a um Centauro com forma humana até a cintura, e da cintura para baixo á um cão, e com uma espada desembainhada na mão lhe disse—que tinha vindo para cural-o afim de regressar breve para a sua terra.

Com muito terror reconheceu então Luiz Maria que era o diabo, porem fortalecido e inanimado pela graça recebida de Deos no Sacramento da Confirmação, elle lhe disse que era muito temerario em entrar na casa dos Padres, e que assim se retirasse.

Então o diabo fingio agarral-o e feril-o com sua espada, pelo que principiou a gritar Luiz Maria, e inspirado por Deos, fez o signal da Cruz, e retirou-se o diabo com tanto barulho como se uma carróça rodasse pelo quarto.

Ouvindo seu companheiro Luiz Henrique, n'outro quarto, essas palavras e o barulho, correu aonde estava Luiz Maria para indagar o que era, e nos veio chamar a toda a pressa.

Correndo á presença de Luiz Maria elle nos contou tudo quanto ja disse, e a consolação que tivera vendo-se favorecido por Deos nesta tentação do espirito maligno.

CAPITULO LXII

De outro Indio chamado Pyrauaua, baptisado na nossa Igreja com o nome de Luiz Francisco.

O renascimento da Igreja é mui diverso do nascimento do Mundo.

Os que nascem no Mundo são differentes uns dos outros, quer em sexos, quer na paternidade.

Os que nascem na Igreja,—*Quos aut sexus in corpore, aut ætas discernit in tempore, omnes in unam parit gratia mater infantiam* «seja homem ou mulher, pobre ou rico, livre ou escravo (si não ha algum embaraço de sua parte) são todos salvados pela graça, e feitos da mesma maneira filhos de Deos.»

Ficou ainda um Indio por baptisar, chamado *Pyrauua*, da nação *Tapuy*, com perto de 12 annos de idade, escravo na Ilha do Maranhão quando la chegamos, e por tanto não veio como os outros.

Com tudo isto, foi tal a devoção de Suas Magestades, que tomaram particular cuidado por este rapaz, mandando-o todos os dias á nossa presença afim de ser instruido para um dia achar-se, como os outros, em estado de receber as mesmas graças, e ser filho de Deos pelo baptismo.

Incumbiram Suas Magestades este encargo á Senhora de Suuré, na certeza de que o acceitaria como uma honra.

Na verdade esta nobilissima e interessantissima Senhora desejando corresponder aos piedosos desejos de Suas Magestades, convidou o Sr. Marquez de Courtenuault, seo filho, para Padrinho, sendo ella a Madrinha desse Indio, que baptisei publicamente em nossa Igreja, no domingo 15 de septembro, observando-se todas as ceremonias e solemnidades já descriptas, recebendo elle o nome de Luiz.

Admiraram todos os actos exteriores deste Indio, pelos quaes revelou qual o amor que em sua alma dedicava a Deos.

Durante a ceremonia esteve sempre olhando para o Santissimo Sacramento, especialmente quando recitou o *Pater Noster*, a *Ave Maria*, e o *Credo*, em voz alta e na sua linguagem.

Quando, no fim, se cantou o *Te-Deum laudamus*, elle levantou os olhos para o Ceo, e os conservou assim com tal firmesa, que admirou os nossos Padres por sua especial devoção.

Oito dias depois do seu baptismo o Bispo de Renes, lhe deo o Sacramento da Confirmação na nossa Igreja, onde dignou-se comparecer a Senhora de Suure, e dar-lhe o sobrenome de Francisco.

Com a graça que obteve de ser filho de Deos, tambem adquirio a de ficar d'ahi em diante empregado no serviço do Rei.

Eis teus fructos, ó Igreja de Deos, admiravelmente fecunda.

Tu és a unica Mãe verdadeira, a unica Mãe fecunda na criação de filhos espirituaes para Deos, favor universalmente negado á todas as Madrastas, e a todas as herezias, e pelas quaes não quiz Deos ser conhecido, e nem por meio de predicas, entre os infieis, como tambem não o quiz ser entre os Judeos pelo orgão do diabo, que desejando em alta voz

apregoal-o como Filho de Deos, elle não o consentio de maneira alguma.

Se te affligisse pela perda de alguns dos teus filhos desta antiga França, motivada pela heresia, que consolação não sentirias agora com a feliz noticia da conversão destes novos filhos, gerados na nova França equinoccial? *Exurge Hierusalem, et sta in excelso: et circumspice ad Orientem, et vide collectos filios tuos ab Oriente, sole usque ad Occidentem, in verbo sancti gaudentes Dei memoria.* «Levànta-te Jerusalem, põe-te em pé, e olha em roda dè ti para o Oriente. Olha teus filhos reunidos desde o Oriente até o Occidente, chama-os, e sugeita-os ás tuas leis como filhos muito obedientes. Tu os verás alegres e satisfeitos do que lhes annunciardes pela santa palavra do Evangelho, e se lembrarem de Deos, seo Creador, ha tão longo tempo esquecido pelos seus Predecessores.

Outr'ora tres fieis mensageiros do Ceo predisseram e prometteram a Abrahão e Sara sua fecundidade futura e a sua multiplicação entre um povo grande e copioso.

Eis, ó cara Esposa de Jesus Christo, e vós ó Soberano Pastor da Igreja, que occupaes o lugar de São Pedro, e tendes o nome de São Paulo, eis o que nossa Religião vos offerece, e que eu vos offereço com a nosaa Religião, tres filhos da nação dos Canibaes e Antropophagos, não mais Canibaes e Antropophagos porem tres filhos do Ceo, tres mensageiros, ou antes tres arrhas e penhores, como segurança da innumeravel multiplicação de fieis n'estas regiões fecundas e feroses.

Lembra-te pois, ó cara esposa de Deos, e vós tambem ó Soberano Pontifice de sua Igreja, de tão feliz exito, vós ó nobilissima França, que n'isto serviste de instrumento á Deos, regosija-te por teos eternos merecimentos, pelas honras perpetuas, e pelos proveitos temporaes, que disto resultam.

Tudo se deve, depois de Deos, á Suas Magestades Christianissimas.

Sobre tudo, ó Celeste Jerusalem, espiritos celestes, que viveis triumphantes lá em cima com o Rei dos Reis, que fazeis tão grande festa, e que tanto vos regosijaes pela conversão de um pobre peccador somente, que alegria sentis pela conversão de tantas almas?

Tão alegre, como nunca pensei, tão alegre como estaes, representaste-me em espirito estas tres bellas almas, que depois de lavadas no sangue do Cordeiro immaculado pelo Sacramento do baptismo (como já referi) partiram felizmente deste Mundo para nos assegurar junto á vós o cumprimento das promessas do dito Propheta dizendo *Adduxit illos Dominus ad me portatos in honorem sicut filios regni*—Deos me os trouxe honrosa e triumphantemente como filhos de seu Reino.

O triumphante Jerusalem! Creio o que dizeis, e creio com veras, que *Duxit eos Deus Israel in jucunditate, in lumine magestatis suæ cum misericordia et justitia, quæ est ex ipso*—Deos de Israel, vós os trouxestes com alegria, com a luz gloriosa de Sua Magestade á misericordia e justiça por graça e favor singular de sua divina bondade.

E que coração gelado não se aqueceria com tão santa e alegre emulação, com tão pungente e salutar temor, vendo estas pedras, estes corações barbaros, crueis e duros como rochêdos, estas almas rebeldes, peccadoras, cheias de toda a sorte de crueldade e de peccados, convertidas em filhos de Abrahão?

Não vos parece, que Deos nos deixasse tres no Mundo, vivos na fé e na inteira submissão á Santa Igreja, e tenha levado outros tres para o Ceo, para que a antiga piedade da França gerando para Deos a piedade desta nova França, por

tão santa Antipelargia, venha por meio della ser renovada aquella ?

Óh ! Nós nos julgaremos felizes, e por bem empregadas nossas fadigas, se estas concepções do nosso entendimento, que tão ardentemente abrasam e inflamam nossos affectos, sejam um dia bem succedidas n'uma e n'outra França.

Laus Deo, Virgini Matri, et Seraphico
Patri nostro Francisco.

FIM DA HISTORIA.

AO LEITOR.

Depois do nosso regresso da Ilha do Maranhão, o Rvd. Padre Honorato de Pariz, Provincial da nossa Ordem nessa Provincia, e Commissario Geral da nossa Missão nas Indias Occidentaes, recebeo algumas cartas e noticias de nossos Padres, que lá tinham ficado, e achou bom que d'ellas se fizesse um extracto relativamente só aquillo, que se não soubesse.

Como elias sejam dignas de ser lidas, aqui junto, como remate desta obra, e por sua ordem, o dito extracto com as copias de outras cartas para satisfação e edificação do Leitor.

Extracto das cartas do Revd. Padre Ivo, dirigidas ao Revd. padre Provincial da Provincia de Pariz.

Reverendo Padre em Nosso Senhor, Paz e salvação.— Aproveitando-me da occasião, que me offerecem dois navios de Dieppe, que desta Ilha do Maranhão regressam á França,

julguei de meo dever, para animar os Francezes e especialmente a Rainha pelo lado temporal, e os nossos Padres pelo espiritual, dizer-vos o que se passa por aqui como já fiz na carta, que escrevi á Sua Magestade, porem com brevidade para não vos causar tedio, referindo-me quanto ao mais ao que já vos escrevi.

Depois da partida do Padre Claudio as coisas vão indo sempre á melhor, como já vos informei.

Quanto ao temporal, todos os dias descobrem-se novas riquezas e mercadorias, que serão descriptas por quem tiver essa incumbencia.

O Fórte de São Luiz presentemente está inconquistavel, e não temeria uma armada real, si ella podesse cá vir.

Os selvagens cada vez tem mais affeição aos Francezes, e estes os fazem mais valentes do que nunca.

Quanto aos visinhos, que por aqui se podiam temer, isto é, os Portuguezes, os Hespanhoes, e Inglezes, elles os aborrecem de tal forma, que antes queriam ir de cabeça baixa para o inferno do que receber o Christianismo das mãos delles, embora o desejassem muito, como depois direi.

Este procedimento obriga muito a Sua Magestade e a toda a França á soccorrel-os, visto que depois de Deos depende d'ellas a sua salvação.

Deixando as coisas temporaes e os seos progressos, vamos tratar das espirituaes.

Vão muito bem, e si podessemos baptisar todos os que nos pedem com instancia o baptismo, já teriamos baptisado mais de trinta, ou de cem mil pessoas, e custa-nos muito fazer-lhes perceber a causa de nos recusarmos a isto.

Desculpo-me com o pequeno numero de Padres, que somos, e dou-lhes esperanças para a chegada dos nossos Padres, e entretanto procuro cathequisal-os, e fazel-os perceber e admirar os misterios do Christianismo.

Baptisamos porem os que estão em perigo de vida, e que pedem esse Sacramento, e os pequenos, que nos são apresentados por seos Paes, e são padrinhos os Francezes.

Temos baptisado tambem algumas pessoas de particular vocação, como seja, um dos Principaes de *Tapuytapera*, que achando-se n'um domingo na missa dos Cathecumenos (a elles permettida) quando eu deitava agoa benta cahio uma gota sobre elle, e penetrou-lhe de tal maneira a alma, que percebeo claramente ser necessario o Christianismo para salvar-se, e desejando ardentemente ser Christão, desde essa hora, de dia e de noite não pensou n'outra coisa, como depois disse.

Sem dizer palavra regressou da Ilha para a terra firme, adoeceo com grande diarrhea, e por muitas noites pareceo-lhe vêr o Ceo aberto, e os *Caraybas*, Padres ou Prophetas (assim chamam elles os Religiosos) lá entrando, e uma voz dizer-lhe—«Si queres salvar-te, é necessario que te laves com a agoa com que foste aspergido na missa.»

Mandou um homem á Ilha para levar esta agoa, e trouxe elle um pouco de algodão para tapar a vasilha afim de não perder-se pelo caminho.

Atravessou o portador duas ou tres legoas de mar, e nos contou o que deixamos dito.

Mandei visital-o por um de nossos Padres, que levou ordem de baptisal-o si o achasse em perigo de vida, e no caso contrario mandei prometter-lhe, que em breve lá iria baptisal-o.

Ficou tão contente, que nessa mesma hora embarcou-se n'uma canôa, atravessou o mar, e veio pedir-me o baptismo para me poupar o trabalho de ir lá.

Expuz-lhe as crenças christans, e elle com facilidade as percebeo.

Disse-lhe ser necessario, quando ficasse bom abandonar tantas mulheres como elle tinha, no que concordou, escolhendo uma, e despedindo as outras.

No dia da Santissima Trindade baptisei-o com o nome de Martinho Francisco.

Acha-se actualmente curado, e presta serviços de Evangelista, e cathequisou sua mulher e filhos para baptisal-os.

Um criminoso condemnado pelos Indios a ser amarrado na bocca de uma peça de artilharia, pedio com muita instancia o baptismo, foi baptisado, e com alegria caminhou para o supplicio, como se fosse para o Paraiso, dizendo em altas voses, que ía para onde estavam os Filhos de Deos.

Achando-se presente o Principal de Juniparão, antes de deitar fogo á peça, fez uma bonita falla relativamente á felicidade desse desgraçado, e da infelicidade dos que não eram baptisados ficando por isso filhos do diabo.

O que mais nos anima na conquista destas almas é que seus feiticeiros, entre elles tão grandes como os santos entre nós, e tão merecedores de fé pois quando elles adoecem os procuram para cural-os só com seu sopro, resultados imaginarios, pedem fervorosamente o baptismo, com especialidade dois dos mais notaveis, um em *Tapuytapera* e outro de *Commã,* que me vieram procurar para tal fim.

Procuro cathequisal-os esperando pelas ordens de França, porque se Sua Magestade não quer continuar esta Colonia pelo lado do temporal, não poderá a Missão pelo especial progredir por muitos motivos, que vos dirá o Padre Claudio: baptisal-os sem assegurar-lhes exercicios christãos, é pol-os em perigo de serem Apostatas em breve.

Na semana passada aconteceo outro facto maravilhoso.

A nação dos *Tabaiares,* muito inimiga dos Indios do Maranhão, e da qual ahi haviam alguns escravos, foi chamada pelo Sr. commandante Ravardiere para fazer pazes, e para

melhor conseguir este fim mandou seus companheiros, aqui escravos, com Francezes para informal-a da brandura do governo francez, e dar-lhes noticia da vinda dos Prophetas para fazel-os filhos de Deos, se quizessem renunciar o Diabo.

Mandou ella embaixadores para reconhecer bem a verdade, e vendo elles o que se passava entre nós no seu regresso taes coisas contaram, que pacificou-se essa nação, uniram-se aos Indios do Maranhão, abandonaram suas habitações, distantes d'aqui bem 150 leguas, só para virem morar com Francezes e serem christãos apezar da belleza de sua terra, uma das mais bonitas do Mundo, e no momento de o deixarem, ordenaram que não os seguissem os que não desejavam obedecer aos Prophetas.

Antes de partir plantaram a Cruz defronte de suas cabanas, como tinham visto os embaixadores na Ilha como testemunho dos seos desejos de serem filhos de Deos.

Deram tambem noticia de outra grande Nação na ribeira do rio Pinaré, não longe d'aqui, e por isso ha esperança de se ir em procura della.

O Sr. de la Ravardiere foi com alguns francezes e Indios vêr os Amazonas, longe d'aqui 80 leguas, para convidal-os a prestar homenagem á Suas Magestades.

Não vejo difficuldade alguma na conquista espiritual e temporal desta grande terra, que tem bem 1:200 legoas, poucas occupadas por Portuguezes e Hespanhoes, e sem a menor comparação com as que habitam os Francezes, unicos que tem mais meios de chamal-os ao conhecimento de Deos.

Á vós pertence, Rvd. Padre, empenhar-vos com Sua Magestades e com todas as pessoas em posição de ajudar tão bella empresa, para que envidem exforços nesse sentido, lembrando-lhes tão grande numero de almas, semelhantes á

criminosos condemnados á morte eterna, se não forem salvas por suas intervenções.

Esperamos com ardente anhelo a vinda dos que nos promettestes para ajudar-nos.

Recommendo-me as vossas santas orações, de que muito nós todos precisamos n'esta terra.

Ainda que não sejam necessarios martyres de sangue para aqui plantar-se a fé, comtudo são precisos martyres de paciencia.

Rogarei a Deos para encher-vos de suas graças, para bem desempenhardes este e outros deveres inherentes á vosso cargo.

Sou, Reverendo Padre,

Vosso humillissimo e obedientissimo servo
em Nosso Senhor,
Frei *Ivo d'Evreux*, Capuchinho.

Ilha do Maranhão 15 de julho de 1613.
Recebida em Paris á 17 de outubro de 1613.

Copia da Carta do Rvd. padre Arsenio, escripta ao Rvd. padre Arcangelo de Pembroc, pregador da Ordem dos padres Capuchinhos da Provincia de Pariz.

In vulneribus Christi salus humilis

Meo Reverendo e carissimo Padre.—Julgar-me-hia sempre criminoso, se perdesse uma occasião, de dar noticias desta terra a vós, tão empenhado no bom exito desta santa missão.

Já que esboçastes a obra, continuaes a trabalhar na sua perfeição.

Graças á Deos a Colonia vae se fundando muito bem.

Nestes ultimos dias uma grande nação de *Tabaiares*, e sempre em guerra com outras tribus, e até mesmo com as da Ilha do Maranhão se pacificaram, e abandonaram suas residencias, d'aqui distantes 120 a 140 leguas, e vieram residir parte nesta Ilha com os Francezes e parte n'outra Ilha bem perto, pois lá se pode ir em duas horas, chamada *Tabucuru*.

Deseja muito receber instrucção, e dizem ja de ha muito tempo, que as almas dos seus antepassados vão para onde estão os Diabos, e que ja é tempo de irem elles para o paraiso.

Continua este povo firme na ideia de se fazer christão, e só faltam obreiros para isto.

Preparou-se muito bom tabaco n'esta Ilha, mas em pequena quantidade porque houve pouca chuva no tempo do inverno, o que admirou até os proprios selvagens. Espera-se porem grande colheita deste genero no anno vindouro, e se n'esta Ilha é tão bom—melhor será na terra firme, pois é muito boa e propria para tabaco, canna de assucar e tudo o mais que se queira cultivar.

Os que tem ido visitar os *Tabaiares* ficam admirados das boas terras por elles occupadas, e elogiam-nas o mais que podem.

Temos esperança que, no regresso do Sr. de Rasilly, poderemos dispensar, excepto o vinho, todos os viveres vindos de França por serem melhores os d'aqui.

Quanto ao vinho espero ainda que, visto o cultivo aqui do tabaco e ser tão bom como o da Ilha da Trindade, si os Hespanhoes desprezarem a plantação, que delle faziam na referida Ilha, todos os navios, que vão levar a Canarias vi-

nhos, farinhas de fermento e outros generos virão aqui fazer o mesmo negocio.

Temos, entre outras muitas cousas grande abundancia de peixes-bois, cuja carne muito se assimelha a de veado, pois um dia nos enganaram e nós pensavamos comer desta quando na realidade comiamos d'aquella carne.

Temos tambem excellentes melões por todo o anno e em qualquer estação—pepinos, rabanetes da grossura de um braço, beldroegas, e ainda podemos ter toda a qualidade de ervas e de legumes em todo o tempo, comtanto que de França nos mandem boas sementes, bem guardadas em garrafas e bem tapadas. É isto, meu estimadissimo Padre, o que vos posso mandar dizer nesta occasião.

Peço-vos com instancia a remessa de novos Padres, e recommendo-me mil vezes á vossas santas orações, e de todos os Frades da Provincia.

Serei sempre de

Vossa Reverendissima
humillissimo filho e dedicadissimo discipulo,
Frei *Arsenio de Pariz,* Capuchinho.

Da Nova França Equinoccial em Maranhão 15 de Junho de 1613.

Copia da carta do Sr. de Pezieu, dirigida ao Rvd. padre Archangelo, Definidor da Ordem dos Padres Capuchinhos da Provincia de Pariz.

Reverendo Padre.—Si, pelo cuidado, perseverança e solicitude na vossa Ordem, dirigistes com santo zelo a fundação desta Colonia, mais do que nunca tendes agora o dever

de fortalécer os seus alicerces, tanto pelo credito, que gozaes na provincia, como pela facilidade que tendes de ser ouvido pelas principaes pessoas de França, mormente tractando-se de uma causa justa, que por si mesma se recommenda, e anima não só os servos de Deos a abraçal-a com ardor, mais ainda todas as pessoas do Estado e do Mundo, que desejam vêr augmentadas a grandeza do Rei, o nome de sua patria, o bem e a honra particular.

Podeis informar-vos dos Padres, que d'aqui foram, si não são bem fundadas as esperanças, que se nutrem a respeito do seu futuro estado temporal e espiritual.

Seria injustiça minha si eu dissesse alguma cousa em continuação ao que já muito bem se informou sobre as necessidades da terra.

Contento-me apenas em dizer, que não perdem tempo e nem occasião os que trabalham para ter tudo prompto quando chegarem os padres.

Não pôde o Padre Ivo deixar o *Forte* já para não interromper as continuas exhortações, que nos faz, e já para satisfazer a curiosidade dos selvagens da Ilha e da terra firme, que ahi vão levados pela curiosidade de ouvil-o fallar de Deos e da nossa Religião, e afinal lhe pedem o baptismo.

Elle não pode cuidar n'outra coisa.

O Padre Arsenio está vivendo em companhia de todos, trabalha o que pode e com proveito.

Louvam muito o procedimento do Sr. de la Ravardiere, quér em relação as nossas crenças, quer no que diz respeito a elles em particular.

Sou disto fiel testemunha, para minha vergonha, receiando que um dia se não queixassem de mim por não ter cuidado de suas pequenas necessidades antes e durante sua ausencia.

Si isto acontecer, certo da sua caridade attribuirão elles antes á minha pobresa do que á minha má vontade, e nos ajudaremos reciprocamente, procurando, o quanto fôr possivel, melhorar esse estado afim de serem mais bem recebidos os que vierem na segunda viagem.

Esperamos, que os soccorros que ahi prestareis ao Sr. de Rasilly virão acompanhados de todos os meios proprios a aperfeiçoar tão generosa empresa, o que sem duvida será approvado pela autoridade e liberalidade de Suas Magestades, e a isto os obriga a escolha dos Tupinambás, isto é, de não receberem senão o dominio da nação franeesa, preferindo antes morrer na sua primitiva brutalidade.

Quando outra coisa não fizessemos senão tirar-lhes a vingança de se comerem uns aos outros, esta só já não era pouca.

Praza a Deos dar-me a graça de conservar tudo em bom estado até chegarem as providencias dos ditos Srs., e permittir-me poder mostrar a todos os nossos Revd.[s] Padres o quanto de coração desejo vêr florescente a nossa Ordem para o que estou resolvido a não poupar nem a minha vida.

Dae-me a honra de dizer a elles isto mesmo.

Confesso-me ser

Reverendo Padre
o mais humilde de vossos servos
Luiz de Pezieu.

Maranhão, no Forte de S. Luiz 2 de Julho de 1613.

Copia da carta do Sr. de Pezieu dirigida ao Revd. Padre Claudio de Abbeville, da Ordem dos Padres Capuchinhos da Provincia de Pariz.

Meo Padre.—Eu vos desejo todos os consolos na continuação de vosso negocio por lá.

Estou certo que sereis informado pelos nossos Padres, depois que d'aqui partistes, do nosso estado actual e das esperanças no futuro, e em tudo observareis o cuidado que tem o Senhor tanto do nosso pequeno rebanho, bom, pacifico, e intelligente, como no desejo de inspirar estes povos tão barbaros a instruirem-se quando aqui chegardes com grande numero de Padres.

Esta é tambem a particular vontade dos principaes Pagés de *Commã* e *Tapuytapera*.

O que actualmente podem fazer os Padres é nutril-os na esperança, e fazel-os conhecer a grandeza e bondade de Deos, o beneficio de serem christãos, a necessidade da instrucção para serem baptisados, de darem este sacramento a seos filhos, e aos que, homens e mulheres, pedem-no em artigo de morte, e aos moribundos ardendo em taes desejos.

São poucos Padres para tanto trabalho.

O padre Ivo não pode abandonar o *Forte,* hoje mais do que nunca, pois ahi se recolheram todos os Francezes depois da partida do Sr. de la Ravardiere.

Préga nos domingos e dias de festas, depois que recobrou sua saude, com grande satisfação nossa.

O padre Arsenio trabalha o que pode em Juniparan e suas visinhanças, já aprendeo a lingua indigena, e para satisfazer pedidos vae a *Tapuytapera* contentar aquellas gentes, e animar os novos christãos. São os nossos melhores amigos, e que mais nos hão ajudado com farinhas, bons discursos entre os seus para nos dar mais força, e por isso bem merecem tal gratificação.

Só por isso avaliareis a occupação dos ditos Padres. Elles vos informarão do desejo dos *Tabaiares* de se fazerem christãos, e de uma grande nação moradora no Pinaré, que tem igual vontade.

A salvação de tantas almas enriquece o nome francez com despojos muito lindos, assim não sejam elles despresados! Permitta Deos que Suas Magestades protejam o zelo de vossa Ordem para tão santa obra com liberalidade, pois sem ella nada se fará, como bem podeis prevêr sem estender-me mais.

Descançamos e esperamos muito no conhecimento, que tendes do que necessita este lugar, quer no temporal, quer no espiritual, da vossa dedicação á tão justa causa, que julgamos já ganha por estar em vossas mãos e na do Snr. de Rasilly.

Muitas vezes comparo os vossos e os nossos trabalhos, e vejo que a fadiga de edificar com madeira e barro não é tão pesada e penosa, como os cuidados de espirito, que tendes.

Temos nós a vantagem de soffrer só no corpo.

Depois da vossa partida tem havido boa união entre os Padres, o Sr. de la Ravardiere e nós outros: vivemos todos tranquillos e quasi com a mesma vontade, e por isso damos louvores ao dito Sr., pois si os Padres se tem exforçado em respeital-o e honral-o, elle tem de sua parte correspondido com igual attenção.

Todos tem imitado o seu procedimento, desde o grande até o pequeno, não se furtando ao trabalho necessario, e nem a continuar o serviço principiado, e tão bons desejos são dignos de futuras recompensas, e eu assim o creio, e commigo muitos de boa fé.

Assim passamos o tempo e tão rapidamente, que quando chega o fim do mez julgamos ainda estar no principio.

Os Snrs. que desejam ir para o Amazonas não o julgam tão rapido.

Estamos em vespera de libertal-os, e eu de prender-me, e julgar-me-hei feliz de dar conta da commissão, de que me incumbiram estes Srs.

Podem ao mesmo tempo ficar certos que empregarei para isso todos os meos cuidados, fadigas, vida, e tudo quanto puder, em Deos espero auxilio e inspiração do que devo fazer.

Creem muitos, apezar d'eu asseverar o contrario, que não voltareis mais.

Vossos Rvds. Padres devem a Deos, a nós, e ás suas consciencias o vosso regresso, e vós á estes pobres Indios, a quem já principiastes a dar tão grande thesouro, e a toda a nossa gente, que muito vos estima, cumprindo assim as promessas, que me fizestes de obedecer aos vossos Superiores.

Tudo isto me faz crer, que só a morte nos privará de regressardes bem disposto e preparado para destruir todo o poder de *Jeropary*, que por certo não terá forças para resistir á tão bella Hierarchia da Igreja, qual seja um bom esquadrão de nossos Padres e uma administração de bellas leis.

Estimo que se realise este meu presentimento, pois tudo aqui está preparado para receber taes beneficios.

Disse uma palavra ao Sr. de Rasilly, relativa a precipitação do seu embarque antes de soccorrer-nos, e disse-lhe que mais valia demoral-o por alguns mezes, si preciso fosse, do que deixar de fazer o que julgassé util em auxilio desta Colonia.

Estou certo, que o Sr. Cavalheiro vos escreverá mais largamente a este respeito; e crêde que elle tem feito tanto quanto nós outros fazemos quando é necessario trabalhar a

braços, ou para melhor dizer, si todos tivessem, como elle, trabalhado, mais adiantado estaria o nosso Forte.

Tivemos e ainda temos alguns enfermos, porem de molestias passageiras.

Si eu não soubesse, que tudo se vos informa do que por aqui passa, eu vos contaria o que por cá tem apparecido depois da vossa partida.

Desta vez somente escrevo ao Reverendo Padre Archangelo, á vós, e ao Sr. de Rasilly.

Recommendo-me a vossas boas orações, e eu guardarei inviolavelmente o nome e a honra de ser de

Meo Padre

Vosso humillissimo servo

Luiz de Pezieu.

Maranhão, no Forte de S. Luiz, 2 de julho de 1613.

ADVERTENCIA.

É bem provavel, que tenham escapado muitos erros, embora o cuidado que tivemos eu e um amigo, na revisão das provas typographicas.

Em vez de uma=*errata*=que ninguem consultaria, preferi pedir aos meos leitores, que fossem corrigindo os erros á proporção da leitura, e desculpando essas faltas, que são de todos os tempos e de todas as typographias, de todos os auctores, e de todos os revisores.

O TRADUCTOR.

INDICE.